

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

**PRAÇA DA SAUDADE:  
CAMADAS DE SENTIMENTOS SOTERRADOS**

**Gabriel de Andrade Ranciaro**

**Manaus – Amazonas  
2020**

**Gabriel de Andrade Ranciaro**

**PRAÇA DA SAUDADE:  
CAMADAS DE SENTIMENTOS SOTERRADOS**

Dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Orientadora: Professora Dra. Mirna Feitoza Pereira

**Manaus – Amazonas  
2020**

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R185p Ranciaro, Gabriel de Andrade  
Praça da Saudade : camadas de sentimentos soterrados / Gabriel de Andrade Ranciaro . 2020  
301 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Mirna Feitoza Pereira  
Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) -  
Universidade Federal do Amazonas.

1. Espelho mídia. 2. Ecossistemas comunicacionais. 3.  
Urbanismo. 4. Visão ecossistêmica. 5. Praça da Saudade. I.  
Pereira, Mirna Feitoza. II. Universidade Federal do Amazonas III.  
Título

**GABRIEL DE ANDRADE RANCIARO**

**PRAÇA DA SAUDADE:**

**CAMADAS DE SENTIMENTOS SOTERRADOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Dra. Mirna Feitoza Pereira (Orientadora)

---

Professora Dra. Marilene Correa da Silva Freitas (Membro)

---

Professor Dr. João de Jesus Paes Loureiro (Membro)

Manaus – AM, 2020

## DEDICATÓRIA

À memória de meus pais, Davi  
Ranciaro e Maria Bernadete Andrade.  
A eles devo minha terna existência.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, professora Dra. Mirna Feitoza Pereira, por toda atenção, carinho e zelo dedicados ao longo deste trabalho. Gratidão!

Ao Paulo Maciel, pela parceria e cumplicidade. Uma inspiração!

Ao professor Dr. Wilson Nogueira e professora Dra. Amélia Regina Batista, pela amizade e ensinamentos.

Aos meus tios, Gino Eduardo Ranciaro e Magela de Andrade Ranciaro, por todo o carinho e afeto.

Ao amigo, Wender Araújo, pela dedicação e amizade construída.

Aos desenhistas Elvis Esteban, Mendes Auá e Luiz Oliveira, cuja sensibilidade artística deu brilho e iluminação ao trabalho. Grato!

Aos artistas: Uýra Sodoma, Márcia Antonelli e Maria do Rio. Exemplos de vida, amizade e resistência; suas vozes embelezaram e deram brilho à pesquisa.

Aos entrevistados: Efraim, dona Joaquina, Sabrina, Maria da Fé e Tituba, pelos fatos relatados; suas narrativas ressoaram como um mergulho no tempo.

## RESUMO

A Carta Cadastral da Cidade e Arrabaldes de Manáos, de 1895, encomendada pelo então governador, Eduardo Ribeiro, apresenta a planta baixa de Manaus e os espaços dedicados à construção de praças. Entre todas, apenas uma ganha o nome de um sentimento, misto, complexo e delicado: a “Praça da Saudade”, inaugurada em 1865 e localizada em frente ao cemitério São José, no centro da cidade. Surge em uma época muito turbulenta para a cidade, infestada por doenças epidêmicas. Tomando por base a efervescência de tais acontecimentos, esta dissertação tem como objetivo estabelecer uma contra narrativa ao espelho mídia criado pelos meios de comunicação, propondo-se a explorar outros fatores que revelam a complexidade dessa Praça como ecossistema comunicacional. Para isto, as experiências individuais e subjetivas, tanto do pesquisador quanto dos entrevistados, consolidam-se como fatores intrínsecos às teias ecossistêmicas. Memórias, histórias e sentimentos escavados formam o que aqui chamamos de *camadas sobrepostas*. A tese de doutoramento de Maria Bernadete Mafra de Andrade, intitulada “Cidade mítica: uma poética das ruínas”, defendida junto à USP/2002, serviu de inspiração ao presente estudo. Assim, a metáfora *camadas sobrepostas* que, para além da representação simbólica que sugere, constituíram-se, aqui, no método de abordagem, condição precípua para a compreensão e análise dos dados da pesquisa. Para a apreensão dos fenômenos intrínsecos ao objeto *Praça da Saudade*, a metodologia ancorou na pesquisa arquivística, associada à observação direta e sistemática, portanto, participativa, com ênfase nas relações de sujeitos sociais que vivem o cotidiano da Praça. No âmbito acadêmico, a relevância do trabalho está em analisar e interpretar um conjunto de fatos capturados sob o olhar ecossistêmico acerca daquele espaço; uma outra proposta, que se encaixa, na atualidade, como uma contra narrativa ao espelho mídia, uma vez que se propôs, simultaneamente, rebuscar histórias soterradas sob “pisos de cimento”.

**Palavras chave:** Praça da Saudade, espelho mídia, visão ecossistêmica.

## ABSTRACT

The Cadastral Letter of the City and Arrabaldes de Manáos, of 1895, commissioned by the then governor, Eduardo Ribeiro, presents the floor plan of Manaus and the spaces dedicated to the construction of squares. Among all, only one is named after a feeling, mixed, complex and delicate: the “Praça da Saudade”, opened in 1865 and located in front of the São José cemetery, in the city center. It comes at a very turbulent time for the city, infested by epidemic diseases. Based on the effervescence of such events, this dissertation aims to establish a counter-narrative to the media mirror created by the media, proposing to explore other factors that reveal the complexity of the Square as a communicational ecosystem. For this, the individual and subjective experiences, both of the researcher and of the interviewees, are consolidated as intrinsic factors to the ecosystems webs. Excavated memories, stories and emotions form what we call here overlapping layers. Maria Bernadete Mafra de Andrade's PhD thesis, entitled “Mythical city: a poetics of ruins”, defended at USP / 2002, served as inspiration for this study. Thus, the metaphor overlapping layers that, in addition to the symbolic representation that it entailed, constituted, here, the approach method, a precondition for the understanding and analysis of the research data. For the apprehension of the intrinsic phenomena to the object Praça da Saudade, the methodology anchored in archival research, associated with direct and systematic observation, therefore, participatory, with an impact on the relationships of social subjects who live the daily life of the Square. In the academic field, the construction of the work is in analyzing and interpreting a set of facts captured under the ecosystem look at that space; another proposal, which fits, nowadays, as a counter narrative to the media mirror, since it was proposed, simultaneously, to search stories buried under "cement floors".

**Keywords:** Praça da Saudade, media mirror, ecosystemic view.

## **LISTA DE SIGLAS**

IEA – Instituto de Educação do Amazonas.

IGHA – Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

PPGCCOM – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas.

SEJUSC – Secretaria de Estado de Justiça Direitos Humanos e Cidadania.

SEMCOM – Secretaria Municipal de Comunicação.

SHAM – Superintendência de Habitação do Amazonas.

UFAM – Universidade Federal do Amazonas.

## LISTA DE FOTOS

Foto 1: Fotografia de 1933 aérea sobre a Praça da Saudade. ....	31
Foto2: Praça da Saudade em 1978. ....	32
Foto3: Praça da Saudade (2017). ....	33
Foto4: Casa-Maloca Yanomâmi: a formação circular põe em destaque o pátio central. ....	45
Foto5: PIAZZA DEL CAMPO E PIAZZA DEL CATEDRAL – SIENA. Uma praça de frente para a Catedral e outra de frente para prédios históricos. O vazio da praça Del Campo, assume proporções monumentais em contraste com as ruas estreitas e escuras. ....	53
Foto 6: Piazza Del Campo, Siena, Itália. A praça mais famosa de Siena, em formato D, como um anfiteatro, em torno de edifícios históricos. ....	54
Foto7: Piazza Del Campidoglio, Roma. Michelangelo desafia o olhar – a elipse inserida no polígono. Vista aérea da praça, 2019. ....	56
Foto8: Vista aérea da atual Place Dauphine. Praça em Paris localizada de frente para o monumento a Henrique IV. A geometria triangular ressalta a valorização da geometria e estética pelos franceses. Emissão TV: “Des Racines et des Ailes” ..... 57	57
Foto9: Place des Voges em Paris. Imagem aérea, vista de topo da Praça. ....	58
Foto10: Praça Marques de Pombal na Vila Real de Santo Antônio, Portugal. Ao centro deste largo, as formas geométricas apontam para o monumento construído em 1776 em honra do rei D. José I, com uma coroa no topo. E em frente encontra-se a Igreja Matriz da cidade. ....	59
Foto11: Praça do Comércio ou Terreiro do Paço, Lisboa - Portugal. Década de 1970. A praça passa a ser um vasto estacionamento, um dos marcos da modernidade sobreposta a humanidade. Do homem público ao privado. ....	60
Foto12: Le Boulevard Haussmann, 1927. Uma nova experiência no espaço é gerada ao romper o tecido urbano da Paris medieval. A intervenção de Haussmann instaura o modelo boulevard: ruas largas, longas avenidas e canteiros arborizados, torna-se símbolo da metrópole moderna, distoando as obsoletas ruas estreitas. ....	62
Foto 13: Place De L’etoile, Paris. Para se adequar à nova escala urbana, a praça deixa de lado sua função de sociabilidade, ao adquirir novas funções na organização do espaço urbano moderno. ....	62
Foto14: Banco de Londres na Tower Hill Bench. ....	66
Foto15: Viaduto Judge Harry Pregerson, Los Angeles. ....	69
Foto16: Imagem aérea de Brasília mostra via L2 e "tesourinhas" — Foto: TV Globo/ Reprodução. ....	69
Foto 17: Cemitério São José, Álbum de Manaus, 1896. ....	85
Foto18: Cemitério São José. ....	85
Foto19: Cemitério São João Batista, 1910. ....	87

Foto20: Largo da Saudade, 1904. Vista da Avenida Epaminondas, e mais a frente à direita, Rua Simon Bolívar. É possível notar o gradil do Cemitério São José, e duas lavadeiras acompanhadas de crianças. ....	92
Foto21: Praça da Saudade, 1904. ....	92
Foto22: Monumento à Província instalado na Praça Tamandaré/ Tenreiro Aranha. ....	93
Foto23: Praça Tamandaré no início do século XX. ....	94
Foto24: Vista área da “Praça da Saudade” e parte do Jardim São José. ....	95
Foto25: Atlético Rio Negro, em frente à Praça da Saudade na década de 30. ....	96
Foto26: Vista lateral da Praça da Saudade, da Rua Simon Bolívar. À esquerda, no alto, Rua Ramos Ferreira e à direita Avenida Epaminondas.....	97
Foto 27: Imagem aéreas da Praça da Saudade ao centro em 1960. À direita, o IEA. ....	98
Foto28: Vista aérea da Praça da Saudade após remodelação do prefeito Josué Cláudio de Souza. Década de 1960.....	101
Foto29: Chafariz da Praça da Saudade. ....	102
Foto30: Estátuas de bronze, representando o homem moderno e o homem primitivo, sobre a fonte e entre as estátuas, o chafariz. Década de 1960. ....	102
Foto31: Vista aérea da Praça da Saudade e parte do centro da cidade em 1973. Notar o traçado da praça e a fonte com as duas figuras ainda existentes. ....	103
Foto32: Chafariz da “Praça da Saudade” iluminado à noite, dentro do tanque localizado na rua Ferreira Pena. Ao fundo, a estátua do homem moderno, apontando para o céu. Década de 70. ....	104
Foto33: Vista da Praça de Saudade com espelho d’água e estátuas. Década de 70. Manaus. ....	105
Foto34: Tanque na Rua Ferreira Pena, com o chafariz no centro e nas extremidades, as estátuas de bronze do homem moderno (à esquerda), e do homem primitivo (à direita) na década de 70. ....	106
Foto35: Vista da Praça da Saudade após a instalação do avião DC-3 em 1979. ...	107
Foto36: Registro fotográfico da “Praça da Saudade” na década de 70, durante a reforma do prefeito Jorge Teixeira. Neste período, era bastante frequentada pelas famílias. ....	108
Foto37: Avião DC-3 da Cruzeiro doado a Prefeitura de Manaus em 1977. Ao lado, o brinquedo de ferro do playground infantil. ....	110
Foto38: Vista aérea da Praça da Saudade em 2006. ....	112
Foto 39: Vista da Praça da Saudade em 2006. Ao lado direito do Monumento à Província, o playground com brinquedos elétricos como o bate-e-bate. Ao lado do banco em C, é possível notar o monumento à Bíblia, à direita. ....	114
Foto 40: Prédio da SEJUSC antes de ser demolido em 2007.....	115
Foto 41: Terreno da “Praça da Saudade” depois da demolição do prédio da SEJUSC, em 2007. ....	115

Foto 42: Registro histórico da primeira martelada simbólica da demolição do prédio, feito pelo Senador Jefferson Péres, em 2007, que ocupava a praça da saudade desde 1962. ....	116
Foto 43: Prefeito Serafim Corrêa apresentando o projeto de revitalização da Praça da Saudade. ....	117
Foto44: Maquete eletrônica da “Praça da Saudade” .....	119
Foto45: Vista aérea da Praça da Saudade em 2013, revitalizada ao projeto original de 1932. ....	120
Foto46: Caramanchões da praça, ao lado da rua Ramos Ferreira, tomado por intervenções artísticas: os pichos. ....	125
Foto 47: Performance Dandara – Maria do Rio.....	185
Foto 48: Performance Dandara – Maria do Rio.....	185
Foto 49: Performance Dandara – Maria do Rio.....	186
Foto 50: ocupação de pessoas em situação de rua na cabine telefônica da Praça da Saudade.....	214
Foto 51: Cabine telefônica da Praça da Saudade transformada em local para corte de cabelo.....	236

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Detalhe ampliado da Carta Cadastral da Cidade e Arrabaldes de Manaós, de 1895, durante a gestão do governador Eduardo Ribeiro.....	19
Figura 2: Crescimento da População de Manaus de 1872 a 2010.....	20
Figura 3: Gráfico em camadas, representando as reformas da Praça da Saudade ao decorrer dos seus 155 anos. Ao lado direito, informações gerais sobre cada camada, assim como os gestores municipais responsáveis por cada reforma.....	30
Figura 4: Painel com diversas manchetes de jornais locais (Manaus-AM), noticiando assaltos, assassinatos, tiroteios, invasões, pichações, facções de tráfico e esquecimento da sua história.....	36
Figura 5: Linha do tempo da origem das praças e sua transformação conforme os meios de produção de cada época e a relação do homem enquanto público ou privado. ....	43
Figura 6: Esquema de organização espacial indígena Aldeias Bororo (A), Yawalaiti (B), Xavante (C), Tapirapé e Tampitauá (D). ....	45
Figura 7: Aldeia Xavante. Desenho esquemático indicando a organização em forma semicircular. Destaque para a praça central, warã, e os principais caminhos estruturados. ....	46
Figura 8: RECONSTITUIÇÃO DA ÁGORA DE ATENAS - Século II a.C. ....	48
Figura 9: Reconstituição da cidade de Atenas. Vista da Acrópole e da praça da Ágora. Em vermelho destaca-se a via partenáica – trajeto destinado à desfiles e apresentações cívicas.....	49
Figura 10: Reconstituição do Fórum romano A praça era bem delimitada pelas edificações monumentais. Elementos como escadarias e colunatas realizavam a integração da arquitetura com o espaço urbano. ....	50
Figura 11: Vista aérea da cidade de Pompéia e detalhe do Fórum. ....	51
Figura 12: PLANTA DOS FÓRUMS IMPERIAIS, ROMA 1 - Fórum de Trajano; 2 - forum de Augusto; 3 - forum de Nerva; forum de Vespasiano; 4 - forum de Julio César. O Fórum abrigava as principais Instituições Administrativas do poder Imperial: basílicas, assembleia. ....	52
Figura 13: Gravura representando uma execução pública – prática comum realizada nas praças.....	55
Figura 14: Gráfico apresentando a distribuição de praças da saudade pelo Brasil. ....	71
Figura 15: Gráfico fatiado demonstrando a porcentagem de praças da saudade de frente a cemitérios e praças da saudade no Brasil por estado. ....	72
Figura 16: Lista completa com as praças da saudade no Brasil divididas por estado, cidade, localização e o cemitério mais próximo (quando houve). ....	73
Figura 17: Esquema com os números relativos a informações válidas sobre as praças da saudade pelo Brasil. ....	74
Figura 18: Jornal Amasonas, 1878, edição 00209.....	81

Figura 19: Jornal Estrella do Amazonas, edição0069. ....	82
Figura 20: Jornal Amasonas, 1868.....	83
Figura 21: Ilustração da Praça da Saudade depois das reformas do prefeito Antônio Maia em 1938. ....	97
Figura 22: Praça da Saudade em 1936. Registro de momento cívico durante a Semana da Pátria. É possível observar o bonde “Linha da Saudade” ainda em funcionamento.....	98
Figura 23: Postal da Praça da Saudade em 1974.....	103
Figura 24: Recorte do Jornal A Crítica, em 1965. ....	105
Figura 25: Jornal A Crítica de 24 de maio de 1984. ....	109
Figura 26: Anfiteatro da Praça da Saudade em 1987. ....	111
Figura 27: Planta baixa do projeto de revitalização da “Praça da Saudade”, pelo arquiteto Victor Nunes.....	119
Figura 28: Maquete eletrônica do projeto urbanístico de revitalização da praça. Note que no projeto, o traçado é diferente do realizado. ....	122
Figura 29: Maquete eletrônica da lanchonete na praça. O traçado do passeio não foi aplicado conforme a imagem. ....	123
Figura 30: Gráfico apresentando os nomes oficiais e as reformas que a praça sofreu durante sua história.....	126
Figura 31: Uýra Sodoma. ....	128
Figura 32: Maria do Rio.....	129
Figura 33: Márcia Antonelli.....	130
Figura 34: Tempo: Futuro Possível. ....	150
Figura 35: Mapa Metodológico de suporte para entrevistas.....	158
Figura 36: esquema proposto por Ornstein.....	159
Figura 37: Cartaz impresso e divulgado para a roda de conversa sobre a Praça da Saudade.....	161
Figura 38: manchete do jornal G1 sobre escultura em homenagem à memória da travesti Monumento de Dandara dos Santos, erguido em Nova York.....	187
Figura 39: Recorte do Jornal do Comércio de 07/01/85.....	191
Figura 40: Recorte da matéria do Jornal do Comércio, edição de 05/03/1986. ....	192
Figura 41: Jornal do Comercio de 1 de abril de 1984.....	199
Figura 42: Recorte do trecho em que Moacir Andrade cita a Praça da Saudade e o Cemitério São José no Jornal do Comercio de 1 de abril de 1984. ....	200
Figura 43: Gráfico representativo dos tipos de desviantes a partir do seu comportamento e a percepção realizada por terceiros. ....	207
Figura 44: Diagrama do processo de rotulação do desvio. ....	208
Figura 45: Recorte do Jornal do Comércio de 21 de outubro de 1981, apresentando as primeiras prisões na praça por porte de maconha. ....	209

Figura 46: recorte do portal de notícias A Crítica. ....	227
Figura 47: Recorte da notícia a respeito do tiroteio no bar 161, na rua Simon Bolivar, em frente à praça. ....	229
Figura 48: Recorte do Portal de Notícias AM Post.....	230
Figura 49: Monumento Tenreiro Aranha, em 2017, com as palavras Travesti e Fora Melo pichadas. ....	240
Figura 50: último quadrinho da história intitulada “Arte”, incluída no graphic novel do artista e autor Will Eisner, Nova York: A vida na cidade grande. ....	242
Figura 51: Quadrinho da vinheta “Passageiro Noturno”. ....	245
Figura 52: Quadrinho retirado do livro Nova York: a vida na cidade grande, de Will Eisner. ....	249
Figura 53: Ilustração da Praça da Saudade após a reforma de 1932 .....	255
Figura 54: Ilustração da Praça da Saudade após a reforma de 1962, demarcando o início da segunda camada histórica. ....	257
Figura 55: Ilustração da Praça da Saudade após a reforma de 1975, muito conhecida popularmente como “Praça do Avião”. ....	258
Figura 56: Ilustração da Praça da Saudade após a reforma de 1986. ....	259
Figura 57: Ilustração da Praça da Saudade após a revitalização de 2010, com a retomada do projeto original de 1932.....	261
Figura 58: Ilustração artística e simbólica a respeito da terceira camada e a contextualização com o movimento “Black Lives Matter” de remoção de monumentos históricos em homenagem à escravocratas em várias cidades espalhadas pelo Globo.....	266

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	19
CAPÍTULO I - ILUMINANDO OS POSTES: a praça em contexto.....	30
1.1 Saudades de quem?.....	37
1.2 Reencontro com o futuro: a origem das praças em culturas distintas. ....	40
1.3 Panorama histórico: povos indígenas.....	43
1.4 Panorama Histórico: antiguidade clássica – Grécia (800 a.C. – 476).....	47
1.4.1 Fórum em Roma: a capital do império na antiguidade (800 a.C. – 476)...	50
1.4.2 Panorama histórico: idade média (século XI - XV).....	52
1.4.3 Panorama histórico: a praça renascentista (século XIV – XVI).....	56
1.5 Panorama histórico: praças portuguesas .....	58
1.6 Panorama Histórico: praças modernas (Século XV - XVIII).....	61
1.7 Praça Contemporânea (Século XVIII – XXI).....	65
1.8 Praças da Saudade no Brasil .....	70
1.9 Manaus: antecedentes históricos do Amazonas.....	75
1.9.1 Jornais da Província.....	80
1.9.2 Cemitério São José (1856-1932) .....	83
CAPÍTULO II - CAMADAS DA PRAÇA DA SAUDADE .....	89
2.1 A Primeira Camada .....	89
2.1.1 Elementos Históricos da Praça da Saudade em Manaus (1865 A 1932). 89	
2.1.2 Representação Simbólica: Praça Formal/Erudita (1932-1962).....	93
2.2 Segunda Camada.....	99
2.2.1 Elementos Históricos da Praça Moderna (Manaus: 1962-1975). ....	99
2.2.2 Representação simbólica da segunda camada: O prédio na praça (Manaus: 1962-1975).....	100
2.2.3 Representação simbólica da segunda camada: a “Praça do Avião” (Manaus: 1975-1986).....	106
2.2.4 Representação simbólica da segunda camada: “Praça Cultural” (Manaus: 1986-2010).....	110
2.3 Terceira Camada .....	117
2.3.1 Elementos Históricos da Praça Revitalizada (Manaus: 2010-).....	117
CAPÍTULO III – PASSEIOS PELA SAUDADE .....	127
3.1 PASSEIOS PELA SAUDADE .....	127
3.1.1 Origens da saudade.....	133
3.1.2 Brasil, Portugal e suas diferenças.....	135
3.1.3 O sentimento da saudade .....	137
3.1.3.1 Elemento mágico da saudade .....	142

3.1.3.2 Marcação única do tempo. ....	144
3.1.3.3 Exterioridade e força.....	145
3.1.3.4 Memória, saudade e lembrança. ....	151
3.2 Memórias na Praça da Saudade. ....	156
CAPÍTULO IV – RETORNO À SUPERFÍCIE ATRAVÉS DO ESPELHO MÍDIA ....	197
4.1 A Praça: o lugar da saudade na cidade.....	197
4.2 Espelho Mídia: o reflexo do espetáculo .....	220
4.3 Tenreiro Aranha: o herói imposto .....	240
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	252
REFERÊNCIAS.....	270
ANEXOS .....	273

## **A Praça**

*Ronnie Von*

Hoje eu acordei  
Com saudades de você  
Beije aquela foto  
Que você me ofertou  
Sentei naquele banco  
Da pracinha só porque  
Foi lá que começou  
O nosso amor...

Senti que os passarinhos  
Todos me reconheceram  
E eles entenderam  
Toda minha solidão  
Ficaram tão tristonhos  
E até emudeceram  
Aí então eu fiz esta canção...

A mesma praça, o mesmo banco  
As mesmas flores, o mesmo jardim  
Tudo é igual, mas estou triste  
Porque não tenho você  
Perto de mim...

Beije aquela árvore  
Tão linda onde eu  
Com o meu canivete  
Um coração eu desenhei  
Escrevi no coração  
Meu nome junto ao seu  
Ser seu grande amor  
Então jurei...

O guarda ainda é o mesmo  
Que um dia me pegou

Roubando uma rosa amarela  
Pra você  
Ainda tem balanço  
Tem gangorra meu amor  
Crianças que não param  
De correr...

A mesma praça, o mesmo banco  
As mesmas flores, o mesmo jardim  
Tudo é igual, mas estou triste  
Porque não tenho você  
Perto de mim...

Aquele bom velhinho  
Pipoqueiro foi quem viu  
Quando envergonhado  
De namoro eu lhe falei  
Ainda é o mesmo sorveteiro  
Que assistiu  
Ao primeiro beijo  
Que eu lhe dei...

A gente vai crescendo  
Vai crescendo  
E o tempo passa  
E nunca esquece a felicidade  
Que encontrou  
Sempre eu vou lembrar  
Do nosso banco lá da praça  
Foi lá que começou  
O nosso amor...

A mesma praça, o mesmo banco  
As mesmas flores, o mesmo jardim  
Tudo é igual, mas estou triste  
Porque não tenho você  
Perto de mim...(2x)

## INTRODUÇÃO

Espaços de sociabilidade, no decorrer da história da humanidade, apresentam-se até hoje como fundamentais para o exercício da interação coletiva. É o espaço público para o *ser* público. Região na qual os indivíduos tecem seus relacionamentos, vivenciando diferentes histórias e culturas. A necessidade de interação em um ambiente específico para atividades, do lazer, do ritual, do sagrado e do profano, expressa os desejos de uma sociedade do que se quer viver.

Em Manaus, no início do século XX, a cidade recebeu as primeiras praças públicas, destinadas a abrigar a diversidade de habitantes que transitavam pelas ruas. No centro histórico da cidade, foram construídas mais de dez praças. Caldeira (2008) entende que “A praça simbolizava a própria cidade, pois era nesse espaço que as atividades cotidianas se desenvolviam” (CALDEIRA, 2007, p.3). A Carta Cadastral da Cidade e Arrabaldes de Manaós, de 1895, encomendada pelo então governador Eduardo Ribeiro, apresenta a planta baixa de Manaus, e os espaços dedicados à construção destas praças. Entre todas, apenas uma ganha o nome de um sentimento, misto, complexo e delicado: a “Praça da Saudade”.

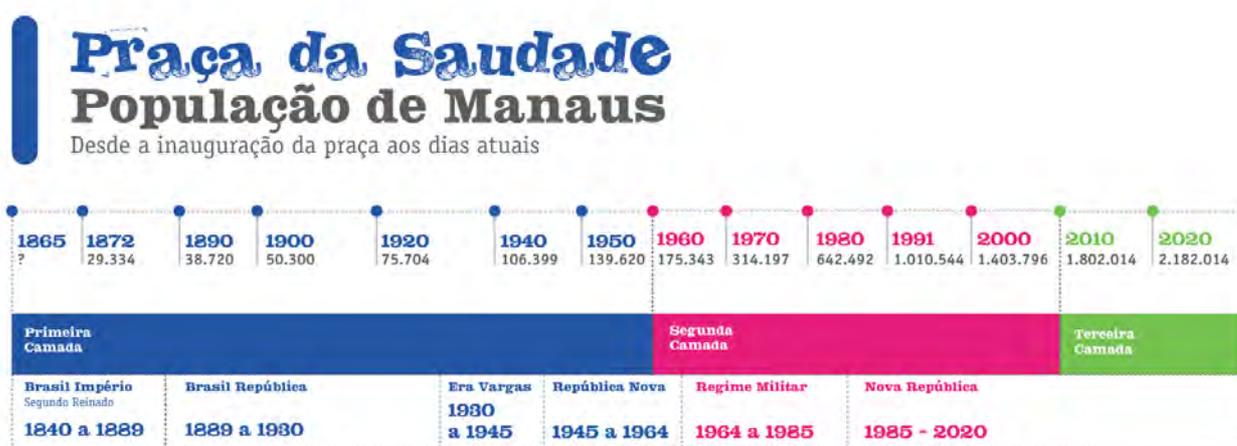
Figura 1: Detalhe ampliado da Carta Cadastral da Cidade e Arrabaldes de Manaós, de 1895, durante a gestão do governador Eduardo Ribeiro.



Fonte: Acervo Público (2018).

Inaugurada em 1865, localizada em frente ao cemitério São José, surge em uma época muito turbulenta para a cidade, infestada por doenças epidêmicas. Naquela época, não se tem registro documental dos dados sobre a população manauara. Somente em 1872, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, registrou 29.334 habitantes em Manaus. Os saltos populacionais aparecem muito tempo depois, na transição dos anos 60 para 70, com a instalação da Zona Franca de Manaus.

Figura 2: Crescimento da População de Manaus de 1872 a 2010.



**Fonte:**  
Tabela 1.6 - População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais - 1872/2010  
<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>

Fonte: Autor (2020).

Tal mudança incide em desejos individuais e coletivos advindos dessa nova configuração de um tempo, cujas transformações amparam-se em princípios e objetivos próprios da emergente organização social do trabalho. A mídia tem papel importante ao retratar tanto a praça quanto a cidade, por acompanhar os desejos de cidade que substituem os antigos valores e costumes. Os meios de comunicação, retratam a praça, de acordo com o seu tempo. O contraste entre notícias e, principalmente, a linguagem escolhida, por vezes estereotipam o local da praça que hoje tornou-se sinônimo de violência e “abandono” propalados pelos jornais locais.

Tomando por base a efervescência de tais acontecimentos, esta dissertação tem como objetivo estabelecer uma contra narrativa ao espelho mídia criado pelos meios de comunicação, propondo-se a explorar outros fatores que revelam a

complexidade dessa Praça como ecossistema comunicacional. Para isto, as experiências individuais e subjetivas, tanto do pesquisador quanto dos entrevistados, consolidam-se como fatores que realçam suas teias ecossistêmicas, uma vez que, para a captura e compreensão do objeto em questão, a pesquisa não isola a praça do seu contexto social.

A propósito do objeto investigado, Duarte (2006, p. 68) diz que é preciso agarrar a coisa com as mãos, abarcar com os braços (do latim *cum-prehendere*) e dela não se separar, como acontece no puro entendimento (no latim *in-tendere*, penetrar) intelectual, em que a razão penetra o objeto, mantendo-se à distância, para explicá-lo. E enfatiza:

No entendimento explicativo, um fenômeno particular fica subsumido a uma lei geral, enquanto na compreensão o fenômeno guarda a sua singularidade, isto é, a sua unicidade incomparável e irrepetível. O requisito essencial da compreensão é, assim, o vínculo com a coisa que se aborda, com o outro, com a pluralidade dos outros, com o mundo (DUARTE, 2006, p. 68)

Estudar o sentimento da *saudade* colabora para evidenciar as relações complexas, por se tratar de um sentimento que incita emoções mistas, seja de alegria por ter vivido aquela experiência ou de tristeza pela ausência de seu real significado. Captar e valorizar as histórias cotidianas sobre a Praça da Saudade que não são veiculadas nas notícias, e, via de regra, tidas como “banais”, serve aqui como resgate da memória de certo local, uma vez que a Praça demarca uma pedra angular na cidade, conduzindo, através do sentimento da saudade, uma racionalidade para elaboração do projeto urbanístico que a compõe.

Assim, fui capaz de notar a profundidade que existe ao falar sobre a Praça e a vontade latente em mim de escavar essas memórias, essas histórias, esses sentimentos. Todos esses fatores, juntos, formam o que aqui chamamos de *camadas sobrepostas*. A arquitetura de construção dessa ideia apropriou-se da metáfora visto que tais *camadas sobrepostas*, para além da representação simbólica que sugere, constituíram-se no método de abordagem, condição precípua para a compreensão e análise do presente estudo. Para a apreensão dos fenômenos intrínsecos ao objeto Praça da Saudade, a metodologia ancorou no estudo empírico sobre as relações de sujeitos sociais que vivem o cotidiano da Praça.

As informações trazidas pelas narrativas dos entrevistados oxigenaram dando realce às singularidades de situações vividas pelos participantes da pesquisa. As mudanças ocorridas no cenário urbano da cidade edificam-se e os estratos de informações, supostamente intangíveis, demarcam temporalidades e edificam no imaginário da sociedade como se adentrássemos em verdadeiras cidades invisíveis. Ferrara (1990) afirma que:

As transformações econômicas e sociais deixam, na cidade, marcas ou sinais que contam uma história não-verbal pontilhada de imagens, de máscaras que têm como significado o conjunto de valores, usos, hábitos, desejos e crenças que nutriam, através dos tempos, o cotidiano dos homens (FERRARA, 1990, p. 3).

A Praça da Saudade é o único lugar na cidade de Manaus destinado a este sentimento, provocador de sensações mistas. Logo, além da exposição dos sentimentos do autor, temos também a complexidade do sentimento da saudade, que, por vezes, é incompreendido. Assim, ressalto a importância de uma educação sentimental, articulado à necessidade do falar o que se sente através do meio acadêmico ou da pesquisa científica.

Assim, este estudo sobre a Praça da Saudade, foi possível graças ao seu abrigo no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que tem como área de concentração os Ecossistemas Comunicacionais, inserido na linha de pesquisa 2: Linguagens, Representações e Estéticas Comunicacionais.

A respeito disso, podemos antecipar que a concretização deste estudo se deve a dois fatos como verdadeiros caminhos percorridos metodologicamente. Primeiro, o contexto: a Praça da Saudade representa um marco na história da cidade, logo, para um entendimento mais completo, é preciso analisar a totalidade de fatores a ela inerentes, ou pelo menos os principais pilares que estão envolvidos por essa construção que a sustentam. O segundo: a visão ecossistêmica: é impossível, isolar a praça do seu entorno, da sua história, da representação midiática refletida sobre a praça, da memória local e do sentimento que dá nome à praça: a *saudade*. Estes são os pilares da pesquisa, que dentro do complexo ecossistema que ela se finca, dá vazão a uma compreensão sobre este espaço na cidade.

Os entrevistados que compõem o cenário da pesquisa, são: 1. Emerson Mundiruku, 29 anos, biólogo e artista popular, aqui identificado sob a denominação de “*Drag Monstra Uýra Sodoma*” em alusão a esse tipo performático; 2. Márcia Antonelli, 50 anos, negra, mulher *trans* e escritora; 3. Maria do Rio, 23 anos, negra, mulher *trans* e arte-educadora; 4. Sabrina, 42 anos, florista; 5. dona Joaquina, 70 anos, negra, integrante do Grupo de Idosos do Centro de Convivência do Idoso do Bairro de Nossa Senhora Aparecida; 6. Efraim, 27 anos, negro, estivador do Rodway de Manaus; 7. Tituba (pseudônimo), 36 anos, negra, em situação de rua; Maria da Fé (pseudônimo), 46 anos, negra, em situação de rua.

Em entrevista concedida, a *drag monstra Uýra Sodoma*, na web série “Contos de Vida e Norte”, expressa seu sentimento sobre nossa cidade e a importância da memória local:

É preciso olhar. É preciso ver. Se não ver, nada acontece. Embaixo de um piso de cimento existem muitas histórias, de gente, de planta, de bicho e de bicha... e essas histórias elas não morrem, elas são energia que a cidade vai ter que lidar, atrapalha (SODOMA, 2019).

O olhar ecossistêmico sobre a praça permite essa compreensão sensível; uma outra proposta, que se encaixa aqui também como uma contra narrativa ao espelho mídia, uma vez que propõe olhar para estas histórias soterradas sob “pisos de cimento”. Portanto, trazer o passado ao fluxo do presente é de extrema importância, em contrapartida aos processos midiáticos que são capazes de esvaziar as ruas, implantando o medo ao instaurar o pânico. O que me moveu pesquisar sobre a praça é exatamente isso, o seu potencial de gerar extremos, entropias que afastam e seduzem as pessoas.

Aí reside a dúvida, ou seja, o dado principal que instigou este estudo: por que visitar uma praça como a Praça da Saudade? Como está representada essa saudade no imaginário popular? Como esse sentimento se expressa na relação cotidiana das pessoas?

Então, a Manaus de hoje é uma Índia moderna, moderna por conta de toda a tecnologia, e uma Índia que não sabe mais que é Índia, não sabe mais que é índio, não sabe mais quem é. E se a gente não olha pra essa história, não olha pras belezas que estão aqui e não entende que tudo isso, que eu piso, essa história e essa belezas são únicas, a gente vai continuar nesse fluxo mortífero de genocídio cultural, genocídio identitário, que nos atrapalha (SODOMA, 2019).

Visitar a praça é visitar nossa história que, infelizmente, anda apagada. A própria Manaus como cita Uýra Sodoma, “não sabe mais quem é”. Durante o processo de entrevistas, que será mais explorado nos capítulos posteriores, uma das entrevistadas relatou sobre o que ela mais sentia falta na praça: a iluminação. E não só no sentido literal da luz, mas no sentido de resgate, atentou ainda para a falta de sinalização histórica que situe a sociedade atual sobre a raiz da praça. Da onde ela veio? Para quê foi feita? Qual era o desejo de cidade que sucumbia os pulsos da Manaus em 1865? Entre outras, essas foram indagações levantadas durante as orientações com a professora doutora Mirna Feitoza, que majestosamente atçou meus sentidos em busca de revelar o não está revelado para a comunicação.

Por estar localizada numa região central da cidade, com fácil acesso a ônibus tanto das paradas no entorno da praça, quanto do próprio terminal de ônibus 1, a praça é sempre movimentada por pessoas que transitam, por pessoas que ficam e passam horas por lá e também pelos próprios moradores em situação de rua. Daí já podemos prever um enorme emaranhado de relações que se fazem e desfazem na praça. Castells (1983), em sua obra “A Questão Urbana” entende que:

Enfim, a diversificação das atividades e dos meios urbanos provoca uma forte desorganização da personalidade, o que explica a progressão do crime, do suicídio, da corrupção, da loucura, nas grandes metrópoles (CASTELLS, 1983, p. 130-131).

O personagem principal da história a ser contada, não é necessariamente o autor ou os entrevistados, mas, sim, a própria Praça da Saudade. É ela que nos apresenta o desenrolar das relações, e nos relembra de um tempo um tanto remoto, esquecido no passado. Os contrastes entre o presente e o passado, perpassam pelo sagrado sentimento que a consolidou e chegam a profana boemia dos dias de hoje, marcando, assim, diversas temporalidades que não são mais orquestradas somente pelos agentes transformadores a que estamos habituados a conhecer, a partir da visão do Estado.

Duarte (2006), explica como funcionam as temporalidades, camadas e cidades invisíveis que esta pesquisa se propõe a buscar. Imagens sobrepostas construídas a partir de informações mais constantes e que geram um sentido ou uma coerência de imagem conceitual, o autor mostra como cidades invisíveis emergem com fragmentos de cidades reais, a exemplo: o Rio de Janeiro, cujo espelho se constrói com tiros nas favelas e cenários de novelas; Bagdá que existe

em destroços; em Nova Iorque se tem a bela torre de Babel de todos os povos. Ou seja, para Duarte:

Essa imagem midiática é um reflexo de cidade possível, uma imagem que se constrói com aspectos reais, mas que cria uma temporalidade e um sentido próprio descolado do sentido do vivido, e que retorna para o vivido redimensionando sua existência. Todas as existências passam a compor o cenário de realidade dos habitantes que se deslocam pelas cavernas espaço-temporais, criando e recriando suas subjetividades (DUARTE, 2006, p.108-109).

Cabe, aqui, dar espaço a voz aos que não são ouvidos, que de acordo com Becker, podemos entender como “desviantes”, termo emprestado da antropologia que nos cabe muito bem para representar as variantes de interpretação que a praça está sujeita. Assim, a pesquisa assume caráter transdisciplinar, visto que não se isola ou fecha em si mesma, busca uma compreensão cuidadosa e que reflita nos sentimentos depositados pela sociedade atual, em busca de mudanças, desde as mais singelas e potentes como o próprio olhar ecossistêmico propõe. Domingues (2001) contribui para o conhecimento científico da transdisciplinaridade, que:

[...] apoiada em metodologias inovadoras capazes de operar as interfaces das disciplinas; de incorporar novos objetos, temas e problemas; de inquirir os aspectos mutantes (trans), instáveis e difusos das coisas e dos processos naturais, assim como dos processos e artefatos das novas tecnologias; enfim, de oferecer uma perspectiva unificadora para os diferentes campos do conhecimento, ao superar as pseudodicotomias e afastar as falsas clivagens (DOMINGUES, 2001, p. 47).

Durante o curso, observei uma certa dificuldade para o entendimento do que seria, afinal, os ecossistemas comunicacionais. O ecossistema precisa ser de fácil acesso e entendimento, até mesmo por mais complexo que seja, ele está aqui, presente em qualquer relação nossa, em diversos níveis, seja microscópico ou macroscópico. Os pilares do pensamento ecossistêmico se fincam sobre o não isolamento dos fatos, dos conhecimentos, das pessoas. É sobre diversidade, ser capaz de mapear a teia que se entrelaça sobre os fenômenos. É como se a praça fosse uma planta, e o que vemos são as folhas, o tronco, as cores e formas, ou seja, a raiz da praça está soterrada. É, pois, através da memória que podemos visualizá-la, ou, ao menos, tecer uma tentativa de visualização. Esta tentativa, depois de tomar forma, edifica verdadeiras praças invisíveis no imaginário da cidade, que gera afeto, carinho e uma gama infinita de sentimentos sobre o solo em que pisamos.

Para tecelagem do ecossistema da saudade, na Praça da Saudade, uma vasta gama de conhecimento e estudo sobre diversas áreas faz-se necessário para compreender a complexidade, seguindo uma lógica própria dos ecossistemas comunicacionais. De forma objetiva, Góes (2016) menciona dois aspectos que julga importantes na perspectiva ecossistêmica, adotada para os estudos da comunicação por pesquisadores na Amazônia. São eles:

- (1) O primeiro refere-se ao fato de que a discussão em torno dos ecossistemas comunicacionais por esses estudiosos da Região Norte e seus teóricos de referência tem sido feita em torno da ideia do contexto enquanto elemento chave para a compreensão do fenômeno comunicativo.
- (2) O outro aspecto que consideramos importante refere-se as relações como mediadoras através da qual esses pesquisadores têm entendido a combinatória atuação das diferentes esferas nos ambientes que se dá a comunicação (GÓES, 2016, p. 63).

Não são praças exatamente iguais às raízes da praça, mas que fazem referência ao tema e nos possibilitam ver os diversos espectros que aqui fazem parte da verdade sobre a praça. Trata-se de cada fragmento que, juntos, propõe uma nova interpretação sobre a praça, sobre a cidade e sobre nossos sentimentos enquanto manauaras. Valorizar, reconhecer e se identificar com o espaço é uma maneira que dentro da comunicação, buscamos aqui para mudar os sentidos e a percepção das pessoas.

Para esse alcance, o método de abordagem desta pesquisa é qualitativo, afinal, não cabe aqui medir os resultados obtidos, mas, sim, compreendê-los e interpretá-los. O método de procedimento tem como objetivo auxiliar o pesquisador a alcançar seus objetivos. Assim, a técnica da entrevista aberta faz-se necessária, assim como o levantamento documental, cuja pesquisa acessou diversas instituições que detém registros históricos sobre a praça. A técnica de observação participante e sistemática também se encaixa, visto que o pesquisador deve se incluir no contexto da praça, com intuito de enriquecer o ecossistema comunicacional, assim como a interpretação dos dados coletados, suscitando novos sentidos na cultura.

A Pesquisa se encaixa como documental, tanto presencial quanto digital. Os dados coletados foram organizados em camadas, a partir dos relatos de nossos interlocutores que possibilitaram representá-las com intuito de explicitar a gama de sentimentos que se traduzem em saudades na Praça da Saudade, esse

ecossistema é o que espero chegar. Assim sendo, as técnicas utilizadas para a pesquisa são:

- Técnica de coleta de dados: Entrevista aberta. Instrumentos: diário de campo, gravador de áudio, papel, caneta e câmera fotográfica. Procedimento: para revelar o ecossistema da saudade na Praça da Saudade, o pensamento complexo é inevitável, visto que, para chegar nos relatos de entrevista que mais expressem emoções e sentimentos, as instrumentais permitiram ilustrar a imagem do que é saudade daquela praça, de acordo com a visão singular de cada uma dessas pessoas. Como chegar a elas? Compreendendo que minha rede de contatos foi necessária para aliar o contato com instituições importantes sobre pesquisa e memória da cidade, que podem indicar possíveis entrevistados. Além da pesquisa de campo, na praça e no entorno, com os moradores, trabalhadores e ainda quem visita a praça. Juntando os três fatores: rede de contatos, rede de instituições e pesquisa de campo (praça da saudade e entorno), o caminho para chegar aos entrevistados possibilitou múltiplas diversidades face aos variados relatos.
- Técnica de abordagem: observação direta e aplicação de questionários junto aos entrevistados. Instrumentos: papel, caneta, gravador de áudio, câmera fotográfica, prancheta. Procedimento: a observação participante e sistemática, inclui o pesquisador e sua subjetividade a partir da sua visão da praça. Assim, fez-se necessário uma observação descritiva dos fatos relatados pelos entrevistados para poder contextualizar o presente, compreender o uso atual da praça e evidenciar os contrastes entre o momento atual e as memórias do passado daquela praça.
- Roda de conversa sobre “Saudades da Praça” a ser aplicada no Centro de Convivência do Idoso da Aparecida, para selecionar uma entrevistada mais a fundo sobre as suas saudades em relação à praça;
- Visitas ao Arquivo Público, ao IGHA (Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas), ao Centro Cultural Povos da Amazônia para busca de arquivos, documentos, imagens e jornais.

Ao interagir com os dados da pesquisa, é possível adiantar que, em face de tanta violência, a praça ainda resiste. Viveu 48 anos em clima de festa, lazer, divertimento proporcionando à família formas peculiares de culturas. Hoje, ao completar seus 10 anos de revitalização ao projeto original, lida com a violência, boêmia, pichação, uso de drogas. E, numa observação do aspecto físico do local, é possível identificar lanches, a maioria vendedores ambulantes, uma cabine telefônica que se transformou em cabine de corte de cabelo, outra que serve como abrigo de pessoas em situação de rua.

A praça ainda serve como ponto de ônibus, com poucos bancos e muitos bares ao redor. De dia, serve, ainda, como ponto de encontro para manifestações

populares. À noite, torna-se ponto de encontro para tomar um “litirão” de cerveja. Como a grama é muita, à noite é utilizada como mesa e cadeira. Mas nem sempre foi assim, afinal, esta é apenas a camada mais superficial, fácil de ver. Por isso, como parte da metodologia desta pesquisa, é necessária uma escavação na história da praça e sua origem.

Informar a sociedade sobre a importância deste local, e reiterar a questão do pertencimento a este espaço, suscita novos valores, sendo um deles, o convite a sair de casa, a visitar a sua cidade, a observar as pessoas, as ruas. E estar atento à violência, mas não se isolar no medo, no pânico. Enquanto sociedade, precisamos estar nas ruas, ocupar as praças e criar relações afetuosas, afinal, nos dias de hoje, isto também é um ato de resistência.

Enfim, trata-se de inúmeras formas de estar, ocupar e viver momentos que perpassam representações encapsuladas na memória e que se expressam no sentimento de saudade atribuído à Praça da Saudade. São aspectos que este estudo analisa e interpreta como forma de estabelecer uma contra narrativa ao espelho mídia criado pelos meios de comunicação. Propondo-me a explorar estes e outros fatores, tais assuntos estão ordenados em três capítulos que revelam a complexidade dessa praça como ecossistema comunicacional, conforme abaixo identificados.

Para compreensão a respeito das camadas de sentimentos soterrados, o presente trabalho está ordenado a partir de quatro capítulos: o Capítulo I traz como título: “Iluminando os postes: a praça em contexto”, procede à contextualização sobre a origem das praças, as Praças da Saudade no Brasil e a história do surgimento da “Praça da Saudade” em Manaus; o Capítulo II tem como título: “Camadas da Praça da Saudade”, apresenta as camadas a partir das quais revelam-se os sentidos atribuídos à *saudade* segundo marcadores da temporalidade que demarcam acontecimentos vividos nos respectivos momentos; o Capítulo III, sob o título “Passeios pela saudade”, analisa as entrevistas com pessoas em situação de rua, vendedores ambulantes, artistas que relatam suas vivências na Praça, bem como ressalta o impacto das mudanças de mobiliário urbano; o Capítulo IV traz como reflexão o tema “Retorno à superfície através do espelho mídia”, trata de interpretações ensaísticas sobre as camadas de tempo e os desejos de cidade orquestrados por via do ecossistema comunicacional da Praça da Saudade que, em

síntese, interliga-se à discussão teórico-interpretativa dos argumentos que perpassam os capítulos anteriores ao revelar a complexidade do espaço público urbano.

## CAPÍTULO I - ILUMINANDO OS POSTES: a praça em contexto

Desde sua inauguração em 1865 até os dias de hoje, somam-se 155 anos de praça da saudade. Com intuito de facilitar o entendimento sobre as diversas temporalidades e camadas soterradas, esta pesquisa divide a história da praça de acordo com as suas principais reformas, que como veremos mais a frente, mudaram seu uso e sentido na comunicação da população de acordo com o desejo de cidade vigente. Assim, a história pode ser dividida de acordo com as três grandes reformas que sofreu, sendo elas:

Figura 3: Gráfico em camadas, representando as reformas da Praça da Saudade ao decorrer dos seus 155 anos. Ao lado direito, informações gerais sobre cada camada, assim como os gestores municipais responsáveis por cada reforma.



Fonte: Autor (2020).

Nos itens subsequentes, passaremos a descrever a temporalidade da Praça da Saudade, identificando-a de acordo com as três gerações, aqui entendidas como camadas sobrepostas que, no seu conjunto, agregam os 155 anos de existência da praça.

- **PRIMEIRA GERAÇÃO:** De 1865 a 1962, a praça permaneceu durante 24 anos na província (1865-1889) e seu projeto original, de forma retangular, dividida em 4 partes interseccionadas por uma elipse, foi finalizado apenas em 1932, (já no período Brasil República) 68 anos depois da sua inauguração, com a Transferência do Monumento a Tenreiro Aranha, durante o mandato do então Prefeito Emmanuel de Moraes. Assim, ainda que reconhecida oficialmente como Praça 5 de Setembro, obteve sua forma de cartão postal, com caramanchões, bougainvilles e o próprio monumento a Tenreiro Aranha convergindo ao centro da praça. Manteve-se intacta durante 29 anos até que no seu aniversário de 97 anos, ganhou de presente o palácio da Cultura, situado de frente para Avenida Epaminondas. Ocupando parte considerável da rua, isso alterou completamente a paisagem urbana ao redor da praça.

Foto 1: Fotografia de 1933 aérea sobre a Praça da Saudade.



Fonte: Acervo Público (1933).

- **SEGUNDA GERAÇÃO:** de 1962 a 2010, a instalação do Palácio da Cultura durante o governo de Gilberto Mestrinho, ocasionou reações em cadeia. Aos poucos, a praça foi alterando seu sentido, pois esta geração, diferente da antecessora, já não tinha mais o mesmo contexto. Na Avenida Epaminondas, o cemitério posicionado do lado oposto à praça, ali

permaneceu durante os anos de 1956 a 1932. Ao ser removido, no local construiu-se o Atlético Rio Negro. O desejo de cidade produz um novo estrato, em que a vontade se volta para o lazer, diversão, comida e feiras. Abraçou propostas culturais que atraíam o turismo local, como a instalação do Avião DC-3 em 1977, a construção do Anfiteatro em 1986, feiras de artesanato indígena, brinquedos, entre outros.

Foto 2: Praça da Saudade em 1978.



Fonte: Arquivo Público (1978).

- **TERCEIRA GERAÇÃO:** de 2010 a 2020. Já na reta final da gestão municipal do então Prefeito Serafim Corrêa, contando com o apoio do Senador Jefferson Peres, o prédio da SHAM foi demolido, dando-se a martelada inicial para o processo de resgate da Praça da Saudade, de acordo com o relato do próprio Serafim Corrêa, publicado em seu blog. Já em 2010, o então prefeito Amazonino Mendes, entrega à população, a Praça da Saudade aos moldes de *antigamente*, ou seja, no traçado original, todavia, com algumas diferenças por influência dos processos urbanísticos de resgate do centro histórico, cujas mudanças foram impulsionadas, na época, por Robério Braga, Secretário Municipal de Cultura. Esta é a última geração, aqui identificada como sendo a terceira ou última camada. É o atual nível mais superficial que se tem: uma praça para ver o tempo passar, sem brinquedos, sem bancos longos, sem tanque, sem avião. A atual geração se depara com uma praça que, se comparada à geração anterior, dispõe de pouquíssimos atrativos culturais. As barracas de lanche, já não

existem mais. Os brinquedos também inexistem. Hoje, a praça é rodeada de bares, agregando bastante movimento ao espaço. Posteriormente, este quadro é alterado por uma série de tiroteios e assassinatos, motivo pelo qual o público foi diminuindo consideravelmente. Isso também devido ao tráfico de drogas que costumava acontecer.

Foto3: Praça da Saudade (2017).



Fonte: Matheus Paixão (2017).

Foram vários encontros até decidir estudar essa praça. Encontros inusitados, inesperados, novos caminhos. Era como se eu fosse atraído pelo aroma dessas peculiaridades. Tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo, que a terra efervescia. Lá de longe, já podíamos ver as rodinhas de conversas, sentadas na grama. Ninguém sabia ao certo o que estava para acontecer, mas queríamos descobrir.

Depois de decidido meu objeto de estudo, o processo da criação me levou a lugares de bloqueios. Os caminhos se fechavam, e as possibilidades de falar sobre a praça eram gigantes. A escrita, por vezes, é um processo solitário, e encontrei refúgio nas palavras de Rilke (2003):

Uma obra de arte é boa quando nasceu por necessidade. Neste caráter de origem está o seu critério, - o único existente. Também, meu prezado senhor, não lhe posso dar outro conselho fora deste: entrar em si e examinar as profundidades de onde jorra a sua vida; na fonte desta é que encontrará a resposta à questão de saber se deve criar (RILKE, 2003, p. 24).

Portanto, assumi a ideia do que é ser um pesquisador. O que seria? Logo de primeira, eu vi luz. Aquela luz capaz de desvelar o que não está revelado. Encontrar as peças de um quebra cabeça e montá-las, peça por peça, fio por fio, até que elas se tornem um só. Assim, as peças se conectam, e os fios desta rede contam mais histórias, inseridas numa lógica palpitante. É aí que a luz acende. Se assemelha com a função do etnógrafo que, de acordo com Canevacci (1942):

O etnógrafo é um pouco como Hermes: um mensageiro que, contando com algumas metodologias para descobrir o mascarado, o latente, o inconsciente, pode obter sua mensagem até mesmo através do furto. Ele apresenta linguagens, culturas e sociedades em toda a sua opacidade, estranheza e falta de sentido; então, como se fosse um mágico, uma hermenêutica – o próprio Hermes – esclarece o que não estava claro, torna familiar o que era estranho e dá sentido ao que era desprovido de sentido. Ele decodifica a mensagem. Ele interpreta (CANEVACCI, 1942, p. 29).

As vivências na Praça da Saudade marcaram minhas memórias de sentimentos bons, alegres e de trocas. Por ter a noção de pertencimento a um grupo social, mais especificamente, à comunidade LGBTQIA+, eu, amigos e amigas pudemos, na praça, exercer uma rede de afeto entre nós, de segurança um para com o outro, e permitir ter memórias nossas felizes, de encontros na saudade. Movidos pelo desejo que emerge do referenciar coletivamente a cidade, ocupamos e usamos a praça como ambiente de resistência da nossa cultura e, desde então, a escolha pelo logradouro que cresceu entre nós foi inevitável. A respeito desse desejo de cidade, Duarte (2006) entende que:

Um desejo que sobrevive a invasões, destruições e pilhagens; que se reconstrói num caminho possível ou perde vontade de existir e sucumbe em ruínas. Um desejo composto por camadas ou estratos de vontades, sonhos, frustrações, que constroem técnicas para satisfazê-los, mas que também são construídos pelas mesmas técnicas. Cada salto de complexidade de uma sociedade pelo agenciamento coletivo de uma técnica, faz emergir uma nova condição de cognição coletiva no mundo e por sua vez novos desejos gestados, a partir desse novo referencial coletivo de pensar. Esses estratos se comunicam como um rizoma, e fazem emergir uma ação, um movimento, que aqui chamamos de desejo de cidade (DUARTE, 2006, p.104-105).

A evolução da tecnologia, a cada salto de complexidade, modifica a cultura através de novos aparelhos. É como na nossa história, que em um devido momento, o desejo era poder carregar um celular e remover os fios do tempo. Em outro momento, o desejo era poder fotografar com um aparelho móvel celular. Cada um desses desejos marca uma camada, um estrato e uma temporalidade. E estas camadas estão sempre interligadas.

Então o “estalo” surgiu nesse momento: uma série de notícias veiculadas em jornais locais, noticiam a praça como um local abandonado, perigoso, sujo, servindo como palco para tráfico e uso de drogas, prostituição, consumo de álcool, moradia para pessoas em situação de rua, assaltos, tiroteios e uma série de assassinatos. A praça da saudade em Manaus é vista pela mídia a partir desta narrativa que simplifica sua história e memória à violência dos dias de hoje, como registram suas respectivas imagens.

Figura 4: Painel com diversas manchetes de jornais locais (Manaus-AM), noticiando assaltos, assassinatos, tiroteios, invasões, pichações, facções de tráfico e esquecimento da sua história.

**Abandonada, Praça da Saudade virou ponto de assaltos e cenário de tiroteios e mortes**  
 Após um período de abandono e deterioração em Manaus, hoje a tradicional praça histórica está cercada e por consequência de sua deterioração e abandono.

**Ambulante venezuelano é morto a tiros na Praça da Saudade, em Manaus**  
 Suspeito de participar de homicídios foi preso.

**Jovem morre ao ser baleado na Praça da Saudade, Centro de Manaus**  
 Testemunha decidiu por sugerir de dar apoio a polícia.

**Homem é morto a tiros em praça no Centro de Manaus**  
 Segundo polícia, crime teria sido cometido por suspeito de tráfico de drogas na região.

**Quadrilha envolvida em duplo homicídio na Praça da Saudade é presa**  
 Os suspeitos foram presos por homicídios, tráfico de drogas e outros crimes em Manaus.

**Praça da Saudade é disputada pelas facções FDN e Comando Vermelho, diz delegado**  
 Delegado que faz ligação entre as facções e o tráfico de drogas na cidade diz que a praça é disputada por essas facções.

**Praça ganha placa alertando o 'risco de assalto', em Manaus**  
 Na sexta-feira passada, uma fita de uma placa na Praça da Saudade, Centro de Manaus, alerta 'Cuidado, Zona de Assalto', através de internet. Não se sabe ainda quem fez a placa de fita, mas quem colocou a placa na praça, mas ficou na praça.

**Bandidos atiram contra homem na Praça da Saudade e assustam clientes de bares**  
 Em um momento de tensão e caos, bandidos atiraram contra um homem na Praça da Saudade, Centro de Manaus, assustando os clientes dos bares.

**Atirador em táxi mata homem e deixa outro ferido na Praça da Saudade, em Manaus**  
 Autor: Não sabemos quem atirou em um táxi, segundo a Polícia Civil. Caso encerra em outubro de 2020.

**Trío usa faca de cortar pão para roubar estudantes na Praça da Saudade**  
 Um trio de jovens usou uma faca de cortar pão para roubar estudantes na Praça da Saudade.

**Turistas ocupam a Praça da Saudade e estão sem dinheiro para seguir viagem**  
 Vigantes estrangeiros ocupam a Praça da Saudade e estão sem dinheiro para seguir viagem.

**Homem de 23 anos e adolescente são mortos a tiros na Praça da Saudade**  
 Um crime cometido no mês de agosto de 2020, quando dois jovens foram mortos a tiros na Praça da Saudade.

**Abandonada, Praça da Saudade em Manaus sofre depredação e vandalismo**  
 A praça da Saudade em Manaus sofre depredação e vandalismo.

**Praça da Saudade é invadida por estrangeiros e brasileiros**  
 Uma polícia brasileira que investiga o tráfico de drogas e o tráfico de pessoas na cidade de Manaus.

**Praça da Saudade vira 'reduto' de ladrões no Centro de Manaus**  
 Depois de ser usada para eventos, a praça virou um reduto de ladrões no Centro de Manaus.

**Parte de amazonenses e residentes em Manaus não sabem história do 5 de Setembro**  
 Alguns fatos importantes do 5 de Setembro não são conhecidos por muitos moradores de Manaus.

**Pichações de vândalos atingem monumentos do Centro Histórico de Manaus**  
 Os vândalos atingiram monumentos do Centro Histórico de Manaus com pichações.

**TRAFICANTES OBRIGAM VENEZUELANOS A VENDER DROGAS NA PRAÇA**  
 Fontes revelam com exclusividade ao Em Tempo que a punição para quem não seguir as ordens dos criminosos é a morte.

**Adolescente de 14 anos é fuzilado em bar da praça da saudade por assassinos misteriosos**  
 Polícia

Fonte: A Crítica, Em Tempo, Amazonas Atual e Portal G1 (2020).

Algumas destas notícias reforçam a ideia de abandono e violência. Entretanto, uma notícia entre todas estas, causa certo destaque ao tomar outro

rumo. Ao invés de reforçar a violência, esta matéria reforça o esquecimento no qual o monumento à província está imerso. A maioria das pessoas que visitam a praça não fazem ideia a quem se refere a mesma, de acordo com sua nomenclatura oficial: Praça 5 de Setembro.

### 1.1 Saudades de quem?

Entre o sonho e a realidade, ouvi uma voz distante que dizia: “ele ainda está dormindo. Melhor deixar dormir”. Minha intuição já dizia o que estava prestes a se materializar ao meu redor, mas preferi dormir um pouco mais. Meu sono estava pesado. Bati por várias vezes a porta dos sonhos, mas já estava distante demais para voltar. Às 11h acordei, com uma espécie de mal-estar, após forçar um sono. Ao abrir os olhos, vi uma cena que só iria se repetir mais uma vez: meu pai lagrimava. Sem soluços, com os olhos vermelhos e aguados, ele me disse o que meus intermináveis sonhos diziam: ela partiu! A propósito, meu pai, escritor e poeta, David Ranciaro, em seu livro “Expresso Azul”, escreve sobre a “Morte”:

Ave suave  
Que  
Sem avisar  
Repousa  
Ou  
Ave grave  
Que avisa  
E sem suavizar  
Pousa.  
(RANCIARO, 2004, p. 58)

Repetidamente, durante minha infância, sonhei com a sua *passagem*. Talvez fosse um presságio, próprio daquilo que, como linha tênue, nos mantém ligados ao sentimento materno; uma maneira inconsciente de me acostumar com a ideia do que é passageiro... afinal, todos somos. Acordava no meio da noite, com calafrios e um choro baixo para não incomodar ou acordá-la. Porém, nunca fui silencioso e logo ela notava e me perguntava: “o que foi Gabriel? Sonhou com o quê?” E eu, desapontado, mentia: “nada mãe, foi só um pesadelo”. Infame tentativa de mentir quando meu olhar relatava tudo o que estava no meu sonho, e quase que, automaticamente, nela se expressava o mesmo sentimento: o medo.

Era de embrulhar o estômago. A sensação de *saudade* que sentia ao estar naquela praça, que não era uma praça comum, com esse nome de sentimento

bucólico que, para mim, enquanto criança, doía no peito; servia como uma espécie de presságio. Sentir saudades daquilo que vivia, com meu pai e minha mãe, parecia uma condição certa: era óbvio que marcas de saudades restariam em mim.

Como um espelho quebrado, fiquei a juntar os cacos que ao mesmo tempo em que me cortavam, me certificavam de quem eu era: estava tudo ali, refletido, e com leves distorções, assim como o meu passado.

Dez anos se passaram, desde que ela tinha se tornado estrela. E devido à um coração grande, cheio de saudade, ele também *partiu* ao encontro dela. Tornaram-se, ambos, uma constelação. E eu fiquei. Fiquei, talvez para isso, para tentar entender esse sentimento que me preenchia por todos esses anos, por todos esses poros, carregados em todas as minhas lágrimas. Era o reencontro da saudade com aquela praça. Todavia, embora resgatando um passado, é um papel renovador que me é posto, visto que:

A população de Melânia se renova: os dialogadores morrem um após o outro, entretanto, nascem aqueles que assumirão os seus lugares no diálogo, uns num papel, uns em outro. Quando alguém muda de papel ou abandona a praça para sempre ou entra nela pela primeira vez, verificam-se mudanças em cadeia, até que todos os papéis sejam novamente distribuídos (CALVINO, 1990, p. 76).

Assumindo a consciência de que teria que lidar com dores, memórias e tristezas, tanto minhas quanto da cidade, sei que a saudade não me vai abandonar. Assim, resolvi pesquisar com muito amor esse instigante sentimento: a saudade. Amor, porque busco, aqui, acima de tudo, compreender a praça, sem julgamentos ou definições, e entender sua enorme necessidade para a vida da cidade. Relacionando a praça a uma obra de arte, concordamos com Rilke (2003, p. 32): “As obras de arte são de uma infinita solidão; [...] Só o amor as pode compreender e manter e mostrar-se justo com elas”.

É um caminho doloroso? Obviamente, sim! Quando a paixão surge nessa relação, mais descobrimos sobre nós mesmos. É um processo interior, de tentar compreender os sentimentos que nos levam a uma escolha. E lidar com eles. Entre altos e baixos, sempre existe um equilíbrio. Por mais fina ou tênue que seja a linha, sentimento e equilíbrio estão ali. Assim como a emoção, que se faz presente em todos os momentos. Até mesmo quando não há emoção, existe emoção por ela estar esvaziada. No tocante à condição lúcida de sentimentos e particularidades, Sodré (2006) explica que:

[...] a emoção caracteriza-se por uma expressão compulsiva e excessiva, por um apego ao que é por demais particular, enquanto o sentimento define-se como afecção deliberada, consciente, refletida, lúcida e serena. O sentimento é a emoção lúcida. No empenho individual ou coletivo e pela serenidade, é possível uma crítica do transbordamento emotivo pela lucidez que conduz o sentimento (SODRÉ, 2006, p. 52).

Inevitavelmente terei que vasculhar a minha saudade interna, mas propositalmente terei que buscar a saudade no único ambiente público de Manaus destinado especialmente a esse sentimento: a Praça da Saudade. Walter Benjamin (1987), sobre a relação deste sentimento com sua subjetividade enquanto autor, nos revela que:

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido [...]. Talvez seja a mistura com a poeira de nossas moradas demolidas o segredo que o faz sobreviver (BENJAMIN, 1987, p. 105).

Além de resgatar a história da praça, é necessário imergir nos conceitos que delimitam fronteiras entre os sentimentos, afetos, emoções, sensação e paixão. Sodré (2006) infere que:

Hoje temos como afeição ou afecção, [...] um conjunto de estados e tendências dentro da função psíquica denominada afetividade, mais especificamente, uma mudança de estado e tendência para um objetivo, provocadas por causa externa. Afeto, por sua vez, com a mesma etimologia, refere-se ao exercício de uma ação no sentido B, em particular sobre a sensibilidade de B, que é um ser necessariamente vivo. A ação de afetar contém o significado de emoção, ou seja, um fenômeno afetivo que, não sendo tendência para um objetivo, nem uma ação de dentro para fora (a sensação, vale lembrar, é de fora para dentro) define-se por um estado de choque ou de perturbação na consciência (SODRÉ, 2006, p. 29).

Ou seja, para o autor, em linhas gerais, trata-se do afeto, cujo sentimento pode muito bem equivaler à ideia de energia psíquica, assinalada por uma tensão em campos de consciência contraditórios. Significa, assim, algo expresso “no desejo, na vontade, na disposição psíquica do indivíduo que, em busca de prazer, é provocado pela descarga da tensão” (SODRÉ, *ibid.*).

Ao perceber que esse sentimento da saudade incita diversa gama de outros sentimentos que por vezes podem se tornar obstáculos para a efetivação de uma racionalidade, o desafio foi tomando forma: como traduzir um sentimento tão

recorrente no meu corpo, que, por vezes, me entristece, mas também me alegra a relacionar com a cidade, no logradouro da Praça da Saudade?

Tanto a praça quanto o meu corpo, podem ser vistos como espaços de sentimentos. Sentimentos esses, que por via do acúmulo de memórias, erguem camadas e definem temporalidades diversas. No meu caso, a recorrente saudade que sinto é a saudade dos meus antepassados. O desejo de tê-los por perto, de terminar essa ausência e remontar uma possível felicidade. Mas, e a praça? A praça tem saudade do quê? De quem? Para responder essas dúvidas, é necessário compreender para descobrir o que não vivemos e, acima de tudo, buscar o contexto para iniciar esta pesquisa de acordo com as circunstâncias de tempos pretéritos.

É o início de uma trilha em busca de respostas a serem escavadas nas dimensões de suas camadas sobrepostas pelo tempo. Um reencontro com as origens das praças para o entendimento de suas projeções na contemporaneidade e, conseqüentemente, o retorno à Praça da Saudade.

## **1.2 Reencontro com o futuro: a origem das praças em culturas distintas.**

O passado precisa estar no fluxo do presente. Dessa forma, podemos evitar que inúmeras entropias se consolidem. É necessário estudar, pesquisar e aprender sobre a história da nossa cidade para não cometermos eventuais erros. As luzes precisam estar acessas para que se tenha compreensão cristalina e cuidadosa sobre a terra em que pisamos. Não basta somente o entendimento sobre o momento atual, que, por si só, configura uma linha complexa nos fatos que se fazem e desfazem como teias no emaranhado da vida cotidiana. Compete, portanto, interligar os fatos históricos e tecer essa complexa teia ecossistêmica sobre os espaços tão controversos. Logo, não se trata sobre reviver o passado, mas, sim, utilizá-lo como ferramenta para reencontrar um futuro possível. Calvino (1990), ensina tecer essa compreensão ao entender que:

Você viaja para reviver o seu passado? – era, a esta altura, a pergunta do Khan, que também podia ser reformulada da seguinte maneira: - Você viaja para reencontrar seu futuro? E a resposta de Marco: - Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá (CALVINO, 1990, p.29)

Como um viajante, precisamos ir ao encontro de dados, fontes, relatos, números e matérias desconhecidas que, a partir desta pesquisa, tais dados permitiram ver a luz do sol, graças à esta investigação a respeito da Praça da Saudade, apresentando territórios surpreendentes e, supostamente, inabitados. Afinal, como já dito anteriormente, o processo da pesquisa ao mesmo tempo em que traz luz, ilumina os caminhos, produz, proporcionalmente, sombras e dúvidas que resultam numa cadeia de infindáveis pesquisas, que abrem caminhos para novas descobertas.

Desde suas características comuns da sua formação, a praça em sua história, nos revela que a forma desses espaços causa um rompimento entre prédios e construções, um rasgo na malha urbana. Esta característica é reforçada por Caldeira (2007):

Em relação à morfologia da cidade, as praças diferenciam-se de outros espaços por representarem vazios na malha urbana, os quais proporcionam uma ruptura na paisagem conformada pelas edificações. Constituem espaços referenciais, atuando como marcos visuais e “como pontos focais na organização da cidade”. Essas características são observadas desde os primeiros assentamentos humanos – cuja composição colocava em destaque um espaço central diferenciado – até as cidades contemporâneas, nas quais a valorização deste espaço aparece nas políticas de revitalização urbana (CALDEIRA, 2007, p. 13).

As pesquisas a respeito da origem das praças, são restritas e carecem de precisão histórica. Entretanto, a tese de Doutorado da professora Júnia Marques Caldeira, apresentada ao Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, serve como referência para que possamos abordar, com maior profundidade, a cronologia da origem da praça aos dias atuais. De maneira sintética, a história das praças, para Caldeira (2007), acompanha a seguinte sequência:

SENNETT (1988) lembra que, em um primeiro momento, a praça surge como um dos elementos que organizam o espaço urbano, redefinindo os papéis sociais. Posteriormente, a partir do séc. XIX, a praça passa a ser redefinida em função de uma nova concepção de cidade, a cidade moderna, pois, como afirma BRESCIANI (1992), é na primeira metade do séc. XIX que as cidades "associadas à idéia de modernidade [...] são problematizadas em questão urbana, concebidas como um espaço de tensões empíricas e conceituais, concepção que perdura na formulação do paradigma que orienta o conhecimento e a vivência nas cidades contemporâneas (CALDEIRA 2007, p. 6).

A distinção de períodos históricos é pertinente para que possamos compreender os rastros da construção histórica das praças e seus matizes em períodos pretéritos. Daí a importância desta discussão acerca de fatos escavados historicamente, que vão sendo traçados desde a gênese dos espaços coletivos constituídos por panoramas distintos. Inicialmente a abordagem destaca a cultura indígena por entendê-la como relação primordial de nossa ancestralidade.

O percurso desse caminho se estende à discussão sobre os períodos da Antiguidade Clássica, situando-se, em seguida, o processo de formação de praças portuguesas, fonte de sentidos atribuídos ao significado das praças brasileiras em períodos que remontam o século XVIII à perspectiva do século XXI, associada ao entendimento de cidades modernas.

Com o intuito de revelar o ecossistema complexo que envolve a “Praça da Saudade”, é necessária uma imersão na história das praças para um entendimento mais nítido do panorama histórico que antecede e acompanha a história da Praça da Saudade. A relevância do estudo sobre a gênese das praças é imprescindível para a compreensão deste espaço público, que cronologicamente, apresenta ser uma ruptura na malha urbana. Edifício, após edifício, após edifício e uma praça, para gerar um vazio, uma sensação de respiro. Caldeira (2007) entende que:

[...] as praças marcam a estrutura das cidades. Diferenciam-se de outros espaços por constituírem vazios na malha urbana. Associadas a conjuntos arquitetônicos, funcionam como pontos de descompressão ao proporcionarem uma ruptura na paisagem conformada pelas edificações. Imagens como a Praça Tiradentes, de Ouro Preto, a Praça XV, no Rio de Janeiro ou a Praça dos Três Poderes, em Brasília, retratam notadamente esse universo simbólico. São espaços-síntese da memória urbana, pois, contam a própria história dessas cidades (CALDEIRA, 2007, p.4).

Figura 5: Linha do tempo da origem das praças e sua transformação conforme os meios de produção de cada época e a relação do homem enquanto público ou privado.



Fonte: Autor (2020).

Ao percorrer tais períodos, se tem como propósito o retorno ao nosso ponto de partida: a Praça da Saudade. A imersão nessa literatura permitiu a compreensão sobre a redefinição de elementos que organizam o espaço urbano na contemporaneidade. Eis aí a forma pela qual se tem a dimensão das camadas sobrepostas da praça em estudo, constituindo-se, aqui, como espaços de tensões empíricas e conceituais, problematizados na presente pesquisa, conforme verificado nos subitens a seguir.

### 1.3 Panorama histórico: povos indígenas.

Em sua gênese, o espaço da praça abrange o sentido de espaço coletivo, lugar de manifestação peculiar, repleto de cultos e de ritos. É o lugar do riso, da coletividade, propício à sociabilidade entre os indivíduos. É na praça, que o homem e a mulher exercem seu papel social enquanto pessoas públicas. O papel de pessoa pública, evoca nas pessoas, uma sede por pertencimento a algo seu, nosso. É de interesse de todos. Logo, podemos afirmar que a origem das praças se dá muito antes da praça formal (com bancos, passeios, jardins, entre outros mobiliários urbanos). Independente de sua morfologia, podemos observar que esses espaços, “no solo brasileiro, constituíram duas formas distintas: uma, nas aldeias e assentamentos indígenas existentes, e outra, nas vilas e cidades implantadas no âmbito urbano” (CALDEIRA, 2007, p.57).

Assim, é necessário abordarmos sobre o sentido da praça em culturas

distintas, permitindo, com isso, a contextualização profunda sobre o porquê de a praça existir até os dias de hoje, visto que é possível observar a partir da história do nosso território, o interesse de aldeias e assentamentos indígenas em constituir um espaço sagrado, central e apropriado de forma ritualística. Porém, é notório os contrastes entre o espaço indígena e o espaço urbano do Brasil. Caldeira (2007) explica que:

Na construção do Brasil urbano, a praça comparece segundo o conceito vitoriano de centro político-administrativo – local propício à implantação dos principais edifícios da cidade, ponto de encontro, local de trocas comerciais e de manifestações, porém, concretizadas a partir da cultura urbana portuguesa (CALDEIRA, 2007, p. 57).

O uso do núcleo central nas aldeias é destinado à apropriação do coletivo, através de rituais, assembléias e celebrações. Em certos povos, é comum encontrar este ambiente central, em torno de pátio interno, com formato retangular ou circular. Portanto, é possível observar a semelhança com o homem urbano público, que exerce na praça usos similares, mas de maneiras opostas. Tanto o núcleo central quanto a praça, são espaços para a prática social da coletividade, um ambiente de todos, aberto, central, para o convívio de diferentes pessoas de diferentes famílias. Os *yanomamis*, habitantes da fronteira Brasil-Venezuela, são um exemplo de indígenas que em suas “casa-aldeia” apresentam círculos, identificados com suas respectivas praças. De acordo com Caldeira (2007):

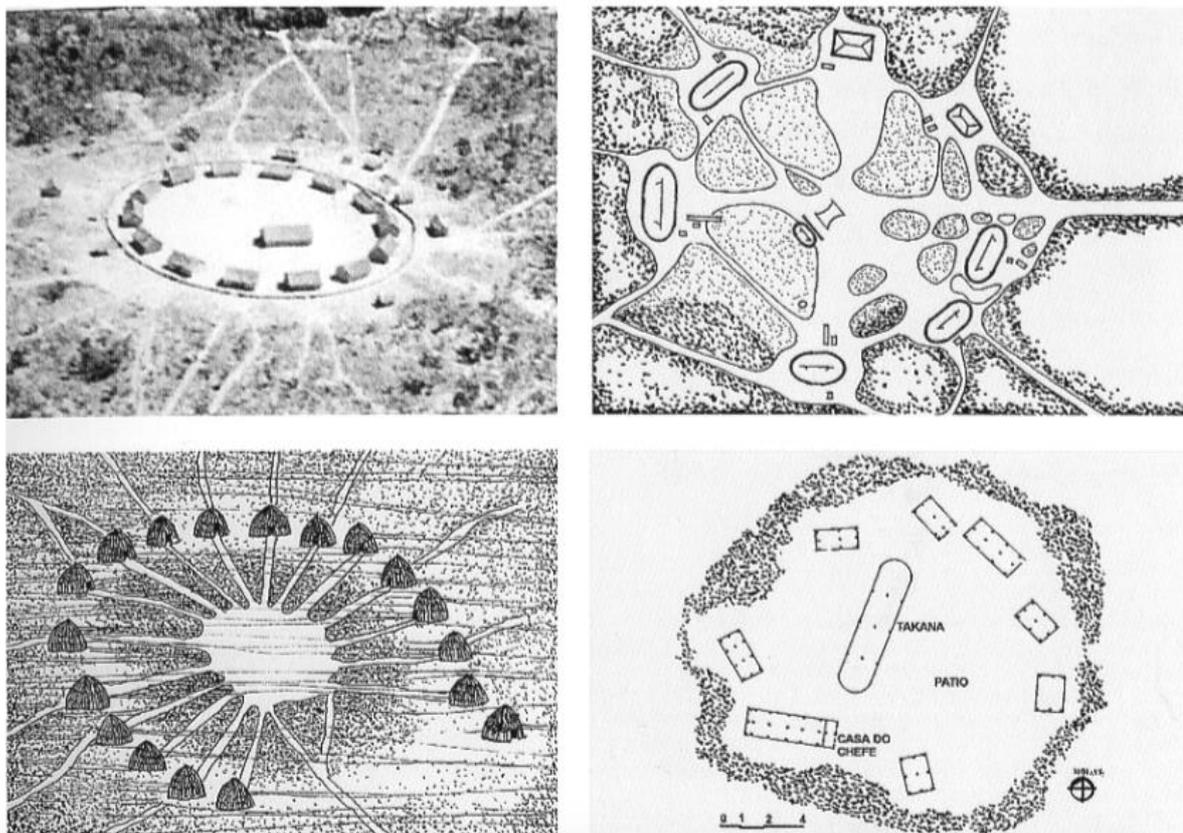
Dentre as variações de casa-aldeia encontradas, a dos *yanomamis*, habitantes da fronteira Brasil-Venezuela, merece destaque por apresentar uma praça central aberta e um formato circular. O espaço pertencente a cada família está voltado diretamente para esse pátio central, que também possui funções ritualísticas (CALDEIRA, 2007, p.61).

A forma circular, comumente encontrada em grande parte de territórios indígenas, apresenta um modelo morfológico, com algumas exceções, afinal, a organização espacial de cada povo indígena se dá conforme as respectivas tradições. Algumas aldeias definem nesta espécie de “pátio-praça”, o local de confluência entre várias unidades habitacionais. Ou seja, no entorno desta praça embrionária, os povos originários costumam erguer suas casas. De acordo com Caldeira (2007):

Algumas aldeias costumam marcar esse pátio no ato de construir muitas unidades habitacionais em torno, formando um pátio circular ou elíptico.

Esse é o caso das tribos *xavantes*, *bororo*, *tapirapé* e *tampitauá*, descritas por DERENJI (2002) e representadas no esquema abaixo (CALDEIRA, 2007, p.64).

Figura 6: Esquema de organização espacial indígena Aldeias Bororo (A), Yawalaiti (B), Xavante (C), Tapirapé e Tampitauá (D).



Fonte: Arquitetura Brasil 500 anos (MONTEZUMA, 2002).

Foto 4: Casa-Maloca Yanomâmi: a formação circular põe em destaque o pátio central.



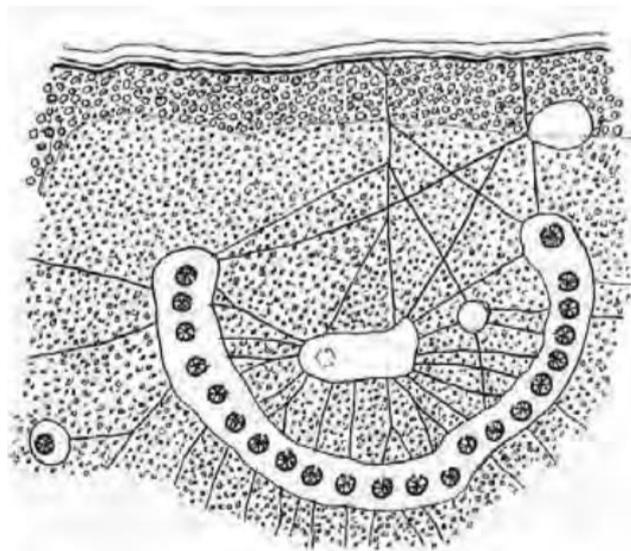
Fonte: <https://www.survivalbrasil.org/povos/yanomami> - Acesso em Maio, 2020.

A princípio, podemos entender que o pátio central, na arquitetura de povos indígenas, constitui, hoje, uma das principais referências no que se diz respeito à origem das praças. É possível notar a relevância que este pátio exerce no cotidiano e na organização da vida em sociedade. A exemplo, tal configuração morfológica ainda permanece nas aldeias tupi-guaranis da Amazônia. Caldeira (2007 apud WEIMER, 2005, p. 48), entende que “A praça central representa o espaço do coletivo, a “unidade indissolúvel” [...]: o local de reunião e de culto, o espaço simbólico” (ibid., p. 63). Portanto, o espaço central confere característica de *locus* sagrado para os povos originários.

Todavia, como já mencionado anteriormente, existem diferenças entre as praças centrais para cada povo. Os xavantes são um exemplo deste contraste. Primeiro porque a forma não era circular, e sim, semi-circular, e recebe a denominação de “warã” para o pátio cerimonial. Segundo porque diferente dos Yanomâmis, o entorno do warã é formado por duas a três dezenas de casas. E terceiro, por apresentar fator excludente uma vez em que o warã é frequentado exclusivamente por homens que se reúnem para tomar decisões e realizar suas cerimônias. De acordo com Caldeira (2007):

A existência desse pátio central, ou praça, na ordenação espacial indígena esboça a necessidade que esses habitantes tiveram de hierarquizar seus espaços de convivência, privilegiando espaços de uso coletivo para a celebração de cerimônias e rituais (CALDEIRA, 2007, p.64).

Figura 7: Aldeia Xavante. Desenho esquemático indicando a organização em forma semicircular. Destaque para a praça central, warã, e os principais caminhos estruturados.



Fonte: Arquitetura Popular Brasileira (WEIMER, 2005).

#### 1.4 Panorama Histórico: antiguidade clássica – Grécia (800 a.C. – 476)

As influências históricas para a consolidação das praças, entre a organização das cidades e da sociedade, estão presentes desde tempos longínquos. Durante a antiguidade é possível observar a formação destes espaços públicos, tanto na Grécia quanto em Roma, todavia, de maneiras distintas. É importante ressaltar que, assim como os povos indígenas, o local da praça na Grécia Antiga, surgia de maneira espontânea e configurava uma morfologia também espontânea, ainda distante dos projetos urbanísticos que hoje compreendem o que entendemos por praças e suas características essenciais.

Contudo, a praça na antiguidade, assume uma função mais específica e diferenciada dos “pátio-praças” centrais, e até mesmo os warã. Neste momento, sua função se distancia dos rituais e cerimônias sagradas para se inclinar à dedicação de cada indivíduo na vida política, na vida pública. É o embrião do conceito de cidadania, o primeiro passo na construção do homem enquanto figura pública, política e democrática. Segundo Caldeira (2007):

Na Antigüidade greco-romana, a praça era o espaço público de maior importância da cidade e funcionava como seu centro vital. Materializada na figura da *Ágora* ou do *Fórum*, a praça, com seu conjunto arquitetônico, desempenhava um papel crucial: era o *locus publici* da vida cidadina. Era nesse espaço que o conceito de *civitas* se fazia presente. (CALDEIRA, 2007, p. 4)

A *Ágora*, na Grécia Antiga, representa a praça como local de decisão política. Lá, os acordos políticos eram feitos presencialmente, durante longas conversas sobre filosofia, política e democracia. A *Ágora* constituiu a principal praça da civilização grega. Era o ponto de encontro para os cidadãos efervescentes com a filosofia política, discutirem sobre os primeiros passos da democracia. Naquela época, o meio de comunicação que prevalecia era o discurso oral, “boca a boca”, e a *Ágora* serviu como espaço para abrigar tais práticas do cotidiano. Porém, a *Ágora*, diferente do *Fórum* na Roma (como veremos mais a frente), também se tratava de uma praça espontânea por ser formada basicamente por um pátio aberto, circundado por edifícios públicos e administrativos.

Nela situavam-se o *bouleuterium*, uma espécie de sala de conselho da cidade, e o *prytaneum*, a câmara privada dos chefes oficiais do magistrado. Um dos lados era ocupado por uma construção em pórticos, a *Stoa*, onde funcionava o mercado. (CALDEIRA, 2007, p.17)

Tais características também são perceptíveis na Praça da Saudade, visto que, de 1865 a 1932, passou 67 anos sendo apenas um pátio aberto, de terra batida. Na imagem abaixo, é possível notar o contraste que o pátio da Ágora provocava na cidade de Atenas, causando uma ruptura no denso tecido urbano. Os limites da praça eram definidos pela localização periférica destes edifícios de grande importância para o funcionamento administrativo da civilização grega, ressaltando ainda mais a importância da Ágora como lugar predominantemente político. Caldeira (2007) afirma ainda que:

Esse conjunto formava o centro político-social da cidade e sua configuração reforçava esse simbolismo. Estrategicamente situado, podia ser visualizado por toda a comunidade e representava um imenso vazio cercado por edifícios institucionais, sagrados, e comerciais. A percepção desse espaço não representava apenas a oposição ao espaço privado. Sua concepção legitimava uma função estética a uma prática cidadã primordial. Essa praça representava o *lugar* do domínio político (CALDEIRA, 2007, p.17).

Figura 8: RECONSTITUIÇÃO DA ÁGORA DE ATENAS - Século II a.C.



FONTE: The City Assembled: The elements of Urban Form through History (KOSTOF, 1992).

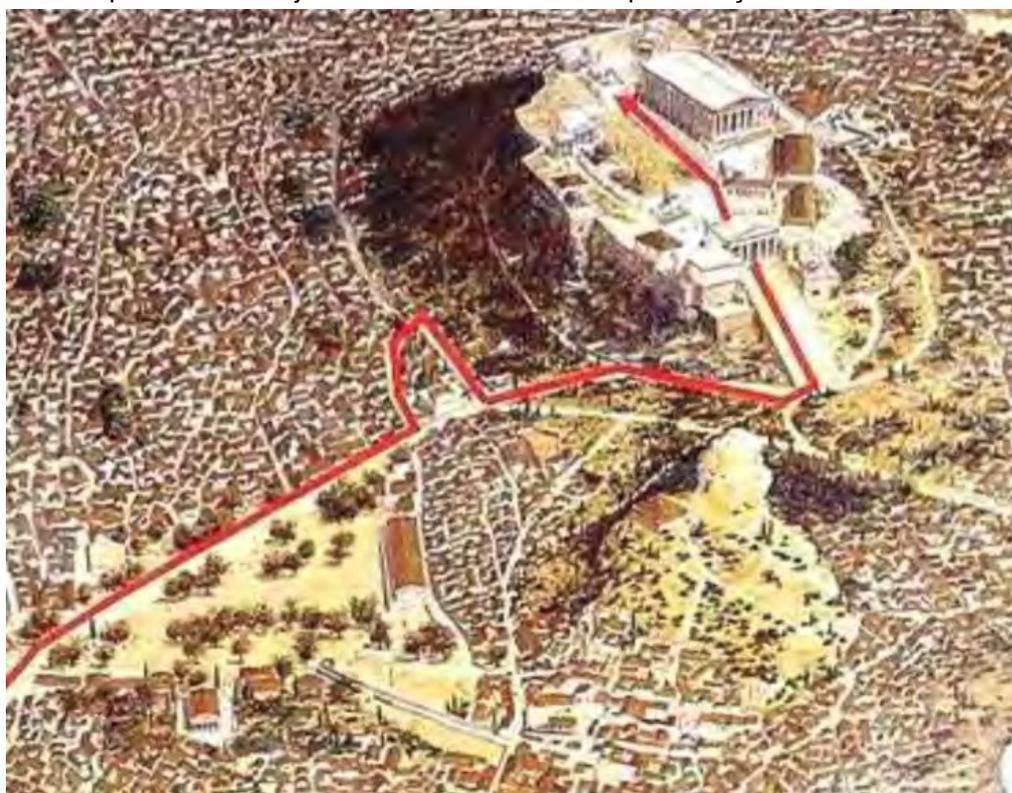
A respeito da constituição política da cidade-Estado grega, é essencial distinguir as duas esferas políticas que reinavam na pólis: a esfera privada (a família; oikos) e a pública (a vida na cidade; a ação e o discurso), sendo a Ágora o local para manifestação do “espaço público”, comum aos cidadãos livres para exercerem neste espaço, suas performances políticas, enquanto que a vida privada, ou oikos, se restringe a vivência particular de cada indivíduo em sua respectiva família, entre

quatro paredes. Assim, a *Ágora* torna-se uma representação na cidade do espaço para o fazer político, para as relações da vida pública. Caldeira (2007), reforça que:

Se para HABERMAS (1984) a vida pública, *bios politikos*, não se restringe a um local, pois “o caráter público” constitui-se de uma prática de conversação (*lexis*), que pode assumir a forma de um conselho, de um tribunal, de uma práxis comunitária; o seu correspondente urbano estaria representado pelo espaço da *Ágora*. Essa praça seria o espaço simbólico de representação da esfera pública. (CALDEIRA, 2007, p.16)

A política era exercida na *Ágora* através de ações e principalmente, do recurso utilizado até os dias atuais: o discurso, imprescindível para a fundação da vida política na urbes. A palavra era compartilhada, sem o amparo dos recursos tecnológicos e comunicacionais dos dias atuais, e as decisões eram estabelecidas. Na *Ágora*, o cidadão deixava de ser o eu privado, das relações familiares e íntimas, e passava a ser uma figura pública que se colocava como peça chave para o funcionamento e manutenção da democracia em Atenas, por meio de decisões definidas em coletivo.

Figura 9: Reconstituição da cidade de Atenas. Vista da Acrópole e da praça da *Ágora*. Em vermelho destaca-se a via partenaica – trajeto destinado à desfiles e apresentações cívicas.



Fonte: The Ancient City (CONNOLLY e DODGE, 1998).

#### 1.4.1 Fórum em Roma: a capital do império na antiguidade (800 a.C. – 476).

Já na civilização romana, a praça que desempenha o papel semelhante à Ágora, mas com morfologia diferenciada, é o Fórum, que apresenta também uma ruptura na malha urbana, composta de edificações homogêneas e edifícios de caráter monumental, uma vez em que o Fórum compreende um espaço vazio, como um pátio. Todavia, o Fórum, delimitado por edificações institucionais, religiosas e comerciais, é cercado por colonatas e decorado com esculturas, arcos e colunas, adquirindo aspectos de uma praça formal, baseado em um projeto urbanístico, distante da espontaneidade encontrada anteriormente nas praças.

Figura 10: Reconstituição do Fórum romano A praça era bem delimitada pelas edificações monumentais. Elementos como escadarias e colonatas realizavam a integração da arquitetura com o espaço urbano.



Fonte: Roma Antica (GABUCCI, 2000).

Naquele tempo, eram raros os espaços vazios para acolher as atividades de cunho coletivo. Caldeira (2007) ressalta que:

A praça do Fórum alcançou um importante destaque nas cidades de origem militar – o *castrum*. Nessa estrutura, o Fórum localizava-se no cruzamento dos principais eixos ordenadores da cidade – o *cardo* e o *decumanus* –, representando o centro vital da malha urbana. Nesse cruzamento formava-se o coração da cidade, com seu aparato político administrativo. Timgad e Pompéia constituem exemplos desta ordenação urbana (FIG. 4 a 6) (CALDEIRA, 2007, p.17).

Figura 11: Vista aérea da cidade de Pompéia e detalhe do Fórum.



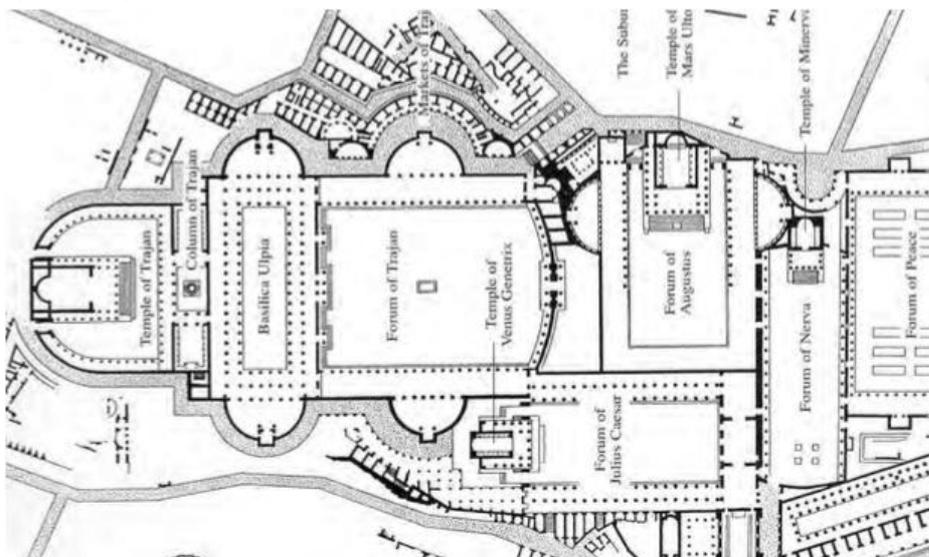
Fonte: [pompeii.virginia.edu/.../tti/images/images.html](http://pompeii.virginia.edu/.../tti/images/images.html)- fev/2006

Diferente da Ágora na Grécia, que era independente da figura do governante, e estava unicamente atrelada à formação da pólis como cidade-Estado, o Fórum, na Roma Imperial, está diretamente associado ao Imperador e à sua imagem política. Assim o Fórum representava todo o poder de sua gestão e a toponímia do espaço ainda recebia o nome de seu fundador, impondo a sua imagem sobre o local de uso público, para ser reverenciado por todos. A figura do herói.

Destarte como as demais praças já citadas nas diferentes civilizações, o Fórum também era o local do encontro. Na condição de centro vital da cidade, como uma espécie de nó, tais espaços mantiveram-se presentes na estrutura das cidades ocidentais, consolidando verdadeiros centros da vida social, pulsando as batidas do coração da cidade romana. Encontros políticos, disputas atléticas, comerciantes e entre outros, eram comuns para a realidade do Fórum. De acordo com Caldeira (2007):

Conjugando as atividades de mercado “com um lugar de assembléia ou de *comitium*”, ali se realizavam encontros políticos, podia-se assistir às disputas atléticas, oradores dirigiam-se às multidões, comerciantes fechavam negócios, realizavam-se cultos e, principalmente, administrava-se a cidade nos tribunais e edifícios institucionais. Segundo HAROUEL (1990:25), era no Fórum das cidades provinciais que se reuniam as assembléias populares, bem como se desenvolvia o “centro da vida religiosa”. Antes da construção dos anfiteatros, essa praça abrigava também o combate dos gladiadores e outras atividades esportivas (CALDEIRA, 2007, p.21).

Figura 12: PLANTA DOS FÓRUNS IMPERIAIS, ROMA 1 - Fórum de Trajano; 2 - forum de Augusto; 3 - forum de Nerva; forum de Vespasiano; 4 - forum de Julio César. O Fórum abrigava as principais Instituições Administrativas do poder Imperial: basílicas, assembleia.



Fonte: O Império Romano (STIERLIN, 1997).

#### 1.4.2 Panorama histórico: idade média (século XI - XV)

A princípio, as praças que surgem ao final do período medieval e início do Renascimento, de certo modo, ficam sobre nossa história, uma ruptura com o conservadorismo e as imposições religiosas, pois, conforme descreve Bakhtin (1987, apud CALDEIRA, 2007):

A praça no final da Idade Média e no Renascimento era o ponto de convergência de tudo que não era oficial, de certa, forma gozava de um direito de 'extraterritorialidade' no mundo da ordem e da ideologia oficiais, e o povo tinha sempre ali a última palavra (BAKHTIN, 1987, apud CALDEIRA, 2007, p. 132).

Assim sendo, o cotidiano da praça pública estabelecia total contraste com a cultura religiosa e aristocrática em um período acompanhado pela transição da mentalidade medieval para a moderna, pois a Igreja exercia forte e rígido controle social. Todavia, mesmo sobre tais circunstâncias, a praça se fez como espaço

público, ou seja, tornou-se de todos, coletivamente, para exercer a liberdade. Segawa (1996) reforça que:

A vida na praça pública era permeada pelo universo do riso, do escárnio, da festa, numa dinâmica distinta da cultura religiosa ou aristocrática: os gêneros artísticos e burgueses da praça pública estão frequentemente tão estreitamente misturados que é por vezes difícil traçar um limite preciso entre eles (Segawa, 1996,p.34 apud CALDEIRA, 2007, p. 28).

Foto5: PIAZZA DEL CAMPO E PIAZZA DEL CATEDRAL – SIENA. Uma praça de frente para a Catedral e outra de frente para prédios históricos. O vazio da praça Del Campo, assume proporções monumentais em contraste com as ruas estreitas e escuras.



Fonte: Plazas of Southern Europe (KATO,1990 apud CALDEIRA, 2007, p. 28).

Havia, na praça pública, um certo afrouxamento do controle social sobre as pessoas que ali transitavam, fugindo das exigências de etiqueta e das distinções sociais existentes. A conduta dos homens ocorria independente e livre de normas. Mas esta situação gradualmente foi se alterando para dar espaço a uma espécie de controle social, isto, com a intensificação da industrialização. Mikhail Bakhtin, na leitura que faz de Rabelais, identifica que:

Assiste-se a um processo de redução, falsificação e empobrecimento progressivos das formas dos ritos e espetáculos carnavalescos populares. Por um lado, produz-se uma estatização da vida festiva, que passa a ser uma vida de aparato; por outro, introduz-se a festa no cotidiano, isto é, ela é relegada à vida privada, doméstica e familiar. Os antigos privilégios da praça pública em festa restringem-se cada vez mais (Bakhtin, 1996, p.30 apud CALDEIRA, 2007, p. 25).

Foto 6: Piazza Del Campo, Siena, Itália. A praça mais famosa de Siena, em formato D, como um anfiteatro, em torno de edifícios históricos.



Fonte: <https://www.shutterstock.com/image-photo/siena-piazza-del-campo-rooftop-view-1139303363>

A praça pública na Idade Média, compunha papel semelhante à um espelho: a praça refletia a vida urbana da cidade de modo geral. De acordo com a autora Lucrécia Ferrara: “Na Idade Média, praça era entendida não só como o marco zero da cidade, mas sobretudo como retrato de sua vida íntima, como seu micromodelo, centro de operações e decisões; vive-la era participar da vida urbana” (Ferrara, 1986, p. 40).

Nesta época, a praça era recheada de orgulho e alegria de toda a cidade independente. A dinâmica da velocidade e movimento entravam em cena: as festas públicas, exposições, cerimônias oficiais, leis eram anunciadas e pessoas eram castigadas, executadas e queimadas também na praça medieval. Os diferentes usos da praça durante a Idade Média, conferem a ela, uma mistura de sensações e sentimentos contrastantes: do riso à punição. Manifestação do que se contradiz ao Estado, das autoridades seculares e eclesiásticas. Sitte (1889, apud CALDEIRA, 2007), completa:

De acordo com o tamanho de cada comunidade ou o tipo de sua administração, serviam a essas necessidades práticas duas ou três das praças principais, raramente uma só, pois as praças também eram

manifestação da diferença entre autoridade secular e eclesiástica, distinção que a Antiguidade não fazia da mesma maneira (SITTE, 1889, apud CALDEIRA, 2007, p. 23).

Trabalho, comércio e lazer, tais como festas, feiras, apresentações de teatro e procissões, simultaneamente, são conduzidos no mesmo espaço em que julgamentos e execuções públicas, se tornam práticas reais. Na Idade Média, a atuação da população na praça, volta sua atenção ao espaço de manifestação popular, como ambiente de liberdade, franqueza e familiaridade, diferentemente do Estado, que se apropria do espaço para punições públicas e táticas coercitivas. Além de local comum à sociabilidade, o poder e as leis eram demonstradas na praça. A influência destes dois polos da praça na Idade Média permanece até hoje na história das praças. Diferentemente da tutela do Estado, com o Renascimento, a praça, o espaço público, passa a ser concebida como o local do povo, e apropriado por ele, como, por exemplo, o nome da “Praça da Saudade” foi escolhido pela própria população manauara. Caldeira (2007) reflete que:

A praça pública no fim da Idade Média e no Renascimento formava um mundo único e coeso onde todas as “tomadas de palavra” (desde as interpretações em altos brados até os espetáculos organizados) possuíam alguma coisa em comum, pois estavam impregnadas do mesmo ambiente de liberdade, franqueza e familiaridade (CALDEIRA, 2007, p.25).

Figura 13: Gravura representando uma execução pública – prática comum realizada nas praças.



FONTE: L'Homme et les villes (RAGON, 1995 apud CALDEIRA, 2007, p. 24).

Aquelas cidades medievais, exemplificam uma relação de marco urbano, uma vez em que foram responsáveis pela noção de marco visual, de ruas estreitas e grandes espaços vazios. Cidades como Siena e Florença, apresentam tais

características.

### 1.4.3 Panorama histórico: a praça renascentista (século XIV – XVI)

Ainda que, na Idade Média, a praça apresente caráter espontâneo, mesmo inserida nos primórdios dos projetos urbanos ocidentais, é no Renascimento que a praça adquire apelo estético de acordo com as transformações sociais desencadeadas. Isso, devido ao fato de que a partir do Renascimento, é possível notar o embrião das pequenas indústrias, que, mais à frente, permitirão condições suficientes para a revolução industrial, demarcando mudança radical de transição da figura pública à privada. A expansão do mercantilismo e das pequenas indústrias, junto com o crescimento urbano, reestruturam a sociedade, reforçados pela ascensão social da burguesia, e acarretam alteração quanto à configuração do espaço cotidiano. Caldeira (2007), sobre esta transição, da Idade Medieval ao Renascimento, afirma que:

A partir desse momento, o ambiente urbano torna-se objeto de estudo. Como afirma ZUCKER (1959:99), “design arquitetônico, teoria estética e princípios de urbanização voltam-se para idéias idênticas”: a busca pela ordem e disciplina, em contraste com a espontaneidade do espaço medieval. Praças, ruas e avenidas transformam-se nos principais elementos de reformas e intervenções urbanas (CALDEIRA, 2007, p.27).

Foto7: Piazza Del Campidoglio, Roma. Michelangelo desafia o olhar – a elipse inserida no polígono. Vista aérea da praça, 2019.



Fonte: <https://www.walksinrome.com/blog/the-piazza-del-campidoglio-rome>

A preocupação com o projeto urbano e arquitetônico, presente no Fórum, ganha força e retoma durante o Renascimento, aliado a valorização estética urbana em busca de um modelo de cidade ideal, devido ao surgimento dos Tratados de Arquitetura e Urbanismo. O desenho urbano da cidade, passa a conceber arquitetonicamente a praça, como elemento estruturante, definido por uma rígida geometria. A praça formal, inserida em um novo modelo de cidade, incorpora novas dimensões, nunca vistas antes. De acordo com Segawa (apud CALDEIRA, 2007):

[...] o emaranhado tecido de estreitas e abafadas vielas e ruas do passado vai, gradativamente, sendo substituído por largas, luminosas e arejadas vias de comunicação – o espaço urbano ganha novas referências com as perspectivas inéditas de avenidas retas e praças formais (SEGAWA, 1996, apud CALDEIRA, 2007, p. 27).

Foto 8: Vista aérea da atual Place Dauphine. Praça em Paris localizada de frente para o monumento a Henrique IV. A geometria triangular ressalta a valorização da geometria e estética pelos franceses. Emissão TV: “Des Racines et des Ailes”.



Fonte: <https://segredosdeparis.com/historia-da-place-dauphine-a-2-praca-real-de-paris/>

A praça ilustrada acima, foi projetada de forma triangular, com apenas dois acessos. O objetivo era proteger os banqueiros e mercadores da área, para assim, realizar com segurança suas transições e negociações, próximas ao Palácio da Justiça. Além disso, a construção de 32 edifícios iguais, para pessoas de baixa

renda e comerciantes. Já a Praça Des Vosges, foi reservada para uma elite aristocrática, rica e burguesa, apresentando aspectos preservados até hoje nas praças formais, tais como: passeios, chafarizes, jardim, bancos e canteiros de grama.

Foto 9: Place des Vosges em Paris. Imagem aérea, vista de topo da Praça.



Fonte: <https://dicasparis.com.br/2017/06/place-des-vosges-em-paris.html>

### 1.5 Panorama histórico: praças portuguesas

Com o intuito de obter uma compreensão acerca do processo de formação das praças brasileiras, é importante resgatar a tradição urbana portuguesa, pois assim é possível observar as influências que carregamos até hoje na maioria das praças históricas do nosso país. A formação do núcleo urbano, sofre interferência direta na praça, como elemento urbano que estrutura a cidade. Tal estrutura, segue nas vias, ruas principais, traçados, edificações institucionais entre outros, e está sujeita também à aspectos sociais muito importantes, que delimitam fronteiras e hierarquias de acordo com o uso e a forma de apropriação pela sociedade em cada camada de tempo.

A propósito, Caldeira (2007, p. 39), cita Teixeira (2000) para lembrar quenahistória do urbanismo português, a formação das cidades tem origem em duas vertentes: uma vernácula, tradicional, apoiada nos processos de formação característicos das cidades medievais, e outra erudita, cujas bases fundamentaram-

se na concepção de sistemas ortogonais.

Esses traçados urbanos regulares, começam a ser construídos, a partir do século XV nas ilhas atlânticas, e no Brasil a partir do século XVI. A crescente regularidade e geometrização do urbanismo de origem portuguesa, se expande para o Brasil, entre os traçados urbanos quinhentistas e seiscentistas. O triunfo e predomínio da racionalidade sobre princípios vernáculos de estruturação urbana, é encontrado em ambos os países, Brasil e Portugal, nos traçados setecentistas, que se adequam cada vez mais aos projetos urbanísticos formais e eruditos, distanciando-se mais ainda, da espontaneidade da praça, vista na Idade Média, na Ágora e no núcleo central dos povos originários. Caldeira (2007), dá detalhes sobre os aspectos eruditos da praça:

Nos traçados urbanos setecentistas, as praças adoptam de raiz uma **forma regular octogonal, localizam-se no centro da malha urbana e são pensadas de início como o centro da cidade, em termos simbólicos, funcionais e espaciais**. As praças deixam assim de ser espaços que nalguns casos quase se poderiam considerar residuais, não fossem as importantes funções que neles se localizavam e, pelo contrário, passam a assumir **o papel de geradores da malha urbana**(CALDEIRA, 2007, p.50).

Foto10: Praça Marques de Pombal na Vila Real de Santo Antônio, Portugal. Ao centro deste largo, as formas geométricas apontam para o monumento construído em 1776 em honra do rei D. José I, com uma coroa no topo. E em frente encontra-se a Igreja Matriz da cidade.



Fonte: <https://www.publiturishotelaria.pt/2017/05/22/pestana-anuncia-pousada-portugal-vila-real-santo-antonio/>

A Praça Marquêsde Pombal, ilustrada acima, na Vila Real de Santo Antônio, em Portugal, demarca um modelo típico de praça fechada e regular, de base quadrada, com malha quadriculada e linhas que confluem radialmente para o centro, destacando a presença de um obelisco monumental. As linhas se encerram na

periferia da praça, com arborização contornando o quadrado que forma a base da praça. Assemelha-se muito com o que Caldeira (2007), descreve como forma regular octagonal, identificada na base do Obelisco.

É possível notar semelhanças com o projeto urbanístico original da Praça da Saudade, de 1932, uma vez que os passeios confluem para o centro, onde está localizado o monumento em homenagem à memória de Tenreiro Aranha. No seu entorno se vê a Necrópole São José, construção de extrema importância para a estruturação urbana de Manaus.

A exemplo de praças lusitanas – sobre as novas modelações de praças brasileiras –, há elementos geradores que definem a malha urbana, conforme observado por Caldeira (2007):

Nestas novas fundações, uma praça ou, freqüentemente, duas praças, de forma quadrada ou rectangular e localizadas no centro da povoação constituíam o elemento gerador da estrutura física da cidade. Era a partir delas que se definia o traçado das ruas, e se estruturavam o conjunto da malha urbana, geralmente segundo um sistema ortogonal. Quando se tratava de uma única praça, era nela que se localizava a Igreja, a casa de Câmara e Cadeia e o pelourinho. Quando existiam duas praças, elas destinavam-se a funções distintas. Enquanto numa se localizava a Casa de Câmara e Cadeia e era centrada no pelourinho, na outra localizava-se a Igreja, com o cruzeiro no centro (CALDEIRA, 2007, p.52).

Foto11: Praça do Comércio ou Terreiro do Paço, Lisboa - Portugal. Década de 1970. A praça passa a ser um vasto estacionamento, um dos marcos da modernidade sobreposta a humanidade. Do homem público ao privado.



Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/543950461233540643/>

Sendo assim, as praças portuguesas configuram na estrutura urbana, praças multifuncionais, distintas entre si. Praças de caráter cívico, religioso ou comercial, ganham destaque e imponência regidos pela geometria impecável. É importante ressaltar, a importância não só das praças mencionadas por Caldeira (2007), localizadas em frente à Igrejas, comércios e edifícios públicos, mas também, as praças localizadas em frente à cemitérios, como a Praça da Saudade em Manaus, que mais a frente será abordada, a partir da perspectiva das praças da saudade em território Brasileiro. Caldeira (2007), finaliza, ao entender que: “É a partir desta noção de conjunto que a praça portuguesa deixou sua marca nas vilas e cidades ultramarinas da América (CALDEIRA, 2007, p.54).

### **1.6 Panorama Histórico: praças modernas (Século XV - XVIII).**

O surgimento das praças, sob o ponto de vista da modernidade, é marcado pelo equilíbrio entre as esferas públicas e privadas, iniciando-se o processo de reconfiguração dos espaços públicos. Isso, devido ao desenvolvimento em larga escala da burguesia mercantil e intelectual. Praça e rua, enquanto lugar público do homem e da mulher, vão paulatinamente, perdendo sua força simbólica, reconfigurando-se como aqueles elementos populares, anteriormente geradores de espaços, para se adequar à estrutura urbana do ambiente privado, visto que a burguesia ascendente promove a exacerbação da figura privada. Caldeira (2007), sobre esta transição, revela que a organização dos indivíduos na malha urbana afetou as praças através de:

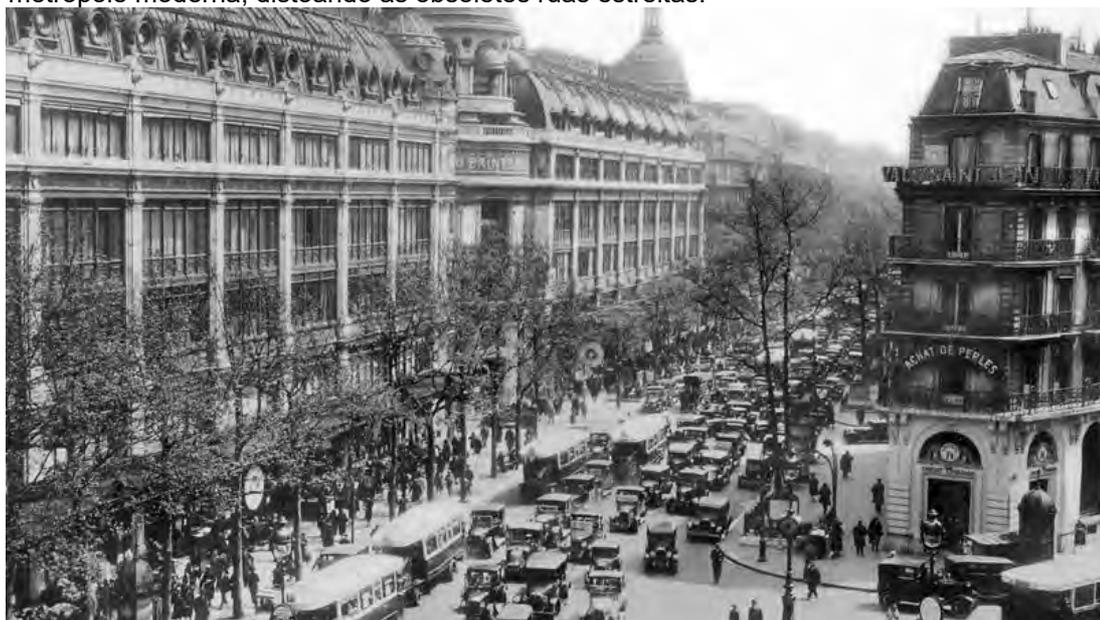
Teatros, bares e cafés tornam-se alternativas a espaços de sociabilidade e firmam-se como instituições no imaginário da sociedade burguesa. A cidade, com as suas galerias, *boulevards* e jardins, torna-se o espaço de afirmação de uma burguesia ascendente (CALDEIRA, 2007, p.30).

Assim, tendo em vista as circunstâncias históricas, na atualidade, vivencia-se o processo de esvaziamento das praças e o deslocamento progressivo do comércio e de atividades coletivas para espaços fechados em meio a ambientes restritos. Do lugar de encontro ao da sociabilidade, há um hiato que hoje demarca o espaço como lugar de passagem, de atravessar e não mais do passear.

Sob o ponto de vista da Paris medieval, sua morfologia se conforma ao papel

de elemento de composição do sistema viário, e, nessa nova configuração do tecido urbano, de acordo com Caldeira (2007, p.33), registram-se os espaços como “lugar de passagem, entroncamento, *carrefour*, *rond-points*”. Ou seja, segundo a autora, duas imagens refletem a dimensão dessa nova metrópole: o *Boulevard* Haussmann e a *Place de l’Etoile – a praça-carrefour*”. As imagens a seguir são sugestivas.

Foto12: Le Boulevard Haussmann, 1927. Uma nova experiência no espaço é gerada ao romper o tecido urbano da Paris medieval. A intervenção de Haussmann instaura o modelo boulevard: ruas largas, longas avenidas e canteiros arborizados, torna-se símbolo da metrópole moderna, distoando as obsoletas ruas estreitas.



Fonte: Rue des Archives/ Suddeustch Zeitung, <https://escolasdaeuropa.blogspot.com/2014/04/histoire-boulevard-haussmann-celebre-114152.html>

Foto 13: Place De L’etoile, Paris. Para se adequar à nova escala urbana, a praça deixa de lado sua função de sociabilidade, ao adquirir novas funções na organização do espaço urbano moderno.



Fonte: <http://www.saintgermaindespres.org/en/sightseeing-details/place-de-l-etoile/208/bussType/6/bussType/8>

A propósito desse exemplo identificado na figura acima sobre a realidade parisiense, a Place De L'etoile expressa o esvaziamento e a perda de tradições culturais, ao anunciar um fenômeno recém-chegado na história da humanidade: a introdução da nova escala da metrópole moderna. A industrialização abre caminhos para expansão em massa da engenharia, que, neste momento, detém-se de ferramentas que facilitam ainda mais o trabalho em série. A paisagem urbana é alterada, com novos mobiliários urbanos para suprir diferentes necessidades, tais como passarelas, para evitar um semáforo. Caldeira (2007) entende que:

Esse processo consolida-se no séc. XX, sobretudo a partir da implantação de planos viários e complexos sistemas de circulação urbana. A instituição de grandes espaços urbanos e de grandes estruturas materializa-se em auto-estradas, viadutos, eixos rodoviários, trincheiras e passarelas (CALDEIRA, 2007, p.33).

A praça assume o papel de um amplo espaço vazio, enquanto que a rua se torna o local do deslocamento e circulação. Cada vez mais dependente de superfícies destinadas ao sistema viário, o espaço público desconecta-se de suas áreas adjacentes e passa a ser sinônimo de falta de segurança e violência, cujas situações foram historicamente engendradas ao longo do processo modernizador. Por isso, a busca elevada em locais fechados e privados como estratégias acionadas para garantir a segurança interna. Caldeira (2007) traz informações importantes ao debate, uma vez que:

[...] a escala monumental da cidade ainda prevalece, porém, associada à “policentralidade” e ao reconhecimento das diversidades dos espaços locais. Para uma real valorização dos espaços públicos, as estratégias deveriam fundamentar-se na “recuperação da dimensão simbólica” a partir da identificação dos “espaços urbanos de referência cidadina”. O objetivo principal seria “fazer dos lugares de conexão ou nós, um lugar simbólico, um *hito* cívico”, atribuindo “características de ponto focal, ou seja: monumentalidade, multifuncionalidade, intercâmbio, lugar de encontro e de expressão” (CALDEIRA, 2007, p.35).

A “concentração complexa e caótica da praça” denominada por Bakhtin, com os processos de industrialização sob a lógica do capitalismo, afastam o homem da natureza, do lugar público e o inserem no privado, fechado, limitado, portanto, a poucas pessoas, contrariando-se a utilização de espaços como direito e alcance de todos. Logo, a praça passou por um processo de esvaziamento, que de acordo com o autor José Vicente de Souza Aguiar (2002), no seu livro “Manaus: praça,

café, colégio e cinema nos anos 50 e 60”, afirma que: “Identificamos, então, no decorrer da história da praça um processo de remodelação de sua característica inicial, que foi a de abrigar a diversidade, caminhando para o lugar do anonimato” (AGUIAR, 2002, p.60).

Neste processo de transição do público ao privado, Aguiar (2002), recorre às reflexões de Camillo Sitte (1889) para identificar que no passado as belas praças não satisfariam apenas uma exigência estética. E afirma:

Camillo Sitte estava convencido de que aquela disposição esteticamente exigente era antes de tudo decorrência do intuito de circunscrever um espaço próprio a vida pública (...). Em contrapartida, nas cidades reurbanizadas do século XIX, as praças estariam sendo substituídas por espaços pura e simplesmente exteriores, vazios residuais, impróprios para uso coletivo. Quase sempre superdimensionados, tais espaços desérticos (por mais povoados que se apresentem) seriam responsáveis por uma nova ‘doença nervosa’, característica dos tempos modernos, provocada em larga medida pela ausência de pontos de referência, síndrome que Sitte passou a chamar de *agorafobia* (AGUIAR, 2002, p. 60).

O capitalismo desenfreado e as exigências que a industrialização requer às cidades rompem com a ideia inicial do lugar da praça pública para preencher as novas necessidades impulsionadas por este novo desejo de cidade. As praças da Antiguidade à Idade Média Barroca foram concebidas para dar espaço a reunião da coletividade local, onde vivenciavam-se os principais acontecimentos da vida urbana. A praça antiga, conforme Otilia Arantes: “era uma espécie de imagem pública em que o habitante se reconhecia enquanto homem livre” (ARANTES, 1993, apud AGUIAR, 2002, p.61).

A industrialização resultou em um processo de estranhamento do homem moderno ao lugar público, que até hoje é possível notar na vida cotidiana, em que os *shopping centers* detêm muito mais atenção e movimentação do que as praças públicas. Neste sentido, Aguiar (2002, p.61) ressalta que a industrialização e liberdade não se coadunam para proporcionar ao homem “condições para exercer sua potencialidade criadora dentro dos logradouros públicos, pois esses lugares passaram a representar o *locus* do estranhamento”.

Sobre essa sensação de estranhamento, Arantes, citada por Aguiar, retoma o conceito de *Sitte*, quando este diz se tratar de uma *agorafobia* que, para a autora, essa expressão “corresponde a uma mudança radical nos rumos da vida na cidade, que refluía dos espaços públicos para os interiores, para recintos fechados”

(ARANTES, 1993, apud AGUIAR, 2002, p.61). Tendo por base esse pressuposto, Aguiar enfatiza:

Poderíamos dizer, então, que o processo de modernização, aqui entendido como o desenvolvimento da produção capitalista, trouxe o estranhamento entre o homem e os lugares públicos e que, portanto, ajuda a compreender a relação do homem com a cidade (AGUIAR, 2002, p.61).

Esta relação do homem com a cidade, demonstra a necessidade do sujeito criador de controlar as manifestações sociais em seus ambientes construídos, visto que, paulatinamente, as praças tiveram seu uso e sentido alterados por influência do processo de industrialização, dando espaço à “agorafobia”. Trata-se de um fenômeno até hoje muito comum e que revela densidades provocativas para esta pesquisa, pois, tal fenômeno, gestado por estratégias das classes dominantes em ascendência, é o responsável por tornar lugares públicos em ambientes fantasmagóricos, evitando-se a livre circulação por esses ambientes.

Ao recorrer também ao conceito de Sitte, Caldeira (2007, p.35), referindo-se à “mania de espaços abertos”, ressalta que na rua larga escapa aos olhos as amplas praças – isoladas de edifícios e seres humanos –, produzindo nos homens modernos “uma nova neurose: a *agorafobia (Platzscheu)*”. Ou seja, com medo de atravessar vastos espaços urbanos, as pessoas sentem-se diminuídas pelo espaço, impotentes, portanto, frente ao isolamento a que eles foram entregues sob o domínio destes elementos da contemporaneidade.

### **1.7 Praça Contemporânea (Século XVIII – XXI).**

De acordo com os assuntos em questão, é possível afirmar que as praças, no decorrer da história, vão assumindo novos elementos opostos à necessidade do encontro espontâneo. Fixados por necessidades estéticas e urbanísticas, nem sempre esses locais consideram a aglomeração coletiva de um público representado por distintas classes e condições sociais.

Na imagem abaixo, trago um nítido exemplo de como o projeto arquitetônico e urbanístico é excludente em relação às pessoas em situação de rua. Vítimas do negado direito de pertencimento à moradia digna, o fenômeno de ocupação às praças, de modo geral, percorre realidades cujas cidades trazem como marca daqueles que não têm escolha senão a de *estar lá*. O logradouro é a *casa*; local que

ao invés da sociabilidade, expressa a falta de sensibilidade para com o problema social global da falta de moradia. Neste aspecto, o espaço, assim ocupado, é visto como impróprio para o uso coletivo; uma ideia higienista oriunda da *branquitude* que se atém à estética “limpa”. É deslocar a raiz do problema para o sujeito desprovido de moradia que “ousa” utilizar um banco para descanso e pernoite.

Destacando os estudos de Sennet e Giddens sobre as mudanças ocorridas por conta do processo de reestruturação e utilização do uso múltiplo de praças, Aguiar (2002) advoga que:

Com o declínio do homem público, como ocorre na análise de Richard Sennett, para quem “...a natureza de uma praça pública...é a de mesclar pessoas e diversificar atividades” (1995: 26). As mudanças ocorridas nas funções das praças foram identificadas tanto em Londres quanto em Paris. O processo de reestruturação “(...) refreou a própria praça como um lugar central de uso múltiplo, reunião e observação” (1995:77). Nessa abordagem, a praça deixou de ser um território livre para fazer parte do planejamento urbano da cidade na perspectiva da geopolítica, visando estabelecer o controle social, como está presente em Giddens e Sennett” (AGUIAR, 2002, p. 63).

Foto14: Banco de Londres na Tower Hill Bench.



Fonte: James Furzer [https://www.archdaily.com.br/br/867618/quao-agressiva-pode-ser-a-arquitetura-em-relacao-ao-espaco-publico-e-aos-moradores-de-rua?ad\\_medium=gallery](https://www.archdaily.com.br/br/867618/quao-agressiva-pode-ser-a-arquitetura-em-relacao-ao-espaco-publico-e-aos-moradores-de-rua?ad_medium=gallery)

Contudo, as circunstâncias advindas da contemporaneidade registram novas perspectivas e rumos. Recentes mudanças nas políticas de intervenção urbana

trouxeram para o debate a questão da retomada de logradouros públicos. Revitalizações de espaços históricos foram executadas. Em Manaus, a partir dos anos 2000, o centro histórico foi restaurado, atraindo a atenção de turistas. O espaço da praça é resgatado, e ganha mais força como representação simbólica dos espaços coletivos.

A partir da expectativa por “qualidade de vida”, a praça ressurgiu, em face da diversidade de configurações urbanas existentes, como um *locus* privilegiado da cidade, principalmente por abrigar diferentes públicos e atender suas diferentes funções. Segundo Caldeira (2007), as praças:

Constituem, também, tema central dos debates que envolvem a cena urbana contemporânea. Essa importância pode ser constatada nas políticas de intervenção, nas quais a praça aparece como elemento fundamental. Busca-se resgatar valores históricos, evidenciando certa nostalgia de significados perdidos tanto na escala arquitetônica quanto na escala urbana (CALDEIRA, 2007, p.4).

A tendência urbanística em revitalizar espaços públicos, aos poucos, surge em diversos países espalhados pelo globo. Em São Paulo, o Minhocão é humanizado para espaço de convivência. As ciclovias aproximam as pessoas da cidade, das ruas e praças. Em Portugal, a Praça do Comércio deixa de servir como estacionamento, para ser referência em eventos culturais. Entretanto, essa mudança de pensamento ainda é muito recente e somente nas últimas duas décadas é que vimos transformações profundas, afinal, por vários períodos, a praça deixou de ser referência social, demarcando um ponto de inflexão na história da praça. Em Manaus, há poucos anos, a Praça do Paço, cartão postal do centro da cidade, passou a ter seus próprios eventos e feiras gastronômicas com artistas nacionais e de acesso gratuito, convocando as multidões para a rua. Caldeira (2007), destaca que:

Em vários países, políticas urbanas destacam a questão da melhoria da qualidade de vida nas grandes cidades por meio do resgate de espaços públicos e coletivos, assim como de estruturas arquitetônicas degradadas. Assim, projetos de intervenção em conjuntos urbanos ou áreas de praças têm ocorrido com maior frequência. A recuperação da Praça XV de Novembro, do Largo do Carmo, e o projeto Rio-Cidade, cujo programa incluía a intervenção em dezenas de praças, no Rio de Janeiro; o projeto do conjunto cultural da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte; a intervenção na Praça da Sé, em São Paulo; a reforma do conjunto do Pelourinho, em Salvador, são amostras da sintonia que regem os processos de intervenção urbana (CALDEIRA, 2007, p.5).

Tendo em vista as transformações na paisagem urbana, a partir do enfraquecimento da vida pública, Caldeira (2007, p.35) lembra que Sennet denominou a sociedade contemporânea como “intimista” ao identificar, no século XIX, os fatores sociais que culminaram na extinção do Império assim como o lento surgimento e valorização da República. Lembra ainda o autor que, segundo questiona Borja e Muxi, trata-se de uma ordem de fatos em que se estaria diante de uma “síntese entre Sitte e Le Corbusier”, na qual a escala monumental da cidade ainda prevalece, porém, associada à “policentralidade” e ao reconhecimento das diversidades dos espaços locais (CALDEIRA, *ibid.*).

Esse processo de retomada de poder social da praça demonstra uma reação aos grandes planejamentos urbanos paradigmáticos do século XX. Sobre este processo, Caldeira (2007) afirma que:

Para uma real valorização dos espaços públicos, as estratégias deveriam fundamentar-se na “**recuperação da dimensão simbólica**” a partir da identificação dos “espaços urbanos de referência cidadina”. O objetivo principal seria “fazer dos lugares de conexão ou nós, um lugar simbólico, um *hito* cívico”, atribuindo “características de ponto focal, ou seja: monumentalidade, multifuncionalidade, intercâmbio, lugar de encontro e de expressão” (CALDEIRA, 2007, p.35).

A monumentalidade, expressa nas mudanças profundas e perceptível, por exemplo, na dimensão que o sistema viário ocupa na cidade, evidenciada em escala nunca vista antes. Viadutos e eixos viários impõem-se no desenho de cidades como em Los Angeles ou em Brasília, com contornos exemplificados nas imagens abaixo. A expansão da indústria automobilística contribuiu muito para este processo, alterando o desenho da cidade para atender principalmente, os carros. Cidades planejadas para máquinas, dirigidas por pessoas.

Foto15: Viaduto Judge Harry Pregerson, Los Angeles.



Fonte: <http://int-pub-coletivo-brenda-1sem-2011.blogspot.com/2011/03/complexos-viarios-em-xangai-los-angeles.html> acesso em Maio, 2020

Foto16: Imagem aérea de Brasília mostra via L2 e "tesourinhas" — Foto: TV Globo/ Reprodução.



Fonte: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/02/13/gdf-abre-licitacao-para-reformar-viadutos-das-tesourinhas-e-da-n2.ghtml> acesso em Maio, 2020.

A trilha percorrida ao longo dessas discussões aponta caminhos que embasam esta dissertação, visando, entre outras análises, corresponder às expectativas em relação a esse processo da praça urbana enquanto ressignificação

do espaço público. Tal processo nos instiga imaginar a cidade contemporânea retomada pelo uso de seus elementos urbanos em detrimento dos marcos atuais como shoppings, viadutos e vias expressas. É importante ressaltar o trabalho de reafirmação da praça enquanto papel principal em que o espaço da cidade, expressa sua vocação para receber o coletivo e toda diversidade que o abarca.

Este exercício teórico permitiu a compreensão sobre o uso e sentido das praças, que, conforme o tempo, foram alterados afastando-se do uso coletivo da praça entre o período Medieval e Renascentista, dando lugar à uma estética higienista devido à industrialização. Trata-se de algo fantástico, cuja tessitura desse arranjo serve de “colírio” aos olhares de uma burguesia em ascensão.

Sob o ponto de vista da realidade brasileira, convém ressaltar que, para esta pesquisa, nosso interesse vai para além da análise sobre a Praça da Saudade em Manaus. Visando o entendimento sobre o aspecto arquitetônico de outras cidades, pretendeu-se, aqui, compreender a complexidade tanto do sentimento da saudade quanto da vontade guiada por este sentimento que se expressa nas particularidades do projeto racional urbanístico da praça pública.

Como apontado no tópico subsequente, é possível perceber que no Brasil as peculiaridades regionais indicam que nem todas as praças passaram por esse processo de esvaziamento e estranhamento ao lugar público. Então, em que pese resguardar as circunstâncias distintas, acredita-se que a Praça da Saudade, em Manaus, funciona como um organismo vivo que oxigena tanto a vida cultural quanto a própria comunicação e seus desejos através dos tempos.

## **1.8 Praças da Saudade no Brasil**

De maneira micro, aqui apresentamos a Praça da Saudade em Manaus, Amazonas. Mas, no macro contexto, existem outras praças da saudade no Brasil? Este questionamento apareceu por vezes durante o trilhar em companhia da minha orientadora. E os resultados obtidos não se tratam de uma mera coincidência.

Ao pesquisar praças da saudade através do Google Maps, ferramenta online, que apresenta os mapas do mundo, o resultado foi chocante: de 51 praças da saudade espalhadas pelo nosso país continental, 40 são localizadas até hoje de frente, nas proximidades ou até mesmo dentro de cemitérios.

Essa relação ecossistêmica de protocoperação equilibra os sentimentos e energias na cidade. Ao mesmo tempo em que um cemitério traduz tristeza, dor e sofrimento, por outro lado, uma praça da saudade é erguida, antagonicamente, para produzir alegria, para apaziguar as emoções e evocar sentimentos aconchegantes, quentes, afetuosos na nossa memória. Uma tradição antiga que segue a regra: para cada cemitério construído, é necessária uma praça da saudade para completá-lo. Abaixo, apresentamos dados em gráfico sobre esta dimensão de praças da saudade no nosso país.

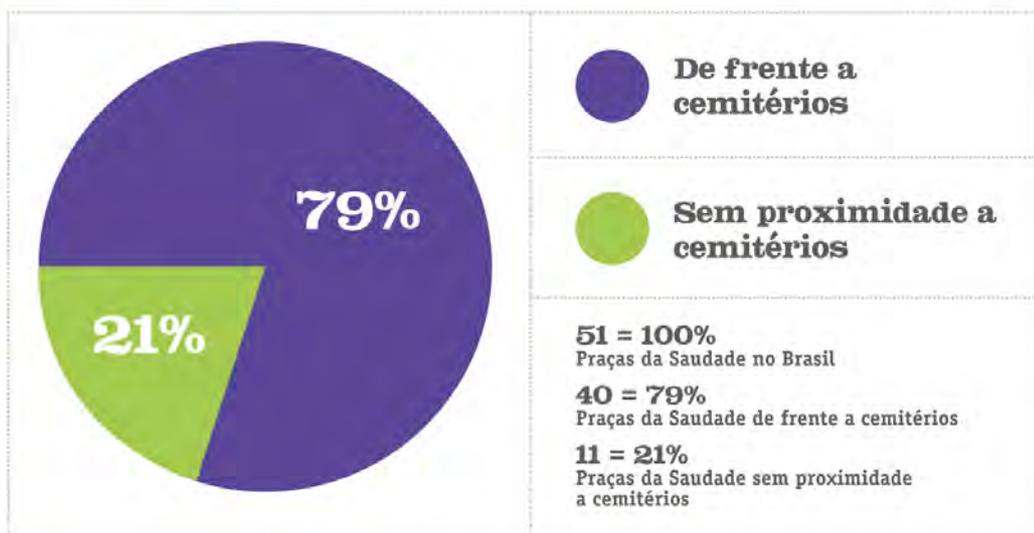
Figura 14: Gráfico apresentando a distribuição de praças da saudade pelo Brasil.



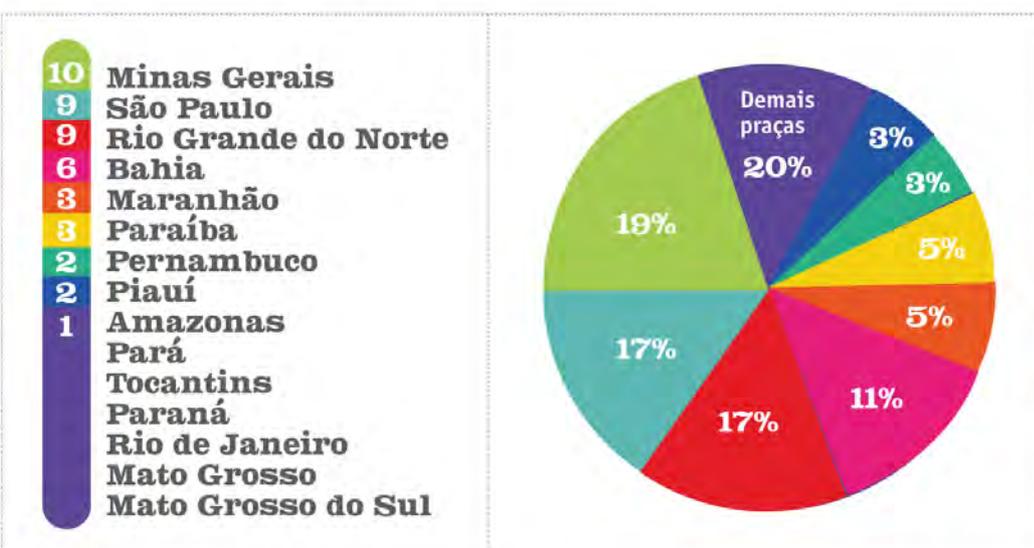
Fonte: Autor (2020).

Figura 15: Gráfico fatiado demonstrando a porcentagem de praças da saudade de frente a cemitérios e praças da saudade no Brasil por estado.

## Praças da Saudade no Brasil de frente a cemitérios



## Praças da Saudade no Brasil por Estado



Fonte: Autor (2020).

Figura 16: Lista completa com as praças da saúde no Brasil divididas por estado, cidade, localização e o cemitério mais próximo (quando houve).

## **NORTE**

### **Amazonas**

1. Manaus - Centro

### **Pará**

2. Oriximiná  
(Cemitério Nossa Senhora das Dores)

### **Tocantins**

3. Paraíso do Tocantins  
(Cemitério Bom Jesus)

## **CENTRO-OESTE**

### **Mato Grosso**

1. Rondonópolis - Centro

### **Mato Grosso do Sul**

2. Nova Andradina  
(Cemitério Santa Bárbara)

## **SUL**

### **Paraná**

1. Arapongas  
(Em frente ao Cemitério Municipal)

## **NORDESTE**

### **Maranhão**

1. São Luís - Codozinho  
(Em frente ao cemitério do Gavião)
2. Barreirinhas - R. Praça da Saudade  
(Em frente ao Cemitério Municipal)
3. Morros  
(Em frente ao Cemitério Municipal)

### **Bahia**

4. Igaporã  
(Em frente ao Cemitério Municipal)
5. Botuporã
6. Ibicoara
7. Vitória da Conquista  
(Em frente ao Cemitério da Saudade)
8. Boa Vista do Tupim  
(Em frente ao Cemitério Municipal Jardim da Saudade)
9. Jandaíra

### **Piauí**

10. Teresina - Vermelha  
(Em frente ao Cemitério da Vermelha)
11. Francisco Ayres  
(Próximo ao Cemitério Municipal)

### **Rio Grande do Norte**

12. Itaú  
(Em frente ao Cemitério Municipal)
13. Macaíba  
(Cemitério São Miguel)
14. Monte Alegre  
(Em frente ao Cemitério Municipal)
15. Taboleiro Grande  
(Em frente ao Cemitério Municipal)
16. Viçosa
17. Messias Targino  
(Cemitério Público)

### 18. Arês

(Cemitério Histórico 1822)

### 19. São José de Mipibu

(Em frente ao Cemitério Municipal)

### 20. Mossoró - Doze Anos

(Cemitério São Sebastião)

### **Paraíba**

#### 21. Serra Branca

(Em frente ao Cemitério Público de Serra Branca)

#### 22. Monteiro

#### 23. Umbuzeiro

(Em frente ao Cemitério Santo Antônio)

### **Pernambuco**

#### 24. Buíque

(Em frente ao Cemitério Municipal)

#### 25. São José do Belmonte

## **SUDESTE**

### **São Paulo**

1. Barueri - Vila São Francisco  
(Cemitério Municipal Álvaro Quintero Vieira)
2. Guarulhos - Vila Hulda  
(Cemitério Islâmico + Cemitério São Judas Tadeus)
3. São Bernardo do Campo - Jardim Maria Adelaide  
(Cemitério Municipal da Vila Euclides)
4. Itacaré - Vila Jurandir  
(Cemitério Municipal)
5. Itu - Chácaras Reunidas Ipê  
(Cemitério Municipal de Itu)
6. Igarapava - Lot. Maria da Conceição  
(Em frente ao Cemitério Municipal)
7. São Bernardo do Campo - Jardim do Mar  
(Cemitério Municipal de Vila Euclides)
8. Cristais Paulistas  
(Cemitério Público Municipal de Cristais Paulistas)
9. Conchas - Vila São José  
(Em frente ao Cemitério Municipal)

### **Minas Gerais**

10. Belo Horizonte - Santa Branca
11. Matias Cardoso  
(Em frente ao Cemitério da Saudade)
12. Alfenas - Parque das Nações  
(Em frente ao Cemitério Municipal de Alfenas)
13. Ritópolis - Terra natal de Tiradentes  
(Em frente ao Cemitério Municipal)
14. São Sebastião do Paraíso - Braz  
(Cemitério Municipal)
15. Guaraniésia - Jardim Renovação  
(Em frente ao Cemitério Municipal)
16. Gouveia  
(Em frente ao Cemitério Municipal)
17. Ituiutaba - Centro  
(Em frente ao Cemitério São José)
18. Passos - Centro  
(Em frente ao Cemitério Municipal)
19. Estrela do Indaiá

### **Rio de Janeiro**

20. Niterói - Maria Paula

Fonte: Google Maps (2020).

A vasta existência de praças da saudade nas regiões Nordeste e Sudeste, é esclarecida por Silveira (2007), ao entender que:

[...] no território brasileiro a saudade aparece com mais força no Nordeste e em lugares como Bahia, Ceará, Minas Gerais, que em outras regiões como Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Isso se explica pela colonização italiana e alemã divorciando-se da tipicamente portuguesa do Nordeste. Manuel Bandeira corrobora esta idéia em seu poema Evocação do Recife ao dizer numa estrofe: “Atrás da casa ficava a rua da Saudade...” Um lugar onde a saudade é mais sentida, onde aparecem ruas, rios e pontes com seu nome estampado em placas pelo caminho (p.33).

Figura 17: Esquema com os números relativos a informações válidas sobre as praças da saudade pelo Brasil.



Fonte: Google Maps (2020).

Este fenômeno urbano, um tanto peculiar e para alguns até estranho, é capaz de transformar o sentido da morte dentro da nossa sociedade, e especificamente em Manaus, a história da praça da saudade é guiada também

pelo cemitério São José, que antecede sua história. Para isso, é necessário reencontrar não o nosso passado, mas sim nosso possível futuro.

### **1.9 Manaus: antecedentes históricos do Amazonas**

Com o intuito de promover uma conscientização sobre a história da praça, faz-se necessário uma contextualização da situação histórica de Manaus. Afinal, a Praça 5 de Setembro recebe este nome devido à data da elevação do Amazonas à categoria de Província. Sendo assim, é necessário explanar e pesquisar sobre os antecedentes históricos do nosso Estado e, assim, obter compreensão aprofundada sobre o tema, visto que, houve momentos de importantes transições, por exemplo, do Brasil Império ao Brasil República, e seus impactos extensivos à cidade de Manaus. A pesquisadora e historiadora Etelvina Garcia, traz documentos que resgatam nosso passado, contribuindo com informações extremamente importantes e confiáveis.

Ainda em 1848 – dezessete anos anteriores à inauguração da Praça da Saudade –, a lei nº 145, de 24 de outubro do ano em curso, da Assembléia Provincial do Pará, elevou a vila da Barra do Rio Negro à Cidade de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro, posteriormente, a cidade de Manaus. A lei é decretada pelo então presidente da Província do Grão-Pará, Jeronimo Francisco Coelho.

Dois anos após, em 1850, por pressão do defensor da criação da Província do Amazonas no Parlamento Imperial, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, D. Pedro II sanciona a Lei nº 582 de 5 de setembro de 1850, criando a Província do Amazonas. Devido ao destaque político que recebeu na época, o deputado paraense João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha foi nomeado o primeiro presidente da nova província, através de carta assinada pelo Imperador nove meses depois (7 de julho de 1851). Entretanto, no dia seguinte após a Lei nº 582, 6 de setembro de 1850, o projeto de Lei nº 586, que, de acordo com Garcia (2005), reflete novas mudanças na Província:

Firme defensor da criação da Província do Amazonas no Parlamento Imperial, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha era o autor do projeto que originara a Lei nº 586, sancionada pelo Imperador D. Pedro II no dia 6 de setembro de 1850, autorizando o Governo a “estabelecer a navegação a

vapor no Amazonas e águas do Pará, até as províncias vizinhas e territórios estrangeiros confinantes” (GARCIA, 2005, p.28).

Naquela época, foi uma grande mudança para a cidade de Manaus estabelecer a navegação a vapor. Todavia, isto não era suficiente para o Pará e províncias vizinhas alavancarem a economia do Estado. Por isso, a Lei 586 permite ao Governo Imperial contratar a Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas, pertencente ao Barão de Mauá, sendo feito o repasse de incentivos. De acordo com Garcia (2005), tais recursos foram garantidos através do Decreto 1.037, de 30 de agosto de 1852, com o propósito de: “explorar com exclusividade, por 30 anos, os serviços regulares de navegação comercial a vapor entre Belém e Barra do Rio Negro, e daí até Nauta, na foz do Ucaiale, território peruano” (GARCIA, 2005, p. 36).

O navio Marajó ficou responsável pela missão de realizar a primeira viagem. A diferença de tempo que a navegação a vapor promovia, na época, era gigantesca: deslocou-se de Belém, no dia 1 de janeiro de 1853 e chega à cidade da Barra do Rio Negro no dia 11 de janeiro de 1853, reduzindo para dez dias o tempo de percurso entre as capitais, que antigamente costumava levar, em média, três meses para conclusão do trajeto. Assim, a economia passou a apresentar melhorias significativas. Segundo Garcia (2005):

Os efeitos da navegação a vapor sobre a economia regional foram surpreendentes. Naquele ano, a borracha apareceu pela primeira vez na pauta de exportações da Província do Amazonas – e não tardou em ganhar liderança. Entre 1853 e 1860, as exportações de borracha tiveram um incremento de cerca de 1.400% (GARCIA, 2005, p.36).

Em decorrência de tais fatos históricos, a sociedade manauara estava desenvolvendo condições necessárias para o nascimento da imprensa no Estado do Amazonas. Isso, no dia 3 de maio de 1851, registra-se o primeiro jornal que circulou na cidade da Barra do Rio Negro: o jornal Cinco de Setembro, tido como o primeiro periódico editado no Estado. Obviamente, o título era uma homenagem à data histórica da criação da Província do Amazonas. Porém, Garcia (2005) afirma que:

O Cinco de Setembro teve vida curta. A partir de 7 de janeiro de 1852, o título do jornal foi trocado por outro que o editor considerou ainda mais significativo: A Estrella do Amazonas. As razões da mudança do nome estão no editorial do primeiro número da Estrella, e com elas a esperança

de “merecer a proteção do Exmo. Governo da Província, sem o que não poderemos continuar (GARCIA, 2005, p.30).

E assim como o “Cinco de Setembro”, o jornal “A Estrela do Amazonas” circulou pela última vez em 30 de junho de 1866, com apenas quatro anos de duração. Em seguida, entra em cena o jornal “O Amazonas”, em 9 de julho daquele mesmo ano, editado por Antônio Cunha Mendes. Este, sim, teve longa participação na história da Imprensa amazonense, mantendo-se em circulação até 1921.

Assim, tais mudanças na comunicação da cidade foram implementadas, visto que a cidade já tinha sua importância e maior autonomia quanto à paisagem urbana. Cinco anos após a inauguração da Praça da Saudade, em 1870, no dia 7 de abril, o primeiro serviço de iluminação pública foi instalado, com 60 lampiões a querosene. Garcia, amparada em documentos históricos<sup>1</sup>, ressalta que os lampiões eram: “[...] acessos diariamente, desde meia hora depois do pôr do sol, até cinco horas da manhã, exceto nas noites de luar, em que durarão acesos até meia hora depois da saída da lua” (GARCIA, 2005, p.39).

As rendas da Província, com a abertura da navegação a vapor, só aumentam “de ano para ano” segundo o presidente Wilkens de Mattos à Assembleia Legislativa Provincial em 25 de março de 1870. Entre 1866 e 1869, a arrecadação havia saltado um crescimento de 50% em três anos, de 227 contos de réis para quase 341 contos de réis. Assim, mesmo ainda modestos, os recursos eram capazes de investir em obras públicas que começariam a transformar o contexto urbanístico da cidade (cf. GARCIA, 2005, *ibid.*).

Todavia, o Amazonas com sua diversidade ecológica, é o local ideal para seringais e extração da borracha, de maneira tão impressionante, que foi capaz de atender ao mercado mundial. Mas para chegar ao nível internacional, era necessário que a abertura do rio Amazonas aos navios estrangeiros fosse realizada pela Província. Dito e feito, em 7 de dezembro de 1866, o Decreto 3.749, assinado por D. Pedro II, libera a navegação no rio Amazonas a todas as nações, sendo validado somente no ano seguinte, em 7 de setembro. Assim, a economia foi capaz de alcançar novos patamares, afinal, a Revolução Industrial do século XVIII aumentou

---

<sup>1</sup>Garcia reporta-se aos primeiros serviços de iluminação pública, sob a responsabilidade de João Wilkens de Mattos, presidente da Província do Amazonas (Relatório à Assembleia Legislativa Provincial, em 25 de março de 1870, p. 29). Typographia do Amazonas, de Antônio Cunha Mendes. Manaus, 1870 (consultar: GARCIA, 2005, p. 39).

consideravelmente a demanda por borracha no mercado internacional, segundo Garcia (2005):

Desde o final dos anos 1870 até as vésperas da 1ª Guerra Mundial, a borracha dos seringais amazônicos supriu em nível quase absoluto as demandas da indústria mundial de pneumáticos, equipamentos médico-cirúrgicos, energia elétrica, transportes, comunicações e outros segmentos tecnologicamente inovadores essenciais à modernização das sociedades (GARCIA, 2005, p.42).

Com a ampliação da produção dos seringais amazônicos, a oferta de trabalho aumentava do dia para a noite. Assim, muitos imigrantes nordestinos vieram para o Amazonas em busca de melhores condições. Contudo, o Decreto 3.749 limitava-se ao rio Solimões e entre outras limitações que explicam o porquê de somente sete anos depois (25 de março de 1874), o primeiro navio estrangeiro chega em terras manauaras: um barco a vela de bandeira dinamarquesa.

Garcia (2005, p. 42) relata que empresário Alexandre Amorim foi responsável pelo pioneirismo da navegação a vapor entre Manaus e Europa, isso porque, em 1874, Amorim incorporou na Inglaterra a Liverpool and Amazon Royal Mail Steam Ship Company Ltd. responsável pela linha Liverpool – Manaus – Liverpool. Neste mesmo ano, chegou a Manaus o navio a vapor Mallard, de belo porte, fretado por ele na Inglaterra e arqueamento de 599 toneladas. Com o passar dos anos, outras duas firmas passaram a receber subsídios da Província do Amazonas, que, segundo Garcia:

Em 1883, duas firmas inglesas recebiam subsídios da Província do Amazonas para manter linhas regulares de navegação de longo curso para a Europa e os Estados Unidos: a Singlehurst Brocklehurst (linha Liverpool – Manaus – Liverpool) e a Booth Steamship Company (linha Nova York – Manaus – Nova York) (GARCIA, 2005, p.42).

Esses acontecimentos de forma direta ou indireta estão associados ao surgimento da Praça da Saudade, cujo espaço de tempo, precisamente, percorre os anos de 1865 até os dias de hoje. Daí a importância da retomada de fatos históricos que incidem sobre os motivos pelos quais a praça se insere no contexto urbanístico da cidade de Manaus. E, mesmo em face dos piores acontecimentos, das grandes epidemias e guerras, a praça resiste aos dias atuais, agregando tais registros vinculados à sua própria história. Aliás, o mergulho nessa trajetória permite não só para a compreensão do surgimento da praça, mas tais fatos servem também ao

propósito de termos, embora que brevemente, o franco entendimento sobre a formação histórica da nossa cidade.

Para além disso, podemos notar no contexto histórico de Manaus, os reflexos que o fim do Império, em 15 de novembro de 1889, acarretou para o Estado do Amazonas. Manoel Francisco Machado, Barão do Solimões, o último Presidente da Província, foi deposto através do Clube Republicano do Amazonas que elegeu a junta do governo provisório, assim que a notícia da proclamação da República chega a Manaus no dia 21 de novembro de 1889.

Com a República instaurada, mudanças político-administrativas são tomadas. O surgimento do que mais tarde passa a ser a Prefeitura de Manaus, foi criado a partir do decreto nº 1, baixado por Villeroy, em 8 de janeiro de 1890, que dissolve a Câmara Municipal de Manaus e cria o Conselho de Intendência Municipal, que segundo Garcia (2005, p. 64): “[...] com poderes para governar o município, “até definitiva Constituinte dos Estados Unidos do Brasil ou antes, se assim convier”. O município passa a ter sua própria autonomia com a terceira Constituição Política do Estado do Amazonas, promulgada em 23 de julho de 1892, que promove a separação entre o poder legislativo e o executivo, exercido pelo Superintendente (prefeito), Leovegildo Coelho.

Enquanto isso, no Governo Estadual, surge a figura imprescindível para a fisionomia urbana de Manaus: o Governador do Amazonas, Eduardo Ribeiro, maranhense, 28 anos, vinculado ao pensamento positivista de Augusto Comte, governou por três vezes o Amazonas e seria reconhecido pela sua eficiência enquanto administrador público do Estado. Uma vez em que Eduardo Ribeiro entra na cena política do nosso estado, o Amazonas está amplamente favorecido pelo aumento da arrecadação estadual, em pleno apogeu da economia da borracha. Deste modo, o Governador possibilita uma grande revolução urbanística e arquitetônica, que conferiu a Manaus o título de “A Paris dos trópicos”. A condição econômica do Estado durante este período foi o mais próspero que se pode desejar. Logo, o Governador estimula e impulsiona o projeto urbanístico que muda a paisagem urbana de Manaus. Construiu edifícios públicos magníficos, novos prédios comerciais, aterros e desaterros, praças, ruas, avenidas, moderniza a infraestrutura urbana e esteticamente, traz ao cenário da cidade, belíssimas residências

senhoriais. Um dos grandes escritores que retrata a Manaus do período áureo da borracha foi Euclides da Cunha, segundo Garcia (2005), ao afirmar que Manaus:

Enriquecida da noite para o dia, a cidade fazia e desfazia ilusões; tomava ares cosmopolitas – e intrigava os espíritos críticos. Euclides da Cunha, que em 1905 viveu quase sete meses em Manaus, a serviço da Comissão de Limites Brasil-Peru, disse em carta a Domício da Gama: [...] “Cidade meio caipira, meio europeia, onde o tejuar se achata ao lado de palácios e o cosmopolitismo exagerado põe ao lado do yankee espigado [...] o seringueiro achamboado, a impressão que ela nos incute é a de uma maloca transformada em Gand” (GARCIA, 2005, p.65).

O contexto histórico da primeira camada da “Praça da Saudade”, gira entorno dos fatos históricos mencionados acima. É possível visualizar a história da cidade que enriqueceu, literalmente, da noite para ao dia. E mesmo em virtude do apogeu da borracha, levaram 67 anos para a praça fazer parte do projeto urbanístico e deixar de ser apenas um descampado; um grande vazio na malha urbana. A população de Manaus também é um fator a ser levado em consideração, pelo fato de revelar dados importantes sobre cada camada de tempo da praça, como ressaltam-se os saltos de crescimento populacional, por exemplo, de 1960 a 1970, em que a população duplicou, de 175.343 para 314.197, assim, sucessivamente, até os dias atuais.

Trazer tais dados e documentos oficiais, ajudam a configurar o que seria o ecossistema comunicacional da “Praça da Saudade” em Manaus, interligando os fatos históricos às transformações no espaço urbano, aliado ao entendimento da origem das praças no mundo, que, posteriormente, torna-se capaz de escavar uma compreensão sobre este logradouro tão provocativo, uma vez em que exhibe contrastes das camadas entre si, cuja comunicação viabiliza dimensões enriquecidas de detalhes nunca antes questionados pelos meios de comunicação.

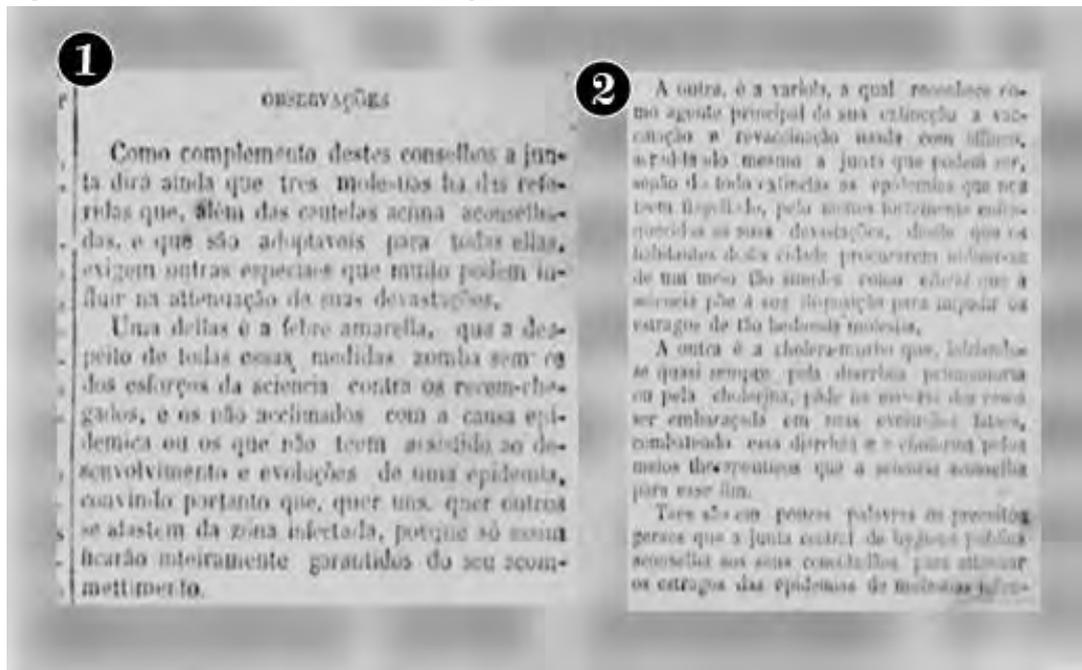
### **1.9.1 Jornais da Província**

Através de pesquisa realizada na Biblioteca Nacional Digital, foi possível encontrar nos jornais da época, uma série de medidas para prevenir a população amazonense das epidemias. O jornal Amasonas em 1878, edição 00209, foi responsável por informar a sociedade daquele tempo, sobre o enfrentamento às doenças epidêmicas, como febre amarela, varíola e a cólera. Sobre as epidemias, conforme anunciado nesse periódico:

Uma delas é a febre amarela, que a despeito de todas essas medidas zomba sem redos esforços da sciencia contra os recém-chegados [...] ou os que não teem assistido ao desenvolvimento e evoluções de uma epidemia, convindo portanto que, quer uns, quer outros se afastem da zona infectada, porque só assim ficarão inteiramente garantidos do seu acometimento.

A outra é a varíola, a qual reconhece como agente principal de sua extinção a vacinação e revacinação” e por fim, sobre a cólera, o jornal explica que “a outra é a cholera-morbo que, inciando-se quase sempre pela diarreia primonitaria ou pela cholarina, pode na maioria dos casos ser embaraçada em suas evoluções fataes combatendo essa diarreia e cholarina pelos meios terapêuticos que a ciência aconselha para esse fim.

Figura 18: Jornal Amasonas, 1878, edição 00209.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Já o jornal Estrella do Amazonas, na edição 0069, anos antes da publicação acima, em 1862, divulga número de casos que vieram a óbito através do Diário do Recife, informando os locais a respeito da difusão da Cólera no Estado de Pernambuco.

Figura 19: Jornal Estrella do Amazonas, edição0069.

*Epidemia*—segundo as noticias recebidas pelo Paquete-Manãos— está fóra de duvida que o cholera já sé tem manifestado na capital do Imperio por dous cazos morbidos, os quaes sucumbirão fatalmente !.

Na capital de Pernambuco já vão apparecendo alguns casos do cholera, e segundo a opinião do *Diario do Recife*—tem atacado somente as pessoas que não tem guardado as precauções hygienicas pela sciencia recommendadas.

Em Páo d'Alho o cholera não tinha ainda invadido a villa, no entanto que já ia fazendo algumas victimas pelos engenhos *Orá e Lavagem*. A mortalidade do interior calcula-se em 848 victimas, assim distribuidas:

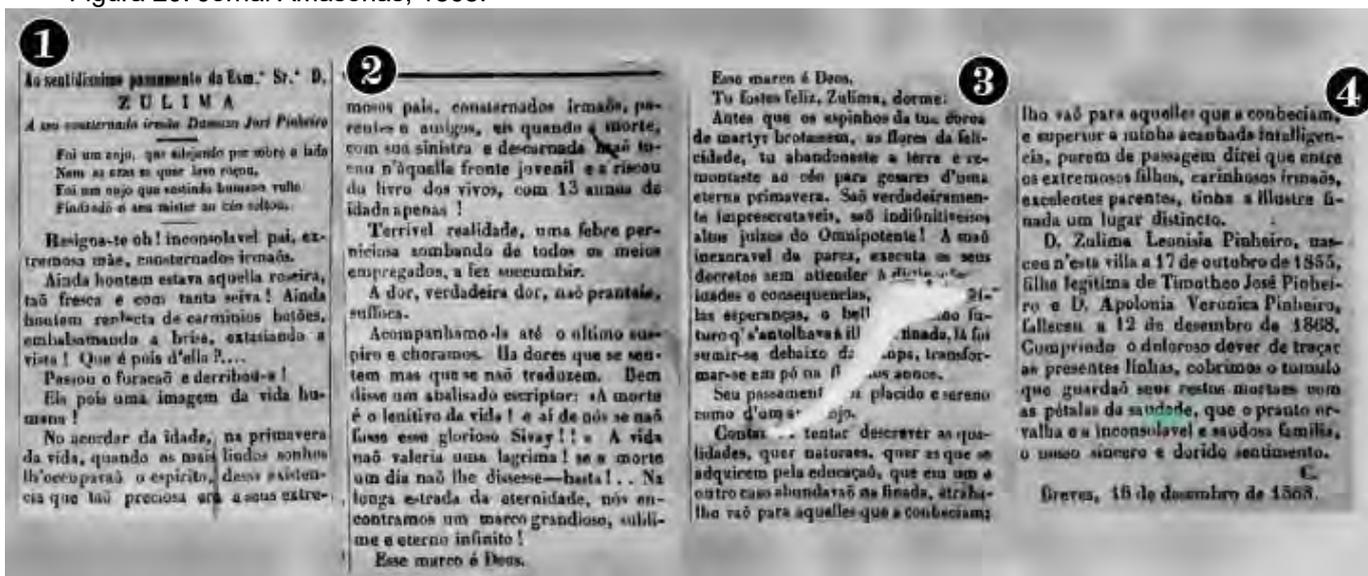
Goianna 54 — Goianninha 66 — Nossa senhora do O', 103 — Lapa 60 — Cruangy — 249 — Timbauba 248 — Pedras de Fogo, ou Serrinha 70 — 1.º districto de Tejucupapo, 4. O *Diario do Recife* — calcula a mortalidade do exterior em excedencia de 1200 almas !

Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Os jornais da época não se preocupavam somente em divulgar informações importantes sobre tais doenças epidêmicas, mas, ao mesmo tempo, publicavam poesias encomendadas para os entes queridos que haviam adoecido e chegado a óbito. O Jornal Amasonas de 1866 trazia para conhecimento da cidade, a história de Zulima, assim relatada:

Passou o furação de derribou-a! Eis pois uma imagem da vida humana ! No acordar da idade, na primavera da vida, quando os mais lindos sonhos lh'occupavão o espírito, dessa existência que tão preciosa era a seus extremos pais. Consternados irmãos, parentes e amigos, eis quando a morte com sua sinistra e descarnada mão tocou n'áquella fronte juvenil e a riscou do livro dos vivos, com 13 annos de idade apenas ! Terrível realidade, uma febre pernicioso zombando de todos os meios empregados, a fez succumbir. A dor, verdadeira dor, não pranteia, sufoca. [...] Cumprindo o doloroso dever de traçar as presentes linhas, cobrimos o túmulo que guardão seus restos mortaes com as pétalas da saudade, que o pranto orvalha e a inconsolável e saudos família, o nosso sincero e dorido sentimento. Breves, 18 de dezembro de 1868 (Jornal Amasonas, 1868).

Figura 20: Jornal Amasonas, 1868.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital

A triste história da jovem que aos seus 13 anos morre devido a febre amarela, vira notícia na província. Mas notem a primazia do jornal ao sensibilizar o leitor sobre tal morte, com muita dor e sofrimento expressos em palavras. A partir desse contexto, é possível compreender o fato de a cidade sentir o desejo de construção da praça da saudade: a taxa de mortalidade era alta, e a dor que a ausência dos entes queridos, por vezes jovens, criava tanto o desejo quanto a necessidade de um logradouro público, de frente para o cemitério, para contemplar este sentimento.

É possível notar a delicadeza e cuidado dos jornais da província, em relatar com muito romantismo a dor da perda dos entes queridos, por não ser um fato isolado, mas, sim, coletivo. Era algo comum, cuja sociedade manauara fez questão de deixar tais sentimentos registrados nos jornais locais. O jornal da província, aqui como espelho de uma Manaus, reflete a sensibilidade de toda uma sociedade ao lidar com seus sagrados sentimentos. Uma prática esquecida nos meios midiáticos, de levar palavras que confortem o coração.

### 1.9.2 Cemitério São José (1856-1932)

O marco zero da Praça da Saudade é definido por outro logradouro público que deu total sentido para o sentimento da *saudade*: o Cemitério São José. De acordo com Duarte (2009):

Recebeu seu primeiro inumado em 7 de março de 1856: o corpo do comerciante cearense João Fleury da Silva, falecido aos 44 anos de idade. Nessa época, o local ainda não possuía cerca e nem capela, pois, em 1857, em Mensagem à Assembleia Provincial, o presidente João Pedro Dias Vieira lamentou não ter conseguido realizar essas obras pela falta de operários e devido às constantes chuvas (DUARTE, 2009, p.145).

O cemitério São José surge durante o período Provinciano, pois no dia 5 de setembro de 1850 – seis anos antes de sua inauguração –, nosso Estado foi marcado historicamente pela elevação do Amazonas à categoria de província, rompendo os laços de dependência com a província do Grão-Pará. E a figura histórica marcada por este evento, foi a de João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, político amazonense nomeado o primeiro presidente da província por decreto imperial de 7 de junho de 1851. Segundo a Secretaria de Comunicação do Governo Municipal de Manoel Ribeiro (1986):

Esse cemitério teve seu regulamento aprovado pela Lei nº 98, de 5 de julho de 1859, apesar de já existir anteriormente, mandado cercar em 1858, no Governo Provincial de Francisco José Furtado, que também mandou construir uma capela, situava-se na área onde hoje está o Atlético Rio Negro Clube (CARTILHA/SEMCOM, 1986,p.07).

O ano era 1856 e, nesta época, Manaus, governada pelo então presidente da província José Furtado, sofria com os surtos epidêmicos de doenças tropicais, tais como febre amarela, varíola e cólera. Por conta disso, a taxa de mortalidade da época era muito elevada, e acentuada devido ao fato de as vacinas não serem tão popularmente conhecidas e adotadas. A exemplo disso, a Revolta da Vacina, episódio marcado pelo motim popular no Rio de Janeiro em 1904 contra a obrigatoriedade da vacina, demonstra o espírito do tempo. Loureiro (2015) afirma que o cemitério São José começou “a ser utilizado para enterramentos, durante as epidemias de cólera e febre amarela, que se abateram, pela primeira vez, na cidade, entre 1855 e 1856. Depois, foi a vez da varíola” (LOUREIRO, 2015, p.29).

Em condições precárias, o terreno, de oito mil metros quadrados, em apenas 3 anos “já havia recebido quase quatrocentos enterros”. De acordo com Duarte (2009):

Somente em 1858 que o seu sucessor, Francisco Furtado, mandou cercar com madeira a área dessa necrópole e erguer uma pequena ermida no centro do terreno. Essas obras foram concluídas em 1859, ano em que trasladou-se a imagem de São José, do Seminário para a capela do Cemitério (DUARTE, 2009, p.145).

Foto 17: Cemitério São José, Álbum de Manaus, 1896.

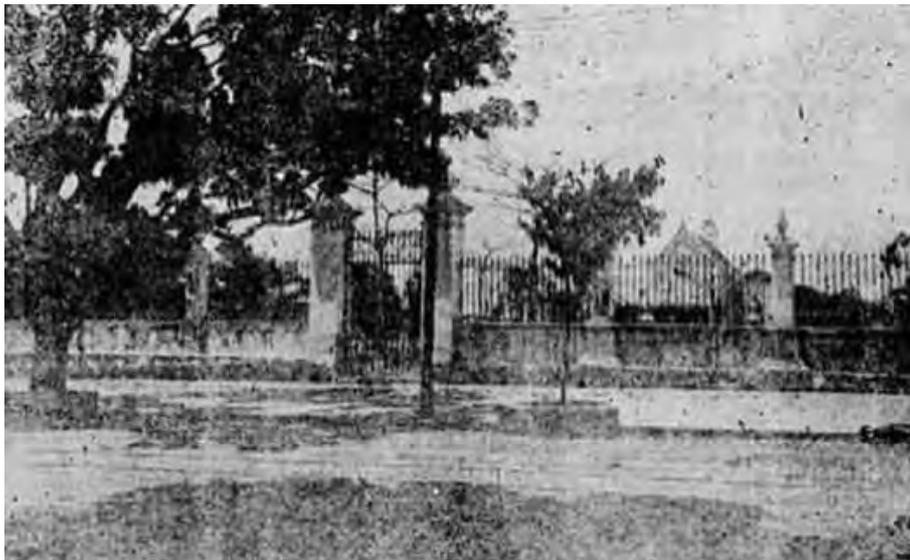


Fonte: Acervo Público do Amazonas (1896).

Durante os anos de funcionamento, o cemitério passou muito tempo até tomar a forma de um cemitério comum. Somente em 1866 é que o gradil foi erguido. Segundo Duarte (2009):

O contrato para a construção do muro em alvenaria e para a colocação do gradil e do portão de ferro na frente do Cemitério – na estrada de Epaminondas –, foi firmado em 1866 com Raimundo José de Sousa. Em 1875, o presidente da Província, Domingos Monteiro Peixoto, já reclamava da necessidade de se construir outro campo santo, em razão deste não mais oferecer condições para receber inumações (DUARTE, 2009, p.145).

Foto18: Cemitério São José.



Fonte: Jornal do Commercio, 1913.

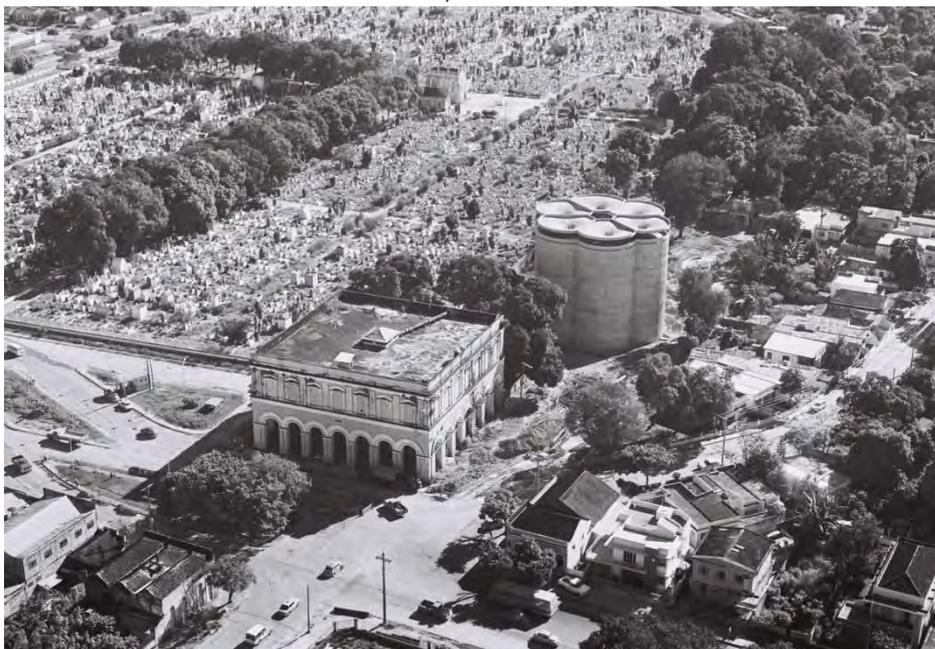
A situação de precariedade se arrasta por mais de dez anos, até que em 16 de agosto de 1880, conforme Lei Provincial 451-A, de 14 de abril deste mesmo ano, a necrópole passa a ser administrada pela Santa Casa de Misericórdia. Oito anos depois, o cemitério já estava totalmente lotado, prestes a encerrar suas atividades. Duarte (2009), sobre o desfecho do cemitério, afirma:

Ao final de 1888, a área que havia sido ampliada no ano anterior já estava totalmente ocupada. Tanto que, a partir de 13 de dezembro desse mesmo ano, data em que o cemitério São Raimundo (dos variolosos) iniciou suas atividades como necrópole pública, não mais foi anotada nenhuma nova inumação no Cemitério São José até 16 de julho de 1890, dia em que recebeu o último enterramento que se tem registro oficial: o do jovem Sebastião Gentil de Faria e Sousa, de 16 anos de idade (DUARTE, 2009, p. 145).

Após o encerramento das atividades do cemitério, a necrópole continuou a funcionar recebendo apenas visitas da população e missas religiosas aos domingos. Mesmo o cemitério não recebendo mais inumados, em 31 de março de 1892, houve o lançamento da pedra fundamental para um novo projeto: substituir a capela de madeira por uma nova, já escorada em 1888, e os santos e imagens religiosas transferidos para a capela do hospital da Santa Casa de Misericórdia.

Em 1894, a administração estadual acata a proposta da Inspetoria de Higiene pública em transformar o cemitério São José, em um jardim, reafirmando o respeito com os mortos enterrados, embelezando a paisagem urbana, localizado de frente à Praça da Saudade. Portanto, o ossuário, mausoléus e restos mortais que jaziam no cemitério de São José, seriam transferidos para a nova necrópole urbana de Manaus: o cemitério São João Batista, com maior capacidade e estrutura.

Foto19: Cemitério São João Batista, 1910.



Fonte: Acervo Público (2018)

Todavia a construção do novo cemitério não impediu que o cemitério São José continuasse aberto ao público para visitas e missas, pois muitas famílias visitavam os entes queridos. Segundo Duarte (2009):

Em 13 de março de 1901, o cônego José Henrique Felix da Cruz Dacia pediu à Prefeitura – que assumiu a responsabilidade pelas necrópoles de Manaus em 1891 – autorização para realizar missas e outras atividades religiosas na capela desse Cemitério, em atendimento ao pedido das famílias que possuíam entes enterrados naquele local (DUARTE, 2009. P. 145).

Na época, houve, através do Executivo Municipal, em 1926, um chamamento solicitando a presença dos responsáveis por túmulos de familiares, sepultados no cemitério de São José para transferência ao cemitério São João Batista até o ano decisivo para a história da praça em 1932, localizada na avenida Epaminondas, em frente ao local que abrigou o antigo cemitério de São José, hoje, sede social do Atlético Rio Negro Clube. Reformas significativas no ano de 1932 foram realizadas na Praça da Saudade, transformando-a em um ambiente urbano formal; uma praça erudita com a instalação do monumento em homenagem a Tenreiro Aranha, bem como acrescentaram-se passeios e bancos. Duarte (2009) ressalta que:

[...] anos depois, o prefeito Emmanuel de Moraes concluiu o ossuário no São João Batista destinado aos restos mortais que foram removidos do São José e que não possuíam reclamantes. Nesse mesmo ano, por meio do

Decreto Municipal 84, de 17 de maio de 1932, o gradil da frente dessa necrópole foi cedido, por permuta, para o Colégio Dom Bosco. Ainda em 1932, a área desse campo santo começou a ser transformada em um jardim denominado São José. Teve apenas seis anos de existência, pois, em 1938, o terreno desse jardim foi doado ao Atlético Rio Negro Clube, que ali construiu a sua sede social, existente até hoje (DUARTE, 2009. p. 145).

De 1856 a 1890 os enterramentos funcionaram na necrópole do São José, até que de 1890 a 1932 funcionou somente para visitação, sendo em seguida, substituída pelo Jardim São José, em respeito à memória das pessoas ali enterradas, que viveram tempos remotos na nossa cidade. Sobre a percepção acerca da morte nas cidades, Calvino, através das aventuras de Marco Polo, explana sobre a morte ao pensar que:

Chega um momento da vida em que, entre todas as pessoas que conhecemos, os mortos são mais numerosos que os vivos. E a mente se recusa a aceitar outras fisionomias, outras expressões: em todas as faces novas que encontra, imprime os velhos desenhos, para cada uma descobre a máscara que melhor se adapta (CALVINO, 1990, p. 90).

Os mortos do cemitério São José representam uma geração esquecida na memória urbana, sendo, o ossuário uma pequena porção de *memória* do tudo o que ali foi um dia. Alguns outros mausoléus, da época, permanecem até hoje no São João Batista. Como se vê no capítulo a seguir, que trata das três camadas sobrepostas da Praça da Saudade, a localização da necrópole do São José, por ser o ponto balizador, é de importância gigantesca para a pesquisa, uma vez que revela, entre outras coisas, sua grande afinidade com as Praças da Saudade no Brasil, como visto anteriormente. Nada acontece por um acaso.

## **CAPÍTULO II - CAMADAS DA PRAÇA DA SAUDADE**

O propósito de proceder à análise sobre as *camadas* da praça vai ao encontro dos objetivos que este estudo pretendeu alcançar. Os períodos percorrem fatos ocorridos em que, de acordo com os dados históricos, foram se sobrepondo ao tempo. São camadas escavas pela memória daquilo que os processos pretéritos foram soterrando, deixando para trás lembranças que, de tão guardadas, submergiram ao sentimento das recordações por vezes esquecidas. Daí a importância do resgate daquilo que se pode identificar como ausência da saudade. Escavá-la é trazer de volta esse sentimento, aqui identificado por via de tópicos a seguir que abordam o sentido atribuído à Praça da Saudade.

Esse exercício teórico permitiu identificar um trajeto que vai da primeira à terceira camada. Para tanto, cada uma dessas “escavações” perpassa momentos históricos também identificados por suas representações simbólicas implícitas nos objetos ali expostos, conforme os respectivos acontecimentos em períodos distintos de sua história.

Ao adentrar os fatos da última década, de 2010 até os dias atuais, ao final da terceira camada, inicia-se uma série de entrevistas propostas com personalidades específicas que são capazes de abordar o ser na cidade, seus passos e caminhos escolhidos.

### **2.1 A Primeira Camada**

#### **2.1.1 Elementos Históricos da Praça da Saudade em Manaus (1865 A 1932)**

Uma vez em que o cemitério São José, a partir de 1856, começa a funcionar, a necessidade de uma praça em frente à necrópole surge de maneira espontânea. Espontânea, pois, a praça só foi adquirir morfologia de praça pública formal, com bancos e outros mobiliários urbanos, muito tempo depois, em 1932. Ao completar nove anos de instalação, o Cemitério São José recebeu uma vizinha permanente: a Praça da Saudade, naquele momento referida popularmente como “Largo da Saudade”, depois oficialmente denominada como “Praça Cinco de Setembro”. A praça foi aberta em 1865, durante a gestão do Presidente da Província Antônio de Mello, e, naquele período, não passava de um Largo com pouquíssima arborização.

Segundo registro em uma Cartilha da Secretaria Municipal de Comunicação-SEMCOM (1986):

A praça [...] foi aberta no ano de 1865, após a construção do cemitério, e sua nomenclatura, proposto, em sessão da Câmara Municipal do dia 31 de julho de 1867, pelo vereador Antônio Davi Vasconcelos Canavarro. Isto quer dizer que, a proposta de oficializar o nome de “Praça da Saudade” existiu, o que não se sabe é se ela foi aprovada ou não, oficial ou não, o povo acabou consagrando-a com esta denominação (CARTILHA/SEMCOM, 1986, p. 03).

O local onde hoje está situada a praça viveu 67 anos sendo apenas um enorme descampado. Durante este tempo, a praça sofreu redução no seu espaço e hoje faz fronteira com as ruas Ferreira Pena, Ramos Ferreira, Simon Bolívar e Avenida Epaminondas. Originalmente, a praça ocuparia não só o perímetro atual, mas também a área onde hoje se encontra o IEA (Instituto de Educação do Amazonas). Contudo, ao do longo tempo em que o projeto urbanístico da praça foi abandonado pela administração pública, seu espaço foi reduzido pelo entorno. Conforme registro na cartilha da SEMCOM (1986), a Praça da Saudade:

Inicialmente, a área ocupada pela praça era bem mais ampla. Segundo a “Carta Cadastral da cidade e arrabaldes de Manáos”, da época do governo de Eduardo Ribeiro, a praça abrangia desde o Cemitério Velho, que tinha o nome de São José – localizado onde hoje é a sede do Atlético Rio Negro Clube -, até o Palácio Novo, projetado (não foi executado) para o alto da atual avenida Eduardo Ribeiro, onde hoje se encontra o Instituto de Educação do Amazonas (CARTILHA/SEMCOM, 1986, p.02).

Após tantos anos desamparado, o vazio descampado que abrangia a praça, em 1926, foi ameaçado pelo prefeito Araújo Lima, que sugeriu a construção de habitações no terreno e a transferência da praça para o local do então cemitério São José. Duarte (2009)relata que casas populares seriam edificadas “destinadas, principalmente, ao funcionalismo público e aos empregados do comércio. Nenhuma das duas ideias, contudo, chegaria a ser concretizada” (DUARTE, 2009, p. 33). O poder da saudade mostrou-se forte suficiente para resistir ao tempo.

E seu nome, oficialmente escolhido pelo Estado, de Praça Cinco de Setembro, não vingou. A população sempre se referiu à praça como “da Saudade”. É possível notar a confusão histórica que foi criada em torno de sua nomenclatura. A Secretaria Municipal de Comunicação - SEMCOM, em 1986, durante o mandato de Manuel Ribeiro lançou uma cartilha com informações a respeito da história da praça. De acordo com esse documento (1986):

[...] esta denominação popular, com origens históricas, tem atravessado várias gerações. Jornais do início do século, mais especificamente de 1900, como o “A Federação”, em notícia do dia, chama a praça pelo nome de “Cinco de Setembro”, mas em seguida complementa: “antiga da Saudade”. Uma outra edição do mesmo ano e do mesmo jornal, ao noticiar a colocação de uma luminária no local da praça, denomina-a apenas como “Praça da Saudade”, o que nos leva a crer, que já nesta época, este era o seu nome mais popular (CARTILHA/SEMCOM, 1986, p.02).

No decorrer de sua existência, a praça sofreu também alterações em sua nomenclatura. Em 1928, passou a ser oficialmente “Praça Washington Luís”, através da Lei Municipal 1.477, de 16 de abril de 1928, e permaneceu até 1930, quando a praça passou a denominar-se “Praça Getúlio Vargas”, por meio do Decreto Municipal 2, de 31 de outubro, devido ao fato de que neste mesmo ano, o Presidente da República Getúlio Vargas estado em Manaus.

Em 1931, o Decreto Municipal 49, assinado em 9 de setembro pelo então prefeito Emmanuel de Moraes, altera os nomes de diversos logradouros, com o intuito de prestar honra a vultos e datas históricas ou de manter denominações já utilizadas e consagradas pelo povo. Sendo assim, a praça passa a ser oficialmente “Praça da Saudade”, seu nome mais popular. Até que, segundo Duarte (2009):

A denominação Praça Cinco de Setembro foi oficializada em 1937, por meio da Lei Municipal 223, de 6 de setembro. No outro ano, essa Praça foi remodelada e o seu traçado original, modificado. A reforma, conforme a Mensagem Anual de 1938, do prefeito Antônio Maia, deu-lhe “aparência idêntica aos mais belos e modernos jardins das progressistas metrópoles do sul do País” (DUARTE, 2009, p. 34).

O nome “Cinco de Setembro” faz alusão à data histórica em que o Amazonas foi elevado à categoria de província, devido às ações políticas do primeiro presidente da província, Tenreiro Aranha. Porém, para a sociedade manauara, o nome oficial não foi eficiente para impregnar no imaginário social coletivo. A escolha foi fácil. Entre uma data histórica exaltando um “herói” político ou o sentimento da saudade, inerente a todos, a população escolheu a “saudade”. Existem certas especulações a respeito do seu nome popular. A princípio, o nome deve-se à sua localização, de frente ao cemitério. Todavia, o professor Mário Ypiranga, de acordo com a CARTILHA/SEMCOM (1986), levanta a hipótese de que o nome:

[...] tenha origem na presença de um espanhol de sobrenome Saudade e um negro que viveu por volta de 1837, morador da área vizinha à praça, de nome José Pedro da Saudade. Este negro deveria ser um escravo forro,

pois possuía bens. Poderia, inclusive, ter sido escravo do espanhol Saudade e daí ter vindo o seu nome e o da praça (CARTILHA/SEMCOM, 1986, p.07).

Foto20: Largo da Saudade, 1904. Vista da Avenida Epaminondas, e mais a frente à direita, Rua Simon Bolívar. É possível notar o gradil do Cemitério São José, e duas lavadeiras acompanhadas de crianças.



Fonte: Acervo Público (2018).

Foto 21: Praça da Saudade, 1904.



Fonte: Acervo Público (2018).

### 2.1.2 Representação Simbólica: Praça Formal/Erudita (1932-1962)

O projeto urbanístico, desde a sua inauguração, levava em conta a implementação do Monumento à Província, em homenagem a Tenreiro Aranha, projetado durante o Governo Provincial de José Paranaguá, por proposta de Silvério Nery. Em 1907, o Monumento foi instalado, mas não na Praça Cinco de Setembro, e sim na Praça Tenreiro Aranha/Tamandaré. Nesta época, o projeto que previa a instalação da praça até onde hoje se encontra o IEA, transformando-se em Parque, não foi realizado. Duarte (2009) relembra que:

O projeto paisagístico do parque indicava também que seria instalada, na Praça Cinco de Setembro, uma estátua do primeiro presidente da Província do Amazonas, Tenreiro Aranha. Esse monumento, no entanto, foi instalado, primeiro, na então Praça Tamandaré, atual Tenreiro Aranha, e somente muitos anos depois seria transferido para o local originalmente destinado, como será descrito mais a frente. Quanto ao parque idealizado por Fileto Pires, nunca chegou a ser concluído. (DUARTE, 2009, p.33)

Foto22: Monumento à Província instalado na Praça Tamandaré/ Tenreiro Aranha.



Fonte: Acervo Público (2018)

Foto23: Praça Tamandaré no início do século XX.



Fonte: Acervo Público (2018).

Enquanto isso, a praça “Cinco de Setembro” estava prestes a completar quase 70 anos, sendo apenas um terreno descampado, de terra batida, até que o prefeito Emmanuel de Moraes, em 1932, mandou construir seus jardins e transferir a estátua de Tenreiro Aranha, da Praça Tamandaré para a Praça Cinco de Setembro. Finalmente, a praça deixava de ser um enorme vazio para seguir o projeto urbanístico influenciado ainda pelo então Governador Eduardo Ribeiro, referente a uma praça erudita e planejada para atender ao lazer e socialização das pessoas. Era o começo de uma grande reforma na praça, que configura uma revolução naquela paisagem urbana, garantindo uma preocupação com a qualidade de vida da população. De acordo com a CARTILHA/SEMCOM, o prefeito Emmanuel de Moraes:

[...] em seu Relatório, datado de 1932, no item “Serviços em Andamento”, sobre o “aformamento da praça da Saudade, para construção de um jardim”, e em outro item, sobre “a construção de postes de cimento armado para iluminação elétrica das praças Heliodoro Balbi, da Saudade e São João (CARTILHA/SEMCOM, 1986,p. 04).

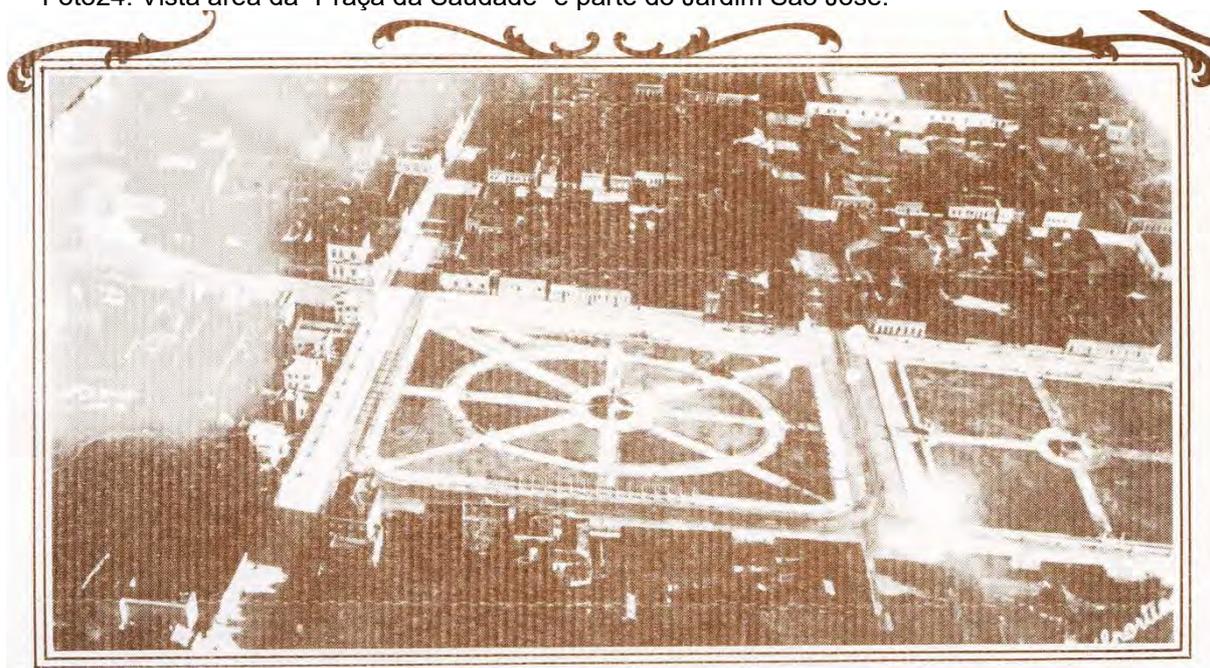
Esse documento também faz referência à aridez, ao abandono e a falta de pavimentação que existia na praça. Aparece também, citado no Relatório, referência

à construção de oito bangalôs na área da praça, mais especificamente na Rua Ramos Ferreira (CARTILHA/SEMCOM, *ibid.*).

Aos poucos, as obras começavam a alterar a aparência da praça. E seu nome oficial continua esquecido pelas pessoas. Mesmo após a colocação do monumento de Tenreiro Aranha, que reforçaria a homenagem à data história do 5 de Setembro, o nome oficial não passou a ser popularmente usado. Após um espaço de tempo de seis anos, a praça voltaria a ser remodelada com alguns acréscimos. Em 1938, o prefeito Antônio Botelho Maia mudou consideravelmente o aspecto físico da praça.

As obras do Jardim São José, proposto pelo Prefeito Emmanuel de Moraes em 1932, foram concluídas dois anos depois, em 1934. Todavia, o Jardim teve vida curta. Através do ato 16, de 26 de março de 1938, o prefeito Antônio Maia, doou a área do jardim para o Atlético Rio Negro Clube construir sua sede, local em que anteriormente foi o Cemitério São José.

Foto24: Vista área da “Praça da Saudade” e parte do Jardim São José.



Fonte: SEMCOM (1986).

Foto25: Atlético Rio Negro, em frente à Praça da Saudade na década de 30.



Fonte: <https://www.facebook.com/manausnahistoria2020/posts/149529149949842>

A reforma proposta pelo então Prefeito Antônio Maia, em 1938, de acordo com a SEMCOM (1986): “deu à praça aparência idêntica aos mais belos e modernos jardins das progressistas metrópoles do sul do país” (CARTILHA/SEMCOM, 1986, p. 05). Os canteiros foram renovados; árvores exóticas como Magnólias e Acácias foram plantadas; os bancos, que já se encontravam deteriorados, foram substituídos por novos mais resistentes e maiores. Diferente dos antigos, que eram de cimento e madeira, todos passaram a ser de concreto. O traçado dos passeios da praça era entrecortado por oito alamedas que convergiam para o centro. A área central circular da praça era ocupada pela instalação do Monumento à Província. Naquela época, Manaus era privilegiada com o sistema de bonde elétrico, que inclusive contava com uma linha chamada Saudade, por se tratar de uma rota que circulava pela praça.

Figura 21: Ilustração da Praça da Saudade depois das reformas do prefeito Antônio Maia em **1938**.



Fonte: Acervo Público (2018)

Foto26: Vista lateral da Praça da Saudade, da Rua Simon Bolívar. À esquerda, no alto, Rua Ramos Ferreira e à direita Avenida Epaminondas.



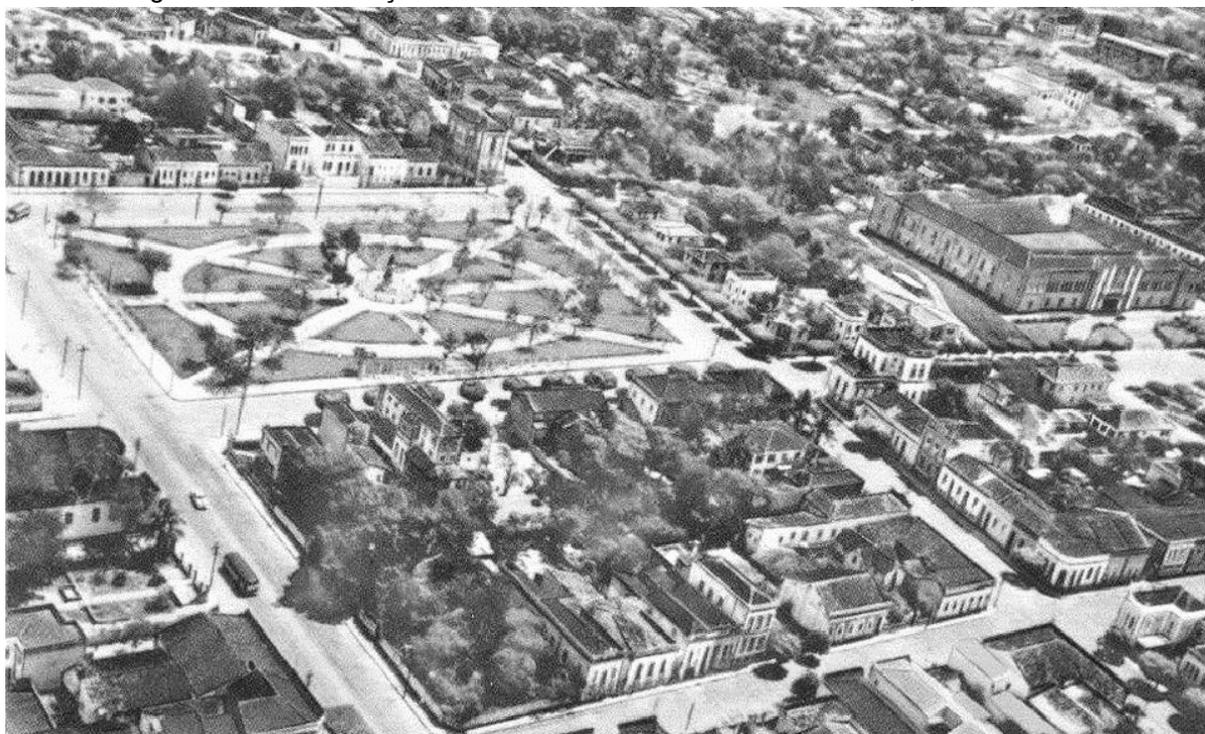
Fonte: Acervo Público (2018)

Figura 22: Praça da Saudade em 1936. Registro de momento cívico durante a Semana da Pátria. É possível observar o bonde “Linha da Saudade” ainda em funcionamento.



Fonte: Revista Cabocla - Setembro de 1936. Semana da Pátria.

Foto 27: Imagens aéreas da Praça da Saudade ao centro em 1960. À direita, o IEA.



Fonte: Acervo Público (2018).

## **2.2 Segunda Camada.**

### **2.2.1 Elementos Históricos da Praça Moderna (Manaus: 1962-1975).**

A “Praça da Saudade” permaneceu com suas características do projeto original por três décadas, de 1932 a 1962, período em que a paisagem urbana da praça foi brutalmente alterada. Durante o governo estadual de Gilberto Mestrinho, por ordem, mandou instalar, de frente para o Atlético Rio Negro Clube, o Palácio da Cultura, edifício este de três andares, o que alterou radicalmente o uso e sentido da praça. Porém, antes de adentrarmos à história da praça nesse período, é necessário visualizar o contexto histórico do Amazonas naqueles anos, visto que o estado já não agregava mais toda a riqueza que o Período Áureo da Borracha trouxe. Novas medidas foram tomadas para que o Estado pudesse se reerguer economicamente.

Gilberto Mestrinho vence as eleições em 3 de outubro de 1958 e assume o governo do Amazonas em 1959, em 31 de janeiro. Naquela época, Juscelino Kubitschek construía Brasília, e o povo brasileiro pôde presenciar a expansão da indústria automobilística. Os primeiros veículos “made in Brazil” passavam a circular pela nossa cidade, tais como o popular Fusca, a Kombi Wolksvagem, o Jeep, entre outros.

Os anos 60 trouxeram também, outras novidades. Na comunicação, os jornais tomavam conta do dia a dia da população. Manaus produzia e consumia seis jornais diariamente. Segundo Garcia (2005):

O Jornal e o “Diário da Tarde”, da empresa Archer Pinto; Jornal do Comércio, dos Diários Associados; A Crítica, de Umberto Calderaro Filho; A Gazeta, de Arthur Virgílio e Áugias Gadelha; e a Tarde, do intelectual Aristophano Antony. A cidade ouvia três emissoras de rádio – Baré, Difusora e Rio Mar. E a garantia do sucesso de bilheteria de oito cinemas. Quem resistia ao convite de dona Yayá, à porta do ‘Avenida’? “Entre, maninha, é colorido!...” (GARCIA, 2005, p.125).

O grande projeto de reestruturação da economia amazonense se firmava sobre a modernidade como solução dos problemas financeiros. Através do Decreto-lei 288, de 28 de fevereiro de 1967, o então presidente da República, general Castelo Branco, durante a ditadura militar, reestrutura e altera as disposições da Lei 3.173, de 6 de junho de 1957, Lei Pereira da Silva, com intuito de instalar a Zona Franca de Manaus. Garcia (2005) relata:

Manaus transformou-se em importante centro de comércio importador e expressivo polo de turismo doméstico, atraindo visitantes de diferentes pontos do Brasil, interessados em comprar produtos estrangeiros com garantia de qualidade – um privilégio que o governo brasileiro somente concedia à Zona Franca de Manaus, (GARCIA, 2005, p. 129).

### **2.2.2 Representação simbólica da segunda camada: O prédio na praça (Manaus: 1962-1975)**

Até 1974, as primeiras indústrias com instalações fixas no Distrito Industrial foram erguidas, e a etapa inicial do Distrito Industrial da Suframa já se encontrava parcialmente construída. Aos poucos, Manaus começava a adquirir características de uma cidade moderna, valorizando acima de tudo os carros e sistemas viários sobre a sociabilidade das pessoas.

Enquanto isso, o Governador Gilberto Mestrinho julgou de bom tom edificar uma obra de três andares sobre a praça, acabando com a paisagem urbana tão arduamente conquistada durante os anos anteriores. O governador propunha um modelo de modernização da cidade, que ainda vivia os resquícios do ostracismo que o declínio do período da borracha trouxera. Romper com o passado e construir o novo era o propósito. É importante observar a maneira como os gestores públicos interferiram no espaço urbano. Isso desde a construção do Atlético Rio Negro Clube sobre o terreno público, que antes era área pertencente ao Cemitério São José, local este simplesmente doado para uma empresa privada. De acordo com relatos na cartilha da SEMCOM (1986):

A praça manteve durante muitos anos a forma impressa por estas duas obras, executadas na administração de Emmanuel Moraes e Antônio Maia. Ela somente vem sofrer modificação no ano de 1962, na gestão de Gilberto Mestrinho. Foi Gilberto Mestrinho quem mandou construir o Prédio, onde hoje funciona a SHAM, e que na época deveria abrigar o “Palácio da Cultura”, bem em frente à sede do Atlético Rio Negro, onde na administração de Emmanuel Moraes deveria estar localizado o horto (CARTILHA/SEMCOM, 1986, p.06).

A instalação do Palácio da Cultura foi o primeiro passo para uma nova grande reforma na morfologia da “Praça da Saudade”. No ano seguinte, durante a administração do então Prefeito Josué Cláudio de Souza, os jardins foram refeitos, assim como os passeios, e foi mandado colocar as estátuas de bronze, representando o homem primitivo, em local próximo à rua Simon Bolívar, e do lado oposto, o homem moderno, nos limites próximo à rua Ramos Ferreira. As pérgolas

laterais foram removidas, bem como o design dos bancos de concreto, em uma base ondular, numa forma semelhante a uma cobra, fazendo referência ao entrelaçado dos passeios, além de outras mudanças que foram levadas em consideração. De acordo com Duarte (2009):

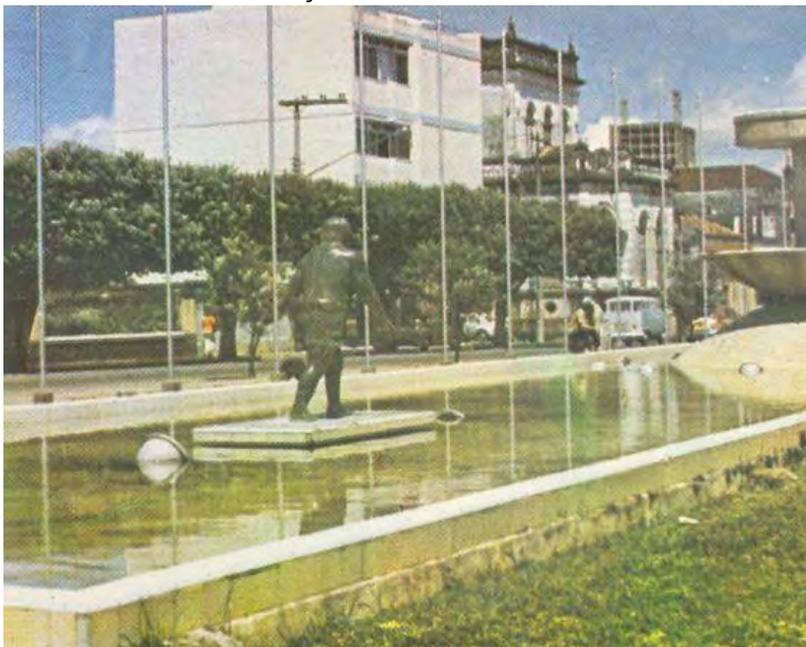
A Praça perdeu parte de sua área em 1962, quando o governador Gilberto Mestrinho mandou construir, na área situada de frente para a sede do Atlético Rio Negro Clube, um prédio denominado Palácio da Cultura, em que, à época, funcionou a Secretaria de Educação e Cultura – Seduc, substituído, depois, pela Sociedade de Habitação do Estado do Amazonas – Sham. Quando da construção desse edifício, a administração estadual pretendia erguer outros três, um em cada uma das laterais restantes, para abrigar Instituições de Ensino Superior (DUARTE, 2009. p. 34).

Foto28: Vista aérea da Praça da Saudade após remodelação do prefeito Josué Cláudio de Souza. Década de 1960.



Fonte: Acervo Biblioteca Samuel Benchimol (1960).

Foto 29: Chafariz da Praça da Saudade.



Fonte: Revista 4 anos de administração de Jorge Teixeira, década de 1970. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/315674255119247204/>

Foto 30: Estátuas de bronze, representando o homem moderno e o homem primitivo, sobre a fonte e entre as estátuas, o chafariz. Década de 1960.



Fonte: Acervo Público (2018).

Foto 31: Vista aérea da Praça da Saudade e parte do centro da cidade em 1973. Notar o traçado da praça e a fonte com as duas figuras ainda existentes.



Fonte: Revista Manchete - Fevereiro de 1973 - Especial Amazônia.

Figura 23: Postal da Praça da Saudade em 1974.

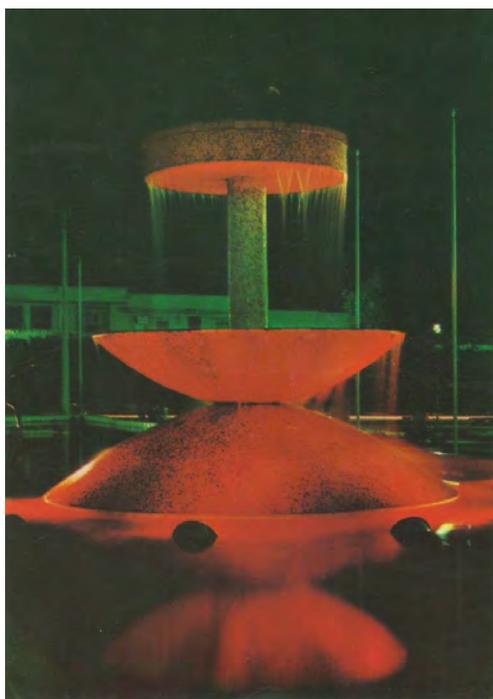


Fonte: Postal da Praça da Saudade em 1974. Fonte: Manaus de Antigamente  
<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.451692418227555.110940.423499737713490&type=3>

A reforma que demarca uma nova camada imposta pela instalação, na praça, do prédio da SHAM, conta também com outras novidades, como a construção de um tanque iluminador, nos limites da Rua Ferreira Pena. Em cada extremidade do tanque, uma estátua em bronze representando, de um lado, o homem primitivo e, de outro, o homem moderno. Em 1968, durante a gestão municipal do prefeito Paulo Néry, foi instalado, entre as esculturas, uma fonte no chafariz. Assim, a praça permaneceu cerca de 13 anos. O passeio foi refeito, entrelaçando e sobrepondo-se. Nas extremidades, o Atlético Rio Negro Clube, de frente para o prédio do Palácio da Cultura (SEDUC) e de frente para a Avenida Epaminondas, enquanto que na outra extremidade, na rua Ferreira Pena, o tanque com chafariz e duas estátuas de bronze representando o homem moderno e o homem primitivo.

Este período da segunda camada é marcado pela inserção não só do Palácio da Cultura, mas também da construção do tanque iluminador, com chafariz e as estátuas. Este mobiliário urbano, como um todo, reflete a preocupação da gestão em propiciar uma nova praça, moderna e que já se distancia da “Praça Formal” pertencente ao projeto original da praça de 1932. É o começo da modernização da praça.

Foto 32: Chafariz da “Praça da Saudade” iluminado à noite, dentro do tanque localizado na rua Ferreira Pena. Ao fundo, a estátua do homem moderno, apontando para o céu. Década de 70.



Fonte: Manaus de Antigamente <https://manausdeantigamente.blogspot.com/2013/04/a-praca-da-saudade-deixou-muitas.html>

Figura 24: Recorte do Jornal A Crítica, em 1965.



Fonte: A Crítica de 18 de maio de 1965.

Foto 33: Vista da Praça de Saudade com espelho d'água e estátuas. Década de 70. Manaus.



Acervo: Jornal do Commercio (1975).

Foto 34: Tanque na Rua Ferreira Pena, com o chafariz no centro e nas extremidades, as estátuas de bronze do homem moderno (à esquerda), e do homem primitivo (à direita) na década de 70.



Fonte: Acervo Público (2018).

### **2.2.3 Representação simbólica da segunda camada: a “Praça do Avião” (Manaus: 1975-1986)**

A expansão do comércio devido a consolidação da Zona Franca de Manaus, gera uma nova temporalidade na história da cidade, um novo começo deixando para trás o auge e o fracasso da produção de borracha. É um novo marco, que traz consigo uma nova paisagem urbana, um novo desejo de cidade. Neste momento, o serviço de bonde elétrico já era obsoleto e as frotas de ônibus já circulavam pela cidade. O consumo da indústria automobilística passa a ser o centro do desejo de cidade, assim como os novos aparelhos eletrônicos produzidos no Distrito Industrial. É o começo da era do cinema, das televisões. A modernidade está em alta e os sistemas viários passam a ser prioridade nos investimentos urbanos. Se a reforma de 1962 já representava esse marco, com a gestão do prefeito Jorge Teixeira em 1975, treze anos depois, uma nova e profunda remodelação da praça foi promovida. De acordo com Duarte (2009):

O chafariz foi substituído por uma fonte, o tanque recebeu a instalação de lâmpadas em cor e foram construídos dois *playgrounds*, sendo um infantil e outro para adultos. O piso foi todo pavimentado com blocos de concreto e construiu-se, também, um estacionamento para a Seduc. Nessa reforma, não foi reiterada a estátua de Tenreiro Aranha nem as árvores e os bancos. As obras começaram em novembro daquele ano, sendo concluídas em abril de 1976. A firma responsável pela execução foi a Serviços de Administração e Urbanização Ltda. – Sadur (DUARTE, 2009, p.34).

Essa reforma, altera a morfologia da praça mais uma vez. O passeio é reformulado e o sentido da praça volta-se para que suas atrações atendam ao desejo de cidade guiado pela modernidade. Logo, perde uma parte do seu perímetro ao lado da rua Simon Bolívar, para um estacionamento com intuito de atender aos trabalhadores do então prédio da SEDUC; além de perder o dito chafariz, com a instalação de uma nova fonte entre as estátuas das figuras de bronze.

Em 1977, novas mudanças alteram o cenário paisagístico da praça. Trata-se de um dos grandes marcos da modernidade: a instalação de um avião DC-3, em tamanho original, posicionado nos limites da rua Ramos Ferreira, juntamente com brinquedos de ferro do playground para crianças. O avião, doado à prefeitura pela Varig-Cruzeiro, sua instalação foi inaugurada no Natal daquele ano, ainda na gestão do então prefeito Jorge Teixeira. O modelo DC-3, até hoje, é uma das atrações mais fortes na memória das pessoas. Foi fortemente marcado, pois, muitas pessoas ao adentrarem seu interior, conheceram de perto, pela primeira vez, um avião exibido ali, na Praça da Saudade, desejo de consumo daquele momento que reflete o espírito do tempo.

Foto 35: Vista da Praça da Saudade após a instalação do avião DC-3 em 1979.



Fonte: Acervo Público (1979).

Foto 36: Registro fotográfico da “Praça da Saudade” na década de 70, durante a reforma do prefeito Jorge Teixeira. Neste período, era bastante frequentada pelas famílias.



Fonte: Acervo A Crítica (1975).

Figura 25: Jornal A Crítica de 24 de maio de 1984.

# Avião retirado da Praça da Saudade



O avião da praça da Saudade quando era desmontado.

O antigo DC-3 da Varig-Cruzeiro, foi retirado da Praça da Saudade, na base da marreta e do machado, quando cerca de dez homens contratados por donos de oficinas de ferro-velho, destruíram toda a estrutura da antiga aeronave que foi doada à comunidade amazonense no dia 24 de dezembro de 1977.

Ninguém sabia dizer quem havia comprado e mandado destruir o avião, apenas dois funcionários da empresa Rio Táxi Aéreo, cujo os nomes pediram para omitir, afirmaram que seu patrão havia comprado o trem de aterrissagem juntamente com as rodas que seriam utilizadas pelas aeronaves da empresa.

Os homens que trabalhavam no retalhamento do avião à base do machado e da marreta, pareciam até que operavam à base da produção, uma vez que não paravam um só instante de destruir a antiga aeronave, que era um dos mais belos cartões de visita da cidade.

Não respeitavam nem mesmo a presença das crianças do "Projeto Meu Filho", que estavam numa das barracas da Prefeitura Municipal de Manaus, e, que se encontravam brincando no avião, para o qual tinha finalidade.

Vários jovens residentes próximo a Praça da Saudade protestaram e procuraram intervir para evitar a destruição,

provocando um rápido atrito, porém os homens contratados pelos donos do ferro-velho, disseram que tinham ordem para destruir.

Os jovens gritaram, pularam, protestaram mais não conseguiram êxito, com muita dificuldade e esforço conseguiram retirar placa de doação e uma das portas que guardaram como recordação do antigo DC-3 da Varig-Cruzeiro.

A placa de doação constava dos seguintes dizeres:

"A presença discreta e silenciosa desta aeronave na principal Praça de Manaus, com a sua prôa significativamente voltada para os céus, servirá também para lembrar o sentido mais alto das realizações que não só a Cruzeiro mais também as suas co-irmãs Varig e Tropical de Hotéis, igualmente vindas do sul longínquo, fizeram na Amazônia, o sentido que tem os atos de amor e solidariedade humana, tão propícios de serem evocados".

"Nesta véspera de Natal, data com felicidade escolhida pela dinâmica administração da Prefeitura de Manaus, para a solenidade desta inauguração".

Da mensagem da diretoria da Cruzeiro na entrega do DC-3, em 24 de dezembro de 1977.

Conforme a antiga aeronave ia sendo destruída as crianças, do "Projeto Meu Filho" iam se afastando e guardando com tris-

teza a retirada do avião da Praça da Saudade.

O comerciante Jonas Lopes de Azevedo, que passava no local, disse: "Isso é um crime, pois além de servir de atração para os turistas, foi colocado para ser visitado nos fins de semanas pelas crianças, coisa que não ocorria mais devido o descaso dispensado pela Prefeitura de Manaus ao avião que foi doado pela Varig-Cruzeiro".

Já a doméstica, Luiza Menezes de Araújo, residente na rua 8, casa 347 no bairro da Alvorada, revelou que não acreditava no que estava vendo, principalmente porque até mesmo seus filhos quando passavam no ônibus pela rua Epaminondas gostavam de ir na janela do ônibus para ver o avião.

Hoje para sua tristeza — prosseguiu ela — vou ter que contar em casa o que vi para meus filhos que viam no avião uma atração, enquanto que o prefeito não toma nenhuma providência para impedir essa destruição,

As opiniões eram as mais diversas e a maioria das pessoas culpava o prefeito Amazonino Mendes, por ter deixado no abandono aquela aeronave, quando o certo seria colocar um guarda municipal para tomar conta, o que impediria que os vândalos destruíssem o antigo DC-3, conforme aconteceu recentemente.

Jornal A Crítica de 24 de maio de 1984

Fonte: <https://blogdodurango.com.br/fatos-e-datas-historicas/o-antigo-aviao-dc-3-havia-sido-doado-pela-varig-cruzeiro-para-enfeitar-a-praca-da-saudade-em-1977/>

Divisor de tempo na historicidade da praça, o avião DC-3 foi, por sete anos, a grande sensação e novidade para as crianças, conforme matéria do jornal A Crítica publicada em 24 de maio de 1984. O modelo DC-3 foi desmontado, pois, de acordo com a Duarte (2009, p. 34): “em razão de a empresa Rio Táxi Aéreo ter comprado o trem de pouso e as rodas da aeronave”.

Foto37: Avião DC-3 da Cruzeiro doado a Prefeitura de Manaus em 1977. Ao lado, o brinquedo de ferro do playground infantil.



Fonte: Acervo Público (2018)

#### **2.2.4 Representação simbólica da segunda camada: “Praça Cultural” (Manaus: 1986-2010)**

Como se vê nos registros, a “Praça do Avião”, como ficou muito conhecida, não durou muito tempo. Ao completar 11 anos, sofreu mais uma das grandes reformas, e, desta vez, a penúltima. Em 1986, durante o projeto de reformas urbanas do prefeito Manoel Ribeiro, é proposto um novo sentido à praça, que se inclina à promoção do lazer e da cultura. O principal mobiliário urbano que marca este período é o Anfiteatro, com capacidade para 240 pessoas sentadas, construído atrás do prédio ocupado pela Sham, que demonstra uma preocupação com as manifestações artísticas e produção cultural da cidade. Foi também erguido um muro de tijolos por de trás do palco, de 50 metros, fazendo fundo aos espetáculos e

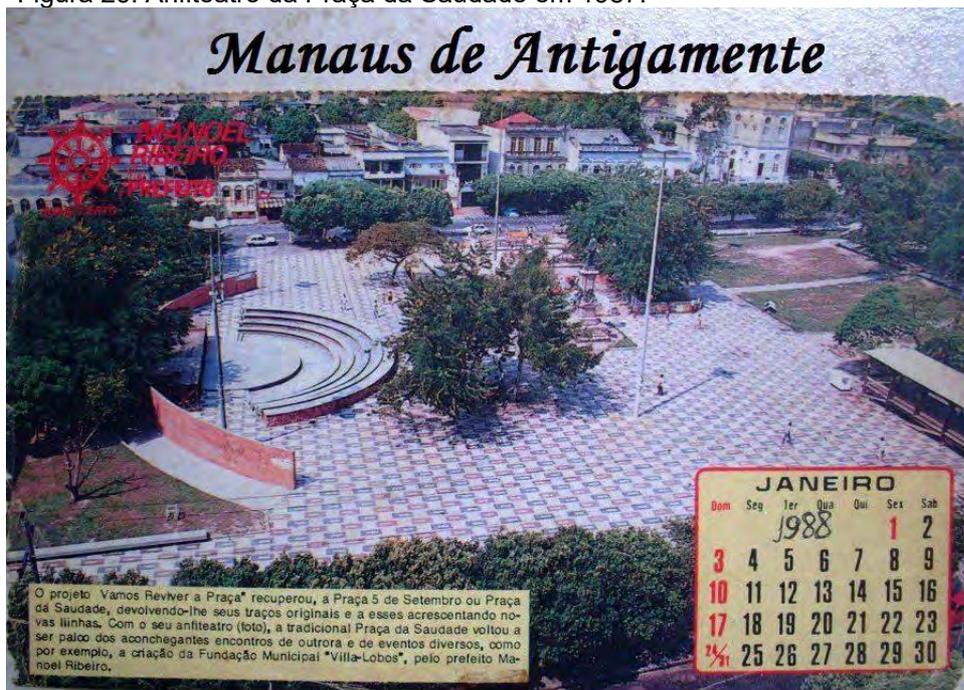
funcionando como uma concha acústica. Segundo Duarte (2009), a praça ganhou também:

[...] sanitários masculinos e femininos, terminal para o Trenzinho da Alegria – veículo esse lizado em forma de um trem colorido que levava crianças para fazer passeios nas principais ruas do Centro – e mesas com tabuleiro para os jogos de dama e dominó. O piso foi calçado com ladrilho hidráulico e a antiga fonte luminosa foi substituída por um chafariz com lâmpadas coloridas (DUARTE, 2009, p. 35).

Além da reforma implementada pelo prefeito Manoel Ribeiro, a Secretaria de Comunicação Municipal lançou uma cartilha histórica, contendo informações sobre a origem da “Praça da Saudade” e revelando as intenções da reforma proposta pela gestão, e da qual aqui temos lançado mão como fonte de pesquisa (CARTILHA/SEMCOM, 1986). O muro de fundo do anfiteatro, por exemplo, previa também diminuir o impacto causado pelo prédio da SHAM na paisagem urbana da praça, que, desde aquela época, não era aprovado por uma boa parte da população. Segundo consta de informações registradas na Cartilha (SEMCOM, 1986),

[...] para Manoel Ribeiro não basta executar uma obra, recuperar uma praça, é preciso revivê-la. E a “Praça da Saudade, a exemplo da “Praça da Polícia”, onde a Prefeitura vem desenvolvendo programas culturais para crianças e entretenimento para adultos, será revivida. Principalmente porque é isto que a população espera do “Meu Prefeito” (CARTILHA/SEMCOM, 1986, p. 11).

Figura 26: Anfiteatro da Praça da Saudade em 1987.



Fonte: Publicado no calendário de 1988 pela SEMCOM.

Foto38: Vista aérea da Praça da Saudade em 2006.



Fonte: Acervo Público (2018)

Durante a reforma de Manoel Ribeiro, a praça perdeu dois “moradores” que, segundo a cartilha produzida pela SEMCOM (1986), trata-se das duas estátuas – a do homem primitivo e a do homem moderno – que ladeavam o espelho d’água, sendo, estas, bastante polêmicas aos olhos da opinião pública. A população não compreendeu a intenção das estátuas; o que, afinal, elas comunicavam. Muitas interpretações foram feitas durante aquela época. A SEMCOM (1986), de Manoel Ribeiro, reforça a desconexão que o símbolo das estátuas tem para o imaginário popular:

Estas estátuas, nunca foram bem assimiladas pela população, que, inclusive, conta histórias, estórias e piadas sobre este monumento. Conta-se, que uma delas, a que está com o dedo indicador apontando para alguma coisa, queria mesmo era expulsar o mais ilustre morador da praça, a estátua de Tenreiro Aranha. E que a outra, simplesmente, intencionava apedrejá-lo. Verdade ou não, o homem primitivo e moderno, não moram mais nesta praça. Segundo o arquiteto e secretário municipal de desenvolvimento urbano, José Henriques Rodrigues, estas estátuas não tinham valor estético, artístico ou cultural algum. “A população nunca entendeu direito nem mesmo o que elas representavam”, diz ele (CARTILHA/SEMCOM, 1986, p.13).

Mesmo assim, as estátuas retornaram para a praça durante os anos 90, visto que anteriormente tinham sido transferidas para o Horto Municipal. A diferença é que, desta vez, de acordo com Duarte (2009), as estátuas retornaram ao seu lugar de origem, mas em posições invertidas. Agora o homem moderno estava do lado da rua Simon Bolívar e o homem primitivo do lado da rua Ramos Ferreira. O mais complicado e confuso, entretanto, é tentar entender certas tomadas de decisões dos políticos de Manaus.

Sem as estátuas na praça, após a reforma de Manoel Ribeiro, o tanque permanecia com um novo chafariz, composto de três módulos que abrangiam toda a

extensão do espelho d'água. Os jatos eram jogados através de cada um dos três módulos, a uma altura de 2 metros e cronometrados entre si, produzindo um efeito de que as águas estariam dançando.

O público infantil também foi levado em consideração para a realização desta reforma. Foi construído um playground, além de uma imensa caixa de areia branca. Posteriormente, nos anos 90, a praça ganha também os brinquedos de balançar que estavam na moda, além de outras atrações, como os carrinhos bate-e-bate e o famoso trezininho da alegria, colorido, divertido e iluminado com os personagens dos desenhos infantis.

O prefeito Manoel Ribeiro também determinou obras de nivelamento e aterramento do terreno da praça, com o propósito de deixar a área do espelho d'água mais elevada, para que assim, visualmente, o chafariz pudesse ser visto de qualquer lugar da praça. A rua Simon Bolívar serviu de estacionamento para os visitantes da praça. O piso também foi alterado nesta reforma. Foi substituído por ladrilhos hidráulicos que, de acordo com a CARTILHA/SEMCOM (1986):

[...] em três cores – branco, preto e ocre – que com seus desenhos geométricos, dão um belo acabamento ao conjunto. Estes ladrilhos foram colocados de tal maneira, que dependendo do ângulo observado, adquirem novas e belas formas (CARTILHA/SEMCOM, 1986, p.16).

Esta reforma é marcada por vários detalhes que foram pensados no projeto urbanístico. Desde a implantação de feiras de artesanato indígena e feiras gastronômicas, a praça era centro de atividades culturais e ponto de encontro para ativistas dos direitos indígenas. Nos anos 90, também foi construído, não se sabe ao certo em qual gestão municipal, em frente ao chafariz, segundo Duarte (2009) “um marco todo em concreto, construído por uma base encimada por uma bíblia aberta. Devido a esse pequeno monumento, a comunidade evangélica convencionou chamar esse logradouro de Praça da Bíblia” (DUARTE, 2009, p. 35).

A localização do prédio, agora da SEJUSC, de frente para o Atlético Rio Negro Clube, descaracteriza a paisagem e ofusca o clube do campo de visão de quem vem em direção à rua Ferreira Pena. O Atlético perde sua opulência visual por conta da construção do referido prédio. Ao completar 45 anos, finalmente o prédio da SHAM foi demolido. No entanto, como já destacado anteriormente, nesse meio tempo a praça mudou gradualmente. Ganhou chafariz, avião, brinquedos infantis,

anfiteatro, feiras, artesanato indígena, comidas, além de bancos em formato “C”. É importante atentar como a forma do banco se adequava às pessoas em situação de rua, por oferecer maior espaço que os bancos tradicionais. Estes bancos comunitários foram confeccionados em concreto armado, com intuito de abrigar várias pessoas.

Foto 39: Vista da Praça da Saudade em 2006. Ao lado direito do Monumento à Província, o playground com brinquedos elétricos como o bate-e-bate. Ao lado do banco em C, é possível notar o monumento à Bíblia, à direita.



Foto: Alex Pazuello (2006).

Este foi o período final da segunda camada da “Praça da Saudade”. Teve pequenas alterações durante os anos 90, contudo somente em outubro de 2007 que tem sua grande e última reforma iniciada com a demolição do prédio de três andares da Secretaria de Estado da Justiça, Direitos Humanos e Cidadania- SEJUSC. Isso devido a uma ação movida junto ao Ministério Público, pelo senador Jefferson Péres, durante a gestão do então prefeito Serafim Corrêa. O senador Jefferson Péres, forte aliado político dessa gestão e a favor da demolição do prédio, faleceu em 2008, antes da conclusão das obras da Praça da Saudade. Segundo Duarte (2009, p. 35): “Nesse mesmo ano, em convênio com a Suframa, a Prefeitura iniciou os trabalhos de revitalização da Praça da Saudade”. A remoção do prédio da

SEJUSC marca o início de uma nova camada e expressava preocupação com a memória da cidade, fato que demarca o interesse em revitalizar o centro histórico.

Foto 40: Prédio da SEJUSC antes de ser demolido em 2007.



Fonte: <https://www.blogdosarafa.com.br/24045/>

Foto 41: Terreno da “Praça da Saudade” depois da demolição do prédio da SEJUSC, em 2007.



Fonte: <https://www.blogdosarafa.com.br/24045/>

Como já destacado, a praça, reformada na gestão do prefeito Manoel Ribeiro, adquire aspectos culturais, uma vez em que a vida social da praça estava permeada por feiras, espetáculos, shows, trezinho da alegria, comidas de rua entre outras atrações para diversos públicos. Estudantes costumavam visitar a praça para encontros e os canteiros circulares serviam como bancos para reunião de grupos. As crianças brincavam nas diversas opções de entretenimento. No começo dos anos 2000, a feira indígena da praça reunia artesãos, músicos, culinária indígena. Além dos clássicos vendedores de pipoca, balões e outros produtos que atraíam a atenção dos pequenos. A sociabilidade facilmente se estabelecia. Do ponto de vista social, a praça funcionava muito bem. Entretanto, do ponto de vista estético, o local era confuso, pois, de acordo com Nascimento (2014):

Esteticamente a praça não apresentava uma uniformidade, eram três espaços que coabitavam, com suas fronteiras e intercessões: o jardim, a calçada e o prédio. Do ponto de vista da ocupação, as pessoas desviavam do prédio, brincavam na calçada e sentavam no jardim. Era um espaço vivo e dinâmico (NASCIMENTO, 2014, p. 98).

Visualmente, a praça não apresentava coerência entre elementos, os mobiliários destoavam entre si, pois, desde a instalação do prédio que abrigou o Palácio da Cultura, a Secretaria Estadual de Educação – SEDUC, a Secretaria Estadual de Habitação – SHAM e a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania – SEJUSC, o prédio influenciou no caráter estético e urbanístico da praça, impôs a regra de que as reformas deveriam se adequar ao prédio.

Foto 42: Registro histórico da primeira martelada simbólica da demolição do prédio, feito pelo Senador Jefferson Péres, em 2007, que ocupava a praça da saúde desde 1962.



Fonte: <https://www.blogdosarafa.com.br/24045/>

Foto 43: Prefeito Serafim Corrêa apresentando o projeto de revitalização da Praça da Saudade.



Fonte: <https://www.blogdosarafa.com.br/24045/>

Em síntese, a reforma de 1962, ainda se aproximava muito da reforma de 1932, com poucas exceções. A reforma de 1975 rompeu com todos os passeios, e se afastou drasticamente do que era o projeto original, e deu prioridade à modernidade, ao estacionamento, aos carros, ao avião. E, a reforma de 1986 prioriza a cultura e tenta esconder o prédio da SHAM atrás do muro do anfiteatro. Cada reforma, apresenta o espírito de cada tempo da história de nossa cidade. E com o projeto de revitalização, que priorizou o visual da praça, começando pela demolição do prédio em 2007, inicia-se uma nova camada; uma nova temporalidade.

## **2.3 Terceira Camada**

### **2.3.1 Elementos Históricos da Praça Revitalizada (Manaus: 2010-)**

O centro histórico de Manaus, a partir dos anos 2000, passou por reformas significativas de resgate à *Belle Époque*, ideias e propostas que se aproximam do novo sentido que a praça contemporânea traz, de revogar o espaço público para si, para a experiência social no contexto urbano, capaz de propiciar reconexão com a memória da cidade. Com essa onda de reformas urbanísticas, veio a inauguração,

em 2010, do projeto de revitalização da “Praça da Saudade”. Nascimento (2014) explica que:

A “forma original” em questão é o traçado do período da borracha, um discurso comum aos outros espaços. O projeto de revitalização foi feito por técnicos do Instituto Municipal do Planejamento Urbano – Implurb e da SEC. Fala-se em “resgate da história da praça” e da formalização do seu uso (NACIMENTO, 2014, p. 98-99).

As obras do projeto de revitalização da praça tiveram início em 2008, entre a transição da gestão municipal dos prefeitos Serafim Corrêa (2005-2009) e Amazonino Mendes (2009-2013). O prefeito Serafim, ao demolir em 2007 o prédio da SEJUSC, em parceria com o Senador Jefferson Peres e outros políticos favoráveis a esta decisão, firmaram o trampolim para uma nova camada sobreposta da Praça da Saudade.

Em junho de 2009, as obras foram intensificadas pelo então prefeito Amazonino Mendes. Para a realização do projeto de revitalização foi firmado um convênio entre a Prefeitura e a Superintendência da Zona Franca de Manaus com investimento de aproximadamente R\$ 2,5 milhões de reais para recuperação total do perímetro da praça.

Segundo Duarte (2009), o projeto também se voltava às atrações comerciais: “Pretende-se construir duas bancas de tacacá, duas de revista e duas cabines telefônicas, todas ao estilo *Belle Époque*, e reinstalar os antigos caramanchões nas laterais da Praça” (DUARTE, 2009, p.35).



O traçado foi refeito com desenho arquitetônico de oito alamedas que se encontram no centro, onde está o mais antigo e resistente “morador” da praça: a escultura de Tenreiro Aranha. Contudo, esta “nova antiga” praça na qual inicia a terceira camada não deu prioridade à cena cultural ou gastronômica. As atrações no interior da praça reduziram consideravelmente. Sem anfiteatro e sem espaços para barracas desmontáveis, a praça serve ao passeio, ao atravessar, ao contemplar. Nascimento (2014) sobre o uso e sentido da praça revitalizada, entende que:

Com a execução do projeto de revitalização pela Prefeitura e a mudança do traçado, tudo o mais mudou. O espaço abriu-se para os olhos, ganhou unidade, novos canteiros, nova estrutura. Tornou-se apreciável para os olhos, para fotografar, mas perdeu a festa, o espaço do encontro. Os bancos de madeira com estrutura em ferro, longe um do outro, abrigam duas pessoas em cada (o que atrai casais de namorados à noite). No lugar das barracas desmontáveis, que vendiam comida e tacacá, pequenos quiosques verdes metálicos: dois para lanche, dois para banca de revista, dois para telefone público. A definição do traçado dos canteiros definiu o circuito de caminhar, alongando o caminho de quem estava acostumado a passar direto por alguns pontos. No entanto, é possível perceber que novos caminhos se desenharam na grama pisada. Na maior parte do dia não há sombra, o que torna a praça um lugar de passagem (NASCIMENTO, 2014, p.98)

Foto 45: Vista aérea da Praça da Saudade em 2013, revitalizada ao projeto original de 1932.



Fonte: <https://idd.org.br/acervo/praca-cinco-de-setembro/>

Foram muitas especulações sobre o futuro da saudade. Revitalizar a praça ao modelo original, proposto e realizado em 1932, poderia mudar o que a praça representa para a população, simbolicamente. Era esperado que a praça voltasse a ter todo o glamour presente ao reviver a *Belle Époque*.

Sobre o comércio ambulante que havia na praça, a intenção era de transformar em centro gastronômico. Porém, o plano não foi levado a frente, e somente dois restaurantes foram abertos, funcionando pela manhã e pela tarde. À noite, os comerciantes ambulantes vendem bebidas alcoólicas, cigarros, bombons e salgados em carrinhos de supermercado. E ainda passaram a colocar algumas mesas próximas ao ponto de ônibus, ao lado da rua Simon Bolívar.

Ao privilegiar o aspecto estético com esta reforma, o entorno da praça passa a preencher seu uso e significado. Nascimento (2014) mapeia de acordo com:

A Praça da Saudade é caracterizada por um misto de uso no seu entorno: comercial, residencial, prédios históricos, bares (para público C e D), e as lanchonetes da praça. A lanchonete da Rua Simon Bolivar, que fica em frente à parada de ônibus, atende basicamente a este público e a estudantes que passam pela praça. Na Rua Ramos Ferreira, a lanchonete também atende passantes e estudantes. À noite, na esquina da Ramos Ferreira com a Ferreira Pena, do outro lado da praça, em frente ao prédio do Grupo Sucesso (que oferece cursos profissionalizantes), um carrinho que vende “churrasquinho” é um ponto de reunião e agrega muitas pessoas (NACIMENTO, 2014, p.99).

Para muitos entrevistados ao longo da pesquisa de campo, a praça, na reforma de 86, era uma opção de lazer frequentemente visitada. No entanto, para estas pessoas, hoje a praça deixou de ser interessante para passeios, visto que as suas atrações foram praticamente encerradas. Sem estrutura para shows e espetáculos, o entorno passou a definir seu público e uso das mais variadas formas. Afinal, a dinâmica dos bares, escolas, pontos de ônibus, academia, lanchonetes, entre outros, passara a ter maior influência no espaço da praça, que já não tem mais suas próprias atrações, com algumas exceções, como manifestações políticas e a feira de flores de Holambra.

Enfrentando problemas de manutenção, a praça, por vezes, permanece sem iluminação nos postes, o que compromete o sistema de segurança pública. A escassez de bancos é outro ponto importante a ser citado, pois, antes, os bancos em forma de “C”, reuniam grupos de pessoas em longas conversas. Hoje, o monumento a Tenreiro Aranha assume essa função, com suas escadarias.

Nascimento (2014) afirma que:

Até agosto de 2013 a Praça da Saudade encontrava-se sem manutenção, o que poderia ser comprovado nas pinturas dos quiosques que se rendiam ao sol; e também se apresentava com inúmeras pichações em todo o seu mobiliário, nas colunas laterais e no monumento. Este monumento ao centro oferece suas escadarias a estudantes e está sempre cheio desses frequentadores, que durante o dia procuram alguma sombra e, à noite, reúnem-se quase ocultos pela pouca iluminação (NACIMENTO, 2014, p.99).

Figura 28: Maquete eletrônica do projeto urbanístico de revitalização da praça. Note que no projeto, o traçado é diferente do realizado.



Fonte: Coordenadoria de Planejamento Urbano – CPU (Fev/2008).

Figura 29: Maquete eletrônica da lanchonete na praça. O traçado do passeio não foi aplicado conforme a imagem.



Fonte: Coordenadoria de Planejamento Urbano – CPU (Fev/2008).

O Presidente do Rio Negro Clube, Eymar Gondim, em entrevista à Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Manaus, compartilhou suas expectativas sobre a restauração da Praça da Saudade: “Representa muita coisa inclusive eu creio que daqui pra frente vai ser um novo Rio Negro, o Rio Negro vai voltar a ostentar todo o seu glamour, toda a sua elegância daquela época”. O ano era 2010, mês de maio, quando prefeito Amazonino Mendes reinaugura, após alguns anos em reforma, a Praça da Saudade revitalizada de acordo com o projeto original da praça, aquele de 1932.

Glamour e elegância, talvez, não tenham vindo da maneira que Eymar Gondim esperava. Oito anos após sua reforma, o site de notícias Amazonas Atual, traz a manchete: “Abandonada, Praça da Saudade em Manaus sofre depredação e vandalismo”. Tal site de notícias não é o único a tratar deste assunto. Várias matérias do Portal A Crítica reiteram, no imaginário popular, a violência e o vandalismo. Duas maneiras criminosas de utilizar e usufruir do espaço público. Mas, será que é só isso?

“Praça da Saudade vira ‘reduto’ de ladrões no Centro de Manaus”. É o título da matéria feita pelo jornal A Crítica por Kelly Melo de 2017. O título da matéria é suficiente para fincar a ideia no senso comum, de que a Praça foi tomada por

assaltantes. Ao mesmo tempo em que o texto jornalístico conduz o leitor a entender que assaltos são comuns no espaço público urbano que a praça compreende:

A praça da Saudade é o ponto de encontro dos universitários que vêm do interior durante o dia inteiro. Eles descem dos ônibus no local e, de lá, cada um segue para suas aulas e, no fim do dia ou da noite, retornam para pegar o ônibus e voltar para casa. Mas o descaso com a segurança pública e o abandono da praça têm facilitado a ação de criminosos que, de dia e de noite, atacam os universitários para roubar objetos como celulares, joias e até sapatos. “Outro dia abordaram um colega que estava esperando para entrar no ônibus. Os bandidos pegaram o celular, pulseira e até o tênis dele. Quase todos os dias acontece algum roubo aqui nessa área”, reclamou o estudante de Educação Física Kenned Lima, 25 anos (Jornal A Crítica, 2017. Fonte: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/sexta-feira-praca-da-saudade-vira-reduto-de-ladros>).

O parágrafo acima, retirado da matéria jornalística feita pelo jornal A Crítica, é suficiente para entender o contexto no qual a Praça da Saudade é retratada pelos jornalistas locais. Nesse tipo de discurso, residem milhares de interpretações prontas, que serão seguidas pela população, estigmatizando o local, fato que torna a praça sinônimo de violência e afasta determinados públicos de frequentar o ambiente.

A praça é, sim, espaço no qual ocorrem inúmeras cenas de violências veiculadas nos jornais locais ou noticiários televisivos. Mas, no momento em que esta condição não está balanceada, perpetua um ciclo de mensagens que resumem ou associam a praça somente à violência. Simplificam sua complexa existência. Mesmo assim, não é suficiente, pois uma grande parcela, depois de tantos assaltos e crimes, persiste em usufruir da área. Nos fins de semana, é comum à noite, se deparar com o entorno lotado de pessoas em bares e, por conseguinte, na própria praça também. Ela não está desocupada e abandonada. Abandonada, sim, pelas autoridades, e não pelo povo.

Foto46: Caramanchões da praça, ao lado da rua Ramos Ferreira, tomado por intervenções artísticas: os pichos.



Fonte: Autor (2018).

A dificuldade de entendimento da história da praça é um obstáculo a ser comunicado. O uso de gráficos sobre o assunto durante esta pesquisa auxilia a visualização dos dados que cercam a contextualização da Praça da Saudade, desde a história das praças à história específica da Praça da Saudade em Manaus. Este panorama geral é apresentado no gráfico abaixo, seguindo a linha do tempo, as reformas que a praça sofreu, com intuito de visualizar melhor a sucessão dos fatos.

Figura 30: Gráfico apresentando os nomes oficiais e as reformas que a praça sofreu durante sua história.



Fonte: Autor (2020).

A exposição desse conteúdo é altamente relevante para o embasamento do presente estudo, visto que foi necessário pesquisar a fundo tanto sobre a história da “Praça da Saudade” em Manaus como das praças da saudade no Brasil, a origem destas e o motivo pelo qual se revestiu o sentimento do autor, levando-o à análise e à interpretação acerca de tais assuntos. Assim, a teia ecossistêmica se preenche de informação, a exemplo do que se verificou nas duas camadas sobrepostas, expressando imagens, dados e fatos históricos. Essa trilha, somada à imersão na literatura, sem dúvida, contribuiu para a compreensão da terceira camada e para o entendimento a respeito do ecossistema comunicacional da Praça da Saudade em Manaus.

O próximo capítulo inclina-se para compilar impressões e ampliar as possíveis interpretações sobre a Praça da Saudade, busca ouvir e dar espaço às vozes da cidade que movimentam e dão vida ao espaço público da praça. Momento em que se expande a terceira camada e suas expressões culturais, contemporaneamente, latentes e pulsantes na vivência e memória dos manauaras.

## **CAPÍTULO III – PASSEIOS PELA SAUDADE**

### **3.1 PASSEIOS PELA SAUDADE**

Após a imersão no estudo da historicidade da praça, ao chegarmos na terceira camada, nos deparamos com o momento atual. Portanto, fez-se necessário ir a campo e entrevistar diversas pessoas, de diferentes classes e vivências. A prioridade foram pessoas escolhidas pelo gênero e grupo étnico, para relatarmos suas memórias e impressões sobre a praça e a cidade.

Devido ao fato de estudarmos aqui um sentimento tão complexo e profundo, artistas que vivem a praça foram entrevistados para compartilharem sua visão. Uýra Sodoma, drag monstra criada pelo biólogo indígena Emmerson Munduruku, Maria do Rio, atriz negra trans, e Márcia Antonelli, escritora negra e trans.

Como parte do processo metodológico as três artistas ganharam vida através das ilustrações feitas pelo artista Luiz Oliveira com intuito de materializar a presença poética das artistas uma vez em que tratam-se de figuras públicas, referências de destaque e notoriedade para a cena artística de Manaus.

Figura 31: Uýra Sodoma.



Fonte: Luiz Oliveira (2020).

Figura 32: Maria do Rio.



Fonte: Luiz Oliveira (2020).

Figura 33: Márcia Antonelli.



Fonte: Luiz Oliveira (2020).

Durante a roda de conversa realizada com os idosos do Centro de Convivência do Idoso da Aparecida, uma das participantes se destacou com seus relatos sobre a praça. Dona Joaquina, como prefere ser tratada, é uma mulher negra de 70 anos e pôde compartilhar suas histórias pela praça.

A florista Sabrina, de 42 anos, com quem comumente me deparava, também foi entrevistada para contar sobre sua experiência vendendo flores ali pela praça. Durante esta entrevista, realizada na escadaria do monumento à província, surge espontaneamente uma pessoa curiosa com o assunto e disposta a partilhar suas memórias. Identificou-se como Efraim, disse trabalhar no Porto de Manaus como estivador. É negro e jovem. Se interessou pelo assunto e entrou na conversa.

Por fim, as moradoras de rua da Praça da Saudade também foram ouvidas. Afinal, as suas percepções sobre a cidade são tão importantes quanto os demais entrevistados e as memórias são aguçadas pelo ambiente público vivido 24 horas por dia. Seus nomes foram preservados por se tratarem de pessoas em vulnerabilidade, diferente das três artistas entrevistadas Uýra Sodoma, Maria do Rio e Márcia Antonelli, que também metodologicamente ganham ilustrações suas para materializar a poética existente em suas falas. Por se tratarem de figuras públicas, seus nomes foram divulgados. A intenção de optar por produzir ilustrações que retratem as três artistas, é inspirada pela obra da artista plástica Bernadete Andrade (2002) ao afirmar que:

Por isso, a pintura é sempre um olhar primeiro e cada obra um ser distinto, com vida própria: o espelho da alma do pintor. Sendo a cidade mítica fruto dela, então, não pode ser o ponto final de um projeto, mas o início de uma inquietação, que no momento de turbulência, a imaginação criadora abre suas asas e a transforma em suave companhia, desatando os laços com a pesada estabilidade. Aqui vos oferecemos: arte e memória como possível saída do labirinto, como alimento desse mundo de ruínas, ou simplesmente esperança doada em chuvas e constelações. (ANDRADE, 2002, p.64)

Uma série de perguntas foram feitas e, aqui, dividimos suas falas a partir de dois temas essenciais para compreender o ecossistema comunicativo da Praça da Saudade, sendo: 1) o próprio sentimento da saudade, estudado e analisado dentro do seu sentido antropológico; 2) as memórias de antigamente, do que remonta uma saudade ao estar na praça, do que mais sente falta são assuntos discutidos a seguir.

Este capítulo pretende tecer e expor as relações que as pessoas entrevistadas criam todos os dias sobre a praça, sobre a cidade e a vida em sociedade.

Para esta parte da pesquisa, adotou-se como metodologia, entrevistas em profundidade com a transcrição, associando-as com os temas abordados, cujas questões obedecem à dinâmica estabelecida entre o pesquisador e os entrevistados. Para tanto, elegeram-se narrativas dos sujeitos da pesquisa, identificados de acordo com situações vivenciadas por pessoas que, de alguma forma, têm imediata relação com a Praça da Saudade. São elas: artistas, proprietários de estabelecimentos comerciais, indivíduos em situação de rua e representantes do movimento LGBTQIA+.

Tivemos como base a estruturação de algumas perguntas que serviram para nortear a entrevista, mas sem ser necessário seguir à risca, acompanhar o fluxo do entrevistado e os seus interesses. Nem todas as perguntas foram feitas, mas auxiliaram a entrevista. As perguntas foram as seguintes:

1. Você sente saudade de algo que hoje não existe mais na Praça da Saudade?
2. Quais são as memórias mais fortes que você tem desse local?
3. Você é frequentador da praça? Você só transita, ou você fica por um tempo na praça?
4. Como era para você a Praça da Saudade antigamente?
5. Qual a maior diferença que você sente no que a Praça da Saudade é hoje e que ela era antes?
6. Durante sua infância, frequentou a praça? Quais sentimentos o nome da praça te remetia? Como era frequentar a praça enquanto criança?
7. Sabe a respeito do Muro da Vergonha?
8. Como você vê o fato da praça ser um local acolhedor para moradores de rua e estrangeiros?
9. Pixo, grafites, prostituição, tráfico de drogas...isso é algo novo para você na praça ou sempre foi assim?
10. A presença de bares no entorno muda para você a dinâmica da praça?
11. Sabe a história sobre a praça ou sobre o monumento?
12. Qual a pior memória que você teve na praça?

13. O que seus pais/avós achavam sobre a praça?
14. Porque você acha que o nome Praça da Saudade permaneceu e Praça 5 de Setembro não?
15. Qual ausência na praça hoje te remonta uma saudade?
16. Lembra de alguém que era famoso na praça?
17. Sente saudade de alguém que você encontrava/encontrou na praça?
18. Quais os aspectos positivos que você vê hoje na praça? E antigamente?
19. O que hoje o monumento a Tenreiro Aranha significa pra você?
20. Você sente o que pela praça? Qual sentimento? Raiva, tristeza, amor, saudade, felicidade, divertimento, sexo
21. A presença do Tenreiro Aranha na praça tem ligação com a sua história?
22. Você acha perigoso dar uma volta na praça? Porque? Já passou por alguma situação arriscada?
23. Para você, o sentimento da Saudade é algo bom? Provoca alguma emoção?
24. Dentre os monumentos que a praça tinha antigamente (avião, fonte, lago, estátuas, anfiteatro, brinquedos, feira indígena, comidas), qual deles você sente saudade? Qual deles te marcou?
25. Já presenciou alguma situação de perigo, assalto, assassinato, tiroteio? Qual foi sua reação?
26. Devido as notícias de violência na Praça da Saudade, você se afastou do espaço? Ou continua visitando?
27. Qual era seu passatempo preferido na praça?
28. Já namorou na Praça da Saudade? Sentiu que era um espaço propício e bom para namorar?

As opiniões divergem de acordo com a singularidade dos entrevistados. Pela oralidade é possível identificar que as emoções afloram, expressando vivamente recordações acerca do significado de *saudade*. Trata-se de um sentimento ou fenômeno tão marcante da experiência partilhada ao longo da existência humana, conforme discussões examinadas nos subitens a seguir.

### **3.1.1 Origens da saudade.**

Decifrar a saudade nos leva a procurar saber mais sobre o caminho que este sentimento percorre, até chegar nas suas raízes. Portanto, antes de elucidar sobre o

lado abstrato e emocional deste sentimento, é preciso buscar seu significado etimológico. A princípio, o dicionário nos revela uma leve pincelada sobre suas características e aponta indícios de respostas a estas indagações. No verbete “saudade” do dicionário Houaiss<sup>2</sup> de língua portuguesa, apud Silveira (2007), explica que:

Saudade: sentimento mais ou menos melancólico de incompletude, ligado pela memória a situações de privação da presença de alguém ou de algo, afastamento de um lugar ou de uma coisa, ou à ausência de certas experiências e determinados prazeres já vividos e considerados pela pessoa em causa como um bem desejável (SILVEIRA, 2007, p.13).

Além da descrição acima, o verbete também dá exemplos como saudades de uma amiga, saudades de um parente falecido, saudades da Bahia, saudade de comer graviola, da praia, dos bons tempos. Contudo, existe uma extensa discussão sobre a que povo a palavra saudade pertence, de fato. A propósito disso, vários pesquisadores entram em debate e apontam direções opostas.

Segundo Silveira (2007), ao citar a portuguesa Maria Paula Lamas, a saudade está intimamente ligada ao povo português, embora não seja unicamente deste. Por isso, muitas definições e contradições são discutidas e distanciam cada vez mais de um resultado conclusivo. (p.32) A sua suposta origem do latim *solitatio* ou *soliditas*, que significam “solidão”, cai por terra no momento em que podemos analisar a solidão como um sentimento único, ao contrário da saudade, pois aqui se trata de um sentimento coletivo. Segundo Silveira (2007): “não é só de <o> que parte que tem saudades é mais de <os> que ficam, são muitos que sentem a ausência do ente querido” (Castro, pág.15, Silveira p. 33).

Silveira (2007) aborda a questão e entende que a origem é árabe, uma herança possível, a partir da palavra *saudah*. Todavia, seu significado não é tão próximo assim do que entendemos por saudade, ao assemelhar-se mais a uma melancolia, padecimento empático, depressão, dor de coração. O foco é a dor, visto que a tristeza vai se distanciando da alegria que o circula. Ainda assim, não é a tradução perfeita, contudo, “nenhum termo começou como saudade, pois tanto o termo quanto o sentimento não nasceram feitos todos de uma vez, mas aos poucos

---

<sup>2</sup>Instituto Antônio Houaiss, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.

foram entrando na língua portuguesa, até aparecer o que é hoje” (SILVEIRA, 2007, p.33).

A conotação coletiva de que o sentimento da saudade integra em si pode ser reafirmada através do ditado português apresentado por Silveira (2007): “Quem parte leva saudades, quem fica saudades tem”. Quem parte é solitário, vai sozinho. Os que ficam não são solitários, pois estes sentem mais saudades de quem vai embora. O sentido coletivo se difere da sua provável origem árabe, a *saudah*, palavra esta que indica ser um fator influenciador para os portugueses ressignificarem este sentimento do seu modo. Silveira (2007) enfatiza a presença árabe na Península Ibérica desde o séc. VIII ao XIV, assim como a origem árabe de várias palavras portuguesas, tais como chafariz, enxaqueca, alfazema, fulano e a saudade com suas variantes: saudoso, saudosismo e saudosista.

Portanto, é possível imaginar a complexidade que se esconde por de trás das suas remotas origens, porém, a palavra saudade somente aparece no vocabulário de uma certa nação, na língua portuguesa. Castro apud Silveira afirma que “É porventura o mais doce e delicado termo da língua. A ideia, o sentimento por ela representado, certo que outros países o sentem; mas que haja vocábulo especial para o designar, não o é de nenhuma outra língua senão da portuguesa” (Castro, apud SILVEIRA, 2007, p.34)

A verdade é que a palavra saudade, com todas as letras, só é expressa na língua portuguesa. Não que outras nações e línguas se isentem de sentir a saudade, mas a palavra só é manifestada no vocabulário português. Assim, podemos afirmar que a palavra em si é que nos direciona a uma consciência do sentimento, e não o contrário, sendo o sentimento que de alguma forma se descobriu como saudade. A saudade é ponte, travessia. Ela só é possível de se sentir por existir a categoria saudade para senti-la. A palavra escolheu o sentimento e não o contrário.

### **3.1.2 Brasil, Portugal e suas diferenças.**

A compreensão do termo saudade é possível se a entendermos como uma palavra específica do vocabulário português, cujo significado ao viajar para suas colônias sofre mutações. O brasileiro readéqua a saudade e a reserva numa

poltrona aquecida. Ela entra pela porta da frente. E é preferível que fique, pois sem ela, a vida se torna dormente.

Para explicitar melhor a maneira como a saudade é vista por ambas as nações, a pesquisa se debruça sobre poesias e trovas portuguesas e brasileiras, para assim termos material interessante o suficiente, ambientando as sutis diferenças entre Brasil e Portugal.

Segundo Silveira (2007), Osvaldo Orico percebeu esta diferenciação entre a maneira como o sentimento é configurado em Portugal e ao chegar em solo brasileiro. “A saudade portuguesa é mais um “morrer de amor”, triste muita vez e provoca dor. A brasileira é mais alegre, imaginativa, é mulher moça (...) Saudade que não chora, canta; saudade que não punge, exalta; saudade que não abate, enaltece; saudade que não fere, vivifica” (Orico, p.44 apud Silveira 2007, p.55-56)

A trova portuguesa abaixo, apresentada por Silveira (2007), revela os laços sentimentais que se entrelaçam da palavra ao sentimento:

As saudades, quem puder  
Enterre-as logo ao nascer.  
Sim, as saudades não matam,  
Mas ajudam a morrer.

Esta trova é capaz de tornar mais nítida a visão sobre o que é a saudade para os portugueses. Um tanto significativa visto que o poeta pede para enterrá-las ao nascer, para delas não morrer, caso o autor fosse brasileiro, a intenção seria alterada: o poeta clamaria por saudades logo ao nascer, para jamais morrer de desgosto por não tê-las. Ter saudade é ter memória, é ter vida, é ter história. É com esta bagagem cheia que o sentimento consegue viajar através do tempo. Reacende gostos e sabores. Sensações e emoções.

A saudade que herdamos foi ressignificada para a vida do cotidiano brasileiro, acoplado-se na nossa identidade como base estrutural emocional. As características herdadas da saudade de Portugal, de volta do passado ao presente como re-vivência do passado por meio de um processo de manipulação da distância espacial e temporal também é determinante para se ter a saudade como um bem do passado, necessária para se pensar o *ser* desse sentimento. Entretanto, ao navegar

os caminhos, nossa identidade repensa e re-configura o lado da negatividade presente na saudade portuguesa.

Não é de bom tom aceitar que a saudade no Brasil fizesse referência a algo negativo. Mudamos seu significado. O caminho que a saudade percorre em Portugal é necessário, porém, machuca, corrói e aos poucos chega a matar. No Brasil, é tão necessária quanto, entretanto, ela é sentida como positiva, vangloriada, é tão desejada, que extrapola a emoção e direciona, por exemplo, através de um projeto urbanístico racional, as praças espalhadas pelo Brasil batizadas com o seu nome.

Em território brasileiro, a saudade é um meio de marcar o tempo, enquanto que em Portugal o tempo é sentido e marcado apenas da maneira tradicional, conflitante com a linearidade moderna do tempo. E a saudade não só trafega entre estes dois pólos, como ela mesma é a passagem entre as duas concepções. É ponte e travessia. Contudo, o tempo brasileiro contém mais forte a ameaça do esquecimento, das luzes apagadas. De acordo com Silveira (2007):

O tempo brasileiro contém com mais força a ameaça do esquecimento, da indiferença, característica do tempo linear que permeia a cosmologia moderna. A saudade brasileira, assim, herdaria essa concepção menos linear de tempo. (SILVEIRA, 2007, p.61)

Musicalmente, a saudade também é associada ao canto da hora de ninar, som baixo, leve e agradável para embalar as crianças. É um canto protetor, positivo. Nos dois países, podemos ver esta semelhança, no poeta brasileiro Vinícius de Moraes, e na poesia portuguesa, com Camões, de acordo com Silveira (2007).

### **3.1.3 O sentimento da saudade**

A escolha do sabiá, como ave símbolo para representar a saudade, não foi uma escolha acidental. O poeta Gonçalves Dias, ao sentir a falta de sua terra natal, escreve a famosa *Canção do Exílio*, um marco na poesia brasileira que traz o sabiá como representação quase divina de tudo o que se sente falta do Brasil.

O sabiá-laranjeira, na poesia de Gonçalves Dias, é retratado como o maior expoente entre as diversas ausências que representam o Brasil: sente falta da várzea, do céu, dos bosques mas principalmente, das palmeiras por onde canta o sabiá. Afinal, naquela época o autor estava em Coimbra, mas com os pensamentos no Brasil, onde a saudade é não só tristeza, mas aconchego também. O trecho final

da poesia carrega o desejo do retorno à terra querida, caso contrário, sua morte será apenas a tristeza de não ter se despedido de sua amada terra.

As saudades em Gonçalves Dias carregam a felicidade de se poder retornar ao país de origem e o medo de não avistar por uma última vez, as palmeiras, onde canta o sabiá. O trecho abaixo expressa essa relação mista:

*Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que eu desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
(Canção do Exílio, Gonçalves Dias, 1843)*

Desde então, a poesia “Canção do Exílio” se enraíza nas entranhas de nossa identidade cultural popular brasileira e serve de base para que o sabiá comece a ser representado com toda recordação positiva do Brasil por outros escritores. Tal foi a sua força que, em 2002, de acordo com Silveira (2007), “[...] o sabiá-laranjeira subiu ao status de ave-símbolo nacional, pelo decreto de 3 de outubro, no mandato de Fernando Henrique Cardoso.” (SILVEIRA, 2007, p.68)

Consequentemente, podemos constatar com esta pesquisa a versatilidade da saudade que não se atem somente à literatura escrita, mas se expande para diversas expressões artísticas, tais como poesia, prosa, literatura oral, contos folclóricos, música popular, na pintura, teatro e também invade os meios comerciais em que a indústria cultural de massa se faz presente, por meio de propagandas, na televisão, imprensa e nos guias turísticos.

Esta pluralidade de espaços para se falar sobre o sentimento da saudade, consagram um vasto conjunto de símbolos que comunicam para nós e para o estrangeiro, o que é ser brasileiro. Além do carnaval e futebol, o brasileiro sente este sentimento único nas juras de amor, de amizade e também nas ocasiões trágicas de perda e de dor. É praticamente impossível ser brasileiro sem saber e sem ter sentido saudade.

A saudade está intimamente ligada ao modo básico de como nos expressamos, ao reconhecer que este sentimento não se isola somente a paisagem intelectual, mas, sobretudo incorpora nosso esqueleto emocional que exprime, naturalmente, como é pertencer ao Brasil. Implica dizer que essa função quase que

vital da saudade, é possível compreendê-la tendo em vista o motivo pelo qual este sentimento tão importante em nosso sistema de valores, tem sido tão pouco aprofundado e estudado.

Silveira (2007) consegue tecer de forma objetiva o ecossistema comunicacional poético que envolve este sentimento, através de diversos escritores e poetas:

Deixe-me esclarecer melhor o que estou falando: Nelly de Carvalho define a saudade como palavra-síntese; já Osvaldo Orico a define como palavra viva, como um termo que dá vida a tudo que está morto; por outro lado, o poeta Humberto de Campos toma como central a resposta de uma criança ao ser perguntada sobre o que é a saudade: vontade que volte; na poesia de Olavo Bilac, entretanto, a saudade surge como “a presença dos ausentes”; o grande ensaísta católico Alceu Amoroso Lima, por sua vez, nos assegura que a saudade é a presença da ausência; enquanto Vicente de Carvalho afirma que ela é o único bem que existe nesta vida; finalmente, o poeta Gonçalves Dias chama a saudade de Rainha do passado. (SILVEIRA, 2007, p.14)

Dar vida ao que está morto, enquanto desejo do retorno, significa “presença dos ausentes”, único bem existente e rainha do passado. Os poetas mencionados acima entendem que a saudade está intimamente interligada ao tempo de maneira positiva e poderosa. Através das nossas memórias, a saudade se transforma no único veículo possível capaz de viajar no tempo, de reviver o que era tão bom.

Como já percebido anteriormente, a saudade marca o tempo de uma maneira muito singular e própria do brasileiro. O tempo moderno é sentido de maneira não linear, através de memórias descontínuas, mas de extremo valor para o indivíduo que o vivencia e recorda com o aparato da saudade. A saudade é condutora de sentimentos mistos, tristeza e alegria, mas, no Brasil, abarca um dos sentimentos que move o mundo: o amor.

Não obstante, o amor na saudade é sentido de maneira coletiva, e nada individual. Como vemos no caso de Romeu e Julieta ou Tristão e Isolda, o amor assume feição individual, sentida de modo intransferível, envolve as vontades e desejos próprios de cada indivíduo. Este amor egoísta ou físico caracteriza uma dimensão em que a saudade não faz parte, totalmente contrastante. A saudade, de acordo com Silveira (2007):

[...] possui uma dimensão da coletividade. Ela está além dos indivíduos e, assim fazendo, remete ao passado que dissolve e promove uma fusão com a totalidade. A saudade, ao invés de ser mero desejo individual é um sentimento coletivo, e por isso, de dimensão social. (SILVEIRA, 2007, p.38)

A dimensão coletiva em que a saudade respira remete ao tempo passado, que, ao ser revisitado, se funde com a totalidade que envolve tanto o tempo presente e o seu contexto quanto um possível futuro. Isso pode ser extensivo no que diz respeito ao tempo presente em que vivemos na Praça da Saudade, a entrevistada Dona Joaquina, entende que o passado é melhor do que agora. O presente em suas próprias palavras “não é bom não”.

Mas eu lembro, eu sinto saudade, porque foi muito bom... O passado é melhor de que agora, mil vezes. O presente não é bom não, agora é rock... essas coisas, isso não é bom. A gente não vê mais coisas assim que a gente dê pra aproveitar. Não tem mais nada que a gente possa aproveitar. Por isso que lá em casa todo mundo me chama: é... Agora não existe mais, tudo agora é tecnologia. Tecnologia. Eu não acredito nessa tecnologia, ninguém pode comer mais nada, tudo que come faz mal. Eu não entendo mais nada. Aí fica difícil né, da gente sobreviver (JOAQUINA, entrevista realizada em 17 de outubro de 2019).

O presente na visão da entrevistada Dona Joaquina, mulher preta retinta de 70 anos de idade, é ruim, não é bom. E é aí que a saudade entra, servindo como veículo para trazer o passado ao fluxo do presente, lembrando Dona Joaquina de como o passado era bom. O que seria ela sem essa memória boa? É neste contexto que podemos ver na prática, como o sentimento da saudade se revela de extrema importância para o esqueleto emocional dos brasileiros.

Podemos verificar que, ao fazer referência ao presente, Dona Joaquina entende como “rock”, estilo musical comumente associado à frase “sexo, drogas e *rock’n’roll*”. Esta expressão ganhou força com o festival de música WoodStock, dos anos 60 nos Estados Unidos, rotulando o rock a sexo e consumo de drogas. As notícias atuais sobre a Praça da Saudade, trazem essa comparação em uma nova roupagem, uma vez em que, segundo Joaquina, a praça não é um espaço aproveitável: “não dá pra aproveitar”, afirmou.

Este pensamento é conduzido pelo fato da praça não abrigar mais movimentação cultural como em outros tempos, já houve muito mais. “Fica difícil de sobreviver” nas palavras da entrevistada, não só pela tecnologia que nos distancia, mas também por essa ausência de espaços aproveitáveis para o lazer que incluía pessoas mais velhas e suas atividades de entretenimento. O único evento que, segundo Joaquina, a atrai para visitar a praça, é a feira de flores de Holambra.

As vivências atuais da praça, para algumas pessoas, podem causar desconforto tais como Dona Joaquina relata. Porém, quando questionada sobre o passado, este sim era positivo, era bom. A saudade surge como este caminho possível de reviver o que está ausente e que nos faz falta, que gostaríamos de ter próximo, que sentimos e expressamos afeto. Sendo assim, nós, enquanto brasileiros, temos uma leitura única da saudade como um sentimento positivo. De acordo com Silveira (2007):

“É a idéia de positividade da saudade. O que quero dizer com isso? A saudade possui uma certa aura que a torna especial. É a expressão positiva desse sentimento. Pois se a saudade é filha ou irmã do amor, sem dúvida que é um sentimento gostoso ou bom de se ter. Vamos dizer melhor, a saudade, por estar conectada com o amor, é um sentimento querido. Um sentimento desejado e bem vindo, um sentimento para se gostar.” (SILVEIRA, 2007, p.40)

Obviamente, a saudade não traz somente felicidade. Traz lágrimas, traz tristeza, nos emociona fortemente e com essa força, demarca nosso tempo. A saudade causa por vezes, um aperto no coração e nos faz dizer que estamos “morrendo” de saudades e, para não morrer, é preciso matar as saudades por meio do encontro. Quando o encontro não é possível pela morte de quem sentimos falta, a saudade é mais dolorida.

Por mais que haja dor, a felicidade se faz muito presente já que nos sentimos felizes por termos essa memória, por termos vivido coisas boas no passado, por essas memórias serem vivas e presentes. Se no passado não houve memórias boas, como ter saudades de algo que não foi vivido? É a dor do vazio que nos contagia e nada tem de parecido com a dor da saudade.

Entre poesias analisadas que falam sobre a saudade, a lembrança é destacada como o lado negativo do passado, enquanto que a saudade é considerada positivamente, como um sentimento que dá prazer e fortifica. É como se a saudade assumisse características de mecanismos de defesa do nosso controle emocional, para poder lidar de maneira mais resiliente sobre as perdas e suas doloridas consequências. De acordo com Silveira (2007): “É a positividade da perda que no final sobrevive ao sujeito da perda. É por esta característica positiva da saudade que ela é um valor para a nossa sociedade.” (SILVEIRA, 2007, p.40)

### 3.1.3.1 Elemento mágico da saudade

O poeta Manuel Bandeira (1886-1968) traz reflexões acerca de como a saudade é sentida por ele além dos atravessamentos de outros sentimentos que surgem com a saudade e principalmente dando a devida importância à felicidade, que se edifica dentro deste complexo sentimento.

*Manuel Bandeira (1886-1968):  
Choras sem compreenderes que a saudade  
É um bem maior que a felicidade.  
Porque é a felicidade que ficou!*

O referido poeta descreve a saudade como o resultado final de tudo o que ficou para trás, por isso é a felicidade que o tempo deixou ficar, maior que a própria felicidade em si por ser somática de várias memórias das coisas boas que permanecem no sentimento. A tristeza também é sentida por estar condicionada a ausência, mas a felicidade daquele momento ter existido é maior.

Assim sendo, o elemento mágico da saudade surge como expressão sagrada e por isso, divina. O fator que contribui para esta análise da saudade é a sua capacidade de manipular o tempo, independentemente da distância temporal ou espacial. Além de, sem dúvida, a positividade que o sentimento carrega sendo associado a alegria, felicidade ou a lembrança de um Bem, a poesia brasileira reveste a saudade de uma aura divina. Segundo Silveira (2007): “É a divinização desse sentimento. Em um país religioso como Portugal e católico como o Brasil, nada mais familiar ser a saudade, um sentimento tão querido, divinizado” (SILVEIRA, 2007, p.43).

De repente, a saudade transforma tudo que está morto de volta a vida. Esta esfera mágica que compreende a saudade como sentimento que permite rever, visitar e retomar o tempo perdido é também um milagre em nós, uma mágica do tempo no âmbito sagrado. Para exemplificar essa relação, Silveira (2007, p.43) cita a trova brasileira de Maria Susete, que carrega em si a dimensão divina na qual a saudade se abriga:

*Dos meus cantos de menina,  
Tão cheios de amenidade,  
Só resta a sombra divina  
Desta palavra: Saudade!*

Ao ser associada com o milagre, uma vontade divina, a saudade agrupa mais uma característica que reforça sua positividade. A poetisa define a saudade como sombra divina, sendo a sombra uma metáfora para a alma. Silveira (2007) cita Emile Durkheim ao entrar nesta discussão a respeito da alma que, segundo sua análise em sua obra “As formas elementares da vida religiosa”, a alma sempre foi apreciada como sagrada em oposição ao corpo, considerado como profano. A alma está de passagem pelo corpo pois com a morte, a alma volta a se unir com o divino, ou seja, a alma é uma parte da substância divina. E para cada cultura, existe um modo específico de interpretar como a alma se configura, se ela deixa de existir ou se reencarna. Logo, segundo Silveira (2007):

Percebemos então, que a alma individual é apenas uma porção da alma coletiva do grupo, ou melhor, da “grande-alma” (seja Deus ou Gaia) ao qual nossas almas individuais fazem parte. “Porque se o grupo não é imortal no sentido absoluto da palavra, é verdade, no entanto, que subsiste aos indivíduos e que renasce e se reencarna em cada nova geração” (Durkheim, [1915], 1989). (SILVEIRA, 2007, p.45)

Assim entendido, Silveira (2007), ressalta que é possível percebermos que a alma individual é apenas uma porção da alma coletiva do grupo. Isto para o autor significa a “grande-alma” (seja Deus ou Gaia) a que nossas almas individuais fazem parte. Para Durkheim, isto se explica: “Porque se o grupo não é imortal no sentido absoluto da palavra, é verdade, no entanto, que subsiste aos indivíduos e que renasce e se reencarna em cada nova geração” (DURKHEIM, [1915] 1989, apud SILVEIRA, 2007, p. 45).

Neste aspecto, a alma pode ser assimilada como o princípio social, o coletivo da vida. A alma se mantém intacta até mesmo quando o corpo morre e modifica-se, assim como o indivíduo. Todavia, a alma enquanto expressão do melhor da sociedade, permanece. Assim como a saudade, que além de permanecer depois da morte dos indivíduos, é expressão divina da alma. Saudade, assim como a memória, é um sentimento coletivo.

É coletivo, pois envolve os diversos repertórios histórico-culturais existentes em uma sociedade, e o que o torna coletivo é a dimensão temporal única na qual a saudade reside. Diferente dos calendários, este sentimento permite uma maior elasticidade do tempo, sensibilizando nossa passagem através de uma marcação temporal própria. O tempo é sentido de maneira pessoal, surfando por entre as memórias e lembranças e não por números sequenciais.

### 3.1.3.2 Marcação única do tempo.

O tempo da saudade não é retilíneo e muito menos, linear. É elástico por contrair entre um vai-e-volta de um tempo que se adequa de acordo com o despertar de memórias, é cíclico e circular. A saudade é entendida, aqui, como sentimento mágico, pois ela sempre foi capaz de manipular o espaço e o tempo muito antes das tecnologias da computação. De acordo com Silveira (2007):

“[...] a saudade já brincava com o instantâneo da lembrança no agora (uma espécie de ao vivo) e do espaço completamente ausente somente usando o sentimento ao invés de computadores e seus respectivos programas. Uma forma cultural e humana de manipular, pelo lado íntimo da pessoa, toda a distância de tempo e espaço entre a pessoa que sente saudade e a coisa querida, amada. (SILVEIRA, 2007, p.45-46)

Muito antes da era tecnológica, a saudade já causava diversas emoções. A famosa *tag* nas redes sociais *#tbt* abreviação de *take back in time*, significa em português algo como “voltar no tempo”, recordar uma memória antiga. Internautas utilizam ao postar fotos instantaneamente em rede sociais digitais exatamente por se tratar de um desejo comum a todos, mas particular e muito íntimo para cada indivíduo. É reconfortante poder viajar no tempo através de imagens. E a saudade é somática de todas as memórias positivas que preenchem a alma de uma pessoa, construindo terreno fértil para a felicidade brotar.

Esta capacidade de reviver o passado inseri-lo na realidade traz cor ao sentimento da saudade, diferente da lembrança em escala de cinza. Silveira (2007) enriquece essa compreensão de maneira brilhante, pois, para o nosso universo valorativo, a saudade é colorida:

Na verdade, não uma cor ou algumas, mas como num fim de tarde onde o sol brilha nas gotas de chuva, ela é constituída pelo arco-íris inteiro somando-se ao resto do céu e as montanhas ao fundo. Ela é sentida como o passado vivo no presente, ao contrário da lembrança que é sentida somente e unicamente como passado. O lembrar não revive nada, talvez um pouco de dor, choro e tristeza. Já a saudade revive um amor perdido, um amigo perdido, um familiar já morto (SILVEIRA, 2007, p.46).

A íntima relação da saudade com nossa identidade cultural enquanto brasileiros, nos faz questionar a possibilidade de viver uma vida sem saudade no universo luso-brasileiro. Contudo, podemos ver uma vida sem cores, caso fosse possível não existir saudade. Para nosso universo valorativo, a saudade transborda

uma diversidade de sentimentos que dão dá sentido ao nosso viver. Confortam e afogam.

A característica de reviver momentos, abrir caminhos através das memórias para o passado estar no fluxo do presente é a presença da ausência, a felicidade que ficou. Silveira (2007) cita uma frase de para-choques de caminhão que descreve uma porção um tanto profunda deste sentimento: “Expressão tão forte desse sentimento, a presença da ausência, que encontramos-la reproduzida na linguagem popular, grafada em um para-choques de caminhão: “A Saudade é companheira de quem não tem companhia” (SILVEIRA, 2007, p.48).

A distância é outro fator que modela sua dinâmica. Quando se ama alguém que mora longe, a tristeza vem com a distância. Mas a saudade é ponte, é conexão de alma e sentimento. A saudade é capaz de manipular o espaço, afrouxando a distância e aproximando as pessoas. É isto que ela faz, traz para perto quem está distante. Emerson Munduruku, um dos entrevistados da pesquisa, expressa com muita convicção e serenidade o sentimento da saudade, sentido como o fenômeno que mais marca a experiência humana na terra, característica marcante deste sentimento que envolve a exterioridade e força, que veremos a seguir.

### **3.1.3.3 Exterioridade e força.**

Já sabemos que a saudade consegue reviver os mortos, encurtar distâncias, voltar no tempo e marcá-lo de maneira muito íntima e pessoal, portanto, estas características descritas são capazes de fomentar nossa compreensão em torno da dimensão de força e exterioridade que a compõe. Ela é forte exatamente por ser exterior a nós, mesmo que sentida de forma muito especial para cada indivíduo, é comum a todos, mas, sentida individualmente. Emerson ao ser questionado sobre como é sentir saudade, revela uma compreensão que transmite essa ideia de exterioridade:

As vezes dói, as vezes não. É natural sentir saudade de pessoas, de processos, de sabores, de cheiros, de lugares. Sempre existiu e sempre vai existir, a gente precisa lidar, mesmo que seja muito difícil (UÝRA SODOMA, entrevista realizada em 30 de outubro de 2019).

O olhar do artista atravessa seu entendimento particular e a entende como um processo a lidar e que, embora difícil, sempre vai existir. A naturalidade e espontaneidade também se agregam à forma como a saudade surge no nosso

cotidiano. Detalhes que marcam, que fazem morada e instigam diversos sentidos. Porém, a saudade não é estável, ela navega, vai e volta, é elástica. É que, na verdade, a saudade, uma peculiaridade do indivíduo, só é possível pelo fato da saudade ser exterior à nós humanos. Ela navega pelo mundo, atravessa oceanos e invade continentes.

Neste sentido, podemos identificar o caráter coletivo atribuído à saudade, conforme já discutido anteriormente. Divino ou profano, trata-se de um sentimento social e, portanto, há uma dinâmica de reciprocidade: a saudade emerge da sociedade para o indivíduo e deste para a sociedade, transportando da pessoa uma gama de referências e história de vida expressas através da sua forma de sentir. A propósito, Silveira (2007) afirma:

E podemos arriscar dizer que é exatamente esta exterioridade que torna a saudade um sentimento de morada divina. Se temos uma alma, também temos a saudade. Como reparou Durkheim, divino e sagrado são sinônimos, então a saudade está no âmbito do sagrado. Mas ela também possui uma duplicidade neste aspecto, pois a pessoa também pode sentir saudade de coisas ou atos profanos (SILVEIRA, 2007, p.72).

O elemento divino presente na saudade é que justifica a sua exterioridade. Estamos todos enfeitiçados pela sua força. É comum a todos humanos. Impossível encontrar qualquer pessoa que não sinta saudades de nada. Emerson Munduruku afirma que:

Porque a gente não tem raiva sempre, nem sempre a gente ama, né? Ama, assim, ama! E eu acho que mesmo a pessoa com zero amigos, ela tem saudade de alguma coisa (UYRA SODOMA, entrevista realizada em 30 de outubro de 2019).

Afinal, sentir saudade é pré-condição para nossa existência humana na Terra aos olhos de nossa sociedade. Sem a saudade não seríamos seres humanos completos. Sua força imensurável é tamanha que levanta os mortos do jazigo. Viver sem sentir tamanho poder é no mínimo triste para aqueles que vivem e morrem sem deixar saudades.

A saudade é exterior aos indivíduos, pois, caso contrário, sua força rasgaria por inteiro quem a sente. Esta força abstrata na qual a saudade está mergulhada, entrega material mágico suficiente para reviver quem já está morto no cemitério da alma. Independentemente de você querer sentir saudade ou ser obrigado a essa convivência do sentir, ela existe enquanto fenômeno, e, através desta pesquisa,

podemos compreendê-la como o sentimento que, nas palavras de Emerson Munduruku:

A saudade tem causas e consequências, ela tem razão também pra existir. As vezes você cultiva porque quer, as vezes você é obrigado a conviver com ela e em todas as situações você precisa lidar, né? Então eu acho que saudade talvez é um fenômeno que mais marca a experiência humana na Terra (UYRA SODOMA, entrevista realizada em 30 de outubro de 2019).

O material elástico que compõe esse sentimento é tão forte e exterior a nós que, quando chega, nos arremessa para longe, e nos deixa marcas através de memórias que provocam diversas emoções. E estas emoções são um dos elos principais para seu ganho excessivo de força. Quanto mais emoções sentimos, mais nossa consciência passa a ser despertada para a realidade. Bloquear estas emoções é como fechar em si mesmo o portal de fluxo para a revelação de uma dimensão do presente, inscrito na realidade. Bloquear a saudade é se distanciar de nossa própria história e, não aceitar, é negá-la sem saber como com ela lidar. Com o tempo, as percepções sobre este sentimento tendem a facilitar o entendimento, afinal, a saudade é como um abraço, ela abarca a pessoa por completo, sem escapatória. É um abraço tão forte que é capaz de “levantar defuntos”. Assim, a saudade se mostra como o segredo para a imortalidade e, de acordo com Silveira (2007, p. 73), significa: “sentir perpétuas saudades quando morrer e de quem morreu”.

Por estas razões, a saudade é o fenômeno que mais marca nossa experiência humana, reanimando pessoas queridas e esquentando nossos corações. Sentimos muita dor advinda da saudade, mas não há nada pior do que viver sem senti-la. Como entende Cirema do Carmo Corrêa (apud SILVEIRA, 2007, p. 73) através da trova brasileira abaixo:

Embora a saudade fira  
Fazendo a gente chorar,  
Não creia que alguém prefira  
Viver sem esse penar!  
Cirema do Carmo Corrêa

Esta dimensão criada pelo sentimento da saudade é tão divina para nossa experiência humana na Terra, que Gonçalves Dias, de acordo com Silveira (2007) em uma de suas poesias, batizada como “A Saudade”, coloca como punição aos insensíveis não sentir saudades jamais (SILVEIRA, 2007, p.73). É forte pois reinventa a ordem da morte e vida, tempo e espaço. Morrer de saudades talvez seja

o destino de todos nós, e que na verdade, é algo que vai além da nossa compreensão e, por vezes, é bom de se sentir.

A relação que o sentimento cria com a morte é tão forte, que, quando a morte vem, o que nos invade não é mais o medo e sim a saudade do que se viveu, da própria vida em si. De viver. De olhar o céu e andar pelas ruas. Do cotidiano, da vida do dia a dia. Das coisas mais banais. Silveira (2007) relembra uma entrevista feita um dia antes da morte de Vinícius de Moraes: "Você está com medo da morte?", respondeu: "Não, meu filho. Eu não estou com medo da morte. Estou é com saudades da vida" (SILVEIRA, 2007, p.75).

É possível notar a complexidade que o sentimento constrói, com tantas características tão únicas e específicas. É difícil de entender, de compreender e até mesmo de sentir. Cada indivíduo tem seu processo natural e próprio de sentir e lidar com este sentimento. Uma das entrevistadas, Márcia Antonelli, poeta e escritora, ao ser questionada sobre, encontrou dificuldades para expressar o que seria a saudade, e a entende como um sentimento inexplicável.

É até um pouco difícil de falar da saudade, porque é algo que como eu te falei *à priori*, é algo que tá sempre suspenso. Um sentimento inexplicável de algo que ficou lá pra trás, que não retorna mais mesmo, que não vem mais à tona. É algo que deve ser preservado na tua memória, e principalmente agora que as coisas estão tão rápidas, tão vertiginosas, eu diria, mas é essa é a minha concepção mesmo da saudade, é algo que ficou lá atrás, à sete chaves, bem guardada, muito carinho, e que não retorna mais, o momento é outro. Então é essa é a minha sensação, a minha percepção da saudade, porque tu me pegou agora pelo calcanhar, mas é de perda mesmo (MÁRCIA ANTONELLI, entrevista realizada em 03 de novembro de 2019).

A ausência que nos remonta uma saudade é de estremecer o corpo. A saudade está sempre suspensa, pois ela está sempre presente e, por vezes, escapa. Todavia, Márcia entende que é algo que ficou atrás, que não retorna mais da mesma forma como antes foi presenciado. Durante a pesquisa, foi possível compreender que a saudade, ao retornar à vida de quem dela se distanciou, a pessoa querida "volta" de outra forma, diferente de como era antes, mas se faz por ser lembrada. É uma pergunta um tanto complexa, mas que se chega a um ponto comum: é algo que ficou lá atrás, guardada, a sete chaves, com muito carinho.

No entanto, em nossa realidade brasileira, não aprendemos na escola sobre inteligência emocional. Não nos ensinam como amar, como sentir ou como

expressar certos sentimentos. Pelo contrário, encontramos e lidamos com o ódio, a raiva e inúmeras e diversas agressões. Para quem lhe foi negado o ser sensível, o poder chorar, a masculinidade tóxica se fez presente. O ser-macho não permitiu ao homem a imaginação, o acalanto, o carinho.

Frustrações e traumas são comuns ao olhar para o passado. No entanto, é preciso caminhar, desfrutar e entender a realidade. É um constante exercício se deixar emocionar em busca de novas compreensões sobre a vida e os sentimentos que nos regem. Diante disso, esta pesquisa divide águas e revela a necessidade de estudarmos este sentimento que resume nossa experiência enquanto humanos.

Assim como as emoções são fundamentais para a força que a saudade carrega em seu peito, nada disso seria possível sem memória. A memória é o escudo da saudade, a fonte de suas idas e vindas. O despertar de memórias é o principal convite para a saudade se instaurar. É o que a torna capaz de se deslocar pelo mundo. É como se a memória fosse o transporte para a saudade, é ponte entre *nós* que a sentimos e o sentimento que brota do que é *vivido*. Emerson concorda com Márcia ao entender a saudade como um fenômeno que se faz presente desde sempre. Segundo o artista:

Então porque que eu digo que talvez seja um fenômeno mais presente, é porque ele vai estar presente desde sempre. São memórias, inclusive, saudades que a gente tem, instintivas, não conscientes, saudades biológicas (UYRA SODOMA, entrevista realizada em 30 de outubro de 2019).

A diversidade que compõe a saudade é ecossistêmica e altamente complexa por ser comum a todos. Ou seja, a saudade causa reações inesperadas. Emoções expressas de maneiras inimagináveis. É tão complexa, que o biólogo Emerson também dá outros nomes à saudade como memória ou até mesmo como algo relacionado à fome:

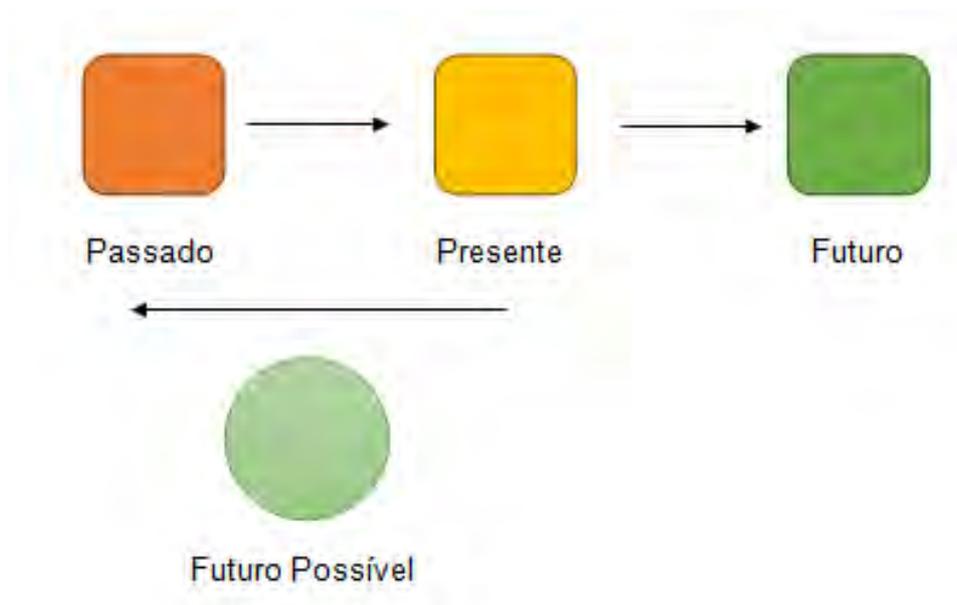
Saudade também é uma coisa que a gente pode chamar de memória. Saudade também é o que a gente pode chamar de fome, é o que a gente pode chamar de várias nomes, então eu acho que é muito profundo, é muito humano, eu gosto de ter saudade também, eu sou uma pessoa muito saudosista e eu gosto de construir coisas através da saudade, sabe? Porque ela geralmente vai tá relacionada a coisas boas e eu vou chamar de passado a saudade, e projetar o futuro, projetar, pelo menos, o futuro, a partir do ontem, sabe? (UYRA SODOMA, entrevista realizada em 30 de outubro de 2019).

A escolha do artista, em projetar o futuro através do passado, da saudade, é similar a ideia que Marco Polo transmite ao Kubai Khan como já dito anteriormente através da obra de Ítalo Calvino, “Cidades Invisíveis”. E dessa relação, que quebra com o paradigma do tempo linear e ininterrupto, podemos conceber uma outra forma de entender como se dá a nossa relação com o tempo. Da relação presente com os acontecimentos do agora, podemos reencontrar o futuro que queremos ao acessar o passado (que agora, já sofreu transformações).

Para que possamos desenhar uma nova realidade, mais inclusiva e participativa, precisamos olhar para o que aconteceu de errado no passado, os mesmos erros não podem ser cometidos repetidamente. O Museu do Holocausto é um exemplo do que estamos falando, ao servir como um marco histórico e memorável do que não fazer para deixar que a cidade e os cidadãos se concentrem sobre ideias que ferem os direitos humanos e a diversidade global.

Ao ignorarmos os fatos passados e projetarmos um futuro com a ideia de progresso, que rompe com o que ficou atrás, voltamos a cometer os mesmos erros que a história já nos apontou como problemáticos. Assim sendo, o diagrama abaixo melhor exemplifica esse caminho escolhido para a pesquisa ecossistêmica e transdisciplinar.

Figura 34: Tempo: Futuro Possível.



Fonte: O autor (2020).

Neste estudo, durante a pesquisa, acessamos o passado para imaginar um futuro diferente para a Praça da Saudade; diferente do sangue escorrido, projetado ou estimulado pelos jornais locais. Este é o ponto chave em se baseia a ideia de contra narrativa ao espelho mídia amazonense e que, contrário ao estereótipo criadosobre a Praça da Saudade, conduziu o nosso objeto de estudo. De acordo com Sodré (2006), esta escolha metodológica:

É um caminho teórico que privilegia o emocional, o sentimental, o afetivo e o mítico [...] considerando-os subjacentes, de forma mais determinante do que nunca, às normas emergentes de socialidade e, muito frequentemente, em desacordo com as instituições reconhecidas ou consagradas pelo poder de Estado, assim como com as grandes categorias da racionalidade geralmente tidas como chaves para a explicação total do mundo (SODRÉ, 2006, p.13).

Ao darmos prioridade ao estudo sobre a memória, estamos exercitando o caminho proposto por Sodré, que privilegia o sentimental, o emocional, o afetivo e até mesmo o mítico. Ideia esta que foge do linear, da burocracia e da razão altruísta, manipuladora. Ao contrário, trata-se da memória sólida e que encampa elevado grau de abstração, tornando-a imaginativa e investigativa, portanto, com potencial de situar quem somos enquanto identidade afetiva e revelada ao se posicionar como um bem de enorme valor explicativo sobre o mundo.

### **3.1.3.4 Memória, saudade e lembrança.**

A memória de cada indivíduo varia de acordo com o seu relacionamento com a família, classe social, com a escola, igreja, profissão... Enfim, varia de acordo com os grupos de convívio e de referências específicas ao indivíduo. Ou seja, podemos entender a memória como um processo seletivo que guarda apenas o que nos marca profundamente e o que fomos treinados para lembrar.

É possível compreender a infância, por exemplo, como uma re-criação dos nossos desejos enquanto adultos misturados com feixes retirados do fundo da memória. Nessa relação de tríada entre saudade, memória e lembrança, vimos que o sentimento saudade, no Brasil, carrega fortemente ao seu lado a felicidade. Diferente da saudade sentida em Portugal, em que a memória se constitui como o portal de entrada da saudade e a lembrança como um misto de sentimentos. Pode ser negativa ou positiva. O lembrar está relacionado à memória. Na esfera da lembrança, revivemos não somente o que queremos esquecer quanto as lembranças afetuosas.

Entretanto, quando entramos no plano da saudade, a memória se finca em nosso cotidiano e passa a ser positiva. A saudade tem a capacidade de tornar até a recordação dolorida do passado em um valor positivo ao ser revisitada, lembrada, assim como um tesouro, que dependendo da situação em que nos encontramos, é lembrado e guardado como um pingente em nossos corações enquanto brasileiros.

De acordo com Silveira (2007), ao citar DaMatta (1993), dá destaque ao fato da saudade ser embebida de positividade. Para o autor, a saudade é a única lembrança que surge quando queremos e quando desejamos a sua chegada. Na poesia de Manuel Bandeira (1886-1968) revisitada por Silveira (2007), podemos encontrar essa característica positiva do sentimento ao avaliar que:

Choras sem compreenderes que a saudade  
É um bem maior que a felicidade  
Porque é a felicidade que ficou!  
(SILVEIRA, 2007, p. 51)

Nesse verso, Manuel Bandeira consegue sintetizar a expressão *saudade* e sua relação com o sentimento brasileiro ao imprimir uma forma de positividade à felicidade de maneira direta e sem rodeios. Enquanto a sentimos, é difícil de compreender o porquê a saudade nos leva às lágrimas, à dor e até mesmo a um certo sofrimento. É necessário que estas emoções não sejam bloqueadas, pois assim é possível ver de maneira mais nítida como *a saudade é a felicidade que ficou*; é um suspiro de alívio poder tê-la, sendo, a saudade, por isso mesmo, sinônimo de uma vida bem vivida, com memórias, vivências e experiências que nada tem a ver com a sensação de esvaziamento. É o que preenche nossa alma de acalanto e sede de viver. Como Emerson Munduruku destacou anteriormente, “saudade também é fome. Fome de um tempo mais que desejado”.

Silveira (2007) compreende o tempo da saudade ao citar DaMatta (1993) como “[...] mais um tempo de pessoas e de milagres do que um tempo de processos impessoais e máquinas. Ou seja, mais um tempo de dentro; quente; querido; desejado; da casa e menos um tempo de fora; frio; desprezado; da rua” (DAMATTA, 1993, apud SILVEIRA, 2007, p. 52). No entanto, mesmo o autor entendendo o tempo da saudade como um tempo de dentro, da casa, e não da rua, no projeto urbanístico das cidades, o sentimento da saudade foi e ainda é modelador das urbes

e de desenho urbano.

O Penedo da Saudade em Portugal é o ambiente construído a partir do desejo de cidade de que houvesse um espaço para abrigar a saudade, para que as pessoas pudessem ir de boa vontade para sentir de peito aberto a saudade, se permitirem que este sentimento entre pela porta da frente, diferente da lembrança, que inúmeras vezes entra pela porta dos fundos de nossa memória. Assim como nosso objeto de estudo, a Praça da Saudade também é este espaço coletivo, público e urbano desenvolvido para que possamos sentir este sentimento. E sentir este sentimento é também, nas palavras do poeta Tancredo Moraes:

A saudade é a ressonância  
De certas vozes queridas  
Que nem o tempo e a distância  
Impedem de ser ouvidas

O sentimento mais complexo que mexeu com meu corpo para tentar entendê-lo foi a saudade, porque seu choro vem aliado ao bem que era antigamente. É tornar o passado, presente. Trazer essas memórias e lembranças do passado para o fluxo do presente pode resultar em duas vias: a saudade e a lembrança. Por vezes as pessoas não gostam de lembrar, e sempre fazem questão de esquecer. Mas quando a saudade surge, é, como diz Gonçalves Dias, "Um pranto sem dor".

A dor da perda, a dor da ausência nada tem a ver com a saudade. A saudade já é em si o resultado final de como a mente e o corpo transformam a dor em algo bom. É um pranto sem dor. Mas, para a saudade chegar, muito pode ter sido doloroso, difícil de aceitar. A lembrança da morte, a perda, a ausência dói. Mas a saudade que se sente de alguém pode nos encher de felicidade. Felicidade, pois, ao menos essa saudade existe. Existiu no passado uma memória que transfira um misto de sentimentos. Mas o que se sobressai é o sentimento positivo que a saudade carrega.

É um tanto confusa essa diferenciação quanto a definir o que pode ser uma lembrança ruim e o que é uma saudade gostosa. Quando meu choro carrega dor em decorrência da morte como despedida, a saudade em mim prevalece por se tratar de uma separação irreversível. Ou seja, o foco da dor é a ausência da vida de quem já se foi; uma lembrança dolorida. Já o foco da felicidade são as memórias existentes, os momentos compartilhados, os abraços, sorrisos e despedidas.

A lembrança transportada para a esfera da saudade aparece como prima do passado e não como irmã de sentimento. Sentir saudades é trazer esperança, olhar para o passado em busca de um futuro melhor, que carregue a mesma felicidade daquilo que ficou. Já o lembrar é apenas a dor pelo que já passou, pelo que está ausente e impossível de retornar. Assim, a saudade agrega sentimentos profundos e não apenas o de lembrar-se acidentalmente do passado. Contrário a isso, seria uma maneira simplificadora de rotular este sentimento tão complexo. A saudade é, pois, uma forma de sentir o passado, obviamente, mas com uma atmosfera única, diferente da pura lembrança. A saudade é cura do passado dolorido, da dor da lembrança.

O artista Emerson Munduruku extrapola as visões compreendidas através do estudo de Silveira e vai além. No tocante à espacialidade urbanística, a saudade, a seu ver, não se limita somente ao sentimento, mas se espraia numa visão macro; ela se expande ao nosso entendimento de vida e morte, materializando-se através do planejamento urbano, que entende a sua importância para as cidades brasileiras enquanto ambiente carregado de simbologia para evocar este sentimento tão comum e exterior a nós. Neste Sentido, durante a entrevista concedida para esta pesquisa, Emerson, ao externar sua visão de artista e biólogo, salienta que:

Eu acho que, primeiro, não há saída. Sempre aconteceu e sempre vai acontecer, a qualquer instante, querendo ou não. Parece que eu tô falando da saudade, mas eu tô falando de morte de vida. Eu acho que a Praça da Saudade, ela é a ponte entre morte e vida. E ela é uma possibilidade de renascimento, e acho que de coexistência desses dois processos. Ela por ser ponte entre perder e ganhar, entre passado e futuro, entre a morte e a vida, entre as distâncias, porque as vezes só tem a saudade espacial, temporal, então a saudade ela é talvez uma das maiores pontes que existem no mundo (UÝRA SODOMA, entrevista realizada em 30 de outubro de 2019).

Na condição de biólogo, o trabalho de Emerson Munduruku se propõe dar vida à *drag* monstra da Amazônia, Uýra Sodoma. E numa perspectiva artística, conforme a narrativa acima, o entrevistado utiliza-se da metáfora “ponte”, enquanto simbologia utilizada para identificar a saudade como elo entre morte e vida. Ponte que, emblematicamente, estabelece o marcador entre o que passou e o que poderá vir acontecer. É o contraste existente nesta dualidade que a Praça da Saudade para os cidadãos de Manaus exerce influência, não só no cotidiano de nossas vidas, mas também na reafirmação de nossa identidade. Se existe vida e morte, é porque existe

saudade e vice-e-versa. É, enfim, o que torna a saudade um sentimento inexplicável e, até mesmo o fenômeno que mais marca a experiência humana na Terra.

Esta compreensão sobre o sentimento da saudade perpassa as dimensões e barreiras dos sentimentos e relações sociais. É inexorável pensar em uma pesquisa sobre a Praça da Saudade em Manaus que não leve em consideração os aspectos humanos e sensíveis que criaram terreno fértil para que o projeto urbanístico racional da praça fosse realizado. Diferente das demais praças, é um espaço que parte do sentimento, do invisível para solidificar um elemento urbano fincado sobre uma racionalidade sólida em meio à paisagem da cidade.

Por isso, Sodré (2006) reintegra a necessidade emergente de uma nova cidade humana a partir de novas tecnologias do social, que ultrapassem o plano intelectual e se debruçam sobre os planos territoriais e afetivos. A oposição entre *logos* e *pathos*, razão e paixão, por muito tempo na academia, isolou dados e fatos por serem julgados como empíricos, abstratos e incapazes de serem reconhecidos como ciência. Sodré (2006) afirma que: “Nesta dicotomia, a dimensão sensível é sistematicamente isolada para dar lugar à pura lógica calculante e à total dependência do conhecimento frente ao capital” (SODRÉ, 2006, p.12).

Muito se tem discutido sobre o papel das universidades em meio as experiências e vivências únicas de cada aluno que na sala de aula comumente são proibidas de adentrarem. O esvaziamento dessas vivências sobre a predominância do olhar técnico promove uma perda na personalidade de inúmeros estudantes que não conseguem se identificar com os processos da academia. É urgente outra posição interpretativa para o campo da comunicação que abarque a diversidade da natureza das trocas em que se encontram poderosos dispositivos de afeto.

Afinal, os processos corpóreos em que os sentimentos afloram em decorrência do sentir, o que implica uma expressão do corpo e, mais ainda, uma imprescindível conexão entre espírito e materialidade. Trata-se de uma dimensão que mais tem a ver com a esfera do sensível do que com a medida racional. A partir desta sensibilidade, o sentimento da saudade é observado de acordo com suas principais características apresentadas anteriormente: a positividade desse sentimento ao chegar em terras brasileiras; a possibilidade de viajar no tempo e de marcá-lo de forma não linear, uma força gigantesca capaz de reviver os mortos e,

por fim, a conotação coletiva na qual o sentimento está inserido, solidificando-se como exterior a nós.

Tendo em vista esta dimensão não linear e fluida em que os sentimentos se encontram, esta pesquisa cumpre os objetivos para os quais se propôs. Assim procedendo, foi possível evidenciar a origem e as características do sentimento da saudade traçadas ao longo deste processo de construção interpretativa. Uma vez percorrida essa trilha, outros passos serão dados ao adentrarmos no campo das memórias sobre a Praça da Saudade em Manaus. Trata-se de abordagens com ênfase na aplicabilidade de conceitos que expressam as nuances sobre como a saudade vai se instaurando entre nós.

### **3.2 Memórias na Praça da Saudade.**

O designer Cardoso (2012) contribui para complementar a metodologia de pesquisa, na sua obra intitulada “Design para um mundo complexo”, ao associar o objeto de estudo aos seus fatores condicionantes do significado, divididos em situação material do objeto (uso, entorno e duração) e a percepção que se faz dele (ponto de vista, discurso e experiência). Sendo assim, sobre a relação entre usuários e artefatos, explana o autor:

A apreensão de todos os fatores citados deriva da relação entre usuários e artefatos, numa troca de informações e atribuições que se processa de modo contínuo. Em última instância, é a comunidade que determina o que o artefato quer dizer (CARDOSO, 2012, p. 62).

No que se refere ao quesito entorno, Cardoso (2012) insere o termo como um dos fatores ligados à situação material do objeto quanto ao uso e duração. Todavia, o impacto que o “entorno” exerce sobre o objeto da praça, serve como peça-chave para compreensão de artefatos da Praça da Saudade e suas relações de comunicação entre os usuários. A propósito, Cardoso discute sobre o entorno dos Arcos da Lapa (RJ) e reitera:

No exemplo dos Arcos, mesmo que a estrutura e a aparência do monumento tenham permanecido estáveis por longos períodos, tudo a sua volta mudou. [...] O resultado é que o artefato, antes monumental e imponente, como aparece nas representações antigas, passou a ser percebido por golpes de vista fragmentados, ou seja, com menos do que sua totalidade (CARDOSO, 2012, p. 63-64).

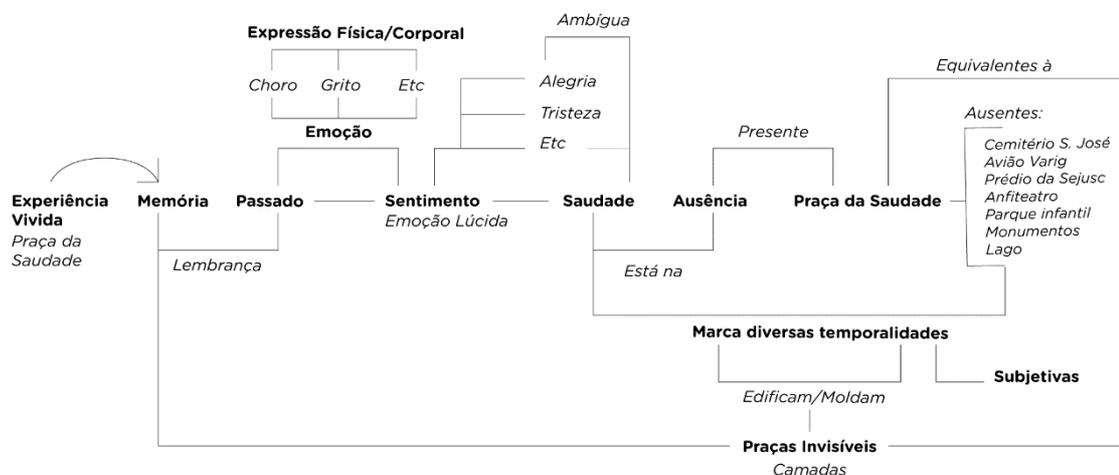
Em vista dessa concepção, é possível associar o artefato à praça, por configurar-se como um objeto imóvel e sólido, no entanto, o sentido não é estável, muito menos imutável, afinal, tudo é passível de mudança, incluindo as memórias da Praça da Saudade conferidas pelos cidadãos, seja em relação ao mobiliário urbano, ao entorno ou às pessoas que ali viviam.

No que se refere ao estudo sobre o espaço urbanístico, Brandão apontou três origens para o design urbano: 1) *Visual e artística*: que privilegia o desenho da cidade; 2) *Uso social do espaço*: trata dos contextos e da humanização dos espaços; 3) *O fazer e o viver nos lugares*: a vida construída pela memória e pela experiência estética (BRANDÃO, 2005, p. 122-123). O autor ainda apresenta nitidez ao conceituar o design urbano como uma colaboração entre disciplinas, atribuindo caráter transdisciplinar já que proporciona o encontro de áreas, tanto no estudo quanto na produção da cidade. Domingues (2001) também contribui para o conhecimento científico da transdisciplinaridade, que:

[...] apoiada em metodologias inovadoras capazes de operar as interfaces das disciplinas; de incorporar novos objetos, temas e problemas; de inquirir os aspectos mutantes (trans), instáveis e difusos das coisas e dos processos naturais, assim como dos processos e artefatos das novas tecnologias; enfim, de oferecer uma perspectiva unificadora para os diferentes campos do conhecimento, ao superar as pseudodicotomias e afastar as falsas clivagens (DOMINGUES, 2001, p.47).

Para melhor visualização e compreensão desse método adotado por Domingues, fez-se premente a necessidade da construção de um mapa investigativo a respeito da *saudade* na Praça da Saudade, como observado na Figura (Nº 32) abaixo ilustrada. Este procedimento adotado permitiu apontar os caminhos norteadores da presente pesquisa, tornando as entrevistas enriquecidas de sentimentos e emoções sobre as diversas temporalidades de uma mesma praça, conforme identificado no Mapa Metodológico a seguir.

Figura 35: Mapa Metodológico de suporte para entrevistas.

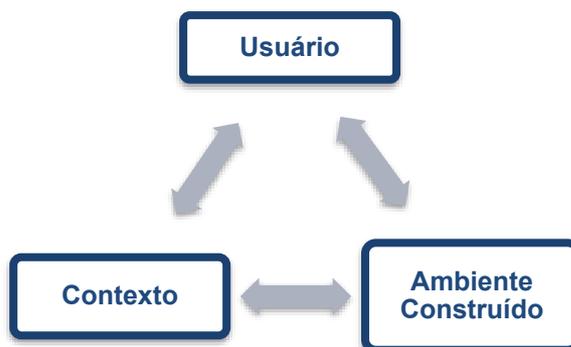


Fonte: Autor (2020).

A experiência viva na Praça da Saudade gera memória; uma lembrança do passado, que pode suscitar no entrevistado um misto de emoções e sentimentos. Entre estes sentimentos está o da saudade, que reside na ausência ou a ausência que remete à saudade. Mas, no que mesmo implicaria esta ausência capaz de se converter em saudade? Especificamente, podemos analisá-la a partir do mobiliário urbano que havia na praça. Exemplo disto, o anfiteatro construído em 1986, durante o governo municipal do então prefeito Manoel Ribeiro e que imprimia certo aspecto de uso sociocultural à praça.

Já a respeito do mobiliário urbano, para uma análise eficaz do contorno que o agrega, Mourthé (1998) afirma que a paisagem em si estaria incompleta caso seus elementos urbanos fossem analisados isoladamente, perdendo, assim, a possibilidade de compreensão de seu papel no universo onde está inserido (MOURTHÉ, 1998, p.16). E para exemplificar a situação, explica a autora que os indivíduos demarcam lugares que os servem como cenário face a comportamentos específicos, equivalentes a porções do espaço social, definido por situações e contextos. Mourthé (1998), reporta-se a Orntein (1995), cujo autor sugere um esquema interpretativo que traduz a dinâmica dessa relação

Figura 36: esquema proposto por Ornstein.



Fonte: (ORNSTEIN, 1995, apud MOURTHÉ, 1998, p. 36).

A função dos equipamentos urbanísticos é muito mais ampla do que se pode imaginar; eles têm funções de grande importância para a memória coletiva e inferem na qualidade de vida das cidades. A autora também destaca os elementos urbanos e suas diversas funções: “Seu papel interativo entre espaços públicos e usuários influencia e é influenciado pelos comportamentos sociais e expressões culturais regionais – que têm de ser levados em conta” (MOURTHÉ, 1998, p. 11-12).

Daí se ter por convicção sobre a importância que o mobiliário urbano abrange para a pesquisa, tendo em vista a eficiência quanto ao acesso às memórias dos entrevistados que a partir da saudade demarca não só uma temporalidade mas edifica camadas de praças invisíveis – tais como sugere Ítalo Calvino em sua obra “As cidades invisíveis” –, sendo, por isso mesmo, também equivalente à Praça da Saudade, analisada a partir daquelas memórias.

Entretanto, considerar somente as ações projetuais de urbanismo na praça é simplificar os sentidos que o objeto de estudo emana. Por isso, o sentimento da saudade é organizador de uma racionalidade projetual e, assim sendo, o olhar poético também está incluído nesse ecossistema, expandindo-se a pesquisa para o campo da literatura. E, sobre o processo da escrita como força literária, Rilke (2003) esclarece os percalços a que o escritor está sujeito ao imbuir-se do sentimento de solidão. E adverte: “Mas a sua solidão há de dar-lhe, mesmo entre condições muito hostis, amparo e lar, e partindo dela encontrará todos os caminhos” (RILKE, 2003, p. 43).

É algo como uma jornada que, para esta pesquisa, segue a trilha de compreensão da *saudade* na Praça da Saudade – seus artefatos, memória e

sentimentos –, assimilando-a, conforme afiança o autor: “As obras de arte são de uma infinita solidão; nada as pode alcançar tão pouco quanto a crítica. Só o amor as pode compreender e manter e mostrar-se justo com elas” (RILKE, 2003, p.32).

Assim, o amor expresso nesta pesquisa é um componente indispensável para a busca de resultados satisfatórios e suas respectivas dimensões: do *poético*, porque envolve sentimentos expressos pela lembrança materializada na memória coletiva; do *transdisciplinar*, porque perpassa e agrega vários campos do conhecimento; do *ecossistêmico*, por toda dinâmica dos acontecimentos históricos encapsulados no objeto de pesquisa; e, acima de tudo, do *sensível* porque envolve singularidades da condição humana, reveladas nas entrevistas ao permitirem, por via da fundamentação empírica, a compreensão teórica do que vem a ser a *saudade* da Praça da Saudade.

A esfera do *sensível* é, pois, uma das dimensões que adentram assuntos íntimos e comuns os quais, por vezes despercebidos, não recebem a devida atenção. Trata-se de situações por muitos banalizadas e, por isso mesmo, escapam aos holofotes da comunicação. Durante a roda de conversa no Centro de Convivência do Idoso no bairro de Aparecida, no dia 2 de julho de 2019, por mim sugerida para discutir essas memórias que os idosos do bairro de Aparecida viveram ao frequentarem a Praça. Entre as participantes estava Dona Joaquina que se destacou por trazer memórias muito vivas e carregadas de emoção. Uma delas foi da recordação sobre um episódio corrido com uma amiga que, segundo Dona Joaquina, foi vítima de um trágico acidente em que perdera “a visão quando trabalhava no prédio da SHAM”. Ela falou rapidamente sobre o assunto e, intrigado por essa história ao tempo em que percebi estar diante de uma memória viva sobre a Praça da Saudade, marquei uma entrevista exclusiva com Dona Joaquina. Abaixo, apresento o cartaz veiculado como convite para a roda de conversa.

Figura 37: Cartaz impresso e divulgado para a roda de conversa sobre a Praça da Saudade.



Fonte: Autor/2019.

De maneira geral, Dona Joaquina, como prefere ser tratada, carrega em seu discurso uma Manaus que já não existe mais. Aos 81 anos de idade, pude entrevistá-la a respeito das suas vivências na praça. O passado para ela é muito melhor do que o presente. Hoje, a praça, segundo a entrevistada, é somente visitada durante o Festival de Flores de Holambra. Enquanto conversávamos sobre o aspecto da praça antigamente, lembrou-se de imediato dos bancos:

Tinha aqueles bancos pra gente sentar, é só o que eu me lembro. Do aquário ... E desses bancos né, que a gente sentava pra conversar, dialogar com as colegas. Às vezes eu ia pra lá mais pra passear, porque tinha muita coisa bonita né, pra gente (JOAQUINA, entrevista realizada em 17 de outubro de 2019).

Dentre os diversos mobiliários antigos que existiam na praça, as esculturas do homem moderno e primitivo, quando perguntada a respeito disso, não soube dizer. Dona Joaquina não se lembra das esculturas, mas dos bancos, das músicas do Roberto Carlos, e conclui que preferia guardar na memória a praça de antigamente sob o argumento de que nessa época o dado cultural prevalece vivo em

sua memória. E Dona Joaquina por certo não está enganada ao afirmar isso, uma vez que, como vimos durante a história da Praça da Saudade, o espaço privilegiou o aspecto cultural de uma praça aos moldes do que contemporaneamente se reivindica como valorização e estímulo de políticas culturais em espaços públicos.

Ao contar sobre suas visitas à praça e/ou pelo centro de Manaus, a entrevistada não evita o assunto, e abre seu coração ao lembrar que vinha muito ao bairro de Aparecida, pois sua mãe a levava. Já a Praça da Saudade, Joaquina frequentava quando era moça, por volta dos seus 18 anos e ainda ia sozinha, pois sua mãe já havia falecido:

Eu fiquei sem mãe com 18 anos, fiquei sozinha no mundo só eu e Deus, mas nunca fui uma mulher errada, nunca fui uma moça errada, sempre andei direitinho, nunca andei com gente pior de que eu, sempre andei com gente melhor de que eu. Acho que é por isso que eu tenho informação de muita coisa (JOAQUINA, entrevista realizada em 17 de outubro de 2019).

Durante o período de juventude em seus passeios pelo centro da cidade, o prédio da SHAM, instalado nas mediações da Praça da Saudade, marcou muito sua história. Isso porque ela costumava ir ao prédio para encontrar uma de suas amigas, a Miss Coari, que trabalhava na SHAM, sendo um local estrategicamente apropriado para marcar encontro e ali conversavam bastante. Além dela, Joaquina recorda-se também de uma amiga por nome de Graça, que trabalhava como telefonista no Setor de Comunicação da SHAM. Vítima de uma descarga elétrica provocada por raios durante um temporal, Graça perdeu por completo a visão; ficou cega, conforme relatou Dona Joaquina.

O prédio da SHAM, durante a história da praça, é divisor de águas. Isto porque no momento em que o prédio é construído, uma nova camada nasce e também se decompõe com a demolição desse artefato. Todavia, o prédio nunca foi muito bem aceito pela população e visualmente não apresentava uma harmonia com o restante da praça. Dona Joaquina ia sempre ao prédio, pois os carnês de financiamento de sua casa eram pagos na Tesouraria da SHAM. Durante o funcionamento da Secretaria de Habitação do Amazonas - SHAM, Dona Joaquina conseguiu comprar essa casa, pagando vários carnês.

Eu sempre ia porque os meus carnês da SHAM tudo era de lá, até hoje eu tenho meus carnêzinhos. Se quiser olhar, eu tenho todinho eles. Tenho que é pra tirar o título que eu ainda nem tirei, porque isso é uma prova né? Que eu tenho. E eu paguei direitinho. Eu sei o que eu paguei. Tudinho [...] O carnê,

se você tivesse uma casa. Como tinha Promorar no Coroadó, aí eu ganhei essa casa aí eu comecei e pagava todo mês só que era pouquinho mas paguei né, e eu paguei toda ela com dinheiro da Avon, que eu vendi Avon, né! Que eu não tinha emprego fixo ainda... aí eu paguei assim. E a SHAM era muito perigosa, de hora em momento, ela balançava todinha. Era um prédio mal-acabado. Muito perigoso! (JOAQUINA, entrevista realizada em 17 de outubro de 2019).

Embora o prédio da SHAM representasse um medo para Joaquina, após o acidente trágico que cegou sua amiga, Graça, a entrevistada responde ainda com muita certeza que o passado era melhor. “Antigamente, todo mundo se ajudava, hoje, você pode morrer que ninguém te ajuda”. Essa ideia de que todos se ajudavam, contribui para imaginar uma cidade com menos habitantes, portanto, próxima à comunidade que, mais restrita, não se compara ao que se prevê hoje no contexto mais amplo da sociedade.

Ao avaliar o que poderia ser feito para melhorar no tocante ao aspecto paisagístico da Praça da Saudade, Dona Joaquina segue a linha de raciocínio proposta nesta pesquisa, indo em busca do tempo passado para prever um futuro melhor, ou seja, a solução para a entrevistada é a cultura; é o movimento, as comidas, as flores, as famílias reunidas. O que antigamente já deu muito certo para a escolha da praça como espaço de lazer favorito para muitas pessoas da cidade passa por essa retomada ao ser lembrada como uma praça para diversas iguarias, entre elas, a pipoca:

Antigamente era pipoca né, que pipoca era o auge. Até hoje eu gosto de pipoca, quando meu neto faz lá de madrugada e ele me acorda pra me dar pipoca, eu gosto. Só... ah sim, aí tinha croquete, tinha coxinha, aliás coxinha antigamente não tinha. Tinha só coquete, pastel, né.. sanduíche, aquele cachorro quente. Agora fazem como é o nome daquele eu faz que bota salsicha dentro, o kikão. Antigamente era cachorro quente com aquele pãozinho da padaria, aquele que era bom. Esse aí.. inventaram esse kikão que é ruim que só. Na minha casa é bem feito que a minha nora trabalha muito bem com isso(JOAQUINA, entrevista realizada em 17 de outubro de 2019).

Engana-se quem imagina que nas falas de Dona Joaquina é possível encontrar apenas simplicidade. Suas memórias e lembranças fazem parte de um sistema complexo que é muito bem interligado por diversas questões, de política à tecnologia. O conflito geracional com o agora causa repulsa, conforme a construção da visão de mundo que a entrevistada adquiriu com o tempo. O passado é melhor. E percebam que é melhor, mesmo sendo permeado por diversos momentos

emocionais e turbulentos que no decorrer da entrevista foram surgindo. Sem necessariamente ser inquirida a abordar questões familiares, Joaquina relatou situações ocorridas no convívio com seu pai ao ser indagada sobre as tradições vivenciadas antigamente quando de sua ida à praça:

[...] é, todo mundo arrumadinho né, pra ir passear com os pais... Eu não porque eu tinha só mãe, pai eu vim só conhecer meu pai depois de cinquenta anos de idade, meio século, que eu vim conhecer meu pai, que eu vim saber que eu tinha pai. Foi assim... dizer assim, foi impressionante. Quando eu cheguei em casa, meu pai tava lá, quase eu caio. Porque eu sou professora né, aí eu tava na escola e aí a Dona Arlete que é a diretora disse: “Joaquina vai pra tua casa que teu pai tá lá na tua casa”. Aí eu disse: “meu pai?” e eu repeti três vezes aí comecei a passar mal lá na escola e ela disse “menina para com isso é teu pai, é uma glória”, ela falou, a Dona Arlete, aí eu descí. Quando eu descí ele tava sentadinho lá na frente de casa, aí a gente se abraçou e ele passou dias lá em casa... aí foi embora, foi embora pra essa cidade onde ele morava, sumiu. Eu não sei nem se ele ainda é vivo ou se ele morreu, não posso nem te dizer (JOAQUINA, entrevista realizada em 17 de outubro de 2019).

A história de vida de Dona Joaquina, a esta altura, é digna de uma pesquisa somente sobre suas memórias. Jamais esperava que fosse ouvir tantas histórias que se interligavam à praça. No decorrer da entrevista me emocionei junto a ela. Sua relação com o pai, mesmo truculenta e problemática ao ter que lidar com a distância, permeada de ausência ou abandono, esbarra na esfera do que se poderia entender como algo quase *divino*. Depois de meio século o pai reaparecer, passa alguns dias em sua casa e depois seguiu por outros caminhos, “sumiu”. É de partir o coração. Todavia, este único momento em que pai e filha estiveram juntos é nitidamente guardado com carinho pela entrevistada, ao expressar certa felicidade neste efêmero momento de encontro único.

Para Dona Joaquina, foi uma espécie de milagre, algo divino o reencontro com seu pai após anos distantes. Esta “passagem” foi como um cometa, rápida e marcante o suficiente para o resto de sua vida. É possível perceber o sentido humano e sentimental em que a dor e o sofrimento foram transformados em uma boa memória. Obviamente, Joaquina sofreu muito com a ausência de seus pais. Mas o momento mágico deste único encontro, mesmo que escasso, serviu como uma ponta de felicidade por ela sentida até hoje. Uma chama de esperança invade seus olhos acompanhada de sorriso como quem presencia o impossível se tornar, ali, uma realidade.

A realidade de antigamente vivida por Joaquina, entre as esquinas de suas memórias, traz à lembrança de como eram os meios de transporte da transição da primeira para a segunda camada, ou seja, entre o final dos anos 50 e início dos anos 60. A entrevistada relembra-se do Zé Pilim, ônibus bem descrito morfológicamente por ela:

É Zé Pilim o nome do ônibus. A cara dele era interessante, igual uma baleia. Gordinho com a bundinha bem fininha pra trás. Eu entrei dentro dele. É como um avião só... mas simples, poucas cadeiras porque ele era pequeno né, mas tinha o trem também que eu andei muito nele. O trem, o bondinho. Eu andei muito de bonde. Tinha os trilhos. A coisa mais linda. Acabaram com tudo, agora ninguém tem mais o divertimento. Agora só é Ponta Negra, Ponta Negra ninguém vê nada. E distante, a água imunda, cheia de cauxi (JOAQUINA, entrevista realizada em 17 de outubro de 2019).

Com a expansão da Zona Franca e o Polo industrial, Manaus deixou de ser aquela cidade pequena, recheada de igarapés limpos para a população. Hoje, como descrito por Joaquina, a grande opção de lazer da maioria dos manauaras é o complexo turístico da Ponta Negra. Contudo, a água continua imunda e cheia de “cauxi” como Joaquina se recorda.

A respeito do tempo *querido* que ficou para trás, Dona Joaquina não é a única entrevistada que relembra o passado como sendo melhor que o presente. Por exemplo, durante outras conversas, Márcia Antonelli, mulher trans negra, ligada ao mundo artístico e escritora – famosa na cena artística local por várias obras consagradas e vendidas pela cidade –, a pesquisadora guarda, a sete chaves, memórias de um tempo gostoso, vivo e reconfortante, que a inspiram até hoje em sua produção literária.

A artista, ao vasculhar suas memórias a respeito da praça, aponta para um caminho que vai ao encontro com uma “tristeza doce”, como ela mesma relata. A Praça da Saudade remete a lembranças, remanescência do que já foi um dia. Em suas andanças pela Praça, aquele ar de inocência romântica paira em sua fala, como um misto de ingenuidade e romantismo. Assim como para vários artistas, a cidade para Márcia é o ponto de partida de seus devaneios e ensaios artísticos. Isso porque, de acordo com Walter Benjamin: “[...] a infância é a descobridora da melancolia, e para conhecer a tristeza de cidades tão gloriosamente cintilantes é preciso ter crescido nelas” (BENJAMIN, 1987, p. 200-201).

Márcia se encaixa no perfil descrito acima por Benjamin pois a entrevistada cresceu em Manaus e a tem na palma das mãos, afinal, o laboratório único que a rua oferece, é o espaço escolhido por diversos artistas para desenvolvimento desta relação corpórea e mediadora com o exterior, com as encruzilhadas que instigam outros entrevistados como Maria do Rio e Emerson Munduruku. Mas em relação às memórias da escritora Márcia Antonelli, desde sua adolescência a praça era ponto de encontro:

Como a gente estava conversando anteriormente, as praças, e especificamente a Praça da Saudade, ela remete a lembranças, remanescências. Na minha fase adolescente, eu vivenciei muito aquele espaço ali. Nos meus 14, 15 anos, eu era uma frequentadora assídua da Praça da Saudade. Todos os domingos era um ato ritualístico, eu tinha que tá lá! E geralmente às 16h, 15h, eu ficava caminhando ali com as amigas, os amigos, e tinha aquela coisa da paquera mesmo, aquele ar de inocência romântica (MÁRCIA ANTONELLI, entrevista realizada em 3 de novembro de 2019).

É inevitável falar da praça sem falar das memórias afetivas, de namoros e paixão. É comum visitar a praça e encontrar um ou outro casal aos beijos e carinhos. Para alcançarmos a memória da entrevistada em relação aos mobiliários urbanos, o romance é antecedente. Durante nossa conversa, Márcia esboçou pequenos sorrisos tímidos e pude sentir aquela sensação de borboletas no estômago, aquele frio na barriga que os jogos de amor nos envolvem. Na praça, o elemento surpresa que vem de suas memórias é o roubo de um beijo:

Ah! As minhas paqueras, né? Que eu ia pra lá pra paquerar mesmo, me apaixonar. Eu sempre fui uma pessoa muito romântica, uma pessoa muito ligada às praças, então eu ia muito pra paquera, acho que a maioria dos jovens que frequentavam ali na praça. Mas assim, deixa eu ver, tem assim, alguns beijinhos que aconteciam naqueles bancos de concreto. Eu me lembro que eu caminhei uma única vez de mãos dadas com um rapaz e foi uma experiência muito louca e o meu coração batendo forte, aquela coisa do romantismo, ainda, e foi ele quem tomou a iniciativa de pegar na minha mão. Eu ainda era o Márcio naquela época, evidentemente, com uma mulher presa dentro de mim, mas foi legal. Eu me lembro disso, de sentarmos a uma certa altura da noite ouvindo aqueles barquinhos que se instalavam com aquelas músicas tristes, acho que até o Abba, eu me lembro que a gente sentou no banco e ele me roubou um beijo (MÁRCIA ANTONELLI, entrevista realizada em 3 de novembro de 2019).

Os encontros amorosos e o sentar-se nos bancos de concreto revelam essa dicotomia entre a simplicidade de um banco e a sua complexidade. A maioria dos entrevistados não deixou passar “batido” os bancos ao falar da praça. Afinal, uma

praça sem bancos não é uma praça formal, mas, sim, uma praça espontânea, que surge do acaso e não de um movimento urbanístico. No caso acima, descrito por Márcia, mesmo sem ter sido perguntada sobre sua *transição*, não deixou que o assunto escapasse. E isso prova mais uma vez o potencial escondido que, na relação de convivência com a praça, as falas expressam ao revelarem certa intimidade única de cada personagem. Falar sobre a praça, quase que inevitavelmente é falar sobre momentos de vida e suas particularidades.

Para o universo LGBTQIA+, o caminhar de mãos dadas não é tão simplório quanto para as relações heteronormativas. E para o espírito do tempo em que Márcia vivia, era, como descreveu, de acelerar o coração, de dar calafrios com pontadas de paixão. O incrível nesta percepção são os detalhes: o banco de concreto, a iniciativa do seu querido amor ao pegar em suas mãos, a delicadeza e sutileza em descrever que ficaram ouvindo até mais tarde músicas tristes que embalaram o romance até o clímax: o roubo de um beijo.

A inversão na lógica do roubo, que carrega um sentimento ruim, desta vez, “era bom demais”. Receber um beijo carinhoso de surpresa, em uma Manaus que não mais existe, é de uma profundidade imensa como refletia em seu rosto: o sorriso tímido que, incontrolável, brotava naturalmente enquanto falava sobre suas experiências. E mais uma vez, com a saudade latente e carregada de positividade.

O beijo roubado, na opinião da escritora, é uma imagem muito forte guardada sobre as suas andanças pela Praça da Saudade, incorporada a nuances de romantismo e ingenuidade. Sua paixão pela literatura floresce em suas palavras quando o assunto é melancolia. A artista bebe nas fontes do seu próprio repertório histórico-cultural que abarca a praça e suas vivências. Certeau (2014) explica essa relação tão forte que, com o dom da palavra, Márcia consegue com sabedoria ilustrar muito firmemente esta imagem em nosso imaginário. Isto porque:

[...] como no velho Freud, era uma admiração de conhecedor pelo tato compositor de harmonia e por sua arte de fazê-lo de surpresa: “o amante do mito é em certo sentido um amante da sabedoria, pois o mito se compõe de admirações” (CERTEAU, 2014, p.154).

Márcia se encaixa no exemplo acima citado por Certeau, afinal de contas, ela é uma artista que usa as palavras por sede de sabedoria, ou seja, de buscar surpresas ao despertar admirações, motivadas pela arte do sentir. Isto a define

seguramente como amante da literatura e, por ser este tipo de amante, admira a cidade, externando certa configuração do mito em seu olhar; carregado de romance e ingenuidade ao retratar o sentido atribuído à praça de antigamente.

A escritora é, na prática, um ótimo exemplo de como o cotidiano se torna arte. É arte do “saber fazer” aliada a arte do “dizer” ao ser levada em consideração. Suas memórias para o desenvolvimento da pesquisa restituem importância científica à tradição histórica das narrativas constituindo-se em elemento empírico que jorra; brota das práticas cotidianas.

Neste caso, o relato de Márcia a respeito do beijo roubado fornece ao discurso científico um modelo, e não somente objetos textuais a serem abordados. Para ter acesso a estas memórias singulares, foi necessário percorrer os caminhos propostos no Mapa Metodológico de Entrevistas, e, assim, é notável deduzir que o que sustenta a entrevista são as jogadas de “lá para cá”. Esta troca que parece algo simplificado entre o campo verbal e o gestual, para Certeau (2014):

[...] Pelo contrário, é um “saber-dizer” exatamente ajustado ao seu objeto e, a este título, não mais o outro do saber, mas uma variante do discurso que sabe e uma autoridade em matéria de teoria. Então se poderiam compreender as alternâncias e cumplicidades, as homologias de procedimentos e as imbricações sociais que ligam as “artes de dizer” às “artes de fazer”: as mesmas práticas se produziram ora num campo verbal, ora num campo gestual; elas jogariam de um ao outro, igualmente táticas e sutis cá e lá; fariam uma troca entre si – do trabalho no serão, da culinária às lendas e às conversas de comadres, das astúcias da história vivida às da história narrada (CERTEAU, 2014, p.141-142).

A narrativa construída por Márcia a respeito do objeto Praça da Saudade, é golpeada pelo gancho que o roubo do beijo promove. Ela não só o descreve, como o fez também, afinal, permitiu-se ser roubada pelo amante. Por isso se encaixa como uma arte do “saber-dizer” e arte do “fazer”.

A cumplicidade entre o falar sobre essa situação passada e senti-la como vivência, dá vida ao seu relato sobre as memórias na praça e ajuda tecer a complexa rede do cotidiano. É aquele acontecimento inesperado que rompe com a rotina do “Todo dia ela faz tudo sempre igual / Me sacode às seis horas da manhã” como cita Chico Buarque em sua música “Cotidiano”.

Na Praça, o cotidiano de antigamente ainda é muito vivo e tão intensamente registrado na memória de Márcia. E, ao ser questionada sobre os mobiliários urbanos que a praça agregava, aos poucos a entrevistada vai se recordando a partir

de um dos marcadores simbólicos de 1977, mais espontâneos e expressivos da praça: o avião DC-3, da extinta Cruzeiro.

Olha, eu me lembro de um avião, mas eu era pequeno mesmo, eu tinha uns oito anos, eu acho, mas eu lembro que meu pai me trazia pras praças, principalmente aos domingos, Praça da Matriz, que havia a tradicional missa, ele me levava pra Praça da Matriz, pra gente caminhar, depois a gente ia pro Rodway. O meu pai era prático, ele pilotava um navio chamado Cleaven, que passava meses viajando e quando ele voltava me levava pra passear nas praças. Mas eu me lembro perfeitamente dessa imagem. Tinha um avião, que era um monumento bem interessante, além desse chafariz, que é mais dos meus 14, 15 (anos). Era bonito aquele chafariz, tinha aquela estátua, aquilo, eu acho, que era um homem das cavernas, não sei, mas era bonito, a fonte de água jorrando, o ruído da água, então isso eu trago, essas doces lembranças que eu trago, desses momentos (MÁRCIA ANTONELLI, entrevista realizada em 3 de novembro de 2019).

As memórias de antigamente da praça, remetem a um tempo antigo e infantil, em que a presença dos pais, para a maioria dos entrevistados, é citada. Apesar de, durante o desenvolvimento do questionário, não ter sido levado em consideração a relação com os pais e familiares que promoviam o encontro na praça, foi um tanto interessante notar o surgimento da família nos relatos por se tratar de uma tradição antiga que hoje vai aos poucos perdendo essa força e dando espaço para os ambientes fechados, comuns ao homem privado.

O avião lembrado por Márcia era um dos grandes atrativos culturais que a praça servia ao público. Mas além do avião, o Anfiteatro também foi revisitado pela entrevistada, ao lembrar-se dos shows de rock entre os anos 90 a 2000 que aconteceram no anfiteatro, promovendo eventos e atrações locais:

Perfeito! Me lembro sim, tinha sim, tinha uma anfiteatrozinho mesmo aqui na praça. Eu lembro que tinham alguns encontros, tinham algumas peças que eram realizadas, algumas apresentações de música, bandas de música. Acho que depois, dos anos 2000 pra cá, as bandas de Rock começaram a ocupar mesmo, eu me lembro quando as bandas de Rock começaram a ocupar ali, fazer shows. O que eu me lembro do anfiteatro, agora que tu me falaste, desapareceu mesmo, não tem mais, né? Mas eu lembro que tinha um anfiteatro ali, tinha até uns lugares pra sentar ali (MÁRCIA ANTONELLI, entrevista realizada em 3 de novembro de 2019).

A praça como já visto anteriormente, durante a segunda camada, desenvolve-se a partir dos mobiliários urbanos, usos culturais. E a infância no decorrer desta camada foi privilegiada no desenvolvimento dos projetos urbanísticos aliada ao movimento crescente. Uma destas fortes referências que exerceu e exerce na vida

das crianças manauaras foi o Trenzinho da Alegria. Márcia resgata sua vivência dessa época ainda criança, e dá detalhes sobre a programação que fazia em família na praça.

Trenzinho da alegria! Eu me lembro perfeitamente, dos parquinhos que funcionavam. Eu lembro de uma taberna que ficava bem na esquina do Rio Negro, porque agora tá sempre tá fechado aquilo ali, mas antigamente funcionava, era uma taberna antiga, eu me lembro dessa taberna. Meu pai sempre me levava lá, a gente tomava sempre um refrigerante antes de voltar pra casa, comia um salgadinho, mas são umas lembranças meio bestinhas que eu tenho da presença do meu pai de me levar às praças, e depois a minha juventude/adolescência solta mesmo, de conhecer a cidade, essa transição e depois a transição das galeras, dos cheiras colas e tal. E agora, como está a praça hoje, tomada mesmo pelo tráfico, pela violência imperando mesmo. Então é isso, acho que se a gente fosse fazer um recorte de todo esse processo de transformação, acho que resultaria nisso, dentro do meu olhar, né?(MÁRCIA ANTONELLI, entrevista realizada em 3 de novembro de 2019).

A ideia de que são lembranças “bestinhas” expressas na narrativa, pode estar aliada ao que se propalou fortemente no imaginário social sobre o “homem ordinário” (CERTEAU, 2014), que, ao reduzir o significado das coisas aparentemente simples, porém de conteúdo *sensível* – que nada tem a ver com a acepção de “raso” –, impôs a banalização dos pequenos momentos doces da vida e não valoriza o tesouro escondido por detrás desse antigo cotidiano. Afinal, trata-se de um processo de esvaziamento midiático de nossas vidas em decorrência do sensacionalismo a ser abordado mais à frente. Assim, por mais contraditório que pareça, no que se refere às memórias de Márcia, o passado, retornando ao fluxo do presente, desperta, sim, uma tristeza doce, porém, feliz, porque aliada ao sentimento da saudade.

Esta memória, hoje afastada da realidade, no contexto atual mais se assemelha com uma fantasia. É assim que Certeau (2014) descreve esse processo em que o cotidiano de outro espírito do tempo é rememorado através da narrativa: “no relato não se trata mais de ajustar-se o mais possível a uma “realidade” (uma operação técnica etc.) e dar credibilidade ao texto pelo “real” que exhibe. Ao contrário, a história narrada cria um espaço de ficção. Ela se afasta do “real” (CERTEAU, 2014, p.142).

Esta característica é evidente no discurso dos entrevistados por se tratar de memórias distantes que para nossa realidade, é até difícil de acreditar. Imagine contar para uma criança que naquela praça existiu um avião, um anfiteatro e até mesmo um monumento à Bíblia. De primeira, ela dificilmente acreditaria pois na

camada em que vivemos, a do presente, esta espontaneidade já não tem mais espaço. É de se estranhar hoje o porquê de se colocar um avião numa praça pública. Todavia, isto diz mais sobre o espírito do tempo e das circunstâncias em que o avião foi propício a *habitar* a praça do que os desejos atuais. Hoje pode ser inconcebível, mas, nos anos 70, o desejo de cidade era totalmente diferente.

Para comprovar à criança dos anos 2020 que a praça teve um avião, a pesquisa se debruça não somente sobre imagens e textos históricos, mas também e, principalmente, na memória destes entrevistados. Assim, é plausível que se entenda enquanto cotidiano, como a prática dos afetos, sentimentos, intimidades, angústias e sublimações próprias das coisas humanas sentidas por nós. É exatamente por essa razão que a criança dos anos 2020 não entenderia o motivo pelo qual se manteve instalado na praça um avião “de verdade”; ela, por si, está deslocada desta cidade que já não mais existe. Cidades invisíveis que foram soterradas e cujo cotidiano foi deveras alterado. Por isso, esta dissertação não se resume somente à força de uma metáfora. Tais “escavações” ou “camadas sobrepostas” constituem-se num método interpretativo de análise, ancorado em uma metodologia que permitiu, sobretudo, conhecer a história desta praça e as memórias ali guardadas ao longo de todo um processo de ruptura ou superação, marco de sua existência histórica na contemporaneidade. Assim sendo, Certeau (2014) compreende o cotidiano como a representação dessas ações e práticas, que revelam ser a matéria-prima de uma das diversas formas de arte:

[...] que podem até trazer um signo de ruptura, de sublimação, de superação da cotidianidade, possíveis de ocorrer por meio de certo tipo de arte ou ciência, que usa a expressão dos sentimentos humanos como um fenômeno de importante significação (CERTEAU, 2014, p. 27).

Esta arte derivante do cotidiano é muito encontrada na obra de Márcia Antonelli, que busca retratar a diversidade de situações que a cidade contém. No caso desta pesquisa, focamos também na diversidade de mobiliários urbanos que a praça recebeu ao longo de sua trajetória. Referências urbanas que por estarem tão distantes da realidade atual, se confundem com a fantasia. E ao falar em fantasia e realidade, para a entrevistada, o prédio da SHAM, diferente da Dona Joaquina (que teve memórias muito fortes com suas amigas naquele prédio), passa despercebido por entre os labirintos de sua memória e aponta um fator muito importante sobre a

arquitetura daquela construção: “É, eu lembro, mas eu nunca tive afinidade nenhuma com aquele prédio, apenas passava ali na frente. Tem algumas arquiteturas daqui que você tem interesse e tem umas que você passa indiferente, né?” (MARCIA ANTONELLI, entrevista realizada em 3 de novembro de 2019).

É quase que um consenso a frase acima de Márcia Antonelli a respeito do prédio da SHAM, que o via como indiferente. Trata-se de uma arquitetura que não agregava valores positivos ou de identificação para a população, pelo contrário, causava um desconforto na paisagem urbana além do perigo como apontou Dona Joaquina, a única exceção entre os entrevistados, cujas memórias golpeiam o cotidiano daquele prédio, que já não mais existe. Curioso seria perguntar se conseguem observar as ruínas que as antigas praças deixaram em nosso imaginário. Mesmo sendo pouco lembradas pela maioria da população e caídas no esquecimento, reviver estes elementos urbanísticos é de extrema importância para entendermos a maneira como a cidade funcionava, como funciona e o que se propõe como funcionamento na contemporaneidade com perspectiva no futuro.

Como aponta Silveira (2007), sobre a problemática a respeito do esquecimento que, mesmo sendo um aspecto negativo para nossa memória e identidade, ainda é uma característica própria do brasileiro:

O tempo brasileiro contém com mais força a ameaça do esquecimento, da indiferença, característica do tempo linear que permeia a cosmologia moderna. A saudade brasileira, assim, herdaria essa concepção menos linear de tempo (SILVEIRA, 2007, p .61).

A cosmologia moderna citada acima não dá abertura para que o passado sobreviva ao fluxo do presente. E a saudade, por ser acionada através da memória que para ser acessada necessita de circunstâncias específicas no cotidiano, adquire esse formato de tempo não linear, exatamente pela característica vigilante que a memória concebe. Ela está à espreita, mas sem horário fixo ou medida técnica para ser sentida e revisitada. Este tempo não linear da saudade acaba por assemelhar-se com a vivência de pessoas em situação de rua que vivem uma noção de tempo muito diferente do tempo linear. Por isso, buscamos ouvi-las e dar visibilidade à compreensão que estas pessoas têm acerca da Praça da Saudade.

A conversa que buscava ter com estas entrevistadas, em relação a que memória resguardada do que se tinha antigamente, foi tão natural e espontânea quanto às minhas expectativas sobre este encontro. No dia 3 de novembro de 2019,

fui à Praça e encontrei pessoas agrupadas e em situação de rua, ocupando a cabine telefônica da rua Simon Bolívar, usada como um lar improvisado. A meu ver, ironicamente, uma ótima maneira de reutilizar e usar aquele ambiente esquecido pelos atuais governantes. De qualquer maneira, para me auxiliar no primeiro contato que faria, contei com o suporte e ajuda de uma das entrevistadas, a Maria do Rio, por ser uma excelente comunicadora, educadora e facilitadora de articulações diante de questões urbanas complexas. Como maneira de demonstrar cuidado com estas pessoas em situação de vulnerabilidade social, separamos roupas e cobertores para serem doados.

Todavia, muito antes do primeiro contato, na condição de pesquisador, me propus a sondar as áreas adjacentes da praça. Durante o dia, grupos diversos de moradores de rua ocupavam a cabine telefônica, mas à noite o grupo se separava para o trabalho. Portanto, o horário ideal para a entrevista seria à tarde. Deste encontro rendeu muito material que, mesmo breve, afinal a conversa diferente das anteriores precisava ser rápida e direta. Isto foi o suficiente para abalar as estruturas academicistas e classicistas que ignoram estas pessoas e as tratam como indigentes, sem reconhecer o valor que os discursos carregam enquanto produto de uma modernidade exacerbada e doentia.

Ao nos apresentarmos para o grupo de pessoas em situação de rua, duas entenderam a proposta da entrevista e se disponibilizaram para uma conversa sobre a realidade delas. Os nomes são fantasia com intuito de proteger a imagem das entrevistadas. Uma delas preferiu ser chamada de Maria da Fé, e ao ser questionada sobre os elementos urbanos que já existiram na praça, o Anfiteatro teve seu destaque:

Lembro, quando eu cheguei aqui em 1996 ela tinha um palco ali, tinha as arquibancadas, tinha o parquinho, já tinha essa estátua e era diferente aqui onde tinha essas plantas, esse bando era diferente, esse banco era grande. Era muito divertida essa praça a uns tempos atrás, antigamente, né? Porque agora... Ela não é mais nada, entendeu? Porque nem luzes pra criança brincar, não é muito claro, pra criança andar de bicicleta, ter seu lazer (MARIA DA FÉ, entrevista realizada em 27 de novembro de 2019).

“Ela não é mais nada”. Esta frase me marcou profundamente. A praça, na visão da entrevistada é vazia, sem movimentação cultural, sem vida. Esta escassez de cultura, sobretudo nos itens gastronomia e lazer já foi apontada por outros entrevistados uma vez em que durante a segunda camada histórica da praça, houve

muitas atrações culturais para a cidade apreciar. É notória também a preocupação que Maria da Fé revela em seu discurso: “é com o divertimento para crianças, logo, para famílias”.

A estátua de Tenreiro Aranha é lembrada como antigo elemento urbano. Importante detalhe, pois, mais à frente há que se notar que nem todos os entrevistados lembram-se desta estátua, ainda que esteja na praça desde 1932. O parquinho também é mencionado, sendo este uma das atrações básicas e estáveis que a praça compunha em seu projeto urbanístico desde 1975. E voltamos mais uma vez aos bancos como elemento urbanístico indispensáveis à convivência nas praças.

Ainda que seja um item básico para o projeto urbanístico da praça, a força dessa representação simbólica e uso são tão importantes para o funcionamento do logradouro público que nunca escapam ao discurso dos entrevistados. Os bancos de antigamente eram longos, de concreto e abrigavam um número bem maior de pessoas. Os de hoje, remetendo a um estilo francês, além de poucos, contemplam para o seu uso um número limitado de pessoas: no máximo três. Percebem a sensibilidade da entrevistada ao mencionar o que deve ser feito para um ambiente mais seguro e saudável? A iluminação, assim como para Maria do Rio, é um item indispensável para sociabilidade e segurança em uma praça pública.

Ao se referir à praça como “nada”, Maria da Fé indica que o projeto urbanístico não atendeu ao uso. Sabemos que as atividades do cotidiano que acontecem na praça, atendem como prioridade o público dos bares e não as famílias e crianças. É uma praça do ócio, do esquecimento, para matar o tempo. Este entendimento da praça como um espaço vazio, sem vida, muito se assimila com o caráter destrutivo concebido por Walter Benjamin:

O caráter destrutivo não idealiza imagens. Tem pouca necessidade delas, e esta seria a mais insignificante: saber o que vai substituir a coisa destruída. Para começar, no mínimo por um instante: o espaço vazio, o lugar onde se achava o objeto, onde vivia a vítima. Com certeza haverá alguém que precise dele sem ocupá-lo (BENJAMIN, 1987, p.236).

A imagem idealizada para a terceira camada da praça, atende aos requisitos da *Gestalt*: unidade, simetria e harmonia visualmente, compõe hoje o projeto de revitalização de 2010 da Praça da Saudade. Durante o processo de planejamento, fica nítida a preferência por atender esses requisitos que, durante a

segunda camada, foram muito criticados, pois a praça não os tinha. Nascimento (2014), sobre esta questão visual da praça, reitera que a prioridade foi o visual, e não mais o seu uso:

O espaço abriu-se para os olhos, ganhou unidade, novos canteiros, nova estrutura. Tornou-se apreciável para os olhos, para fotografar, mas perdeu a festa, o espaço do encontro. Os bancos de madeira com estrutura em ferro, longe um do outro, abrigam duas pessoas em cada (o que atrai casais de namorados à noite). No lugar das barracas desmontáveis, que vendiam comida e tacacá, pequenos quiosques verdes metálicos: dois para lanche, dois para banca de revista, dois para telefone público. A definição do traçado dos canteiros definiu o circuito de caminhar, alongando o caminho de quem estava acostumado a passar direto por alguns pontos. No entanto, é possível perceber que novos caminhos se desenham na grama pisada. Na maior parte do dia não há sombra, o que torna a praça um lugar de passagem (NASCIMENTO, 2014, 98).

A autora, Maria Evany do Nascimento, indica o caminho escolhido por ambas as camadas, segunda e terceira: enquanto a segunda (a partir de 1975 a 2007, pois a reforma de 1962 ainda não trazia tantas atrações culturais) privilegia o uso, enquanto que a terceira camada privilegia o visual. As reformas subsequentes contemplaram somente o aspecto visual. E essas memórias de antigamente da praça também são reforçadas por Nascimento, ao descrever o cotidiano da praça durante a segunda camada:

Na primeira metade dos anos 2000, acontecia uma feira indígena mensalmente, na Praça da Saudade, que reunia artistas, artesãos, com produtos, música e culinária indígena. Aos finais de semana era comum encontrar crianças brincando no parquinho, vendedores de pipoca, balões e uma série de outros produtos destinados aos pequenos. Grupos de estudantes também elegiam a praça para seus encontros. Os canteiros circulares se ofereciam como bancos e reuniam pessoas. Da mesma forma o entorno do lago artificial. Esteticamente a praça não apresentava uma uniformidade, eram três espaços que coabitavam, com suas fronteiras e intercessões: o jardim, a calçada e o prédio. Do ponto de vista da ocupação, as pessoas desviavam do prédio, brincavam na calçada e sentavam no jardim. Era um espaço vivo e dinâmico (NASCIMENTO, 2014, p. 98).

Estes relatos da vida do cotidiano na praça, são de extrema riqueza para podermos tecer um ecossistema da Praça da Saudade que abarque a realidade do que já não mais existe. Somente assim podemos compreender o presente e imaginar um possível futuro. A memória descrita pela autora sobre as feiras indígenas, das crianças brincando no parquinho, dos vendedores de pipoca e produtos para satisfazerem a vontade das crianças é uma memória que brilha, dando realce a essa dinâmica da praça.

Ocasão essa que não pode ser separada dos tempos de aquisição da memória, instruída por inúmeros acontecimentos, hoje dissecados de significados e significações simbólicas. Em síntese, trata-se do passado, ou seja, de perda do lugar, embora persista o brilho imaginativo de um tempo propondo-se a outro momento possível, como interpreta Certeau (2014) a respeito da memória: “[...] ela suputa e prevê também ‘as vias múltiplas do futuro’ combinando as particularidades antecedentes ou possíveis” (CERTEAU, 2014, p.146).

Estas memórias evidenciam a escavação em torno do espírito do tempo em que as camadas da praça estão soterradas. O espírito do tempo está condicionado à ocasião na qual a memória foi concebida e a ocasião consegue armazenar todo este saber no mínimo de tempo, tendo seu funcionamento parecido a uma pedra filosofal, que é reduzida ao mínimo formato se comparado ao ato metamorfoseador da situação. Assim, o espaço é deslocado para o tempo e o modelo do teórico da ocasião ganha forma ao atravessar a circunferência indefinida das experiências, como aponta Certeau (2014), e o momento pontual de sua recapitulação.

No que se refere ao momento atual da praça, outra entrevistada em situação de rua, Tituba, complementa a fala de Maria da Fé e inicia seu relato pontuando situações sobre os bancos da praça:

Tem nada pras pessoas sentarem, tem só os bancos, mas o resto não tem pras pessoas sentarem. Porque aqui a gente passa difícil, dia de domingo a gente vai na igreja e o pastor dá almoço e café da manhã, lá na Presbiteriana (TITUBA, entrevista realizada em 27 de novembro de 2019).

O momento em que a entrevista com as mulheres em situação de rua na cabine telefônica da Praça da Saudade se sucedeu, era um horário ainda próximo do almoço, por volta das 14h. Tituba ainda estava comendo sua marmita doada por um restaurante próximo à praça, por isso menciona o fato de ser difícil comer, pois elas contam com a ajuda de terceiros. O problema dos assentos, para quem vive nesta condição de vida, é de extrema importância para o mínimo possível de conforto. Os antigos bancos em formato de “C” (Foto 39) contemplavam esta necessidade apontada pelos indivíduos em situação de rua, que hoje não contam mais com este elemento urbano.

Sobre esse cotidiano, Maria da Fé relata também suas andanças pela praça, recordando-se de quando ainda era uma jovem. Hoje, aos 42 anos de idade, a entrevistada afirma que vive na rua há 26 anos e o momento decisivo para essa

transformação de vida foi aos 12 anos. Suas recordações resgatam momentos de quando começou a faltar aulas e, depois de muito julgar o comportamento dos cheira-colas que perambulavam pelo centro da cidade, acabou por ser também incluída no vício ao cheirar “cola, pasta, óxi e até mesmo loló”. Ou seja, trata-se de substâncias viciantes que causam alto nível de dependência. E mesmo assim, resistindo às intempéries, hoje enfrenta problemas de saúde causados pelo consumo de drogas. Maria da Fé conta que:

Eu vinha pra conversar, passar o dia. Eu não faltava aula, teve um tempo que eu comecei a faltar. Eu morava aqui na Constantino com a minha madrinha, ela me dava de tudo, hoje sabe quanto tempo que eu moro na rua? Há 26 anos, é muito tempo!É, eu preferia como ficar aqui, tinha o parquinho, as cores.Porque eu vim viver essa vida, eu estudei dos meus 7 anos de idade até os meus 12 anos, em 1996, com 12 anos eu desisti no meio do ano, no mês de agosto e comecei a ter preconceito com cheira-cola, eu não deixava que nenhum se aproximasse de mim. Então nunca deve as pessoas julgar com a língua, porque ela não sabe o dia de amanhã. Então eu viquei, a primeira vez eu cheirei cola, depois eu viquei na pasta, quando existia, depois comecei a usar Oxi, e desde 2011 até 2020 peguei 5 começos de overdose, nasci pelo sangue de Jesus Cristo, e sou viciada muito no loló (MARIA DA FÉ, entrevista realizada em 27 de novembro de 2019).

No relato acima, a entrevistada compartilha uma experiência que ainda é a realidade de muitas pessoas e revela os sintomas da modernidade de uma sociedade completamente adoecida, não cabendo a nós julgar indivíduos pela vulnerabilidade de armadilhas que a própria cidade lhes impõe. Compete, sim, aprofundarmos discussões acerca dos problemas oriundos das desigualdades impostas pelas estruturas de poder capitaneadas pelos aparelhos de Estado. Imagina-se o débito social que vai sendo acumulado ao longo de um processo em que as políticas públicas teriam que ressarcir a essas e a tantas outras pessoas cruelmente marcadas por condições tão sub-humanas de vida.

Ao adentrar a realidade em que as mulheres em situação de rua na Praça da Saudade se encontram, podemos verificar que uma espécie de “arte” da memória se desenvolve, criando espaço suficiente para aptidão de estar sempre no lugar do Outro, sem se apossar dele e tirar partido desta alteração. Em outras palavras, a conversa sobre estas memórias relatadas por mulheres em situação de rua, cria, em si, margem suficiente para estender a ponte entre o local em que elas ocupam e o sentido atribuído às narrativas, suprimindo-se fragmentárias visões estereotipadas sobre esse estilo de vida. Se é que podemos chamar de “estilo de vida”, afinal, trata-

se de condições em alto grau de desumanidade que lhes fora imposto pela falta de oportunidade. Para a formulação do ecossistema, evitamos formas de análise entre o certo e o errado, visto que para o entendimento dessa dinâmica nos interessou buscar pistas que nos levassem à compreensão do porquê esse tipo de fenômeno ocorre.

Seguindo esta linha de raciocínio, entendemos aqui como “autoridades” aquilo que é retirado da memória coletiva ou individual e autoriza uma inversão, uma mudança de ordem ou de lugar, uma metáfora da prática ou do discurso. Essa inversão dos valores é feita pelas autoridades locais com o objetivo de perpetuar o ciclo alienatório no qual os cidadãos imergem a partir do que as autoridades escolhem como símbolo ou referência para a população.

São memórias que nunca foram antes discutidas pelos indivíduos e somente impostas, tal como o nome oficial da praça ser “Cinco de Setembro” em homenagem à data de Elevação do Amazonas à Categoria de Província que consolida Tenreiro Aranha como um suposto “herói” – seguindo a receita pronta que a cultura de massas propõe a partir de Edgar Morin (1997) –, quando, na verdade, o povo nunca assimilou Tenreiro Aranha como herói, até hoje embebido no esquecimento.

Esses impasses criados estimulam ao mesmo tempo em que instigam espírito criativo a reivindicar alguns aspectos como o de iluminação dos espaços públicos como algo que é refletido na fala de Maria do Rio, outra entrevistada da pesquisa, que compartilha de sua visão a respeito desta ameaça do esquecimento no tempo brasileiro, como já visto anteriormente. Quando questionada sobre do que sentiria falta, isto é, qual o significado de ausência enquanto marcador da memória acionado e que remonta certa saudade da praça, a atriz explicou que:

Eu sinto falta de iluminação, da história do lugar também, tu percebes que aqui não tem nenhuma placa? Tipo, se é um espaço histórico... o máximo que a gente tem é esse cara [Tenreiro Aranha] que tá no meio, né? Ele tem uma história, mas só ele tem história aqui, por isso que ele tá mais alto que todo mundo. Aí fora ele, o aspecto de baixo me lembra muito esquecimento também, ao mesmo tempo, falta de luz, o esquecimento (MARIA DO RIO, entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2019).

O detalhe que Maria do Rio cita a respeito da figura de Tenreiro Aranha estar no meio da praça e acima de todos, revela esta questão autoritária a respeito da qual discutimos sobre essa inversão de qual história ou memória devemos preservar. Como preservar um monumento no qual não nos vemos nele? No qual

não há garantia de identificação muito menos de força simbólica para nossa identidade manauara. A altura em que a estátua está posicionada é um detalhe que passa despercebido, mas que significa muita coisa a respeito do que sugere designar certa superioridade da personagem Tenreiro Aranha se comparada à posição social da qual fazemos parte.

A figura imponente de Tenreiro Aranha, estrategicamente posicionada e que, em uma altura tão elevada, imprime estar bem mais “acima de todos”, contrastando com a praça mal iluminada, como lembrado no discurso de Maria do Rio a respeito do esquecimento sobre a própria história da praça: “tu percebes que aqui não tem nenhuma placa? Tipo, se é um espaço histórico...”. Realmente, para um espaço público podemos visualizar o descaso das autoridades em valorizar a história da praça, por outro lado, a supervalorização de outras praças como o Largo São Sebastião, por exemplo. Fica evidente a escolha de ambientes que sirvam as classes mais elevadas e desdém para aquelas em que há movimentação do povo, das pessoas que dependem de transporte público para se deslocar pela cidade, afinal, a praça serve também como passagem para estes pedestres.

O cotidiano da praça, descrito por Maria do Rio, é permeado pelo fluxo de estudantes que a praça abriga por sua localização no entorno de escolas. O verde da praça também atende aos jovens alunos que desfrutam dos jardins para sentarem em rodas de conversas e ver o tempo passar. A atriz vê a praça como este espaço da espera, da passagem, do tempo e do verde, pois em suas palavras, como há um grande esquecimento, descaso ou abandono do local, o único referencial das pessoas passa a ser as árvores:

Na parte da manhã aqui tem muitos estudantes que vêm de escolas próximas, né? Então é um espaço de educação também, as pessoas estão sempre passando por aqui. ele é um espaço verde, então ele é esse espaço que serve pra isso, né? É pra educar, mas também sobre o tempo. Têm as árvores aqui, então elas param, também, para verificar esse crescimento, né? Por exemplo, essas crianças não vão estar aqui só durante essa fase da vida delas, elas vão passar por outras fases e elas vão acompanhar esse crescimento. Pelo fato dela ser numa área central, lá dá esse aspecto, né? Ela vai mudando e as pessoas vão se educando sobre a história a partir dela. Mas como eu disse, elas não têm referencial histórico, então o único referencial histórico das pessoas aqui são as árvores, e o verde, o referencial de tempo delas é esse. (MARIA DO RIO, entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2019).

O relato de Maria do Rio apresenta sutileza e sagacidade enquanto comunicadora ao revelar o que estaria porventura escondido. O modo particular de observar e refletir sobre o mundo nos remete à função de uma narrativa que conta com certas metodologias para descobrir o mascarado, o latente, aquilo que está “guardado” no inconsciente. Assim, a mensagem é reveladora porque captura diversos aspectos da paisagem que ornamenta a praça. É como um furto (CANEVACCI, 1997); algo arrancado pela percepção e de onde se projeta a análise do real aparentemente despercebido, inacessível. O espaço verde é capaz de propiciar aos estudantes que acessam a praça certa compreensão sobre a sociedade, a natureza e a própria história. É como se o crescimento das árvores produzisse simultaneamente o desenvolvimento físico e intelectual dessas crianças que, na ausência do referencial histórico sobre a praça, elas próprias vão mudando a partir deste “único referencial histórico... o tempo delas é esse”. Esta é a forma pela qual Maria do Rio interpreta, pela linguagem, o aspecto cultural e social, dando à praça a organicidade do aparentemente opaco, estranho e, via de regra, sem sentido. Fato é que a atriz consegue esclarecer o que não conseguíamos ver. O estranho passa a ser familiar, assim ela decodifica a mensagem e a interpreta.

Essa maneira interpretativa da entrevistada permite identificar sinais da vida e trazer para pesquisa uma fonte extremamente relevante: suas memórias e a praça. Ela conta que durante a infância costumava vir acompanhada da mãe que oferecia a ela, o divertimento na praça. Por isso, observa, hoje, a transição e as divergências entre períodos de tempo:

Bom, na minha infância eu andava sempre acompanhada, então eu acho que era uma outra sensação também, hoje eu ando sozinha, consigo perceber isso, mas naquela época eu estava acompanhada da minha mãe, então a minha vida era muito aquilo que a minha mãe criava ali pra eu me divertir, e ela criava momentos na praça, boas memórias, ela tinha esse cuidado de vir aqui e criar memória, de comprar doce, comprar pirulitos, comida pra gente comer aqui. Então ela sempre fez essa questão de criar boas memórias, esse cuidado com o meu tempo de crescimento. Acho que as minhas lembranças nessa e em outras praças sempre foram recheadas disso, de uma ida pra comer, de uma ida pra me divertir (MARIA DO RIO, entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2019).

O exercício de relembrar, rememorar e revisitar o passado para estar no fluxo do presente, é uma prática proposta metodologicamente como apresentado na Figura 35 do Mapa Metodológico, para chegarmos ao cerne da pesquisa: as emoções e sentimentos. É uma prática para manutenção da memória. Ao revistar

sua infância, Maria fala sobre várias outras crianças que viveram esse período na praça. Assim o faz Efraim, outro entrevistado que ao ser inquerido sobre sua infância, também a descreve com muita ternura.

A gastronomia que antes havia na praça, toma lugar na memória de Maria do Rio, ao narrar suas vivências na praça com doces, pirulitos e outras comidas. A comida também é vista pelos entrevistados como uma memória de sabor que demarca um tempo distante, mas guardado com muito aconchego. As comidas que antes eram comercializadas na praça, dão suporte e servem como trampolim para atizar memórias calorosas sobre o passado e a infância que não mais retorna. É aí que a saudade entra, assim como a memória, a partir de ocasiões passadas, remetendo a cheiros, gostos e sabores que lembram pessoas, famílias e a proteção que antes se tinha de nossos pais.

Outro detalhe importantíssimo que não passou despercebido pelo olhar atencioso da artista, é o fato de que, antigamente, no espírito do tempo da segunda camada (1962 a 2007), os comerciantes se dedicavam a vender comidas específicas:

[...] gente que só vendia algodão doce, não vendia mais de uma coisa. Comerciantes com comércios outros, que vendia coisas específicas, especialistas, hoje em dia isso não acontece, eles vendem quase tudo, mas naquela época não tinha isso. Era o “tio do amendoim”, “o tio da cocada”, “o tio do algodão doce”, “o tio do pirulito”, o “tio do balão” (MARIA DO RIO, entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2019).

A narrativa que a artista constrói sobre a relação com os comerciantes, é golpeada pela forma carinhosa pela qual se refere a esta organização do trabalho informal ao molde de antigamente: “os tios” do amendoim, da cocada, do algodão doce etc. Ademais, a fala produz efeitos tanto na entrevistada quanto em quem recebe a mensagem. Trata-se de uma forma humanizada quanto à compreensão daquelas modalidades de ofício, características dos comerciantes, ao tratá-los pela simbologia familiar que os identificava de acordo com a gastronomia específica com que cada uma a produzia. A informalidade do trabalho evocava efeitos sentimentais dada a importância da maneira pela qual esses vendedores se organizavam. Neste aspecto, entre outras mudanças ocorridas na Praça da Saudade, essa produção gastronômica, da comida caseira, por exemplo, diverge completamente do que se tem atualmente.

Hoje, os comerciantes vendem quase tudo para o público em suas barracas ou carrinhos de supermercado, exibindo-se, do artigo importado ao abastecimento de bebidas alcoólicas, ou seja, a transação comercial se dá do bombom, milhito's e refrigerante ao isqueiro, cigarro e "seda". Basicamente, os comerciantes de hoje permutam entre si os mesmos produtos principalmente aqueles industrializados. Certeau (2014), explica esse procedimento, comparando-o a um golpe; uma cisão entre o passado de que se *recorda* e o presente que se vive como *surpresa*. Isso pode ser verificado no discurso dos entrevistados que por serem narrativas carecem de descrições analíticas para a devida interpretação daquilo que, na atualidade, causa impacto diante do que surpreendente evocam as narrativas. A respeito disso, diz Certeau:

Existe com certeza um conteúdo do relato, mas pertence, ele também, à arte de fazer um golpe: ele é desvio por um passado ("no outro dia", "noutro") ou por uma citação (uma "sentença", um "dito", um provérbio), para aproveitar uma ocasião e modificar um equilíbrio por uma surpresa. [...] O discurso produz então efeitos, não objetos. É narração, não descrição. É uma arte do dizer. O público ali não se engana (CERTEAU, 2014, p.142).

O elemento quase que mágico, acionado pelo cotidiano, é a surpresa descrita na Figura 35 do Mapa Metodológico, cuja emoção guardada na memória se materializa na saudade como sentimento de algo que ficou no passado e edifica as camadas visivelmente soterradas nos espaços da praça. Estas camadas, por remeterem a um tempo passado, muito se assemelham com a memória do velho, do idoso. Por isso, a roda de conversa no Centro de Convivência do Idoso no bairro de Aparecida foi necessária para a tessitura do caminhar metodológico. E o passado remoto não escapou à apreciação feita por Maria do Rio em sua entrevista. Na narrativa a seguir, a artista destaca a atmosfera da praça comumente oxigenada pela presença de pessoas idosas. Hoje, esvaziada desses "visitantes", a praça se tornou um local repleto de jovens. Ao observamos o ambiente, também podemos compará-lo a uma espécie de corredor por onde estudantes de escolas adjacentes acessam ao dirigirem-se a pontos de ônibus no retorno a seus lares.

Sobre tais mudanças ocorridas, Maria recorda-se de um tempo em que visitava a praça quando criança:

É... isto me lembrava do velho, né? Essa praça... eh, parecia que eu ia encontrar vários velhinhos, era uma praça de idosos. Tinham várias músicas e pessoas bem idosas cantando; músicas que chamava de "músicas de

velho”, que eram músicas que meus pais ouviam. Então, sempre me deu essa ideia, pois quando eu cheguei aqui, nessa época, ainda tinham idosos aqui, mas hoje em dia não tem nenhum, mas, nessa época, eu lembro de encontrar idosos, ainda transitando, lembro que tinham crianças também, eu lembro também que a grama tinha outra cor. Acho que o que não tem acontecido, ao longo dos anos, a manutenção desses espaços, a manutenção da memória, de manter viva a memória, isso é um compromisso da sociedade civil, mas as pessoas não têm esse tipo de educação (MARIA DO RIO, entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2019).

A rede de memórias na qual Maria adentra o passado, revela essa mudança da escolha de lazer feita pelos idosos. Como Dona Joaquina já disse anteriormente, a praça para ela só é visitada quando acontece o Festival de Flores de Holambra. Todavia, durante a vigência da segunda camada, costumava visitar com muito mais frequência; ouvia as músicas do Roberto Carlos e encontrava suas amigas para “jogar conversa fora”, assim como narra Maria no trecho acima, destacando o convívio e lazer dos idosos de antigamente na Praça da Saudade.

A falta de zelo e cuidado por parte de órgãos públicos, quando o assunto é manutenção física e memorial, é verdadeiro admitir o descaso e, conseqüentemente, a ausência de políticas públicas ou de atividades socioculturais nos espaços públicos. Para além da nossa realidade, isto certamente ocorre em outras cidades do país. Por isso esta pesquisa é também uma contra narrativa quanto ao esquecimento ou descaso com o patrimônio material e imaterial porque atinge e ameaça a perda da história documental e memorial no contexto da realidade brasileira. Embora o Estado menospreze as iniciativas a favor de uma reparação histórica, é emblemática a presença de pessoas comprometidas com formas de luta que mais parece remarem contra a correnteza.

A atriz Maria do Rio revela memórias de momentos em que, sozinha, passou a visitar a praça, resignificando tanto o espaço quanto os acontecimentos que causam muita dor e sofrimento em nossas vidas. Afinal, as praças são também charme que atraem atos de violência provocados pela repressão militar ou civil. Em contrapartida, as resignificações também se expressam em atos políticos ocorridos na praça por meio de intervenções e performances artísticas, como orquestradas por Maria do Rio de modo brilhante:

Eu gosto muito dos atos que tiveram aqui e todos eles me marcaram bastante. Ir para esse espaço, geralmente os atos começam nesta área da cidade, o ato do 8M de 2017, foi um ato que me marcou muito, em que eu fiz uma performance sobre a travesti Dandara. A travesti Dandara foi

assassinada em Fortaleza, no Ceará, e ela morreu enquanto as pessoas gravavam ela ao vivo, gravaram a morte dela ao vivo. Então, acho que nesse dia eu trouxe uma performance pra tentar lembrar, reviver esse assassinato e, de alguma forma, produzir significado de vida e morte com o meu corpo (MARIA DO RIO, entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2019).

A intimidade que brota em nossa relação vem desse desejo em comum de produzir significados de vida e morte com nossos corpos. No decorrer da pesquisa, Maria me auxiliou bastante com conversas e caminhos para falar sobre a Praça da Saudade, aguçando nossas memórias. O assassinato de Dandara revivido por Maria ali na praça, é uma performance que sempre ecoará pela memória de quem presenciou. Intensa e visceral, Maria do Rio é uma artista que não só produz arte, mas também reflete sobre o tempo e seu papel enquanto artista-educadora. Dispensando longas falas, Maria consegue exprimir seus sentimentos a quem a assiste “performar”. Esta intenção performática dispensa explicações, pois, respostas às mensagens estão no sentimento daqueles que a observam com olhares atentos.

Ao reviver Dandara em sua performance, Maria não dá conta de recuperá-la totalmente, em carne e osso. É óbvio, seria impossível ressuscitar quem já está morto. Somente a saudade em memória é capaz de retornar à vida, e de uma maneira única e própria isto perpassa a dimensão em que o sentimento da saudade se instaura. E não só a memória se instaura simbolicamente como também a capacidade artística, de forma criadora, adentra a dimensão das singularidades; atinge “de cheio” às pessoas.

Foto 47: Performance Dandara – Maria do Rio



Fonte: Robert Coelho (2017).

Foto 48: Performance Dandara – Maria do Rio.



Fonte: Robert Coelho (2017).

Foto 49: Performance Dandara – Maria do Rio.



Fonte: Robert Coelho (2017).

A comoção provocada sobre a morte de Dandara repercutiu por várias cidades do Brasil aflorada por abundantes sentimentos, como revolta, tristeza e saudade, por exemplo. Foi uma notícia que abalou até os menos sensíveis diante do sangue jorrado todos os dias pelos canais jornalísticos que, articulados à conexão do ambiente online, reproduzem de forma brutal uma enxurrada de assustadora violência. Duarte (2009), sobre esta relação ecossistêmica e coletiva de reação à violência, a entende como “Uma ação coletiva [...], capaz de se revelar no movimento tenso e orgânico de todas as partes interessadas em direção à criação de algo novo como expressão de sobrevivência” (DUARTE, 2009, p.100).

Como já previsto, lidar com a dor e o sofrimento já era esperado durante o desenvolvimento desta pesquisa. Nossos *corpos* são ainda, aos olhares da sociedade, enxergados como *desviantes*; somos rotulados e, por vezes, conduzidos à margem distorcida por meio de histórias assustadoramente sinistras como a de Dandara. Contudo, a Figura 38, abaixo registrada, traz em manchete a notícia de que a cidade de Nova York encontrou espaço para marcar na memória de seus habitantes uma escultura em homenagem à travesti Dandara dos Santos e que

demarca no monumento a luta em repúdio aos preconceitos decorrentes da transfobia.

Figura 38: manchete do jornal G1 sobre escultura em homenagem à memória da travesti Monumento de Dandara dos Santos, erguido em Nova York.



Fonte: Portal de Notícias/G1.

Este tipo de monumento agrega muito mais valor e identidade ao referenciar as violências que sofremos em silêncio pelas ruas. Dandara foi assassinada à luz do dia, sem remorso por quem praticou e muito menos ajuda de quem presenciou. Assim como a performance realizada na Praça da Saudade pela atriz Maria do Rio, a escultura que agora está permanentemente em Miami, na Flórida, finca uma pedra angular na cidade para voltar os olhares ao grito latente de Dandara que ecoa no coração daqueles que padeceram e exalam empatia em deferência à sua memória.

Trata-se de atitudes humanas que se contrapõem ao estigma do arraigado e desprezível preconceito formulado sobre o que se convencionou chamar de *travesti*. A importância da obra de Maria do Rio nos serve de guia para repensarmos o que a cidade é e o que se produz, como manifestação do descontentamento aos problemas sociais e, ainda, por construir novas narrativas, de superação e de respeito às diferenças como pressuposto da igualdade social.

O acontecimento trágico na vida de Dandara, representa, também, a quebra na rotina; um golpe de surpresa face aos episódios da vida cotidiana. Todavia, uma surpresa infeliz e rude que evidencia as raízes ainda tão fortes da transfobia, do feminicídio, do ódio, ou seja, do conservadorismo exacerbado, inútil e tão estúpido.

Maria do Rio, ao falar sobre o cotidiano das praças, salienta também as inúmeras interações propícias à quebra da rotina. Sendo assim, o golpe no cotidiano não se caracteriza somente como trágico ou feliz, certo ou errado. Acerca da dinâmica das praças, a artista reitera:

E as praças são bem propícias pra quebrar a rotina, porque todo dia vão passar pessoas diferentes, nem sempre vão passar as mesmas pessoas e, então, é certo que você vai viver coisas, coisas novas, e diferente do trabalho, né? Todo dia vai pro trabalho, faz coisas muito parecidas, quando tu vai pra praça todos os dias, mesmo que seja um trabalho, tu vai lidar com coisas novas, porque tu tá sempre vendo pessoas novas e, no caso das praças, tu nunca vai passar pelo mesmo lugar, tu não tem uma rotina, tu não tem um movimento e, como se fosse um filme, é mais a vida orgânica mesmo a ser vivida. (MARIA DO RIO, entrevista realizada no dia 13 de outubro de 2019).

A vida orgânica a que Maria faz referência é também seu objeto de estudo enquanto artista-educadora. No filme “Maria”, documentário premiado internacionalmente, Maria do Rio, a protagonista, narra histórias ao mesmo tempo em que é mediadora entre suas singularidades e o universo de acontecimentos intrínsecos à cidade. Assim, escancara para o mundo, não só verbalmente, mas em gestos profundos da discriminação que seu corpo sofre demarcado por episódios ocorridos na encruzilhada das ruas “Ferreira Pena com a Dez de Julho”. Faz alusão ao centro histórico de Manaus e aos conflitos urbanos que envolvem esta área tão enérgica e provocativa. Coincidência ou não, a Ferreira Pena é uma das ruas que delimitam a área da Praça da Saudade.

Como centro urbano conflitante, o centro histórico é também o espaço para diversos profissionais exercerem os mais variados trabalhos. Pela influência que o Porto de Manaus exerce na atmosfera central, espontaneamente durante a entrevista com a florista da Praça da Saudade, Sabrina, Efrahim surgiu como personagem ao demonstrar interesse na nossa conversa sobre memórias de antigamente.

O golpe do cotidiano que surtiu emoção um tanto ingênua em Efrahim, foi despertado através da ocasião em que conversávamos sobre como era antigamente a praça. Felizmente ou não, Sabrina não expressou nenhuma memória articulada às discussões da segunda camada histórica da praça (1962 a 2007). Por ter nascido em Mato Grosso do Sul, por isso provavelmente desconhecia fatos relacionados a esse período. Neste momento, entra em cena Efrahim. Ao ouvir a conversa, aproxima-se com aquele suspiro comovido seguido de um “ah, eu lembro sim”, esboçando com isso um sorriso largo em seu rosto.

Poxa, mas aqui é um ponto turístico bem legal, que eu me lembro que quando eu era pequeno, eu vinha por aqui, tinha uns trens que levavam as crianças pra passear. Era os peixinhos, que eu gostava de ver, porque toda criança é curiosidade, né? Principalmente com animais, não tem? Pode ver,

quando fala “ai, vamos ao zoológico”, toda criança já quer logo ir, né? E também quando os desenhos animados que passavam na época, era Piu Piu e Frajola, Capitão, essas coisas tudinho, aí quando a gente via eles pessoalmente ficava pensando “será que é ele mesmo?” e tal (risos). (EFRAHIM, entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2019)

A memória de Efrahim foi acionada através da ocasião em que nos encontrávamos: sentados na escadaria do monumento à Província, conversando sobre memórias a respeito das quais, Sabrina não recordava; mas, Efraim, sim. Se não fosse esta ocasião – em que ele se permitiu contribuir com informações para balancear a pesquisa em face da inexistência dos relatos de Sabrina –, talvez Efrahim não encontrasse abertura suficiente para entrar na roda de conversa.

A ocasião fez o momento. E o momento foi de saudade, de revisita, de portas abertas, momentos expressivos ali revelados acerca de fatos passados. As recordações de Efrahim sobre a dúvida que pairava na mente das crianças em relação aos personagens do mundo infantil, se eram reais ou não, faz parte da ingenuidade e mágica que compõe o universo lúdico infantil. O trenzinho da alegria teve e ainda tem um papel fundamental nas lembranças daquelas crianças de Manaus. É o importar-se com as fases de crescimento desde a infância e criar momentos próprios e pueris dessa idade. Esta familiaridade atravessa fases de recordação não só de Efrahim, mas, são marcadores da memória tanto de Maria do Rio quanto de muitas outras pessoas que tiveram ou têm certa empatia com os espaços públicos, no caso, as praças de Manaus.

Efraim ao se referir aos peixinhos, assim como Dona Joaquina, a escritora, Maria Evany do Nascimento, também relata em sua obra a existência deste cenário urbano com peixes e até mesmo quelônios na fonte artificial, que faz limite à rua Ferreira Pena.

Em 2000, houve uma intervenção na praça no sentido de recuperação do espaço degradado. Nesse período a fonte artificial foi dotada de peixes e alguns quelônios, e as esculturas (Homem pré-histórico e homem moderno) pintadas (NASCIMENTO, 2003, p. 84).

De fato, muitas crianças tendem a ter interesse em se relacionar com animais. Quanto a isso, há um fato curioso sobre atrelar o apego dessas crianças aos animais expostos na praça com intuito do interesse político-partidário. Ou seja, por ter mantido por um determinado tempo, peixes e quelônios, Nascimento (2003) reporta-se a isso como algo de interesse político em conquistar votos através de

atenção dada ao divertimento das crianças, sinônimo de família. Vende-se através de um ato como esse, a imagem de um político preocupado com a base estrutural da maioria das famílias e com o direito ao lazer. É visto aparentemente como um político preocupado com a qualidade de vida da sociedade. Mesmo que a intenção seja a conquista do eleitorado.

A mãe de Maria do Rio apresenta preocupação em oferecer lazer e diversão para a filha desde pequena assim como a mãe de Efrahim. A rede de memórias que tece os resquícios das nossas infâncias, recebe a devida atenção daqueles adultos que sentem saudade de ser criança; que preservam essa nostalgia com a intenção de propiciar um bom momento para quem hoje vive esta etapa da vida. Essa relação íntima em que a segunda camada histórica da Praça da Saudade tem com o entretenimento infantil, deixa sempre a saudades do tempo da infância; tempo de ser feliz. Efrahim entende muito bem esse vínculo e o interliga ao nome da praça: “É por isso que deixou um nome: Praça da Saudade. Não tem? No entanto porque deixou a saudade, porque aquele momento foi registrado e não vai voltar mais”. (EFRAHIM, entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2019).

Felizmente aquele momento foi registrado não só em memória, mas também nos jornais da época. A edição do Jornal do Commercio de 07/01/85 traz a nova sensação da cidade, mas aponta também as críticas referentes à segurança e ao barulho em contraposição ao discurso das próprias crianças. Nesta matéria, uma criança de 11 anos é entrevistada e diz:

“Eu achei uma ótima ideia porque nos domingos não tínhamos nada para fazer e agora podemos passear pela cidade ouvindo muita música. Todo mundo está discutindo muito e esquecendo que não tem outras diversões para nós na cidade, o trem é a única opção” (JORNAL DO COMÉRCIO, 07/01/85, escrito por Ivana Oliveira).

Figura 39: Recorte do Jornal do Comércio de 07/01/85.

**D**esde que o Trem da Alegria surgiu como uma opção de divertimento para os frequentadores da Praça da Saudade, tem havido várias discussões em torno do assunto. As diversões públicas não têm autoridades que estejam atentas para os perigos que possam oferecer e, dessa forma, serem punidos os seus proprietários. Certa vez em um parque de diversões o “polvo quebrou e uma criança pagou pela irresponsabilidade dos adultos. O Trem da Alegria está pela cidade e as pessoas que o criticam justificam suas críticas como uma maneira de prevenir que fatos semelhantes aos acontecidos no parque venham se repetir. Todo cuidado é pouco...

## **O trenzinho da alegria**

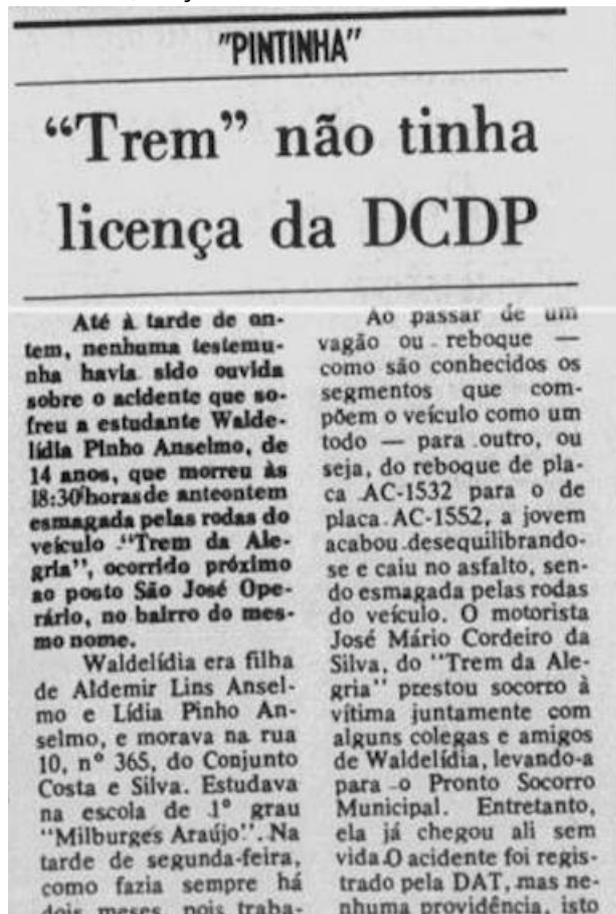
As diversões para as crianças amazonenses são poucas e para resolver esse problema surge o Trem da Alegria, uma diversão simples e barata: um passeio pela cidade num trem que, com 180 lugares, música e personagens de Lobato e de Walt Disney.

Fonte: <http://memoria.bn.br/>

Como registrado no Jornal, o trenzinho da alegria, naquela época, apesar de não oferecer a segurança necessária, que chegou a causar a morte de uma jovem de 14 anos, era relevante por resolver o problema da carência de opções de lazer para o público infantil e como preço acessível, afirmado pela “menina de 11 anos”, entrevistada pela equipe do Jornal do Comércio. Nota-se a seriedade da criança ao relatar a ausência de lazer especial para a infância e a importância que dá ao verdadeiro problema, afinal, as críticas em relação ao barulho e segurança, de acordo com a menina, não estão no centro do problema, é quase como uma armadilha para despistar a atenção central dessa questão.

Waldelídia, de 14 anos, trabalhava em 1986 no Trem da Alegria como personagem. Vestia o figurino de “Pintinha” e subia no trem. Devido à falta de segurança, entre vagões especialmente, a jovem estudante morreu fatidicamente, tendo destaque no jornal do Comércio, conforme registro a seguir (Figura 40). O acidente ocorreu ao atravessar de um vagão para o outro. Num descuido, Waldelídia desequilibrou e caiu do trem, imediatamente esmagada pelas rodas. A matéria do Jornal do Comércio de 05/03/86 é quase que a realização de uma profecia da matéria do ano anterior, em que já se colocava em questão o indício de um acidente.

Figura 40: Recorte da matéria do Jornal do Comércio, edição de 05/03/1986.



Fonte: <http://memoria.bn.br/>

A ameaça constante de que se é vítima pelo esquecimento no interior da dinâmica do tempo brasileiro, é também um dos fatores responsáveis trazidos pelo problema da escassez de opções quanto à oferta de lazer ao público infantil, como mencionado tanto pelos jornais quanto pelos entrevistados da pesquisa. Efrahim reforça essa realidade ao mencionar que sua mãe atravessava a cidade para poder oferecer ao filho, um momento de diversão:

A minha mãe vinha de outro bairro, ela vinha da Zona Leste pra trazer a gente pra cá pra gente ver os personagens de desenho que passavam na televisão na nossa época de idade, não tem! Aí aquilo ali animava como qualquer criança, as musiquinhas passando por ali, entenderam? (EFRAHIM, entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2019).

As memórias de Efrahim, são o portal de entrada na pesquisa articulado ao universo infantil dos anos 80 a 2000. Estas recordações certamente contribuirão por ter sido um dos entrevistados que mais demonstrou sentimentos guardados e que se relacionavam a essa época. O afeto presente no discurso, deriva da saudade deste

tempo remoto, revelando-se num mecanismo de compreensão irredutível às verificações racionalistas da verdade. É a partir do afeto, da emoção e do sentimento que nos permite trilhar um caminho capaz de trazer luz ou hipóteses mais férteis sobre as transformações das identidades pessoais e coletivas, como afirma Sodré (2006), e até mesmo as modulações da política e as ambivalências que contém o pluralismo cultural ao alcançar o nível da globalização contemporânea.

A missão assumida pelas mães, tanto de Efrahim quanto de Maria do Rio, quanto ao interesse de proporcionar recreação aos pequenos que tanto necessitam de passatempos na praça, em um espírito do tempo ainda distante dos “smartphones” e “tablets”, demonstra o carinho, sensibilidade e zelo por essa etapa tão frutífera da vida, que nos acompanha para toda eternidade e serve de fonte para inspiração de inúmeros artistas. São, por assim dizer, as artes emergindo de recordações do cotidiano como o resultado face ao processo de criação artística. Walter Benjamin (1987) descreve esta relação “Tal como a mãe, que aconchega no peito o recém-nascido sem acordá-lo, assim também a vida trata, durante muito tempo, as ternas recordações da infância” (BENJAMIN, 1987, p. 132).

A emoção do entrevistado, ao se encontrar em uma situação externa a ele a respeito de um tema suspenso em seus pensamentos, mas que serviu de gancho ou golpe para a descarga de tensão da saudade que habita nele. Algo que se fez brotar do solo das memórias as sementes de afeto colhidos de um tempo lúdico. O afeto ancora no entendimento trazido por Sodré (2006), equivalente à ideia de energia psíquica, assinalada por uma tensão em campos de consciência contraditórios. Mostra-se por meio do desejo, da vontade e disposição psíquica de Efrahim, neste caso específico, ao deleitar-se na busca do prazer que as tenras recordações da infância são capazes de abraçar e confortar o entrevistado. É a felicidade que ficou, despertada por ocasião da entrevista com Sabrina e, de maneira mais ampla, da própria pesquisa em si.

Recuperar totalmente o que foi esquecido, é impossível. E, de certo modo, talvez seja melhor assim. O resgate que a mente processa no campo das memórias resgatadas do passado longínquo, são fragmentos reincorporados ao espírito do tempo atual. Caso pudéssemos recuperar totalmente uma lembrança, o choque seria tão destrutivo que, de acordo com Sodré (2006), deixaríamos de compreender

nossa saudade. Mas, segundo o autor, “é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido” (SODRÉ, 2006, p.105).

A memória dos entrevistados, para esta pesquisa, é carente de imagens. Imagens no sentido de o discurso comum aos personagens serem veiculados e propagados nos meios de comunicação local. São relatos vistos de fora, como relatos de “pessoas ordinárias”, esquecidas e, portanto, sem direito ao espelho. Sem o direito de se verem ou projetarem-se; de enxergar em seu território o que é intrínseco, tanto à sua íntima identidade quanto é extensivo aos que estão a seu redor. Vale ressaltar que, ao entendermos os personagens da pesquisa como “pessoas ordinárias” e até mesmo desviantes de um senso comum, não quer dizer que, necessariamente, os entrevistados sejam ordinários na acepção da palavra que poderia designá-los ou até mesmo compreendê-los como rasos. Muito pelo contrário, eles entram na pesquisa com essa designação para dar brilho, ilustrar e iluminar, através dos labirintos particulares, o percurso das trilhas percorridas por suas memórias, suas histórias de vida que foram ofuscadas pela ininterrupta sucessão de fatos que a urbes engloba e os “engole”.

Através do mecanismo da tradição oral, pudemos resgatar memórias vívidas, repletas de cores e espectros que invadem o campo científico e o reconfiguram em uma outra ordem própria dos sentimentos e a partir dos quais os interlocutores narram experiências de si mesmos, como observado ao longo das entrevistas aqui registradas. Com o aparato dos estudos de Michel de Certeau sobre a invenção do cotidiano, os caminhos se abrem para o entendimento de que a história de cada entrevistado é uma arte. É arte não só do dizer, mas do fazer também. Essas memórias foram antes *feitas* vividamente para serem contadas hoje, aqui e agora.

O jogo político no qual todos estamos inseridos e, por vezes, em vão, na tentativa sufocadora de sobreviver e viver, distorce o que entendemos como algo de precioso. Exemplo disso são os lances usados por Dona Joaquina, uma das entrevistadas, serviram ao propósito de trazer surpresas à sua história por serem entendidos como uma tática do cotidiano. Por vezes, o relato se transforma quase que numa ficção até mesmo por se tratar de um tempo muito distante e esquecido por nós. Nessa relação, a mídia e a política se tornam fiéis amigas para suprir nossa necessidade vital pela memória: ambas ditam o que é realmente importante e o que

pode ser jogado fora. Portanto, desenvolvemos uma noção deslumbrada sobre nossa própria cidade.

O direito à memória nos foi negado em virtude do progresso. Para a redoma que agrega os políticos de Manaus, não é interessante que o povo conheça sua própria história. Isto é interessante aos olhos do poder que ao distorcer fatos reais tais propósitos vão modificando e criando convenções em nosso imaginário para assim criar estereótipos que regem nossa vida no dia a dia: o herói, a mocinha, o vilão e todos os outros recursos necessários para se consolidar a velha história da “carochinha”. No momento em que nos perguntamos quais histórias queremos ouvir, a quais personagens queremos dar destaque, uma nova ponte para a ciência é erguida. Uma ponte inclusiva que, ao invés de julgar através da moral o que seria certo ou errado, dar-se-ia o salto qualitativo da valorização subjacente às singularidades e, portanto, construída por via das diferenças como preâmbulo da igualdade humanamente construída.

Assim, a compreensão se instaura e abre portas para entrevistas, que seguem mais o rumo de conversas informais, coloquiais, dando visibilidade a quem antes foi ignorado ou invisibilizado pela sociedade. Nesse sentido, me refiro a todas as pessoas que, como eu, foram taxadas, rotuladas como *desviantes* e que hoje se auto reconhecem como LGBTQIA+, ou aquelas que hoje, “modernamente”, são identificadas sob a designação de “pessoas em situação de rua”. Quem mais poderia ter um sentido tão aguçado sobre a cidade senão aquelas pessoas que têm a rua como casa e o teto como céu aberto?

É, pois, nesses locais que a memória acessa a chama dos desejos. Representa um desejo de cidade que ficou no passado, mas retorna de uma forma quase que ficcional, com alto teor de contraste com a realidade instaurada e vivida. É através desses lances que podemos ressignificar o lugar em que pisamos e, principalmente, criar outro espaço igualmente humano.

Esta fórmula é inerente a várias pessoas de diversas classes sociais, religiões, etnias e culturas. Afinal, a cidade é o ambiente da diversidade, ela abriga nossas diferenças e as praças servem de piso para essa dança inquietante das nossas ações que se fazem e desfazem com extrema rapidez. Podemos entender esses processos a exemplo do que é fazer arte. No momento em que o espírito

artístico é revelado, a criação se torna uma imagem; arte supera o ofuscado para se tornar nítida e vibrante.

Esta ideia parte do princípio de democratização do acesso à arte, rompendo as barreiras academicistas que excluem a população pobre e periférica dos ambientes construídos pelo Estado para a exibição e apreciação de arte regional, por exemplo. No percurso do método da pesquisa isto é compreensivo pois, na condição de pesquisador, não tenho e nunca terei poder suficiente para categorizar o que é e o que não é arte. Afinal, a arte foge ao conservadorismo da técnica e não se resume a ela. A carga da criação é tanta que a extrapola.

Com a leitura e pesquisa acerca dos segredos que a vida do cotidiano esconde, foi possível reunir lições que revelam grandes cargas artísticas sendo exaladas por diversas pessoas em inúmeras situações. Aqueles que contam sua história a quem estiver próximo, aplica no seu dia a dia táticas do cotidiano que convém a eles, pela memória, tecerem a artes do dizer, como um sopro de vida emitido pela resistência política e que nos designa à condição de sermos *quem* e o *que* somos.

A resposta a essas duas intrigantes questões, podem encontrar pistas na análise do próximo capítulo, intitulado “A praça: um lugar da saudade na cidade”.

## **CAPÍTULO IV – RETORNO À SUPERFÍCIE ATRAVÉS DO ESPELHO MÍDIA**

O lugar da saudade na cidade também é problematizado a partir de três momentos que inauguram o Capítulo IV: um diz respeito às interpretações das pessoas sobre a cidade e o que elas almejam ver nas ruas e praças; o outro faz referência a questões de como a praça é vista pelos meios de comunicação e sua ligação com o jogo político; o terceiro momento está relacionado ao período da província e aborda o aspecto simbólico do monumento em homenagem a Tenreiro Aranha. Tais aspectos são problematizados de acordo com a interpretação adotada pelos entrevistados.

### **4.1 A Praça: o lugar da saudade na cidade.**

A memória do cotidiano de um tempo distante da Praça da Saudade nos faz questionar sobre a raiz deste sentimento na cidade. Em sua origem, a praça se ergueu após a construção do Cemitério São José, fincando uma pedra angular na cidade que aponta para esta relação íntima e sagrada do sentimento da saudade com a memória dos mortos na cidade: a praça surge como solução do desejo de aconchegar sentimentos em um lugar próprio, único e nosso.

Do ponto de partida da praça aos dias de hoje, notamos mudanças nos valores da sociedade amazonense. Como percebido no Capítulo II, a história do Amazonas atravessou momentos distintos de organização estrutural do trabalho que vão do período áureo da borracha à implantação da Zona Franca de Manaus. Trata-se de fatores que influenciaram mudanças profundas atingindo culturalmente as formas tão peculiares do cotidiano manauara, extensivas, conseqüentemente, às mudanças ocorridas no universo rural.

Esse processo, semelhante em suas dinâmicas e diferente em suas manifestações, suscitou nas gerações um terreno propício para geminar sentimentos diversos e guardá-los no arquivo da temporalidade. A exemplo, da mesma forma como as cavernas guardam informações correspondentes ao contexto a que pertenceram. A dinâmica desses acontecimentos pode ser verificada da primeira à terceira camada anteriormente analisadas e que pontuam as divergências entre valores, costumes, tradições que, conforme o tempo, foram se distanciando do

conservadorismo, do sagrado, da rigidez estabelecidos por normas e regras correspondentes a cada momento histórico.

Criada a partir do sagrado sentimento que convencionou entendê-la como *saudade*, a Praça presenciou a morte de sua progenitora, a necrópole São José. Posteriormente, durante curto espaço de tempo, transformaram-na em Jardim, sendo em seguida “gentilmente” doada à empresa privada sob a denominação de Atlético Rio Negro Club. Muito mencionado nos jornais de antigamente como “Clube da Praça da Saudade”, teve por propósito atender tanto ao esporte quanto aos privilégios de refinado lazer da alta sociedade manauara.

Como abaixo registrado no matutino e sequencialmente transcrito para melhor visibilidade da matéria jornalística (Figuras 41/42), o professor e pintor amazonense, Moacir Andrade relata fatos em Carta Aberta publicada no Jornal do Comércio sob o título “Um novo alento ao Museu da Cidade”. No documento em que revoga a necessidade de construção do Museu da Cidade, o artista plástico escancara a maneira como se vive sob a ameaça do esquecimento e exemplifica a doação do terreno da primeira necrópole urbana, o cemitério São José, como uma das maiores iconoclastias que a cidade de Manaus teve de lidar.



Figura 42: Recorte do trecho em que Moacir Andrade cita a Praça da Saudade e o Cemitério São José no Jornal do Comercio de 1 de abril de 1984.

Seria cansativo, sobretudo penoso e profundamente amargo para minha sensibilidade de professor, artista e cidadão sob todos os pontos de vista, rememorar para os leitores do Jornal do Comercio, os inúmeros monumentos desaparecidos das praças, das ruas, e até os cemitérios, como foi o caso do cemitério de São José, nosso primeiro campo santo urbano, com seus mausoléus artísticos totalmente esculpidos em mármore de Carrara, a mais antiga necrópole em frente à praça da Saudade, ostiário de recordações, relicário sagrado, recipiendário intocável dos restos de homens que depois de uma vida inteira dedicada à comunidade, ali foram enterrados e seus túmulos como monumentos de veneração, ficaram plantados eternamente, como sentinelas de seus despojos.

Pois bem, essas sepulturas foram brutalmente violentadas, seus túmulos destruídos, ou jogados em vala comum no cemitério São João Batista, isto em decorrência da reação feita por alguns parentes remanescente que protestaram através da imprensa, na época.

O Cemitério São José foi vítima da maior iconoclastia que se tem notícia na história dos absurdos de Manaus, num dos mais hediondos crimes já perpetrados contra a memória e o respeito de um povo, foi doado gra-

ciosamente para uma sociedade privada e em seu lugar, construído um clube social esportivo.

Grades e portões artísticos, como foi o caso do Hospital Colônia Eduardo Ribeiro na Avenida Constantino Nery e em seu lugar colocado uma noventa cerca de arame farpado; os portões de ferro do Colégio Estadual do Amazonas, substituídos por grades de arames sem nenhuma qualidade, (hoje de novo Ginásio Amazonense Pedro II); as correntes de metal que cercavam os monumentos à Tenreiro Aranha na Praça da Saudade e da Abertura dos Portos na Praça de São Sebastião; os meninos do chafariz da praça fronteira à igreja de N.S. da Conceição; os quatro leões sentados do chafariz que ficava também na praça em frente da igreja da Matriz, depois transferido para a praça da bola já destruída, que ficava no cruzamento das avenidas Constantino Nery e Alvaro Maia (boulevard); as calçadas de mármore de cantaria portuguesa que cercavam o conjunto de jardins da igreja N.S. da Conceição; o bebedouro de estilo mourisco que ficava em frente do antigo cine Politeama na antiga av. 13 de Maio, hoje av. Getúlio Vargas; os bondes elétricos da Manaus Tramwais; outro bebedouro para cavalos que havia - no final da rua Marcílio Dias com a rua dos Andradas que muitos benefi-

Segue-se a transcrição da Carta Aberta, assinada pelo professor e artista plástico, Moacir Andrade.

Seria cansativo, sobretudo penoso e profundamente amargo para minha sensibilidade de professor, artista e cidadão sob todos os pontos de vista, rememorar para os leitores do Jornal do Comércio, os inúmeros monumentos desaparecidos das praças, das ruas, e até os cemitérios, como foi o caso do cemitério São José, nosso primeiro campo santo urbano, com seus mausoléus artísticos totalmente esculpidos em mármore de Carrara, a mais antiga necrópole em frente à Praça da Saudade, hostiário de recordações, relicário sagrado, recipiendário intocável dos restos de homens que depois de uma vida inteira dedicada à comunidade, ali foram enterrados e seus túmulos de veneração, ficaram plantados eternamente como sentinelas de seus despojos.

Pois bem, essas sepulturas foram brutalmente violentadas, seus túmulos destruídos, ou jogados em vala comum no cemitério São João Batista, isto em decorrência da reação feita por alguns parentes reminescente que protestaram através da imprensa, na época.

O cemitério São José foi vítima da maior iconoclastia que se tem notícia na história dos absurdos de Manaus, num dos mais hediondos crimes já perpetrados contra a memória e o respeito de um povo, foi doado graciosamente para uma sociedade privada e em seu lugar, construído um clube social esportivo (ANDRADE, Moacir, 1984, Jornal do Comércio).

É inegável a revolta do artista ao relembrar fatos que incidem sobre a ausência de memória histórica em Manaus, neste caso específicos resultantes das atrocidades com que o poder público permitiu transformar o Cemitério São José na “maior iconoclastia que se tem notícia na história dos absurdos de Manaus”. O caso que Moacir Andrade relata sobre a destruição presente nos atos de gestores municipais remete à ideia de “caráter destrutivo” concebida por Benjamin (1987):

O caráter destrutivo não está nem um pouco interessado em ser compreendido. Considera esforços nesse sentido superficiais. Ser mal compreendido não o afeta. Ao contrário, desafia a má compreensão tal como os oráculos, essas destrutivas instituições estatais, a desafiavam. O fenômeno mais típico da pequena burguesia, a bisbilhotice, se realiza apenas porque as pessoas não querem ser mal compreendidas. O caráter destrutivo deixa que o interpretem mal. Ele não fomenta o mexerico (BENJAMIN, 1987, p.236-237).

Sobre a doação do terreno a uma empresa privada que atuaria ao sabor do requinte de uma pequena burguesia ascendente, ou seja, por se tratar de um local que abrigava o Cemitério São José, a opinião do artista Moacir Andrade parece emitir sentimentos que vão ao encontro do que Benjamin (1987) designa como ações destrutivas de instituições estatais que, neste caso específico a que o artista

se refere, incidem em crimes hediondos, por exemplo, o da iconoclastia, “um fenômeno típico da pequena burguesia”. (BENJAMIN, 1987)

Mais que isso, trata-se da destruição de um ícone não apenas por se tratar do sentido símbolo que se pretende religioso, um oráculo, mas que guarda nossas perdas; que contém nosso cotidiano golpeado pela morte e vai além à medida que tais ações beiram as grandes questões do universo; dos mistérios que ainda não somos capazes de entender sobre vida e morte.

Assim, este caráter destrutivo, segundo Walter Benjamin (1987), não idealiza imagens, são desnecessárias tanto quanto não importa saber o que vai substituir a coisa destruída. Como visto nas camadas históricas da praça, o projeto inicial era de transformar o cemitério em Jardim São José e servir como extensão à área da praça, o que deu certo por um curto período. Logo em seguida, foi feita a doação do terreno ao Atlético Rio Negro Clube.

Enquanto espaço urbanístico, certamente alguém reivindicaria o terreno santo “onde vivia a vítima [a necrópole] sem ocupá-lo” (BENJAMIN, 1987). Este alguém somos nós enquanto manauaras que vivem a cidade; que não deixam de expressar o sentido coletivo do que é a urbes e a maneira como abriga a diversidade. Moacir Andrade entende esta necessidade por se tratar de algo tão sensível à população manauara, caracterizando o local como um relicário sagrado que simboliza o espírito daquele tempo, a alma e suas cicatrizes, suas marcas tais como as epidemias que Manaus sofreu naquela época: varíola, febre amarela e cólera. Era uma sociedade marcada emocionalmente e que expressou uma linguagem muito rebuscada, que se permitia sentir de maneira muito intensa seus sentimentos, como visto na Figura 18.

Este crime à memória, entendido por Moacir Andrade como uma iconoclastia, revela uma das várias entropias que cercam o ecossistema comunicacional da Praça da Saudade. Do sagrado sentimento expresso nas origens da primeira à segunda camada; da dedicação e cuidado com a infância, etapa da vida a respeito da qual, todos sentimos terra saudade. Ao salto ou momento subsequente, chega-se à profana boemia que invade a terceira camada histórica da Praça (Figura 3).

Profana boemia, pois, a maior expressão de movimentação cultural de que se tem notícia, hoje acontece na praça devido a intensa rede de bares que circunda a praça, estampada em seu entorno. Assim como as entropias que atravessam a praça, ambos, a *saudade* e o *desvio*, revelam ter em comum a fuga pela

racionalidade, pela linearidade, em que não só escapam ao senso comum como criam seu próprio e específico senso através da compreensão.

Rotulada como praça violenta ou desviante (BECKER, 1963), o logradouro público apresenta na sua superfície, espaço real, o abandono do sagrado sentimento; do sentido original do lugar da saudade na cidade, se cobre de sangue, cachaça, picho, prostituição e tráfico de drogas.

Curioso observar, aliás, a diferença de inter-relações quanto ao aspecto de preservação de espaços e frequência de populares a logradouros públicos. Nas proximidades da Praça da Saudade, o Largo São Sebastião, área que abrange o entorno do Teatro Amazonas, ficou também por muito tempo entregue ao descaso do poder público. Muito recentemente, após a revitalização dessa praça o local se tornou um ponto turístico dos mais requisitados no centro histórico da cidade. Além do Teatro Amazonas, há também ali uma rede de bares e restaurantes, galerias para exposição artística, barracas de iguarias da gastronomia local e constantes apresentações de atividades populares.

Enfim, o que se coloca em cheque é a forma como os lugares vão assumindo características tão peculiares e com perspectivas que se inserem no contexto dos interesses assumidos no âmbito da organização pública desses espaços. Se a revitalização da Praça da Saudade implicasse em mudanças, a exemplo do que ocorreu no Largo São Sebastião, a pergunta que não quer calar seria: Para onde migraria essa população dita *desviante*? Caberia um outro estudo a respeito.

A propósito, por ocasião do trabalho de campo, o relato da atriz Maria do Rio reafirma o objetivo dos atuais frequentadores, na sua maioria jovem, por não terem acesso às informações sobre as origens históricas da Praça, inclinam-se em visitá-la e assim gerar novas memórias em detrimento de fatos ocorridos naquele espaço.

[...] o momento as pessoas têm usado o espaço pra outras coisas, e não para preservação de uma memória, mas para destruição dela. As pessoas querem beber e esquecer, usar drogas e esquecer, querem simplesmente ir pra noite e esquecer dessas histórias que foram contadas, e querem construir suas próprias histórias (MARIA DO RIO, entrevista realizada em 14 de outubro de 2019).

Certamente estamos diante de uma geração que não conhece por não ter tido acesso a dados que se reportam à história da Praça. Distantes dessas informações por desconhecerem o que estamos denominando de “camadas sobrepostas da

saudade da Praça da Saudade”, se voltam a produzir novas memórias; uma espécie de construção que vai se conjugando como preparação para nova camada histórica da memória já em formação, como enfatiza Maria do Rio. Trata-se de processualidade.

Sobre a destruição da memória de que fala a entrevistada, retoma-se aqui o que diz Walter Benjamin (1987) sobre o caráter destrutivo, uma vez que a praça une as pessoas não para preservá-la, mas para a destruição da memória, como ocorre com as “pichações” feitas no monumento em homenagem a Tenreiro Aranha. Benjamin (1987) nos oferece mais facetas que constroem esta destruição:

O caráter destrutivo é jovial e alegre. Pois destruir remoça, já que remove os vestígios de nossa própria idade; traz alegria, já que, para o destruidor, toda remoção significa uma perfeita subtração ou mesmo uma radiciação de seu próprio estado. O que, com maior razão, nos conduz a essa imagem apolínea do destruidor é o reconhecimento de como o mundo se simplifica enormemente quando posto à prova segundo mereça ser destruído ou não. Este é um grande vínculo que enlaça harmonicamente tudo o que existe. Esta é uma visão que proporciona o caráter destrutivo um espetáculo da mais profunda harmonia (BENJAMIN, 1987, p.236).

Bastou um documento autorizando para que o cemitério fosse destruído. Este “espetáculo” produzido pela destruição, visto também na foto43 que trata da demolição do antigo prédio da SHAM, parece que o fator destrutivo acompanha a história da praça: sempre esteve ali, à espreita. Destruir implica alterar num segundo imagens da paisagem urbana.

Observa-se que o lugar da saudade na cidade atravessou o sagrado sentimento divino e em seguida adentrou o aconchego das memórias que a infância guardou. Exemplo disso está registrado ao longo do trabalho. Mostra a forma como a praça dispôs, durante a segunda camada, de mobiliários urbanos próprios para o uso infantil, contrapondo-se à profana boemia. Contrário ao que ocorre com o Largo São Sebastião, a Praça da Saudade sem projeto urbanístico à altura do que se propõe como revitalização permitiu ações destruidoras: sem mobiliários culturais, sem consequentes atrações artístico-populares passou a ser ocupada pelo ócio e deste às drogas, condenada, portanto, ao vício, ao abandono e esquecimento.

Relatos dos entrevistados de que lançaremos mão confirmam esse desvio, uma vez que a Praça passa a abrigar diversas tendências classificadas sob as designações de pichadores, traficantes, prostitutas e usuários de drogas, numa nítida demonstração de que o sentimento como vontade profunda da saudade não

segue uma linearidade; uma racionalidade em relação à maneira como o tempo e a vida são sentidos ou guardados como possível prodigiosa memória. O tempo imposto não convém ser seguido pela saudade, assim como as regras impostas não convém aos desviantes de serem seguidas, obedecidas. São construções específicas de um tempo marcado e reinventado de acordo com as circunstâncias do momento.

Esta pesquisa não trata de examinar os motivos pelos quais o desviante se articula a conceitos ou se submete a regras impostas. Pelo contrário, esta discussão se torna relevante para a compreensão de toda a dinâmica que envolve o ecossistema comunicacional da Praça da Saudade. Trata-se de sujeitos cujas ações incidem como reações imediatas no âmbito da sociedade. Como o foco da pesquisa é a praça, relações desviantes devem ser estudadas por refletirem o espelho mídia e a maneira como o espaço público é usado por essas pessoas.

Mas, afinal, o que é ser um desviante? Como “desviante”, entendemos a partir do conceito adotado por BECKER (1963) que privilegia a compreensão de que tais ações passam ao largo do convencional. Assim, o desvio é como remar contra a correnteza e que ao dela desviar-se escapa da obediência ao cumprimento de regras e normas impostas. O desviante opta por isso mesmo pelo desvio, buscando criar trilhas para construir seu próprio caminho. O desvio é, pois, um fenômeno coletivo, adotado por um ou vários grupos sociais. Tal como a saudade um sentimento coletivo.

O desvio, no estudo sociológico proposto por Howard Becker, evidencia as pistas necessárias para compreensão e investigação da figura 01 que apresenta várias notícias locais tratando a Praça da Saudade como palco de assaltos, pichos, homicídios e entre outros aspectos que criam condições de pânico nos habitantes de Manaus. Para a mídia, a praça passa a ser rotulada somente como um ambiente perigoso e o seu esvaziamento é incentivado por estas notícias.

Na realidade, o desviante em si passa a ser desviante mediante ao rótulo. É o olhar externo que o diz se é ou não desviante. Ao ser percebido, a pessoa é vista pelo senso comum como algo que encerra o errado; é julgada e mal compreendida. Becker (1963) elucida esta teia de complexidade da seguinte forma:

O ponto é que a resposta das outras pessoas deve ser vista como problemática. O simples fato de uma pessoa ter cometido uma infração a uma regra não significa que outros reagirão como se isso tivesse

acontecido. (Inversamente, o simples fato de ela não ter violado uma regra não significa que não possa ser tratada, em algumas circunstâncias, como se o tivesse feito) (BECKER, 1963, p. 24).

É a partir do comportamento observado que a sociedade produz uma percepção baseada em preceitos estáticos, imóveis e invariáveis ao tempo. O ditado popular “uma vez ladrão, sempre ladrão” é o que estereotipa e crucifica o infrator da regra, que passa a ser perseguido e isolado socialmente, por exemplo, dos empregos convencionais, dos ambientes sociais passando a ser visto como “marginalizado”.

Todavia, há tipos de desviantes que, de certo modo, esquivam-se do julgamento e passam despercebidos. É o caso de membros da comunidade LGBTQIA+ que não se assumem como tal. Pela discrição e ocultamento permanecem em segredo velado. O espaço Praça demarca duas categorias do desvio: o desviante tido por Becker (1963) como “puro” e o desviante secreto. No entorno da Praça, o Cinema Pornô na Rua Ramos Ferreira, é um símbolo de refúgio dos desviantes secretos. No caso homossexuais, que procuram locais fechados e discretos para realizar suas práticas sexuais no sigilo. Oposto ao Cine, na Rua Simon Bolivar, está o reduto de bares e ali se concentram publicamente os desviantes puros.

Sobre tais conceitos, o quadro abaixo exemplifica essa relação entre os desviantes que se assumem e passam a ter o comportamento e a percepção dos outros como “infratora” de regras baseadas por vezes na tradição cristã, justificada pela fala: “deus criou o homem e a mulher a sua imagem e semelhança”. O desviante percebido, porém, com o comportamento “apropriado”, ou seja, que segue as regras formais, é falsamente acusado pelos impositores da regra, no caso, a polícia e até mesmo os jornais. Exemplo disso é a perseguição racista da polícia em prender pessoas negras, na maioria das vezes, falsamente acusadas, como descreve Becker (1963):

Regras tendem a ser aplicadas mais a algumas pessoas que a outras. Estudos da delinquência juvenil deixam isso muito claro. Meninos de áreas de classe média, quando detidos, não chegam tão longe no processo legal como os meninos de bairros miseráveis. O menino de classe média tem menos probabilidade, quando apanhado pela polícia, de ser levado à delegacia; menos probabilidade, quando levado à delegacia, de ser autuado; e é extremamente improvável que seja condenado e sentenciado. Essa variação ocorre ainda que a infração original da norma seja a mesma nos dois casos. De maneira semelhante, a lei é diferencialmente aplicada a

negros e brancos. Sabe-se muito bem que um negro que supostamente atacou uma mulher branca tem muito maior probabilidade de ser punido que um branco que comete a mesma infração (BECKER, 1963, p.25).

Figura 43: Gráfico representativo dos tipos de desviantes a partir do seu comportamento e a percepção realizada por terceiros.

## Tipos de Desviantes Comportamento x Percepção

	Comportamento apropriado	Comportamento infrator
Percebido como desviante	Falsamente acusado	Desviante puro
Não percebido como desviante	Apropriado	Desviante Secreto

Fonte: autor (2020).

O desviante puro, todavia, comete a infração e é percebido como tal, sofre muito mais preconceito e injúrias do que o desviante secreto, aquele que se esconde, se mascara ao mesmo tempo em que comete determinada infração contra a moral. No caso, “bichas” afeminadas são facilmente vistas como alvos de humilhação, ridicularização e violência do que homossexuais que perfomam masculinidade e passam “despercebidos”. É brutal a maneira como somos tratados e diminuídos, tratados como seres inferiores por sermos quem somos. Becker (1963) acrescenta que:

Em qualquer dos casos, ser apanhado e marcado como desviante tem importantes conseqüências para a participação social mais ampla e a auto-imagem do indivíduo. A mais importante é uma mudança drástica em sua identidade pública. Cometer o ato impróprio e ser apanhado lhe confere um novo status. Ele revelou-se um tipo de pessoa diferente do que supostamente era. É rotulado de "bicha", " viciado", " maluco " ou "doido" e tratado como tal (BECKER, 1963, p. 42).

É óbvio que, por demonstrar segurança com sua sexualidade, uma “bicha” afeminada sofre muito mais retaliação o homossexual incubado. Este se protege da ameaça do julgamento e permanece em sua zona de conforto atribuída à heteronormatividade. Estes fatores propícios ao julgamento, fazem parte de um conjunto de ideias criado pelo Estado para serem impostas pela polícia em parceira

com a mídia. O diagrama abaixo representa esse processo de rotulação em que os desviantes estão sujeitos mediante à ação ordenada das instituições coercitivas e punitivas.

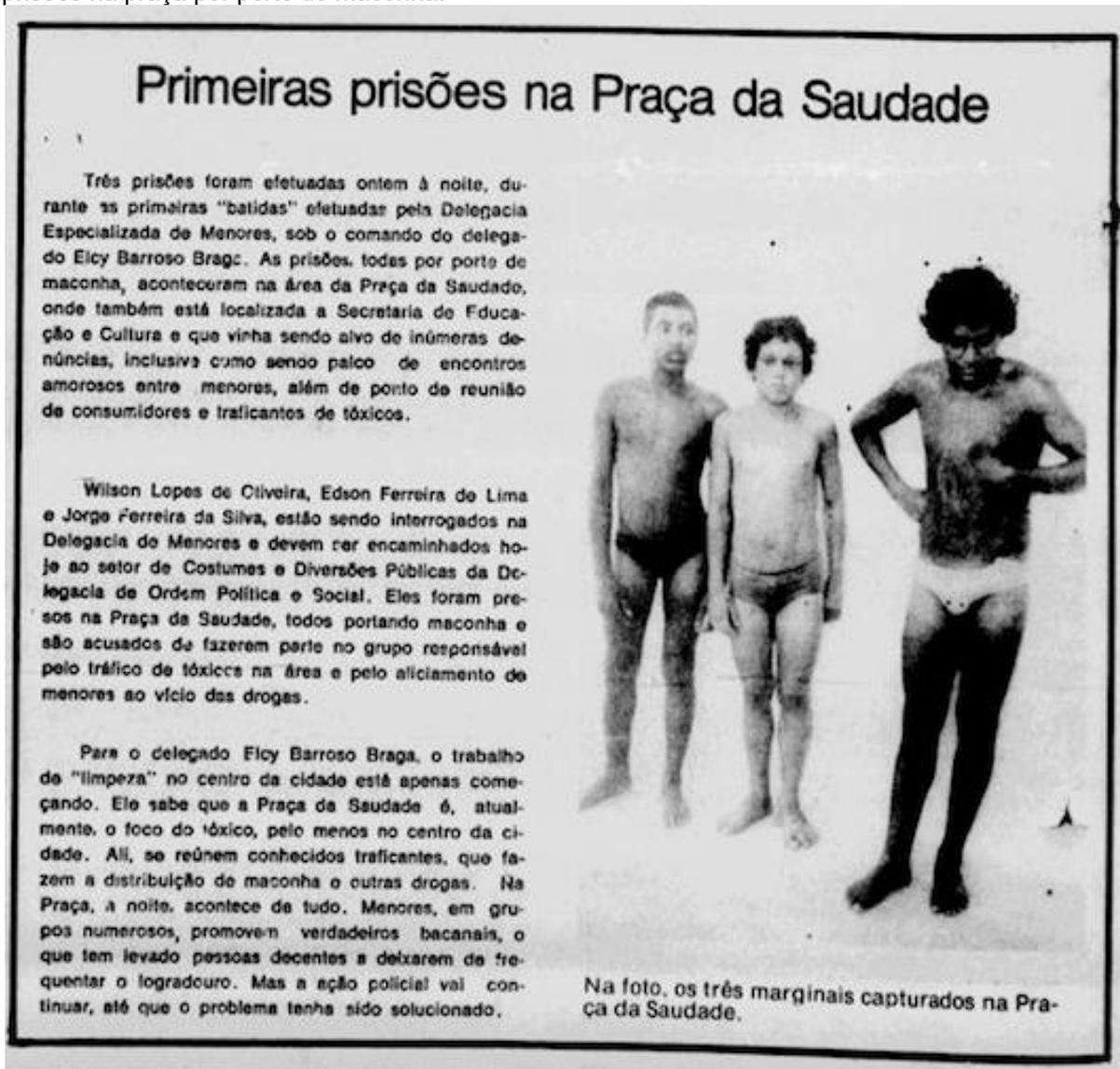
Figura 44: Diagrama do processo de rotulação do desvio.



Fonte: Autor (2020)

A visão do Estado (criador de regras e normas), aliada à visão da mídia (impositora de regras), provoca uma reação que rotula o comportamento de prostitutas, pichadores, traficantes, usuários, dependentes e LGBTQIA+ e até mesmo de pessoas em situação de rua na praça como inadequadas à ordem social e, portanto, segundo essa perspectiva, necessário se faz a intervenção policial para o controle do caos. É o caso abaixo relatado na matéria publicada em 1984, no Jornal do Comércio. Um fato inédito: as primeiras prisões na Praça da Saudade.

Figura 45: Recorte do Jornal do Comércio de 21 de outubro de 1981, apresentando as primeiras prisões na praça por porte de maconha.



Fonte: Jornal do Comércio (1981).

A polícia fica encarregada da tarefa de "limpar" o centro da cidade destes desviantes que desde os anos 80, é o local de encontro de "conhecidos traficantes" que utilizavam e até hoje utilizam a praça como espaço para este grupo social específico realizar suas carreiras profissionalmente desviantes. O comentário jornalístico os trata como indecentes, visto que as pessoas decentes, que não cometem este tipo de infração, se distanciam do logradouro e para atender aos "bons cidadãos", a polícia cumpre seu papel "até que o problema tenha sido solucionado": uma verdadeira missão impossível romantizada pelos jornais.

Foi visto no capítulo anterior, que a memória das pessoas na praça durante a segunda camada, era permeada pelo uso cultural, com a frequente feira de artesanato, a visitação ao avião e até mesmo ao circuito teatral que o antigo anfiteatro promovia. Este movimento e vida cultural que a praça abraçava antigamente, se sobressai nos relatos que deixam passar despercebidos o uso de drogas como a maconha descrita no jornal. Esta característica da praça como ambiente para uso de drogas, está intimamente ligada à terceira camada histórica da praça.

Assim, ao que se percebe o sentido de *saudade* atribuído à Praça raramente se leva em conta. O esquecimento e a destruição cumpriram muito bem seu papel sobre nossa identidade e memória. Retoma-se aqui aquelas narrativas de Maria do Rio sobre o fato de a praça ser repleta de idosos antigamente e hoje ganhar mais movimentação de um público jovem. Na fala há sentimentos de rebeldia juvenil que, de acordo com Becker (1963), o motivo principal dessa expressão

[...] reside no fato de que o desvio tem fortes conexões com sentimentos de rebeldia juvenil. Não é um assunto sobre o qual as pessoas pensem com tranquilidade. Elas sentem que o desviante é inteiramente errado e deve ser abolido, ou, ao contrário, que é algo a ser estimulado - um corretivo importante para a conformidade produzida pela sociedade moderna. As personagens do drama sociológico do desvio, mais ainda que as de outros processos sociológicos, parecem ser heroínas ou vilãs. Expomos a depravação de desviantes ou expomos a depravação daqueles que lhes impõem as regras (BECKER, 1963, p.177).

Esta característica juvenil e rebeldia é também citada por Morin (1997) como um impulso juvenil correspondente a uma aceleração da história, que dispensa a experiência acumulada e torna essencial a adesão ao movimento. Esta ideia é reafirmada retornarmos à matéria do Jornal ao citar que os infratores são todos menores de idade que por vezes entendem que “A experiência dos velhos se torna lengalenga desusada, algo anacrônico. A “sabedoria dos velhos se transforma em disparate. Não há mais sabedoria” (MORIN, 1997, p.147).

Uma vez em que o entorno da praça está repleto de bares, esta atmosfera atrai muitos jovens, mas também abre espaço para o consumo de outras drogas, além daquelas legalizadas. Sobre o tráfico de drogas na Praça, uma das entrevistadas, a florista Sabrina, que vive a praça devido à profissão de vendedora ambulante, presenciou e nos relatou de como funcionava, visto que houve queda na

venda de entorpecentes se comparado ao consumo de antigamente “[...] porque teve uma fase que ficava um monte de gente traficando aqui, mais de dez pessoas vendendo drogas” (SABRINA, entrevista, em 17/10/2019). A vendedora afirma que:

[...] aqui era um ponto de drogas que fornecia para as pessoas que frequentavam o bar, por isso que até o movimento caiu também, porque as pessoas vinham aqui pra esse intuito, tanto é que quando eles deixaram de vir aqui o movimento dos bares caiu de uma vez, aí as pessoas chegavam e não sabiam o que tinha acontecido aqui, chegavam e pediam uma cerveja e, quando viam que não tinha nada iam embora, porque viam que não tem mais nada, não tem mais movimento por aqui, aí acabou. Agora tá assim, tá um movimento normal, mas as pessoas não ficam atrás dessas coisas, não ficam atrás de droga, aí mudou bastante até o público daqui, tá mais social. (SABRINA, entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2019).

O ano de 2019 presenciou esta queda do consumo de bebida nos bares citada por Sabrina, após a intervenção policial sobre o tráfico que resultou no declínio da venda de drogas, dispersando o público que ia à praça unicamente com esta finalidade. Não tendo opções de venda de maconha ou cocaína, as drogas mais comumente vendidas na praça, o movimento diminuiu consideravelmente. Podemos entender a Figura 4 como uma campanha feita pelos jornais para proporcionar este esvaziamento e impor a lei junto através da força policial. Este processo é reiterado por Becker (1963):

O que começou como uma campanha para convencer o mundo da necessidade moral de uma regra torna-se finalmente uma organização dedicada à esta imposição. Assim como movimentos políticos radicais se transformam em partidos políticos organizados, e seitas evangélicas, vigorosas se tornam denominações religiosas moderadas, o resultado final da cruzada moral é uma força policial. Desse modo, para compreendermos como as regras que criam uma nova classe de outsiders são aplicadas a pessoas particulares, precisamos compreender os motivos e interesses da polícia, os impositores de regras (BECKER, 1963, p.160).

Um dos interesses da polícia, é o de servir ao espetáculo midiático para produzir uma imagem na população de que a policia cumpre seu papel, cuida da segurança e nos salva do perigo iminente que os desviantes tendem a provocar. Polícia, Estado e mídia estabelecem entre si uma relação de interdependência para realização e afirmação de seus poderes.

O grande movimento de pessoas que o tráfico incentivava, não beneficiava somente este grupo social, mas outros vendedores da informalidade que dependem do público para conseguir seu sustento. Logo, de uma forma ou outra, o tráfico na

praça ajudou outros vendedores a conseguir clientes, como no caso de Sabrina, que segundo a florista, vendia muito bem com o movimento dos bares.

Este movimento também foi notado pela atriz Maria do Rio em sua entrevista, ao relacionar o movimento dos bares à violência que o entorno da Praça promovia. Na fala sobre o entorno da praça, a atriz ilustra fielmente a relação que o logradouro estabelece com os desviantes ao mencionar o uso da praça por jovens ao clima sexual estimulado pelo Cine Pornô, os pontos de prostituição e a disputa por território entre facções do tráfico. Tudo isto para a atriz:

É a vida urbana da cidade. Enquanto a praça relembra esse tempo da saudade, o entorno dela relembra o ambiente urbano e todos os desafios que o ambiente urbano tem que enfrentar, né? A gente tem aqui áreas de bares, né? Então a gente tem uma violência muito grande, a gente tem um número grande de jovens vivendo as suas vidas. É transitando por aqui por esse ambiente, que é muito sexual, por assim falar, a gente tem, além dos bares, esses espaços, o Cine Pornô aqui do outro lado, e aí também os pontos de prostituição, a gente tem os usuários de drogas, então a gente tem uma violência muito grande, por conta das disputas desse território, e tem bêbados, moradores de rua, usuários de drogas (MARIA DO RIO, entrevista realizada no dia 14 de outubro de 2019).

A artista mostra interesse em narrar cada grupo social que há na praça para mostrar a complexidade social em que a praça está mergulhada. Estes diferentes desviantes ocupam paradoxalmente o mesmo lugar, contudo, quanto mais próximos fisicamente, tanto mais distantes são os contatos sociais. Entre desviantes, há respeito ao lugar que cada um ocupa, caso contrário, desentendimentos podem ser gerados. Há justaposição, todavia, sem mistura dos meios sociais diferentes, culminando, de acordo com Castells (1983), em uma secularização da sociedade urbana, ou seja, uma indiferença a tudo que não esteja diretamente ligado aos objetivos próprios de cada indivíduo.

O olhar conservador sobre a Praça entende como “esquizoide” esta suposta disfunção na personalidade de desviantes que não têm porquê se esconder, não são desviantes secretos. Quanto maior a cidade, maior o leque de variação individual e diferenciação social, o que conduz ao afrouxamento dos elos comunitários, prevalecendo o controle formal e a competição social. Castells (1983) descreve as características deste sistema em que a cidade está imersa: “Os traços distintivos de um tal sistema de comportamento são então: o anonimato, a superficialidade, o caráter transitório das relações sociais urbanas, a anomia, a falta de participação”. (CASTELLS, 1983, p.130)

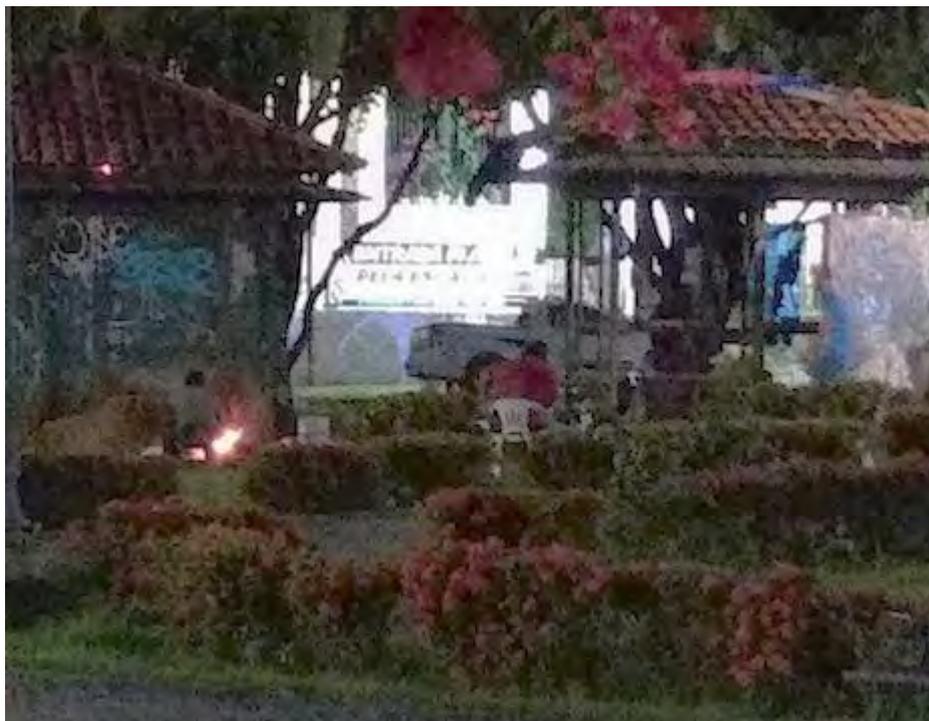
Ainda que a praça sujeita e submersa nesta dimensão permeada pela violência, “é legal brincar com a rua”, como relata Maria do Rio. Ciente de todas as adversidades existentes na esfera urbana na qual estamos sujeitos, a atriz revela a emoção contida nas vivências que a praça fornece, neste emaranhado de desviantes que se relacionam e escolhem a praça como palco para realização de desejos.

Eu lembro algumas vezes que eu dormi na praça, porque como a gente ficava até certas horas da noite, não havia ônibus, então a gente ficava aqui esperando transporte, e aí eu tenho muitas lembranças de ficar aqui esperando com as minhas amigas, várias situações. O negócio de tá no Centro é perigo, mas é legal brincar com a rua, ela vai te dando várias mensagens, vários momentos da vida que ensinam muito, sabe? Não sei explicar, mas também tem essa emoção de tá na noite, de tá em perigo, de tá no meio dessas pessoas, vulneráveis. (MARIA DO RIO, entrevista realizada no dia 14 de outubro de 2019).

O desafio em manter nossa integridade física intacta na rua, por vezes, pode ser abalado pela agorafobia, o medo de estar em ambientes públicos. O que não é o caso da artista, que aceita o desafio e quebra esta relação tão dura do pedestre com a rua ao se permitir o direito à diversão, ao lazer. Vulnerável pois está aberta às possibilidades de encontros pelas ruas, pelas praças. Não se sabe o que esperar, o cotidiano pode ser golpeado a qualquer instante. É incerto, não se sabe que desfecho tomará.

Outro fator de vulnerabilidade social são as pessoas em situação de rua. O lugar da saudade na cidade é fortemente marcado por este segmento em condição de extrema pobreza em que vive. A Praça da Saudade as abriga em numa forma de ocupação criativa, em que a cabine telefônica se adequou ao uso como local de descanso: estendem lonas, panos, trazem bancos e até acendem fogueiras nas proximidades. Foi o caso observado em 3 de abril de 2020, durante o começo da pandemia do CORONAVÍRUS, em que às 19 horas da noite, ao passar pela Praça me deparei com esta situação, registrada na fotografia abaixo, em zoom:

Foto 50: ocupação de pessoas em situação de rua na cabine telefônica da Praça da Saudade.



Fonte: Autor (2020).

Com o uso de celulares, a cabine telefônica perdeu o sentido, não tem mais utilização pública. São raríssimos os “orelhões” que ainda funcionam, tornaram-se obsoletos, principalmente com a expansão dos smartphones. E o Estado não deu manutenção muito menos uma nova possibilidade de uso, assim são ressignificados pelos usuários da praça que encontram uma nova possibilidade de utilização. Uma verdadeira arte do fazer.

Contudo, a vida dessas pessoas, indesejadas pelos cidadãos convencionais, é um problema indiferente para a grande maioria dessas pessoas. Mesmo muito perto, ocupando o mesmo local público o grau de isolamento social no qual está sentenciada a viver é sufocante, é desumano, é agressivo e mesmo assim, Maria da Fé que faz parte desta realidade tão cruel, contribuiu para a pesquisa ao nos contar que:

E eu vivo nessa vida, nós vive, um dia nós come e no outro não, e nós não tamo nem aí pra quem rejeita nós, pra quem critica nós. O que nós deseja pra elas é que sejam felizes, que elas tenham um bom trabalho, que elas sejam abençoadas, que elas tenham sucesso no futuro delas. Isso que eu tenho pra falar nessa tarde, vou agradecendo aí pela sua educação, pela sua paciência e por ter esse amor por ter chegado aqui próximo de nós, por

não ter vergonha de nós, valeu! (MARIA DA FÉ, entrevista realizada dia 27 de novembro de 2019).

“Um dia nós come e no outro não”. A quem está distante dessa realidade, que tem comida no prato todos os dias e ainda ousa ser capaz de julgar um outro indivíduo pertencente a essa realidade totalmente diferente, no caso das pessoas em situação de rua. É confortável e prático demonstrar rejeição como um dado da mente simplificadora, nada compreensiva e indiferente, alheia aos problemas sociais e seguir linear e racionalmente, conforme imposto pela modernidade.

O ato rotulado como desviante julgado por pessoas de “fora” que desprezam e invisibilizam pessoas em situação de rua guiadas por conceitos pré-estabelecidos amparados pelo senso comum e difundidos na mídia sensacionalista como vagabundos, mendigos, indigentes, para o estudo do comportamento de hábito, é evidente que as perspectivas das pessoas em situação de rua são divergentes da visão daquelas que as condenam.

Becker (1963) fomenta esta ideia ao revelar o outro lado da moeda, ao questionar a participação destas pessoas vulneráveis socialmente e que vivem em extrema miséria. “Nesta última situação, uma pessoa pode sentir que está sendo julgada segundo normas para cuja criação não contribuiu por não aceitar normas que lhe são impostas” (BECKER, 1963, p.29).

Maria da Fé, em seu discurso, reitera respeito aos cidadãos convencionais, deseja só o bem, felicidade, bênçãos e sucesso no futuro delas e finaliza agradecendo pela paciência e amor que demonstrei durante a nossa conversa; por não a ter discriminado muito menos me sentido constrangido. A quem pratica o inverso, elas não ligam para este olhar julgador que as rejeita. A compaixão exposta na fala da entrevistada é de uma delicadeza enorme que coopera com o intuito da pesquisa, de compreender as diferentes realidades que a cidade abarca.

A multiplicidade de personalidades e interesses tornam-se muito mais provável que a maioria das pessoas, no decorrer de suas jornadas individuais, experimentem impulsos desviantes com maior frequência. É o que Becker (1963) indica a partir do estudo da sociologia do desvio, o termo “desviantes”, em inglês *outsiders*. No mínimo em fantasia, as pessoas são muito mais desviantes do que parecem. O autor reforça: “Em vez de perguntar o porquê desviantes querem fazer coisas reprovadas, seria melhor que perguntássemos por que as pessoas

convencionais não se deixam levar pelos impulsos desviantes que têm” (BECKER, 1963, p.37).

Esta predisposição que nos inclina ao desvio, é também um traço de vulnerabilidade de se permitir sermos muito mal compreendido pelo olhar externo. É subverter a ordem do que devemos fazer segundo o senso comum. Becker (1963), entende que a pessoa “normal”: quando descobre em si um impulso desviante, é capaz de controlá-lo pensando nas múltiplas consequências que ceder a ele lhe produziria. Já apostou demais em continuar a ser normal para se permitir ser dominada por impulsos não-convencionais (BECKER, 1963, p. 38).

Por apostar tanto e incessantemente, o indivíduo apropriado às regras formais desenvolve bloqueios que o permitem controlar estes impulsos catalisados pelo medo. O medo de ser julgado, de ser isolado, de estar à margem, enfim, é tanto peso que é preferível se manter “normal”. O conforto é a prioridade. E este “normal”, ao julgar pessoas como Maria da Fé através de pequenos gestos, é sentido de maneira acanhada pelas pessoas em situação de rua. A entrevistada conta que:

Nós fica acanhado pelo olhar, as vezes uma pessoa passa e a gente fica com medo, chama a outra pra atravessar a rua, aqui nós não é ladrão, e outra, nós não vigiamos ladrão, todo mundo tem seu defeito, todo mundo erra, as vezes acham até que a gente vai roubar alguma coisa, as vezes nós pode até pedir 1 real, 2 reais, pedir pra pagar um prato de comida, se não puder, tudo bem, obrigada, bom apetite pra você, eu tenho educação. Então é assim, mano, que nós vivemos aqui (MARIA DA FÉ, entrevista realizada dia 27 de novembro de 2019).

A fala de Maria da Fé acima mostra diferenciação nítida entre o papel que estes grupos sociais realizam entre si e suas regras próprias, difere os ladrões dos moradores de rua, mas também não se colocam contra eles, “aqui nós não é ladrão e outra, não vigiamos ladrão”. Por estar inserida nessa realidade, apresenta empatia ao compreender que todos somos passíveis a “defeitos”, aos nossos impulsos desviantes.

Como o caso de Maria da Fé, as pessoas em situação de rua não têm certa reputação a zelar, portanto, está livre para seguir seus impulsos pois em algum momento de sua trajetória pode ter evitado certas alianças embaraçosas com a sociedade convencional, afinal, não apostou nada em viver da imagem convencional, narrou no terceiro capítulo, ao ser indagada sobre suas memórias na Praça.

As regras criadas e mantidas pelas autoridades através da rotulação, não podem ser assimiladas como universalmente aceitas por outros indivíduos. O desviante puro, no caso das pessoas em situação de rua, não tem motivos de se esconder em meio à sociedade. Por não aceitarem as regras impostas e serem rotuladas como infratores, constituem objeto de conflito em constante desacordo com o processo político imposto pela cidade.

Por entender que não fazem parte das pessoas “normais”, ou possíveis desviantes secretos que se utilizam do poder do julgamento para se posicionarem contra toda manifestação do desvio. Contrário a isso, com intuito de serem aceitos e reconhecidos pelo senso comum, as pessoas em situação de rua na praça sabem que não tem nada a ver com a população. Por exemplo, Maria da Fé indica que tem conhecimento a respeito dos direitos humanos que, na teoria, deveriam proteger este grupo social. Em suas palavras a entrevistada assevera:

O negócio é que nós não tem nada a ver com a população, entendeu? Nós tem direitos humanos, entendeu? Cada um de nós aqui recebe benefício de situação de morador de rua da Prefeitura. Tem o 28 de agosto, tem a Casa do Oleiro, tem kit de higiene, tem ação pra nós, tem muito empresário que ajuda nós. (MARIA DA FÉ, entrevista realizada dia 27 de novembro de 2019).

Ainda que supostamente protegidos pelos direitos humanos, estas pessoas encaram o cotidiano muito diferente do que está assegurado pela lei. Permanecer vivo é o maior obstáculo a vencer, uma conquista diária pelo fato de não terem expectativas de vida pois são privados dos direitos básicos, enquanto que outros desfruem superfluamente de vários privilégios.

Táticas de sobrevivência são aprendidos pelo contato com outros desviantes mais experientes ao decorrer do tempo. As estratégias mencionadas por Maria da Fé ao saber que pode recorrer à Prefeitura, ao Hospital 28 de agosto, à Casa do Oleiro além de empresários que os ajudam.

Essas táticas são realizadas há tempos pelas entrevistadas. Tanto Maria da Fé quanto Tituba sabem dos desafios que a rua propicia, principalmente o da sobrevivência, destacado por elas durante a entrevista realizada na cabine telefônica da Praça da Saudade:

Maria da Fé: Não, nós tamos aqui a dois dias, hoje que nós tamos aqui. Só os daqui que moram na rua, eu não conheço outras pessoas não. Eu ando com ele, aí vai cada um pro seu canto, os que é casal vai pra um lado e o

resto pra outro, e assim nós vive a vida. O mano que mora na rua, ele tem que aprender o seguinte, ou ele dorme ou ele só fecha o olho. Porque tem que orar muito, muito mesmo pra nós acordar com vida no outro dia (MARIA DA FÉ, entrevista realizada dia 27 de novembro de 2019)

Tituba: Tem a sopa também, dá comida pra nós, ali o pessoal, entendeu? Eles dão a sopa toda sexta-feira do mês, eles vêm aqui dá sopa e dar refrigerante pra nós. Porque é difícil a gente ir atrás de comida, a gente mangueia, as vezes os caras jogam na cara. (TITUBA, entrevista realizada em 27 de novembro de 2019)

O aspecto da civilização metropolitana concebida como fonte eventual de desequilíbrio social, é indiferente ao problema da moradia que fica evidenciado no discurso de Maria da Fé, ao mencionar um dos aprendizados mais importantes para “o mano que mora na rua”: “ou ele dorme, ou fecha o olho”. Esta tática de autodefesa foi observada durante as vivências na Praça, uma vez em que à noite, era muito difícil de encontrar os grupos de pessoas em situação reunidos entre eles, enquanto que de dia eles se encontravam para o descanso.

Por serem rotulados como vagabundos e marginalizados, estas pessoas precisam ficar atentas à noite, quando o perigo se intensifica, sobretudo em casos de homicídio contra este grupo social, vulnerável ao ódio destrutivo influenciado pela mídia, que os esvazia de memória e sentimentos, os rotula como inválidos, estigmatizando-os perante a sociedade. Não exercem empatia muito menos compreensão. São incapazes sequer de se imaginar no local ou lugar deles.

É notório que na ambiência social os elos de solidariedade foram rompidos, e, segundo Castells (1983), estando rompidos todos estes elos sentimentais, o conjunto da sociedade deve autodestruir-se na guerra. A guerra às drogas é um exemplo deste tipo de ação conjunta e ordenada em seduzir o público e apresentar o espetáculo nos meios de comunicação. Durante nossa conversa, Maria da Fé revela sua maior vontade, da libertação das drogas químicas, que produzem alto teor de dependência. Segundo a entrevistada:

Eu sinto vontade é da minha libertação das drogas, de tudo que eu consumo, porque já chega dias que a minha memória tá se apagando, eu falo as letras ao contrário, porque o loló é uma coisa que vicia, que ela acaba e mata, né? Mas eu faço esforço pra passar dias, passar de duas semanas, só comendo, pego água e suco, pra passar mais tempo, porque senão envelhece, né? (MARIA DA FÉ, entrevista realizada em 27 de novembro de 2019)

O dependente químico é popularmente visto como um indivíduo sem força de vontade, inapto de se privar dos prazeres “indecentes” que as drogas opiáceas

fornece. O resultado é que, segundo Becker (1963), o viciado é tratado de forma repressiva. Para o autor, ao proibirem o uso de drogas legalmente, as pessoas as obtêm ilegalmente. E não só isso, provoca sequelas que a entrevistada percebe ao ter a memória afetada devido ao uso de “loló”, substância formada por clorofórmio e éter sendo inalado pelo nariz ou boca ocasionando alucinações.

O estudo do desvio possibilita ao objeto de nosso estudo um olhar ecossistêmico por isso não se trata de atos isolados; espraia-se como rede multifacetada ao capturar um conjunto de situações profundamente complexas. Segundo Becker (1963), “[...] assume parte dessa complexidade por causa da maneira como diferentes pessoas e grupos o definem. A lição se aplica a nossos estudos de todas as outras áreas da vida social (BECKER, 1963, p.189). O aprendizado e compreensão a respeito da realidade em que diversos desviantes estão inseridos, não nos livrará por completo do erro, contudo, nossas próprias teorias e métodos apresentam esta dificuldade em compreender a ocasião que levou alguém a praticar o desvio.

Ao olhar da entrevistada Dona Joaquina, o lugar da saudade na praça foi deslocado. Manaus não tem as mesmas características e valores que antes era visível no cotidiano da Praça. Hoje, a terceira camada histórica apresenta situações em que a relação tríade entre polícia, mídia e Estado realizam para transmitir uma imagem vazia, falsa e que fomenta o espetáculo. A entrevistada afirma que:

Não era assim. Só vive gente que vive com droga, só vive nessa praça. Aí é ruim. Eu acho que o prefeito ele deveria fazer um monumento, uma coisa melhor ali. Porque se é uma praça ... fazer uma coisa mais bonita. Se ali é o espelho do Amazonas. De Manaus, né? (JOAQUINA entrevista em 17 de outubro de 2019).

Ao entendermos o contexto em que a praça na atualidade está inserida, podemos observar a dinâmica de funcionalidade da imagem refletida no espelho; é face de Manaus registrada pelas lentes da câmera dos meios de comunicação, extensivos ao Estado do Amazonas. O próximo tópico entra nessa discussão e como a mídia reflete e cria este espelho distorcido sobre a praça, muito bem observado pela artista entrevistada, Maria do Rio, para quem o aparato de controle priva a população da iluminação; de conhecer e compreender de perto as histórias e realidades que atravessam a Praça.

Assim, o ecossistema comunicacional da praça, absorve diferentes saberes que a cidade contém, sem discriminá-los ou banalizá-los. Entende, por assim dizer, a sua importância para a tecelagem desta rede multifacetada que envolve diversos fatores que vão para além da política e da mídia. Trata-se, como visto anteriormente, do espaço urbano como experiência da linguagem; um laboratório de ciência uma vez em que aborda a cidade como lugar para desenvolver a sensibilidade, no caso da praça, o símbolo complexo do sentimento *divino* e inesgotável da experiência humana. Para chegarmos à raiz do lugar da saudade na cidade, a artista plástica Bernadete Andrade (2002) embala a pesquisa ao interpretar o espaço que a nós nos serve de morada:

A cidade, então, surge da relação entre a tênue fronteira da lembrança e do esquecimento. Resgata os vestígios, fragmentos e sobras das nossas origens, enquanto matéria ou tecido visual para criação da cidade mítica que está na raiz de todos nós (ANDRADE, 2002, p. 22).

Antes de adentrarmos a cidade mítica, ou no caso desta pesquisa, as cidades invisíveis erguidas através das camadas de sentimentos soterrados, é necessário interligar os pontos que nos levam ao entendimento de como as autoridades exercem e expressam seu poder neste logradouro público: a Praça da Saudade.

#### **4.2 Espelho Mídia: o reflexo do espetáculo**

Ao adentrar o contexto da terceira camada histórica da Praça, o lugar da saudade na cidade passou mais uma vez por profundas mudanças de valores na sociedade manauara. E para melhor visualização de tais aspectos, metodologicamente foi proposto o desenvolvimento de painéis com recortes de notícias antigamente veiculadas no Jornal do Comércio, acessado através da plataforma digital da Biblioteca Nacional (ANEXO I).

O lugar da cidade, conforme Cristina Freire (1997), dedicado especialmente ao sentimento da saudade, é erguido não somente pelo espaço físico e o projeto urbanístico, mas principalmente devido ao modo como a população o assimila. Em Manaus, o que torna a Praça da Saudade diferente das do restante no Brasil, como visto na Figura 14, não é somente o mobiliário urbano, afinal, assumir esta perspectiva seria uma prática que isolaria o projeto urbanístico das representações no imaginário dos habitantes de Manaus. Freire (1997) reitera:

Dentro dessa perspectiva, as cidades não podem ser diferenciadas por suas pontes, viadutos, praças ou museus, mas, sim, pela maneira com que essas construções se reapresentam no imaginário de seus habitantes. Essas “cidades invisíveis” ocupam um lugar intermediário entre o sonho e a vigília, onde a memória tem parte com a ficção. Tal fusão entre a memória e a fantasia alimenta a literatura (FREIRE, 1997, p.112).

É preciso encarar a Praça da Saudade como “espaço de enunciação”, que rompe as barreiras físicas e mergulha no imaginário criado sobre este local capaz de acolher dispositivos simbólicos, como mitos, lendas, lembranças e os sonhos. O sentido que o lugar da saudade profere sobre o espaço urbano deve-se a possibilidade dos percursos, discursos e a linguagem que se efetuam na Praça. Para Freire (1997): nesse sentido o lugar é “relacional, identitário e histórico”. (FREIRE, 1997, p.123).

Do lugar da saudade ao espelho mídia, esta interligação entre temas permite perceber esse caminho: o das múltiplas vivências experienciadas pelos habitantes à consolidação do que a mídia reflete sobre a realidade da Praça. Esta pequena porção que simplifica o complexo ecossistema comunicacional estabelecido no lugar da saudade orienta a investigação sobre o imaginário coletivo e a imagem que se revigora sobre a Praça.

Ao longo da pesquisa documental encontramos inúmeras menções sobre a Praça, principalmente em relação ao esporte no Atlético Rio Negro Clube, por ser mencionado na mídia como “Clube da Praça da Saudade”, além do registro de eventos realizados no logradouro, queixas e crimes cometidos por desviantes que infringem a lei e são tratados rispidamente, conforme registrado no Jornal. As notícias selecionadas estão conectadas por serem capazes de exibir a maneira como as autoridades impõem pela força física formas de poder sobre a população. Guy Debord (1997), em seu livro “Sociedade do Espetáculo”, apresenta com maestria e domínio de palavras vir-a-ser uma sociedade que se debruça sobre o aspecto midiático, cuja espetacularização dos fatos é sempre mediada com ênfase nas imagens publicadas a respeito: “um monólogo laudatório”. Em relação a esse caráter autoritário, Debord (1997) salienta que:

A mais velha especialização social, a especialização do poder, encontra-se na raiz do espetáculo [...]. É a representação diplomática da sociedade hierárquica diante de si mesma, na qual toda outra fala é banida. O espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem atual faz a respeito de si mesma, seu monólogo laudatório. É o autorretrato do poder na época de sua gestão totalitária das condições de existência. (DEBORD, 1997, p.20).

Como visto no tópico anterior, a fala dos desviantes é banida e isolada da participação na criação das leis. A hierarquia no espetáculo ultravalorizada e tida como verdade absoluta. Esta característica é refletida nas notícias desde os primórdios da Praça da Saudade aos dias de hoje, em que, por exemplo, não há por parte da mídia qualquer menção a respeito da figura de Tenreiro Aranha em alusão à data comemorativa da Elevação do Amazonas à Categoria de Província. Por outro lado, a espetacularização do monumento reforça os poderes dos governantes em manter a estátua posicionada em seu pedestal, cuja altura, de tão elevada, pode simbolicamente representar certo poder sobre os visitantes da Praça. A estratégia política de representação do controle social é palco para o monólogo laudatório, como observa a atriz Maria do Rio:

As praças são símbolos mesmo, ela representa um sentimento aqui na cidade, então tudo que acontece, aqui, se torna notícia e essa notícia gera uma reação na população, que pode tanto ser uma situação de alarme, em relação à segurança da cidade, como também pode dar uma sensação de uma cidade bonita, quando ela é reformada. Então, tudo que acontece aqui vai acabar refletindo no olhar da população sobre a cidade. Assim, se saiu notícia da praça sobre violência, a cidade é violenta, se sair uma reforma, a cidade está sendo formada, então a praça se torna esse símbolo de mudança, de transformação e tudo que acontece nela é como se transformássemos nós também, por conta de ela ser esse símbolo. Tudo que a praça muda e sim, também muda sobre as pessoas que transitam sobre ela, que acompanham a história dela. E eu sinto muito em relação a essa ausência, o fato de terem se criado muitas notícias violentas ligadas à praça, que tem a ver com o jogo político, né? **O jogo político, ele busca fazer isso, tensionar esses espaços de visibilidade em certos momentos pra causar essa sensação de que aquele governo está ruim, aquela direção tá ruim, então quando eles fazem esse tipo de tensão há um esvaziamento do espaço, do território.** Isso que aconteceu nos últimos anos foi um esvaziamento do território. Então, a população que antes se reunia, acabou se dividindo em outros territórios, indo pra territórios diferentes, por conta, exatamente, desse alarme, sabe? O objetivo desse alarme foi, justamente, fazer com que as pessoas parassem de frequentar aqui, porque, geralmente, essas pessoas são acusadas de destruírem a praça, quando, na verdade, **a praça é fruto de um descaso público.** (MARIA DO RIO, entrevista realizada em 14 de outubro de 2019).

O relato da artista evidencia as proporções na qual o espelho mídia se instaura na cidade. Tudo o que acontece na praça, como observado no ANEXO I, se torna uma notícia, de eventos, reclamações, crimes, entre outros. Estas notícias geram uma reação na população que, por vezes, como visto na terceira camada histórica, geram alarme, pânico ou a sensação, como narra Maria do Rio, de uma cidade bonita. Isto é perceptível por meio das matérias publicadas quando a

Prefeitura de Manaus promove ação de limpeza da pichação, poda nas árvores e embeleza a jardinagem.

Devido às diversas iniciativas ocorridas, a Praça se torna esse símbolo de transformação. Dona Joaquina se refere à Praça como “espelho de Manaus” e Maria do Rio reafirma esse aspecto ao afirmar sobre a relação direta da Praça com a cidade: “se a Praça está limpa, a cidade está limpa; se a Praça está violenta, a cidade está violenta”. Existe interdependência entre as duas narrativas no que se diz respeito à imagem promovida pelo espetáculo.

A cópia viabilizada pela imagem refletida neste espelho produzido pela mídia, de fato, prefere a aparência ao ser, pois considera fielmente a verdade sobre o espaço. Assim, romantiza a ilusão e se mantém firme a ela, moldando condições a partir de imagens fragmentadas pelo sensacionalismo advindo da imprensa; único espectro do prisma, ou seja, é a ostensiva perseguição que os jornais se inclinam para condenar atos desviantes, obstruindo o caminho da compreensão, ou seja, suscita entre as pessoas o ódio com reação ao discurso midiático.

O jogo político mencionado na fala de Maria do Rio tem como principal objetivo tensionar estes espaços de visibilidade e propiciar o esvaziamento, reduzindo o fluxo do público ao gerar, pelo discurso conservador, medo e pânico. É certo que a violência existe neste ambiente, mas o espetáculo assim como o caráter destrutivo, não se preocupa em ser mal compreendido e muito menos com o que será criado a partir disso. A extensa variedade de notícias que circulam nos portais sobre a Praça, como visto na Figura 4, acentua o esvaziamento do espaço. Quanto a isso, entre as notícias sobre abandono, assalto, homicídio, pichação, há apenas uma matéria jornalística que se preocupa em apontar a raiz do problema: o esquecimento ou abandono do espaço, fruto do descaso público.

A matéria veiculada pelo Portal A Crítica em 05 de setembro de 2017, justo na data símbolo da Praça que a nomeia oficialmente, sob o título oficial de “Praça 5 de Setembro”, cuja matéria traz como destaque: “Parte de amazonenses e residentes em Manaus não sabem a história do 5 de setembro” (Figura 4). Para além disso, o texto jornalístico contesta também sobre a falta de “iluminação” no imaginário popular. Ao questionar acerca do desconhecimento a respeito de nossa história, chega mais próximo da problemática quanto à ausência de memória coletiva apagada pelo descaso ou esquecimento.

Contudo, este painel de notícias sobre a Praça (Figura 4), com raras exceções, não menciona nada de positivo para ser divulgado na mídia. O espetáculo conquista o lugar da saudade e o esvazia de movimentação. Podemos afirmar convictos de que esta estratégia funciona e tem êxito nos resultados, afinal, os idosos, hoje, evitam ir à Praça, tomada por jovens movidos por desejos, como os de Maria do Rio, “de brincar com a rua”. A poeta Márcia Antonelli, compreende os ataques midiáticos e sensacionalistas.

Eles colocam de forma muito negativa os espaços, mas e aí, o que há de positivo mesmo pra ser colocado, pra ser divulgado nas mídias? Eu detesto sensacionalismo, não gosto desses programas midiáticos, sensacionalistas, tá cheio isso, tanto no âmbito televisivo, quanto no âmbito escrito. Parece que isso rende, dá muito lucro, e vende, né? A violência hoje vende mesmo. Mas num geral o que se pode falar de positivo? As drogas correndo soltas mesmo, a violência, roubos, enfim, então isso é um prato cheio pra esses caras que vivem disso, explorando a miséria alheia, se autoprojetarem (MÁRCIA ANTONELLI, entrevista realizada em 3 de novembro de 2019).

O sensacionalismo é ferramenta imprescindível para composição do espetáculo e sua personificação no cotidiano. É como se a população realizasse por intermédio dos infratores da regra, seus sonhos menos conscientes. O sensacionalismo rega o espetáculo, conduz a participação dos envolvidos e demarca uma linguagem própria e condenatória. Encontra prazer ao narrar a história de terceiros, muito distantes da realidade de quem os condena e personifica instintos simplesmente reprimidos de suas violências sonhadas. Diante desse contexto, Morin (1997) assevera: “Os grandes criminosos são, portanto, literalmente, os bodes expiatórios da coletividade” (MORIN, 1997, p.115).

A fórmula prescrita para o consumo jornalístico acentua, por via do sensacionalismo, o horrível, o ilícito. Diferente da tragédia consumada segundo o rito cerimonial, o sensacionalismo de acordo com Morin (1997):

[...] é consumado não segundo o rito cerimonial da tragédia, mas à mesa, no metrô, com café com leite. Os mortos das notícias sensacionalistas ainda que bem reais, enquanto os mortos de teatro são simulados, estão afinal mais longe do leitor do que os mortos shakespearianos o estão do espectador. As vítimas do sensacionalismo como da tragédia são projetivas, isto é, são ofertadas em sacrifício à infelicidade e à morte (MORIN, 1997, p.115).

O direito à cidade é reprimido por programas sensacionalistas, reforçando a “agorafobia” e mantendo cidadãos distantes da rua, afinal, para o Estado pessoas na

rua encaminham articulações que nada tem de interessante para o Governo. E como a sociedade, distinta do senso de comunidade, o que predomina são os interesses individuais em detrimento do coletivo. E o condutor responsável por divulgar tragédias imprimindo pânico popular é a imprensa, falada ou escrita, como bem reconhece drag mostra Uýra Sodoma:

Eu acho que é uma questão geográfica, estar numa praça bonita, aberta, com estrutura, e uma série de bares ao lado um do outro, como esse ponto de encontro pra beber, usar drogas e encontrar pessoas. É, eu sei que aconteceram os assassinatos. Sobre isso, o que eu tenho certeza é de que, olhando, historicamente, o Estado não quer pessoas na rua. A imprensa é o canal pra divulgar e apavorar as pessoas. Pessoas na rua vão levar encontros e articulações que muitas vezes não são interessantes pro Estado. Pessoas na rua, sujam. E dá trabalho pra limpar. Pessoas na rua fazem barulho, que incomodam aquelas camadas mais conservadoras e enjoadas, que moravam e moram ali perto. Então a nossa geração está vivendo, e a nossa geração eu tô falando da nossa vida, assim, de dois anos pra cá, a gente pegou mais uma vez uma virada do que é a Praça da Saudade. Uma praça mudou várias vezes, ao longo da história. E que até os anos 90 era um parquinho? E que virou uma área pra bares, e que agora permanece uma área pra bares, mas teve uma outra configuração. Infelizmente uma mudança que não beneficia as pessoas, apenas o Estado. Não beneficia ninguém, nem quem frequentava, nem os movimentos que ocupava, as ideias que precisavam se ocupar. Menos comerciantes. Então, é uma sequela de um fato histórico recente, e que não beneficia as pessoas, que amedronta as pessoas. Então, se o Estado quer ruas desocupadas e pessoas com medo, o Estado conseguiu (UYRA SODOMA, entrevista realizada em 30 de outubro de 2019).

A artista, por exibir exímia relação com a mídia, que a propaga como defensora da floresta em associação com a *drag* mostra Uýra Sodoma, sua formação enquanto bióloga, ao mesmo tempo em que dá destaque e alcance em meios de comunicação com repercussão nacional e internacional, tal como a revista Vogue, não se preocupa em ouvir os relatos acima descritos pela artista, muito apreensiva sobre o tempo em que vivemos e as marcas que nossa geração constrói a respeito da Praça.

A vida cotidiana na Praça é permeada pelo enfrentamento à lei que passa a ser dominada ou ignorada, em que os instintos se tornam violências, golpes, homicídios. Logo, o cotidiano subverte a lei e a ordem, possibilitando ao homem contestações à subalternidade. Isto fomenta o espelho mídia visto que, de acordo com Duarte (2006):

Não se trata aqui de uma informação visual apenas, mas de uma informação conceitual, uma construção imaginária complexa montada a partir de fragmentos de realidade midiática que apontam para um sentido. O

conjunto de referências visuais sonoras, impressas, de expressões culturais das mais diversas: críticas, elogios, escândalos, belezas naturais, noções de cidadania que geram imagens de aspectos da cidade. As múltiplas imagens dos múltiplos aspectos também condensam impressões, referências, sentidos, que, por sua vez, no seu conjunto, gera uma imagem de toda a cidade (DUARTE, 2006, p. 107).

Logicamente esta imagem que representa a totalidade da cidade é incapaz de retratar todas as suas realidades e os seus aspectos. A mídia foca a atenção no que vende, e o que vende é o desejo pela violência, pelos escândalos. Estes artifícios emergem como uma hiperdimensão dentro da cidade e se comunicam através de diversos canais. Por isto, o espelho mídia está afundado nesta hiperdimensão que não se atém a refletir fielmente a vida vivida. Duarte (2006), ao construir o conceito sobre espelho mídia, toma como metáfora as fábulas de “Alice no País das Maravilhas”, como interpretando-as da seguinte forma:

Um espelho no qual, o reflexo da cidade será a projeção de aspectos possíveis numa dimensão temporal do desejo. Possíveis porque são reais na dimensão do desejo projetado, na intenção formatada de cada reflexo, na proposta criada em cada expressão. Não há reflexos fiéis no espelho mídia. Ele sempre refletirá circunstâncias do desejo de grupos que se expressam e ajudam a construir a imagem conceitual que emerge (DUARTE, 2006, p. 107-108).

A imagem conceitual que emerge sobre a praça reflete de maneira estigmatizadora o conjunto de ações infratoras cometidas por desviantes. E o que interessa para o Estado é o pânico que causa esvaziamento. Nas notícias atuais veiculadas sobre a Praça, o desvio presente no logradouro público é sinal de ameaça a segurança, é sinal de alarme para os assaltos, homicídios e tráfico de drogas. Este sistema imaginário complexo ganha materialidade na Figura 46, com a notícia intitulada “Praça da Saudade 'ganha' sinalização para alertar sobre bandidos”.

Figura 46: recorte do portal de notícias A Crítica.



Fonte: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/praca-da-saudade-ganha-sinalizacao-para-alertar-sobre-bandidos>

A realidade midiática apresentada na matéria acima aponta para um sentido a partir de fragmentos. Situações de perigo vividas na praça, aliadas ao jogo político e midiático, atizam a população local a buscar medidas de contenção dos danos e a sinalização “Cuidado! Zona de Assalto” apresenta-se como uma forma de evitar e alertar quem passa sobre o cotidiano presente na Praça.

Nesta pesquisa, a artista Uýra Sodoma (Emerson Munduruku) encontra local para ampliar seus pensamentos e ideias a respeito do tempo em que vivemos. Como formidavelmente indica, a função do Estado em regular o comportamento das pessoas, encontra uma parceira fiel, a mídia, que o ampara para desocupar as ruas. E no caso da Praça este jogo político tem efetividade. O caso que mais abalou a comunidade LGBTQIA+, na Praça da Saudade, foi com certeza o disparo de tiros que ocorreu um dia após o presidente Jair Bolsonaro ter vencido as eleições de 2018.

Uma série de tiros foram disparados contra o bar 161 que, na época, no auge de seu funcionamento inundava a rua de frequentadores e atraía a comunidade a

partir da música. A seleção era composta de músicas muito ouvidas por LGBTQIA+ sendo imediatamente atraídos para o ambiente. Do funk ao pop, o bar atraía uma enorme quantidade de frequentadores que ocupavam toda a Rua Simon Bolívar.

Embora o bar não fosse necessariamente uma tendência “LGBTQIA+”, pois nunca se assumiu como tal, todavia, devido ao público assíduo acabou por ser rotulado uma vez em que os responsáveis pelo “pagamento das contas do bar eram LGBTQIA+’s”. A memória da artista sobre o incidente é repleta de vivacidade sobre o caso que chocou e serviu como presságio do que ainda estaria por vir: uma ameaça à diversidade. Sobre os bares, Uýra conta que:

Dois bares lá eram declaradamente LGBTQIA+fóbicos. Ainda que quem pagasse as contas do bar eram LGBTQIA+’s. Quando eu vi essa mudança eu achei interessante pra aqueles bares, eles estarem quebrados, sabe? Porque eram bares que se somavam, né, situações de intolerância, de preconceito, de violência. Esses dois bares prestavam um desserviço absurdo, descarado, sonso, sabe? E infelizmente muita gente, até LGBTQIA+ continuaram frequentando aquele lugar. Então eu presenciei situações com a Maria, de transfobia, fomos pra cima. Uma vez comigo também, o dono se fingindo de doido, tratando de forma grosseira, sendo homofóbico, fui pra cima. Assédio, absurdo, pelo dono, que era policial, do “161”. Num dos acontecimentos do tiroteio, uma bicha tava filmando, e ele bateu e puxou o celular da gay. Então eram situações assim que aconteciam lá, e com frequência. Eu acho que se eu ponho um olhar positivo sobre todos esses fatos, eu enxergo primeiro, como eu já disse, a descentralização que já aconteceu, está acontecendo, está se fortalecendo, da gente migrar pra outros cantos, ocupar outros lugares. Rodeando a “Saudade”, então a gente não perdeu a saudade, a gente tá “comendo” ao redor dela, uma hora a gente ocupa. E isso, um cortar de um ciclo vicioso, de violência e resposta com consumo. Violência LGBTQIA+ e LGBTQIA+ respondendo consumindo o bar, ainda assim. Então, eu acho que pra gente foi muito útil isso (UÝRA SODOMA, entrevista realizada em 30 de outubro de 2019).

Nenhum dos bares da rede do entorno da Praça chegou sequer próximo a se assumir como espaço para a diversidade, muito pelo contrário, como afirma Uýra, foram diversas situações de ódio, preconceito e violência que as três artistas entrevistadas sofreram. Nesta ocasião, o jornalista Márcio Souza estava presente, e como narrado por Uýra, foi a “bicha que estava filmando”, e o dono do bar como registrado no vídeo, diz: “[...] tiroteio o caralho mano, eu sou polícia, sou o dono do bar”.

A informação foi divulgada de várias formas pelos jornais. Alguns afirmaram o fato do atentado ser contra LGBTQIA+ enquanto que o portal de notícias do Governo do Estado, afirmou que o episódio tinha relação com o tráfico de drogas, negando o possível atentado. Contudo, como relata a própria Uýra Sodoma “quando

os caras querem “apagar” um, eles vão perto e “pá”, eles sabem quem eles querem acertar”.

Por várias situações da cidade, pessoas LGBTQIA+’s que a gente conhece, como o Leonardo Scantbelruy, Márcia Antonelli, passaram por situações em que foram perseguidas por homens que gritavam o nome do presidente, em outros pontos da cidade, Cidade Nova, Centro. Quando aquilo aconteceu na praça, inevitavelmente todo mundo vai associar a uma cantada de vitória e a uma ameaça oficializada, enquanto ideias reverberadas pelo maior chefe de Estado do País. Então eu não tenho certeza, se foi isso, ou se foi acerto de contas. Porque você pensa o seguinte, quando alguém quer matar alguém, ela não passa no carro atirando, né? Quando os caras querem apagar um, eles vão perto e “pá”, eles sabem em quem eles querem acertar (UYRA SODOMA, entrevista realizada em 30 de outubro de 2019).

A respeito dos fatos, as notícias jornalísticas a seguir são deveras ilustrativas.

Figura 47: Recorte da notícia a respeito do tiroteio no bar 161, na rua Simon Bolivar, em frente à praça.



The image is a screenshot of a news article from the website of the Amazonas State Government. At the top, there is a logo for 'AMAZONAS GOVERNO DO ESTADO'. Below the logo is a navigation bar with links for 'O Amazonas', 'Nosso Governo', 'Cidadão', 'Negócios', and 'Canais de Comunicação'. A search bar is located below the navigation bar, with the text 'Pesquisar...' and a 'BUSCAR' button. The article title is 'Tiros em bar LGBT do Centro de Manaus tem relação com disputas por tráfico de drogas, diz SSP-AM' and the date is '16:37 - 30/10/2018'. Below the title is a photo of a man in a dark uniform, looking to the left. The photo is credited to 'FOTO: DIVULGAÇÃO/SSP-AM'.

Fonte: <http://www.amazonas.am.gov.br/2018/10/tiros-em-bar-LGBTQIA+-do-centro-de-manaus-tem-relacao-com-disputas-por-trafico-de-drogas-diz-ssp-am/>

Figura 48: Recorte do Portal de Notícias AM Post



## Carro passa atirando em bar LGBT no Centro de Manaus

Jornalista que transmitiu o evento por uma live teve o celular apreendido pelo dono do Bar, que afirmou ser policial.

30/10/2018 08:54 - Atualizado em 30/10/2018 11:53

Fonte: <https://ampost.com.br/2018/10/carro-passa-atirando-em-bar-LGBTQIA+-no-centro-de-manaus/>

O espetáculo do tiroteio foi propalado pela mídia oficial deslocando o verdadeiro sentido acerca dos fatos. A situação viralizou nas redes sociais e o pânico foi instaurado, desta vez em dimensão muito mais apavorante. Assim, o Governo do Estado ao relacionar afirmando a ligação entre o tráfico e a comunidade LGBTQIA+, como se vê no título jornalístico, os fatos serviram de recado para as constantes ameaças das quais éramos vítimas na Praça, afinal, nossa presença mais uma vez passa ser vista como perturbação da ordem.

Pois bem, o espetáculo foi mais uma vez efetivado com sucesso e obteve saldo positivo ao distanciar o público e diminuir a quantidade de pessoas que frequentam aqueles bares. Como Uýra esclareceu, o ponto positivo que ela vê na situação é o fato de que a comunidade LGBTQIA+ quebrou os laços com os bares e deu uma resposta que afetou diretamente o “bolso” dos donos dos bares. Esta desterritorialização mencionada por Uýra é o que a artista chama de “rodear a saudade”, comer a “saudade pelas beiradas”. Todavia, credita-se num outro novamente frutífero em que a praça volte a abrigar os encontros como espaço da diversidade apagada pelo espetáculo midiático, afinal segundo Debord (1997):

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo (DEBORD, 1997, p. 24).

Nossos desejos foram adiados ao deixarmos de viver o espaço da Praça. Aos poucos, a rede de bares perdeu parcela significativa de consumidores. Ao grande público é interessante viver por intermédio da imagem que a imprensa reforça: o furto, o uso de drogas, a prostituição. Libera projetivamente na imagem midiática dos desviantes algo que sugere subverter interesses ao ousar tomar o lugar da saudade para si. O ANEXO I traz notícias referentes ao “Muro da Vergonha”, erguido por motivo desconhecido, mas que serviu ao olhar da mídia os casais praticarem atos libidinosos. Na notícia, o jornal afirma que a praça passa a ter vários donos, várias pessoas que a usam de acordo com seus desejos. A praça desde a segunda camada histórica ocorrida a partir dos anos 80, intensifica nos jornais a ênfase de fatos ligados ao tráfico. Na Praça, as primeiras prisões registradas por uso de maconha e o surgimento do fenômeno “galeras”, são destaque na fala da escritora Márcia Antonelli:

E foi uma época, nos anos 80 e até nos anos 90 mesmo, que não se via violência, não havia, pelo menos eu nunca testemunhei assaltos. É evidente que tinha, mas não na proporção de agora. Você conseguia realmente ficar até horas da noite, até 10h, 11h da noite, que era o horário que eu ficava pois como eu morava no bairro Educandos, bem anexo ao Centro, então eu nunca tive problema, isso, no final dos anos 80. A coisa só veio complicar um pouquinho já pros anos 90 em diante, porque realmente eu acho que foi com o advento das galeras mesmo. Houve uma época que as galeras tomavam o espaço, ocupavam os espaços mesmo, do Centro da Cidade e a praça também, então, ela foi ganhando uma outra conotação com essa onda de violência das galeras. (MÁRCIA ANTONELLI, entrevista realizada em 3 de novembro de 2019).

O fenômeno “galeras” vai ganhando paulatinamente destaque nos jornais dos anos 80, como visto no ANEXO I, cuja imprensa reforça o papel dos impositores da regra, a polícia, em acentuar a fiscalização e controle. A relação contraditória entre o “festival da maconha” que acontecia todos os dias a partir do meio-dia ao lado do prédio da Secretaria de Segurança do Estado escancara a necessidade urgente da polícia em se fazer presente na Praça e acabar com a baderna ocasionada por jovens, em maioria, menores de idade. Estas situações do cotidiano também são refletidas por Nascimento (2014):

Antes da revitalização pela Prefeitura em 2010, reuniam-se na praça grupos de surdos-mudos, membros da igreja protestante que usavam o espaço para seus encontros e shows. Não aconteciam muitos eventos porque as pessoas temiam a presença das crianças e adolescentes que andavam em bandos e moravam na praça, principalmente no final dos anos 1990 (NASCIMENTO, 2014, p. 97).

Podemos comparar ao “revisitar” os jornais de antigamente, que mesmo com o fenômeno “galeras”, os eventos na Praça ainda eram muito mais frequentes do que nos dias de hoje, por conter no seu espaço mobiliário urbano propício para estas atividades culturais. A Praça da Saudade, com a revitalização de 2010, oferece pouquíssimas opções de consumo festivo, todavia, difere do seu entorno. O entorno é o ambiente do homem privado que, interceptado pela praça pública, rasga o tecido urbano das casas, edifícios e construções.

Os bares com mesas na rua formam a varanda da praça, assistindo de frente e construindo histórias que se desenrolam e acontecem também na Praça. Do bar para a praça, da praça para o bar, há o vínculo entre a Praça e entorno, de maneira que as relações se estendem ao logradouro. É o elo entre o Atlético Rio Negro Clube, lanches, apartamentos, condomínios, igreja, cinema pornô, casas, mercadinho, *hostel*, pontos de ônibus, Bar do Ray, Bar do Rock, Bar da Lúcias, Bar Cinco Estrelas, entre outros. Todos eles têm na praça um sentido e significado comuns. A entrevistada Márcia Antonelli também presenciou o atentado contra a comunidade LGBTQIA+ no Bar 161 e relata:

Pois é, você tá sujeito a tudo nesses ambientes. Essa parte da praça, esses bares ali, você tá sujeito a ver tudo, viver tudo, presenciar tudo, né? Como eu te falei, houve recentemente tiroteio, que eu nunca vi isso acontecer. Eu tava bebendo e de repente vi um cara disparando loucamente, pro alto, foi naquele bar ali. Eu tava no Bar do Roque, foi uma correria, um desespero, todo mundo se jogando debaixo da mesa. Eu peguei minha garrafa e entrei. Mas eu nunca tinha testemunhado isso, eu ainda frequentava ali, a gente sentava pra beber ali. Eu vi essa cena e também fui testemunha de pessoas sendo agredidas (MÁRCIA ANTONELLI, entrevista realizada em 3 de novembro de 2019).

O espetáculo é o responsável pelo deslocamento da informação para o sensacionalismo. Responsável pela alienação promovida sobre este espaço público e que reduz o significado da praça a cenas de violência, tornando-a sinônimo de perigo. A violência é real, ela existe. Mas a praça vai além dos fragmentos de violência. A praça é também resistência. De acordo com a narrativa trazida por Uýra, que interpreta a Praça com certa sutileza e encanto.

Eu acho que quanto mais diverso o lugar, mais paz haverá nele. E ali foi se transformando num lugar de segurança pra muitas de nós, porque várias outras formas de ser, de estar, de se vestir, de se falar, de se comportar, passaram a estar ali. A gente nunca teve um lugar com tantas gatas afeminadas no mesmo espaço: drags, lésbicas, com performance assumida a partir de todas as possibilidades usuais, existenciais; todas estavam ali.

Então a gente tinha muita diversidade naquele lugar. E aí outras “corpas”, as nossas “corpas” no dia a dia, uma espécie de “couro” que fortalecia nossas coragens. É, gente se vestia de coragem. A “gata”, por exemplo, não era uma imagem no sentido roupa bonita. Com essa fantasia íamos embora. Sim, a gente se veste de coragem. Ensaia um sorriso na cara e vai embora (UYRA SODOMA, entrevista realizada em 30 de outubro de 2019).

Como um respiro de alívio, a Praça durante o período narrado por Uýra, tornou-se espaço de encontro para a diversidade que se vestia de coragem. Todavia, este espectro do prisma não é revelado em conta e muito menos tem destaque na mídia. Assim, caberia, como sugere Freire (1997), para consolidação de outras narrativas sobre o lugar da saudade na cidade, escavar memórias e tentar descobrir outros universos de sentidos, alojados nas “memórias sociais soterradas e das fantasias latentes [...], que tem hoje, como testemunhos, apenas algumas construções, ou ainda, alguns vestígios” (FREIRE, 1997, p.110).

A florista Sabrina, assim como Uýra, também conta com alguns vestígios do cotidiano contrários à imagem refletida pelo espelho mídia sobre a cidade, como se vê na narrativa abaixo. Para os objetivos da pesquisa, que entre outros se propõe a analisar o olhar simplificador do espelho mídia, a fala de Sabrina permite dar suporte e magnitude às interpretações ao entendermos que suas vivências são tão relevantes quanto os fragmentos destacados pela imprensa. Ao ser questionada sobre a série de homicídios que aconteceram na Praça (Figura 4), detém muito mais força e relevância por ser frequentadora assídua e observadora especialista quando o assunto é a rua. A florista pondera sobre a violência na Praça e relata que:

Aqui era uma facção, né? Aí a outra facção começou a querer tomar o lugar, querendo invadir aqui, aí começou a guerra, um matar o outro, a gente ficava com medo. Foi tenso, porque morreu até gente inocente, pow, o venezuelano que ficava ali morreu, ele era trabalhador. Saiu na televisão que ele tinha envolvimento e não tinha não, porque eu sei quem trabalha, quem não trabalha sabia, teve uma coisa feia aqui, eu presenciei. Porque assim, vamos supor, uma hora dessa já tava bombando o bar, e aconteceu a coisa cedo, o cara vir e dar tiro nos outros aí. No dia que o venezuelano levou um tiro aqui eu tinha acabando de chegar. Como eu sempre paro ali na esquina, olho primeiro, quando eu páro, aí ouvi o “pá, pá”, e o garotinho gritava “papai!”, gritando, porque ele tava com a esposa e o filho dele, né? Aí nisso, o carro saiu em disparada. Esta foi a última vez que morreu alguém aqui. Ele morreu aqui do lado dessa Banca de cigarro. Então, carro chegou lá e bumba. E ele {o venezuelano} era inocente, porque confundiram ele com outra pessoa. Na verdade, era pra ser um outro venezuelano (SABRINA, entrevista realizada em 17 de outubro de 2019).

A imagem consolidada no imaginário popular sobre o contexto urbano trata-se do reflexo de uma cidade possível; criada com base em aspectos reais. Entretanto,

concebe temporalidades e sentidos únicos descolados do sentido vivido. Prestigia-se a ilusão em detrimento do real. No caso citado acima pela florista, a notícia veiculada na mídia afirma que o venezuelano “tinha envolvimento com o tráfico”. Fato a respeito do qual Sabrina discorda, pois, pela vivência assimilada e acumulada a respeito dos fatos ocorridos, o migrante estrangeiro foi confundido, e de forma trágica, atingido fatalmente num só golpe.

Por vezes, os meios de comunicação tendem a especular e rotular possíveis culpados pelas tragédias sensacionalistas que sofrem retaliação por parte da população. É o caso narrado abaixo por Efrahim, que distingue a fazer diferenciação entre o ladrão e o traficante e ainda declara que na cadeia “eles bateram o martelo dizendo que não podia mais roubar”, pois para a rede do tráfico, que lida com vendas, não lhes convém a incorporação do assalto ao tráfico.

Olha, eu vou lhe falar uma coisa. Antigamente as pessoas falavam “ah, aquele lá é bandido”, os frentistas de rua. Hoje em dia nem os próprios traficantes aceitam roubo, porque é uma coisa inconveniente. Tipo assim, poxa, mesmo que tu seja um traficante, mas e a sua mãe? Vai, sai e tal pra ali, aí roubam a sua mãe, você ia gostar? Então, inclusive, nenhum crime hoje não aceita mais roubo. É por isso que todo mundo anda com o seu celular, pode falar, por causa de que hoje, tipo assim, o tráfico é diferente do ladrão. Os ladrões são uma coisa, os traficantes são outra, entendeu? Tem uma grande diferença, não tem? Porque um trabalho com vendas, o outro não, já trabalha furtando, então tem uma diferença. Aí o que eles fizeram? Eles viram que isso tava chato e eles mesmo deram um jeito de minimizar a situação, **tipo assim, lá mesmo dentro da cadeia, eles bateram o martelo dizendo que não podia mais roubar.** O que eu acho que hoje deveria ter mais, de verdade, é a oportunidade ‘pros’ jovens, não tem? Poxa, porque tem muitos jovens hoje que não quer nem um papo com um colega, mas se tu levar ele pro empreendedorismo, entregar alguma coisa pra ele, ele desenrola um talento que talvez o outro que tenha um curso superior, de vendas, não vai conseguir exercer aquela função que aquele rapaz traz, porque aquilo já é um dom, não tem? Então eu acho que o governo deveria conscientizar e ver essa situação (EFRAHIM, entrevista realizada em 17 de outubro de 2019).

Contra-pondo-se a essa realidade midiática, a praça é vista sob a perspectiva de lugar que permite a sociabilidade e também infere em se propor práticas pedagógicas, devido à forte presença de estudantes e suas manifestações de repúdio a determinados fatos que suscitaram da população certo posicionamento político acerca de acontecimentos nacionais e/ou locais. Márcia é enfática ao afirmar a exposição dramática feita em repúdio ao assassinato de Marielle Franco:

As praças sempre foram um lugar que além de toda história, sempre foram um espaço de aglomeração, de discussão, principalmente, cultural mesmo, e

eu acho isso muito legal, muito válido. As praças estão aí pra isso mesmo, pra serem ocupadas, pra se expressarem. Hoje houve uma manifestação em homenagem a Marielle Franco, que foi na Praça do São Sebastião. Mas as praças sempre serviram pra isso mesmo, pra essas mobilizações políticas, sociais, culturais, e portanto, muitas vezes elas sofrem retaliação. Você sabe que no nosso país, quando você se posiciona de forma contrária ao governo, politicamente, você sofre retaliação. As praças sempre foram cenário de grandes movimentos, de grandes levantes, e, portanto, muitas vezes é combatido isso aí, sofre essa pressão, mas as praças são pra isso mesmo. Como dizia o poeta, “a praça é do condor, do beija-flor”, do homem livre, da voz livre, da não repressão, do sonho, da utopia, da vanguarda, a praça é tudo isso. Fica a saudade, ficam os ruídos da saudade, de um tempo de grande significância. Mas elas são importantes. Falar da praça é falar da vida, de resistência (MÁRCIA ANTONELLI, entrevista realizada em 3 de novembro de 2019).

A imagem *espaço* surge de uma forma que torna evidente o olhar poético visto pelo ângulo que o entorno paisagístico promove aos olhares de quem o percebe com certa carga de sentimentos. No contexto paisagístico, o referencial poético de Sabrina, como também já apontou a atriz Maria do Rio, são levados em conta o verde, as flores, enfim, a ambiência em si.

Ah! Quando a grama tá ali tudo verdinha, quando ela fica meia seca ela fica meia triste, mas quando ela tá toda florida, olha lá como tá as flores, ah, sei lá, eu gosto de sentar aqui, eu gosto daqui. É que nunca aconteceu nada comigo, né? E é assim, quando vê que não tem nada a ver com as pessoas, essa praça não tem culpa, entendeu? A praça não tem culpa desse movimento de bar, de noite, de boemia, entendeu? A praça mesmo é pro dia, né? Que cê vê que quando não tem movimento nenhum a praça tá vazia. Eu tenho uma amiga que vem andar com cachorro a noite, nem os pé inchados não ficam mais aqui, eles mudaram daqui, eles ficam agora sabe onde? Não tem aquela igreja presbiteriana? Eles estão ficando naquela escadaria deitados ali na frente, um monte, é o caras que ficavam aqui, não sei se de dia eles ficam aqui e de noite eles vão pra lá. (SABRINA, entrevista realizada em 17 de outubro de 2019).

Ao adentrar estas memórias, o espelho midiático e a distorção do espetáculo se quebram ao serem confrontados com outra realidade paralela ao que é divulgado. Com a quebra do espelho, prestigia-se, segundo Loureiro (1995) esta cultura dinâmica, realçada na fala dos entrevistados como algo dinâmico, original e criativo “que revela, interpreta e cria sua realidade. Uma cultura que através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda” (LOUREIRO, 1995, p. 30). A escritora Márcia Antonelli parece concordar com o autor ao inferir sobre outras dinâmicas da cultura, que abrem um leque de criatividade e de reinvenção do cotidiano da Praça, como observado por Márcia:

Outro dia eu vi uma cena muito engraçada! Não tem essas cabines de telefone? O brasileiro é muito louco, muito criativo! Então, o se apropriou

daquela cabine e fez um salão, pra cortar cabelo, não sei se tu já viu. Mesmo nesse grande descaso de miséria e tudo, as pessoas ainda conseguem interagir e ser criativas como forma de sobrevivência, essa imagem ficou na minha cabeça. Mas tudo causa uma tristeza mesmo, saber que poderia ser melhor tudo isso, uma cidade que poderia ter dado certo e até agora não deu nenhum passo no sentido de evolução urbana e humanística (MÁRCIA ANTONELLI, entrevista realizada em 3 de novembro de 2019).

Foto 51: Cabine telefônica da Praça da Saudade transformada em local para corte de cabelo.



Fonte: Autor (2019).

A preferência por incluir na pesquisa as falas da entrevistada Márcia Antonelli, muito tem a ver com a produção literária da escritora que abraça a cidade ao decodificá-la pelo viés da crítica formulada tanto sobre a beleza quanto revela as contradições desse cotidiano que, ao contrário da mídia, não limita muito menos reduz a experiência de vivência urbana. Leva em consideração o amor e o ódio, o *Ehtos* e o *Pathos*, balanceado essa relação ao nos apresentar suas impressões:

Mas muito daquilo que eu escrevo são impressões minhas da cidade, do meio urbano. A minha escrita é toda preta do cotidiano, da cidade mesmo, dos lugares que eu frequento, da boemia. Então eu trago esse olhar da cidade: a violência, a ternura, esses elementos que transitam à margem da

sociedade, que muitas vezes a sociedade se nega a ver. Ele tá recheado desses elementos, a cidade como um todos, e os elementos inseridos nele, né? Nessa cidade. As travestis, cheira colas, os drogados. Então ele tá muito permeado disso, o que eu escrevo. Então assim, graças à cidade, a minha relação com Manaus é uma relação de amor e ódio. De ternura e desprezo ao mesmo tempo, mas que de certa forma a cidade contribui. Tem que haver isso, esse antagonismo, no processo de criação. Então tudo isso eu tento trazer. Essa crítica social que precisa haver no processo de criação. (MÁRCIA ANTONELLI, entrevista realizada em 3 de novembro de 2019).

A praça é vista sob o ângulo da produção científica, tornando-a para este trabalho verdadeiro laboratório social por fazer referência à emergência de indagações. Assim, não se resume a servir de fonte para explicação dos fenômenos observados. A ruptura com as imagens evidenciadas pelo espelho mídia propicia novos saberes e conhecimentos sobre a Praça ao compreender “esse antagonismo, no processo de criação”. A interpretação que Ítalo Calvino (1990) desenvolve sobre a cidade de Zaíra, muito se assemelha a maneira como Márcia decifra o contexto urbano, visto que:

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (CALVINO, 1990, p.12-15).

Ao agregar tais valores à Praça, o método científico alicerça a importância de se preocupar em estudar o chão em que pisamos. Por camadas, entendemos aqui como metáfora e método para estabelecer estes outros saberes e conhecimentos com intuito de romper com o caráter autoritário presente tanto na mídia, como também no meio acadêmico. É transformar o estranho em familiar; aproximar a comunidade da ciência.

A arqueologia das memórias escavadas por intermédio das entrevistas possibilitou inúmeras interpretações sobre a Praça da Saudade por rememorar camadas históricas de um tempo distante. A cooperação entre vida e morte a partir da qual a arqueologia se dedica a compreender, assim como o sentimento da saudade transforma o que antes estava morto devido ao seu “desaparecimento” e revela centelha de vida no que antes era considerado ultrapassado. Freire (1997) reforça esta comunhão ao deduzir: “[...] a reedição do passado se faz a partir do presente, dentro das circunstâncias reservadas a cada um dentro de sua história de

vida já sedimentada no social e, partindo daí, realizamos a nossa experiência de lembrar” (FREIRE, 1997, p.139).

Ao adotarmos o conceito de arqueologia da memória e sentimentos soterrados, a entrevistada Uýra Sodoma destacou interesse em canalizar a memória daquele chão que se pisa. A missão a qual a pesquisa se dedica é tanto memorial quanto sensorial por promover e buscar a colheita de emoções que antes, pairavam entre os entrevistados. Uýra reitera esta importância sobre a memória da terra em que pisamos e edificamos cidades; é fundamental o estudo que se dedique a investigar estas “cidades invisíveis”. Segundo a artista:

Eu acho que a gente, a cidade, ela é feita de várias camadas invisíveis. São muitas histórias e memórias empilhadas. Eu gosto do termo que você usa de arqueologia dos sentimentos, de arqueologia da memória, e essa memória imaterial vai acessar essas energias que a cidade não está querendo lidar. E é muito importante que essa busca traga aos olhos e corações de quem está aqui hoje, de quem vai estar aqui amanhã, toda essa energia e memória, mesmo que ela seja ruim, pra que as pessoas saibam onde pisam, pra que as pessoas consigam sobre o território de morte ocupar com vida. Eu imagino que daqui a uns 5, 10 anos, toda aquela praça pode tá do jeito que a gente conheceu, com muitas LGBTQIA+'s felizes, pulando, se divertindo, loucas, dançando, e eu acho que é muito importante que elas saibam das coisas que aconteceram ali, sabe? Que elas possam acessar esses sentimentos, esses fatos históricos que aconteceram ali, por isso que eu acho que é tão importante o que você tá fazendo nesse trabalho. Acho que esse trabalho ele documenta, dentro da ciência, da academia, e acho que ele pode reverberar de outras formas, com curtas, com documentários, com matérias pra população acessar, pra que isso realmente traga a memória do chão que se pisa. Porque hoje a gente só pisa, e a gente não consegue lidar com as coisas que estão debaixo dos nossos pés. Dentro de um lugar onde houve muita violência, quando soterrados, na terra, que tem tanta memória, é soterrada, e acima dessa terra não se movem vida, não se movem processos, mobilização humana. Não se criam movimentos sustentáveis nesse lugar, pelo contrário, nada acontece, é tudo muito parado. A terra, ela cobra, e aí a gente tem vários exemplos por grande parte da Amazônia, de comunidades hoje, ribeirinhas ocupando territórios que antes eram cemitérios indígenas, como é a Amazônia, e em alguns desses lugares não há movidas. Vários conflitos com alcoolismo, com violência doméstica acontecem, e exatamente nesses lugares há mesura, há assombração, coisas voam, todas as pessoas que chegam sentem coisas muito forte e não são boas nesses lugares, que a terra vai cobrar. Os espíritos e energias que vivem naquele lugar, eles precisam ser minimamente, ela precisa ser minimamente respeitada. E como a gente faz isso? Promovendo vida nesse lugar, movimentações, então quando eu penso nessa praça do futuro, nessa próxima mudança da praça, que seja uma mudança que não necessariamente retome-se, mas que retorne a vida nesses lugares, mas sabendo onde pisa, sabendo a história do cimento, a história dessa terra por debaixo desse cimento, que aí a gente ocupa de uma forma criativa, de uma forma sincera, de uma forma respeitosa esses lugares (UYRA SODOMA, entrevista realizada em 30 de outubro de 2019).

A Praça da Saudade, por estar diretamente ligada à sua progenitora, a Necrópole São José, lida com os espíritos e energias soterrados, que precisam ser respeitados. A doação do terreno santo ao Atlético Rio Negro comprova um movimento inverso ao que Uýra diz ser necessário para a cidade. E as notícias salientam o processo do esquecimento no qual nossa história é ocultada e privada da população. Este direito à memória é negado aos habitantes e restringido à classe dominante. O isolamento cultural imposto aos trabalhadores, por consequência, aos desviantes é analisado por Chauí (1992) ao expor esta situação:

Nossa política cultural tem-se proposto a enfrentar o desafio de admitir que a cultura é simultaneamente um fato e um valor, a enfrentar o paradoxo no qual a cultura é o modo de ser dos humanos e, no entanto, precisa ser tomada como um direito daqueles humanos que não podem exercer plenamente o seu ser cultural – no caso, a classe trabalhadora (CHAUÍ, 1992, p.39)

O desafio proposto por Chauí (1992) no enfrentamento paradoxal entre a negação do direito e a possibilidade de exercê-lo é a forma da conquista desafiadora à ordem vigente. Este direito certamente permitirá aos usuários da Praça a capacidade de exercer direitos ao molde da referência poética do encantamento acerca da Amazônia a que Uýra Sodoma se refere. Na abrangência dos fatos, a conexão entre o direito exercitado e o sentido mitológico atribuído à Praça da Saudade, encontra respaldo nas análises propostas por Loureiro (1995):

Na Amazônia as pessoas ainda vêm seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram. A vida social ainda permanece impregnada no espírito da infância, no sentido de encantar-se com a explicação poetizada e alegórica das coisas. (LOUREIRO, 1995, p.103)

Ao longo deste trabalho, as trilhas percorridas pelos usuários da Praça da Saudade, entre outros, os desviantes, por certo esse caminho incidirá em perdas, mas, sobretudo, em conquistas. Trata-se da capacidade artística promovida pelo espírito criativo capaz de, ao quebrar o espelho mídia, celebrar sentimentos e trazer à luz o que jaz adormecido. Andrade (2002) lança um facho de esperança desafiadora. A artista plástica aponta o percurso dessa trilha a ser percorrida:

Por entre perdas e partilhas a arte nos convida a presentificar o ausente, tirando do visível, aquilo que ele tem de invisível, pois é isso que nos leva a exprimir a saudade de um tempo que se encontra adormecido, ou que se pensa ter esquecido. Mesmo assim, não queremos apenas falar de perdas mas, com alegria, trazer à luz o que ainda podemos encontrar desse rico depósito de mitos e lembranças (ANDRADE, 2002, p. 26).

Ao quebrar o espetáculo propiciado pelo espelho mídia, o ecossistema encontra espaço e luz para iluminar os caminhos até nossas raízes. Este exercício de resgatar memórias, independentes de serem boas ou ruins, possibilita a visualização destas complexas ruínas equiparadas e postas em pé de igualdade tanto nas fontes orais, baseadas na experiência empírica quanto nos autores aqui citados. Esta costura tecida entre os saberes populares com os saberes científicos contribui para a compreensão sobre nossa terra e sobre as contradições existentes no cotidiano da Praça da Saudade.

### 4.3 Tenreiro Aranha: o herói imposto

Como registrada na imagem abaixo (Figura 49), a palavra “travesti” foi pichada em meados de 2017 no monumento Tenreiro Aranha, localizado na Praça da Saudade.

Figura 49: Monumento Tenreiro Aranha, em 2017, com as palavras Travesti e Fora Melo pichadas.



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Praça+da+Saudade>

Atualmente, entre outras, essa pichação foi removida. A secretaria Municipal do Meio Ambiente e Sustentabilidade busca realizar medidas provisórias para remoção das pichações por várias vezes durante o ano. Provisórias, pois, só perpetuam o ciclo, visto que limpar a pichação é dar espaço a outras tantas, que uma hora ou outra vão ser apagadas pela Prefeitura a fim de concretizar o

espetáculo que os órgãos institucionais pregam: mostrar trabalho a favor do povo. Funciona como uma espécie de disfarce que não resolve o problema, apenas gera ilusão uma vez que se tem por objetivo, exercer efeito positivo na avaliação da população sobre a gestão municipal.

Assim, pode-se afirmar que esse ciclo dificilmente é interrompido. A transitoriedade dos eventos nos espaços públicos faz e se desfaz com muita rapidez, logo, o ato de pichar passa despercebido e o picho permanece.

Feito na Itália, por Enrico Quattrini, o Monumento à memória de Tenreiro Aranha, de bronze, 2m de altura e pedestal de 6,30m feito de granito, é um importante símbolo como homenagem à Elevação do Amazonas à Categoria de Província e a seu fundador, João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Nascimento (2003) ressalta:

O monumento a Tenreiro Aranha é um marco do Brasil Império [...]. Como uma obra encomendada pelo Estado, objetivava imprimir na sociedade lembranças de um Imperador “defensor perpétuo do Brasil”, que concede a independência do Amazonas, da Província do Grão Pará, tornando-o também província. [...] Ele é importante justamente por ser um registro desse momento histórico, dos ideais, dos pensamentos daquela época, das intenções oficiais do Estado (NASCIMENTO, 2003, p.95).

“Defensor perpétuo do Brasil”. Esta declaração pode ser suspeita no momento em que volta seu olhar somente a partir da ótica estatal e patriota. Entende-se como Brasil, o país que atende e serve ao Estado, à classe dominante. Morin (1997) ao explicar a estrutura do “final feliz” produzido pela cultura de massa possibilita um entendimento mais complexo de como se forma esse processo alienatório, em que uma história onde o herói um tanto exibicionista (Tenreiro Aranha), enfrenta as dificuldades da sua época para emancipar o Amazonas do Grão-Pará. E obtém êxito, formalizando o “happy end” e o tornando uma lembrança sólida no chão. E à população é imposta a preservação. Mas como preservar sem educação?

Cardoso (2012) reforça a importância do aprendizado: “A capacidade de lembrar o que já se viveu ou aprendeu e relacionar isso com a situação presente é o mais importante mecanismo de constituição e preservação da identidade de cada um” (CARDOSO, 2012, p.73). Isto porque com o Ensino, as instituições aliadas ao Estado, são capazes de passar ao povo os significados e a história do Amazonas, no caso. Logo, trata-se de uma medida educativa com intuito de preservar o

monumento. Não deixa de ser uma opção com forte potencial de mudança quando levada à periferia.

Com intuito de representar a cultura da pichação e o seu debate, na obra do quadrinista Will Eisner, “Nova York, a vida na cidade grande” (2009), o autor traz um contingente bastante diversificado de reflexões, vivências e interpretações sobre o ambiente urbano a partir das narrativas dos cidadãos. Por urbano, entende-se, além de delimitação do espaço físico da cidade, mas também: “A renda, as classes, a idade, a mobilidade, a escolarização, o tamanho da família, a filiação étnica, a população ativa, todos os fatores que deveriam especificar um conteúdo ‘urbano’”. (CASTELLS, 1983, p.133).

A vinheta com o título “Arte” é pertinente quando o assunto é pichação. A história é contada em quatro quadros, representando dois pichadores que durante a noite invadem a estação de parada dos trens e picham em um dos vagões, como se vê, o nome “Chico”.

Figura 50: último quadrinho da história intitulada “Arte”, incluída no graphic novel do artista e autor Will Eisner, Nova York: A vida na cidade grande.



Fonte: Eisner, 2009, p.49.

Um tanto provocativo, tal quadrinho permite uma série de interpretações. O picho pode servir como uma ferramenta de comunicação não verbal, que pode chamar atenção dos usuários do trem sobre o descaso das autoridades quanto à manutenção do transporte coletivo. Mourthé (1998) coloca como exemplo o caso dos trens da CBTU (Companhia Brasileira de Trens Urbanos) e o metrô do Rio de Janeiro:

[...] quando se presta um serviço digno aos usuários, eles o respeitam. Na central do Brasil, onde é possível fazer a baldeação do metrô para o trem e vice e versa, pode-se ver de forma explícita a diferença de conservação de um transporte para o outro. O mesmo usuário que respeita o metrô – que é limpo, plenamente conservado e dotado de ar condicionado – não o faz com o trem – que é pichado, sujo com vários vidros quebrados. (MOURTHÉ, 1998, p.25).

O próprio título da vinheta, “Arte”, sugere um olhar sensível sobre o picho. É entender o ato pictórico de registrar figuras e signos em suportes naturais como uma prática comum do ser humano, percebida desde o período Paleolítico, na Arte Rupestre. De acordo com Carvalho (2013):

A Pichação aqui entendida por “arte dos sinais”, estética incompreensível ou quer pelo escopo de crime tipificado no Código Penal; à parte valores morais e legais, carrega em si um processo de comunicação visual e não verbal onde o emissor emite uma mensagem codificada em forma de assinatura estilizada; processo diferente do que ocorre no fenômeno que conhecemos por grafite, onde desenhos, pinturas muita vez interessantes e belas, encerram uma mensagem universal ou particular, qualquer, através da imagem em si (CARVALHO, 2013, p.11).

Esta questão levanta vários debates na sociedade, que, por vezes, guiados pelo senso comum, encontram um obstáculo ao tentar entendê-la a fundo. Várias notícias em jornais tratam este fenômeno como errado, degradante, marginalizado e criminoso. O que, em parte, não deixa de ser verdade ao se referir como crime, pois, segundo Carvalho (2013):

No Brasil, quando feita sem autorização do proprietário do suporte ou em mobiliário público, além de crime 3, contribui para a degradação de certas áreas da cidade; destrói o bem comum, gera despesas, desrespeita a propriedade privada e libera quantidades consideráveis de gases nocivos na atmosfera, em nome de uma semiótica urbana do caos, estética incompreensível onde não se sabe ao certo, além da “insígnia” muita vezes indecifrável do emissor; qual é a mensagem ou a quais os receptores se destinam, e porque se repetem aos milhares (CARVALHO, 2013, p.10).

Eis que paira a dúvida: a quem os atos de pichar se destinam? Em primeiro lugar e de forma geral à sociedade. Certo ou errado, qualquer cidadão que se proponha contemplar símbolos urbanísticos, depara-se com as pichações. É um convite à reflexão, uma declaração gritante do caos que a vida moderna proporciona; por vezes, uma forma de comunicação, via de regra, incompreensível. Assim como um corpo quando está doente revela certos sintomas, a pichação é um sintoma, é a expressão de uma doença muito maior: a modernidade.

Chauí (1992) sintetiza a modernidade em diversos aspectos dos quais, simultaneamente, dois chamaram atenção: Sociedade *versus* comunidade e o papel do Estado. A “percepção de que não há comunidade, mas sociedade e, posteriormente, compreensão de que a sociedade é constituída pela divisão originárias das classes sociais e seus antagonismos”. (CHAUÍ, 1992, p.44). Então, tendo em vista tal cenário, o Estado surge como agente regulador e controlador da sociedade:

[...] como instância da dominação impessoal e legal, operado pelos representantes dos cidadãos e pela burocracia dos servidores públicos: o Estado como dotado do monopólio do uso da força e da violência institucional, portanto, comandante do aparato policial e militar (CHAUÍ, 1992, p.44).

Antes de prosseguir na cerca da função do Estado, é importante compreender o cenário moderno em que a classe trabalhadora se encontra, e os conflitos pessoais a que está envolta. A sociedade a partir do ponto de vista de Edgar Morin (1997), é definida pela presença da cultura de massa. Trata-se, para o autor, de “Intensa circulação de imagens, símbolos, ideologias e mitos, que dizem respeito tanto à vida prática, quanto à vida imaginária” (MORIN, 1997, p. 32).

As opções são inúmeras; as atividades em processo não cessam. Culminam para o que Castells afirma ser “uma forte desorganização da personalidade, o que explica a progressão do crime, do suicídio, da corrupção, da loucura, nas grandes metrópoles” (CASTELLS,1983, p.130-131).

Na perspectiva de Simmel (1973), o excesso de estimulação psíquica pela complexidade incomensurável da vida nas metrópoles, afeta o indivíduo na sua subjetividade ao gerar crises de personalidade. Assim, a sociedade, no ambiente urbano, diferente do sentido de comunidade, não o acolhe: ela ativa nos cidadãos mecanismos de indiferença perante as mazelas cotidianas. É o que podemos entender por tipo urbano. Eisner (2009), de forma exemplar, ilustra tais contradições como se vê no quadrinho da vinheta, abaixo.

Figura 51: Quadrinho da vinheta “Passageiro Noturno”.



Fonte: Nova York, a vida na cidade grande, Will Eisner. 2009, p. 51.

A exposição cotidiana as situações como a ilustrada acima, se torna comum no ambiente urbano. O quadrinho é ilustrativo: mostra o estranhamento das relações face aos fenômenos sociais, em que o desviante força uma comunicação com o tipo urbano. Mostra que a invisibilidade dos desviantes é agravada a partir da sua individualidade negada como prática de liberdade. O “marginalizado” é tratado socialmente como um fantasma em meio à multidão. Quem se importa com ele? Quem se interessa pela sua história, sua vivência? Quem é ele? Por que não ser amigo dele? Ou simplesmente, por que não lhe prestar o mínimo de atenção como dado da sociabilidade humana?

A barreira imposta pelo senso comum perante a cultura da pichação, e aos desviantes de maneira geral, reside principalmente no imaginário coletivo difundido pelos grandes meios de comunicação aliados à elite, e, portanto, ao Estado. “Finalmente, o Estado não é o braço legal e o braço armado da classe dominante? Não está aí para servi-la?” (CHAUI, 1992, p.37). É possível encontrar na pichação uma crítica ferrenha ao sistema capitalista excludente e à falsa democracia, que raramente vai ao encontro das aspirações de que demandam as práticas cotidianas da periferia.

Morin (1997), ao discutir sobre as crises que a cultura de massa reproduz nos jovens, entende que uma parcela deles, a ala esquerda, está inserida no contexto “em que a destruição supera o consumo, em que se está muito perto das drogas fortes, do L.S.D., da denúncia dos valores oficiais, da contestação política”. Tais características se aproximam bastante do perfil de jovem pichador, todavia, por

coexistirem várias vertentes como expressão da cultura do picho, não é possível generalizar. Enquanto que a ala direita volta-se a “ausência quase total de divergência” (MORIN, 1997, p. 140).

Reforçar a ideia de que o pichador impõe formas de expressar, sem qualquer negociação, certas dúvidas e discussões. Afinal, o Estado também não impõe sobre a sociedade o que merece e o que não merece ser um dado da memória para mantê-la preservada? Chauí (1992) reitera a “[...] necessidade de inventar um outro museu, vivo e definido pela participação da própria comunidade que determina o que é e o que não é memorável e preservável” (CHAUÍ, 1992, p. 41).

No caso do monumento Tenreiro Aranha, a parcela dos frequentadores da praça que se permitem estar e ficar no ambiente, raramente se identifica com a estátua enquanto crença e imagem do autoritarismo. Se a população não a preserva, da maneira que seria agradável aos olhos do Estado e das instituições, é porque nunca houve um diálogo com a sociedade; o Estado nunca se deu ao propósito de saber do povo o que ele realmente quer preservar, mantendo-se como um dado da memória.

Se esta medida fosse antes simultaneamente consultada junto ao povo, talvez o Tenreiro Aranha não estivesse ali instalado, com a visibilidade correspondente ao pedestal de 6,00 metros de altura. Estaria ali certamente um símbolo ou personalidade que se aproximasse da realidade dessas pessoas face ao fator da identificação que o designaria como imagem aprovada ao sabor da vontade popular. O signo que a escultura traz consigo é, para muitos, fraco de sentidos e significados; é vazia e, por isso, precisa de um novo significado, um outro sentido. É aí que entra a pichação como forma de ocupar ou preencher essa lacuna. Chauí (1992) é enfática ao observar:

O Departamento do Patrimônio Histórico vem discutindo e questionando as propostas e práticas dos órgãos federais e estaduais de preservação do patrimônio histórico, na medida em que operam com noções de identidade nacional e regional, com a consagração do consagrado pelo Estado e pelos símbolos de poder constituído, sem que os cidadãos se reconheçam naquela identidade e nestes símbolos celebrativos (CHAUÍ, 1992, p.41).

Logo, pode-se concluir que tanto o monumento Tenreiro Aranha, quanto a própria Praça da Saudade que o abarca, tem seus sentidos e significados determinados a partir da experiência que a comunidade toma para si.

Sem um sujeito capaz de atribuir significado, o objeto não quer dizer nada; ele apenas é. A apreensão de todos os fatores citados deriva da relação entre usuários e artefactos, numa troca de informações e atribuições que se processa de modo contínuo. Em última instância, é a comunidade que determina o que o artefacto quer dizer (CARDOSO, 2012, p. 62).

A partir desse entendimento, fica claro o alto potencial que o povo exerce sobre o que é público no espaço urbano, pelo próprio nome da praça, cuja denominação oficial, “Praça 5 de Setembro”, nunca funcionou. A população, de maneira geral, por si só foi incapaz de assimilar o fato de a Praça servir como homenagem a Tenreiro Aranha por ter concretizado um fato histórico: a Elevação do Amazonas à Categoria de Província. O que “pegou”, na verdade, foi a *Saudade*, pelo simples fato da Praça estar localizada de frente para onde era antes: um cemitério.

Assim, é possível compreender o monumento Tenreiro Aranha e a Praça da Saudade como organismos vivos, visto que ambos possuem memórias atreladas à sua história e capazes de sofrer modificações pelo meio às mudanças próprias de seu tempo. Como visto anteriormente, a própria pichação é um fenômeno capaz de alterar o significado do artefato, tanto no monumento quanto no vagão do trem de Eisner (2009). Afinal, a pichação é capaz de construir visão singular, visto que estabelece relações com o ambiente em que vive. E é aí que entra o conceito de Umwelt, citado Greiner (2005):

Uexkull considera o Umwelt como uma propriedade que diz respeito ao modo como uma referida espécie constrói o seu mundo na relação com o ambiente onde vive. Ou seja, as espécies vivas, da bactéria ao homem, não são corpos-maquinas, mas sujeitos aptos a construir um mundo singular a partir das complexas relações que estabelecem com o ambiente em que vivem (GREINER, 2005, p.38).

Por isso, a memória exerce papel fundamental no que se diz respeito à preservação e a construção de outras maneiras de enxergar o corpo que o monumento incorpora e representa. Todos estes aspectos culturais somados ao ambiente físico em que o monumento se encontra, acentuam o caráter performativo que se desenvolve junto às mudanças exercidas no espaço público. De acordo com Greiner (2005):

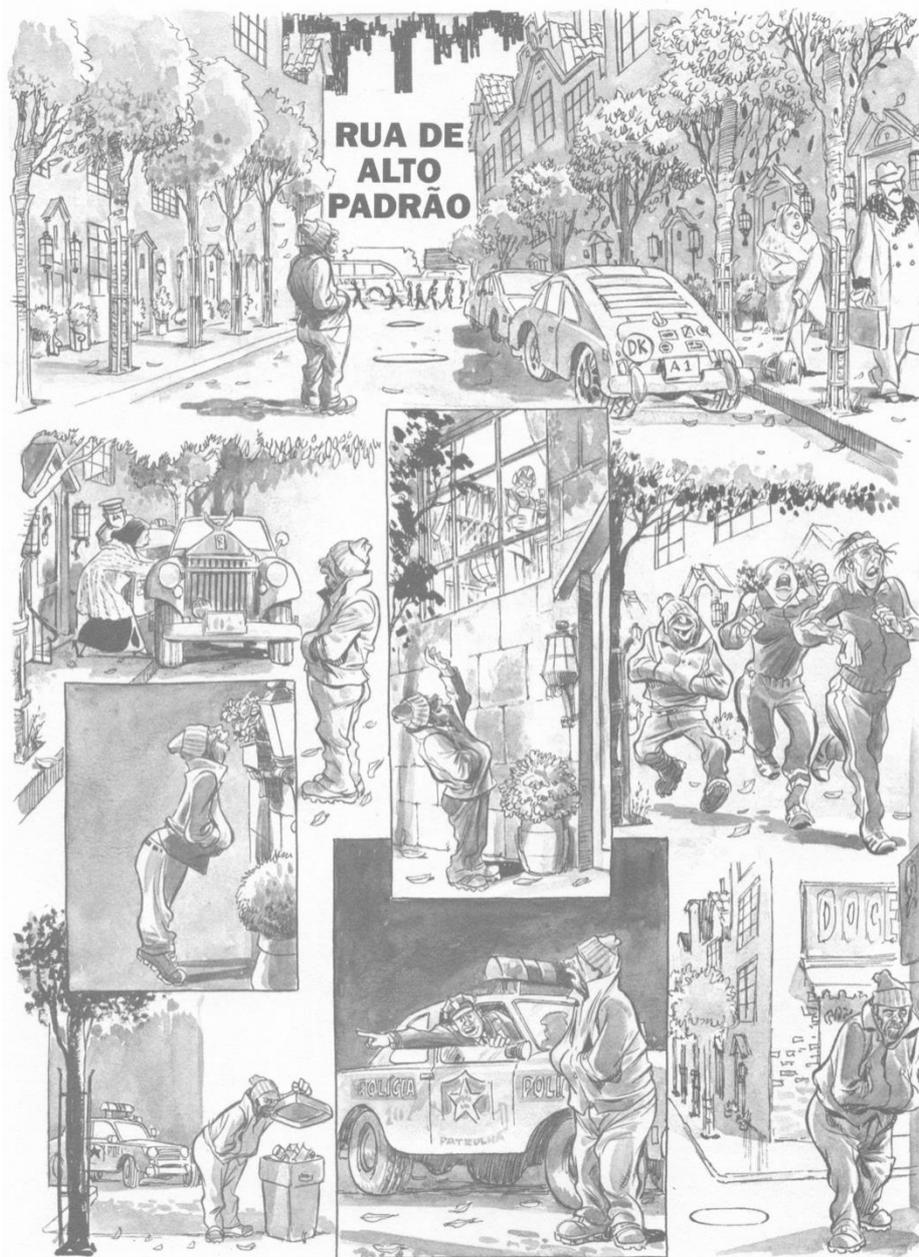
É importante observar que o tipo de performance de um corpo depende sempre da estrutura do sistema, na relação com o ambiente (construção do Umwelt) e na forma como a memória se manifesta, já que a memória é também uma propriedade sistêmica e é fundamental para sobrevivência do vivo (GREINER, 2005, p.40-41).

Não obstante, ao encarar a pichação como “desenhos que não fazem sentido e frases que não dizem nada” (segundo a dona de casa, Gisele Park, 29, em entrevista dada ao portal Acrítica/2017: “Pixações causam prejuízos a donos de imóveis na av. Getúlio Vargas, em Manaus”. Isto implica reduzir a importância desta expressão tão libertária e que tem tanto a dizer sobre a maneira se vive numa sociedade sob a lógica capitalista. Contrário à opinião de Gisele Park, Prado, assevera: “Essa arte de rua crítica, posicionada e impactante é gratificante para a alma revoltada e enclausurada do pixador” (PRADO, 2016, s/p.).

O emaranhado de interpretações acerca das pichações, e neste caso específico, no monumento Tenreiro Aranha, proporciona um olhar ecossistêmico ao fenômeno, devido à complexidade de opiniões a respeito e explicitado ao longo deste ensaio. Trata-se de compreender as relações com os diversos segmentos que abrangem a sociedade: Estado, classe trabalhadora e a elite emergente.

Por se tratar de um espaço que engloba culturas desviantes (para evitar o termo “marginalizado”), é notável a repulsa com que a elite local carrega, por vezes, ao evitar visitas ao local. Pobres e ricos dificilmente ocupam o mesmo local, uma vez que a polícia e os órgãos controladores da sociedade servem maioritariamente à elite e a segregação provinda pelo medo, como é possível observar no quadrinho ilustrativo abaixo (WILL EISNER, 2009).

Figura 52: Quadrinho retirado do livro Nova York: a vida na cidade grande, de Will Eisner.



Fonte: Eisner, 2009, p. 152.

A Praça da Saudade serve, em última instância, como local para abrigar o morador de rua, expulso ou negado por uma elite que exhibe alto padrão de poder aquisitivo, resguardada por policiais na condição de vigilantes da ordem. A propósito, a imagem descrita pelo policial no quadrinho acima, confirma os fatos ao identificar o submundo exposto em espaços culturais, propícios aos desviantes: prostitutas, pichadores, moradores em situação de rua, vendedores ambulantes, traficantes de entorpecentes etc. A espetacularização do espelho mídia se expõe

aos olhares de um outro mundo diferenciado da maneira como os diversos segmentos usufruem do espaço público, exercendo suas performances sociais a fim de demarcar o ambiente como territorialidade específica dessas designações a que foram taxadas, rotuladas. E também pelo fato de a Praça e o seu entorno não representarem interesse da elite local, como prevê a exibição das redondezas comumente simbolizadas em peças teatrais, via de regra, exibidas no Teatro Amazonas; símbolo da fartura econômica que o período áureo da borracha trouxe ao Estado.

Fica claro aqui que a Praça e aquele monumento celebrativo atendem como um corpo complexo, sistêmico e vivo capaz de sofrer mutações. São como células capazes de alterar o meio corpóreo em que vivemos: tudo está interligado. A pichação, aqui, é compreendida como um sintoma da doença que a modernidade traz consigo. É uma maneira silenciosa e, por vezes, incompreensível de expor ou de escancarar problemas silenciosamente guardados no baú do esquecimento. Greiner (2005) afirma que:

Para Prigogine todos os vivos são dissipativos, tudo que dizemos, as informações do ambiente, nosso sistema de conhecimento, nada disso é imutável. Tudo que é vivo deve coabitar com a desordem e a instabilidade. Não há escolha, esta é a natureza do vivo. Assim, no que diz respeito ao corpo, para estudar um regime de atividade corporal é preciso estudar a estabilidade e a instabilidade que, em certas circunstâncias, têm uma configuração e em outras já são modificadas (GREINER, 2005, p.39).

O que torna comum ao ambiente em que o monumento se localiza e serve de espetacularização ao espelho mídia são os fenômenos que passam ao largo dos interesses do Estado em promover ações que dignifiquem o espírito humano, historicamente marcados pelos fenômenos que perpassam o cotidiano da Praça da Saudade: a pichação, a prostituição, venda de drogas, entre outros.

O quadro, como visto ao longo deste estudo, encerra uma paisagem dramática, tamanha a desordem por parte do Estado quanto ao abandono ou esquecimento atribuído àquele espaço público. Possivelmente a entropia residiria em ordenar o caos ali instalado. Todavia, imagina-se, caso um dia a praça fosse esvaziada; deserta, sem os corpos desviantes realizando suas performances, isso, sim, seria preocupante. Talvez, a verdadeira entropia, aos olhos do poder local, implicaria no sumiço dessas relações, alterando toda a dinâmica desse ecossistema.

Enfim, o que se convencionou entender como desequilíbrio social, ao contrário, trata-se de algo tomado em comum na esfera da sociabilidade tecida por redes que se traduzem na rotina do cotidiano, no noturno. A “solução” é muito mais densa do que simplesmente limpar, expurgar essas *gentes* do espaço Praça da Saudade ou dela apagar os traços das pichações para assim preservar, quem sabe, tornar incólume o símbolo em homenagem a Tenreiro Aranha.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Soava como uma premonição. Um presságio. Revirava-me o estômago pensar que um dia o sentimento daquela praça poderia me sucumbir a ponto de estar hoje, aqui, pesquisando esse espaço tal como o lugar na cidade que abriga este sentimento. Sabia, desde pequeno, que era um sentimento misto tomado pelo medo, mas não fazia ideia do que me esperava. Medo por já imaginar a *passagem* de meus pais e a saudade que ficaria em mim, impregnada! Assim, aos meus olhos, a Praça da Saudade era vista como uma praça bucólica, triste. A *saudade*, para mim, naquela época, se referia a um sentimento de tristeza profunda e eterna.

Revisitar minha infância foi a princípio o começo de tudo. Vasculhar minhas memórias, perdas e ganhos condensaram no meu imaginário o que buscar para esta dissertação. Contudo, para formulação de questões sobre o ecossistema comunicacional da Praça da Saudade precisava encontrar não só em mim, mas em quem está à minha volta, ou seja, a partir das experiências vividas ali, de fragmentos e ruínas destas cidades invisíveis concebidas na imaginação e memória de cada habitante da cidade.

Dar conta de reestruturar o invisível, aos meus olhos revelou-se como processo complexo de justaposição de memórias, histórias, notícias e reformas urbanas passadas. Consciente de informações previamente estabelecidas, sentimentos e emoções afloraram em mim no decorrer da pesquisa, não só por intermédio de memórias acessadas, tanto minhas, quanto dos entrevistados, como também pelas notícias veiculadas a respeito da Praça.

A Praça da Saudade, triste e cruel, como descrita nos jornais da cidade, não faz ideia da secreta felicidade escondida por entre olhares de quem a vive. Para cada geração da praça, existe uma cidade invisível, sepultada. Capturadas pelo espelho mídia, estas cidades são outras cidades; distorcidas e, portanto, diferentes. Todavia, trata-se da mesma cidade, ou seja, é uma porção dela mesma, reduzida, simplificada e diferente.

Já adulto, em meados de 2015, voltei a frequentar a Praça. Desta vez, por motivos óbvios, não mais acompanhado dos meus pais e, sim de amigos e amigas. Agora, nosso cotidiano era permeado pelas longas conversas nas mesas dos bares, pelos encontros e carinhos partilhados. Como bem narra Uýra, “a praça era um local

de encontro de muitas *bichas* afeminadas, travestis e *drags*”. Encontrávamos paz naquele lugar repleto em diversidade: um misto de nossas múltiplas formas tão peculiares de sermos, movidos pela segurança que uma exercia perante a outra e do cuidado que, entre si, desfrutamos.

No entanto, à medida que o tempo passava, mais a Praça tomava proporção colossal ao atrair um vasto contingente de pessoas. Era festa em todos os bancos, canteiros e jardins. A rua então era lotada, não tinha mais onde sentar. O entorno ditou seu rumo, já que hoje a Praça não oferece infraestrutura necessária para prover cultura.

Este processo resultou no painel de notícias, registradas na Figura 4 e serviu de portal para a contranarrativa acionada pelo espelho mídia. A pesquisa se inclinou em desvendar o que estava mascarado, latente, mal iluminado, ofuscado. Com intuito de apresentar ao leitor não só fragmentos da Praça, mas vários aspectos que fomentam a imaginação acerca destas ruínas, nos propusemos a pesquisar sobre a história documental da Praça e, por conseguinte, para ambientar a cidade, a história oficial do estado do Amazonas e de Manaus. Ao conectarmos estas informações à complexa rede ecossistêmica - tal qual aquela martelada simbólica proferida pelo então prefeito, Serafim Corrêa -, ao olhar desta nova perspectiva, isto permitiria a construção de uma outra narrativa sobre a Praça. Essa iniciativa quanto a trazer algo novo se distancia do olhar simplificador e rotulante do espelho mídia, que contrário a esta ideia estigmatizante, permitiria fornecer as reais possibilidades de vida na Praça.

Assim, o estudo sobre a origem das praças facilitou a compreensão no tocante ao respeito e importância que o estudo projeta no nosso imaginário; dos desejos que moldaram o espírito do tempo e alavancaram a abundância de temporalidades referentes ao mesmo local: a Praça da Saudade. Por facilitar a compreensão, as informações e imagens adquirem a morfologia ecossistêmica de raízes e caminhos que incentivam examinar as teias invisíveis que cercam e abarcam o contexto urbano.

De modo específico, o caminho percorrido nos leva ao encontro de questionamentos a respeito de outras Praças da Saudade no Brasil e o que a maioria delas tem em comum, como visto na Figura 14. O fato de 45 praças terem sido erguidas de frente aos cemitérios impulsiona a pesquisa a desvendar mais

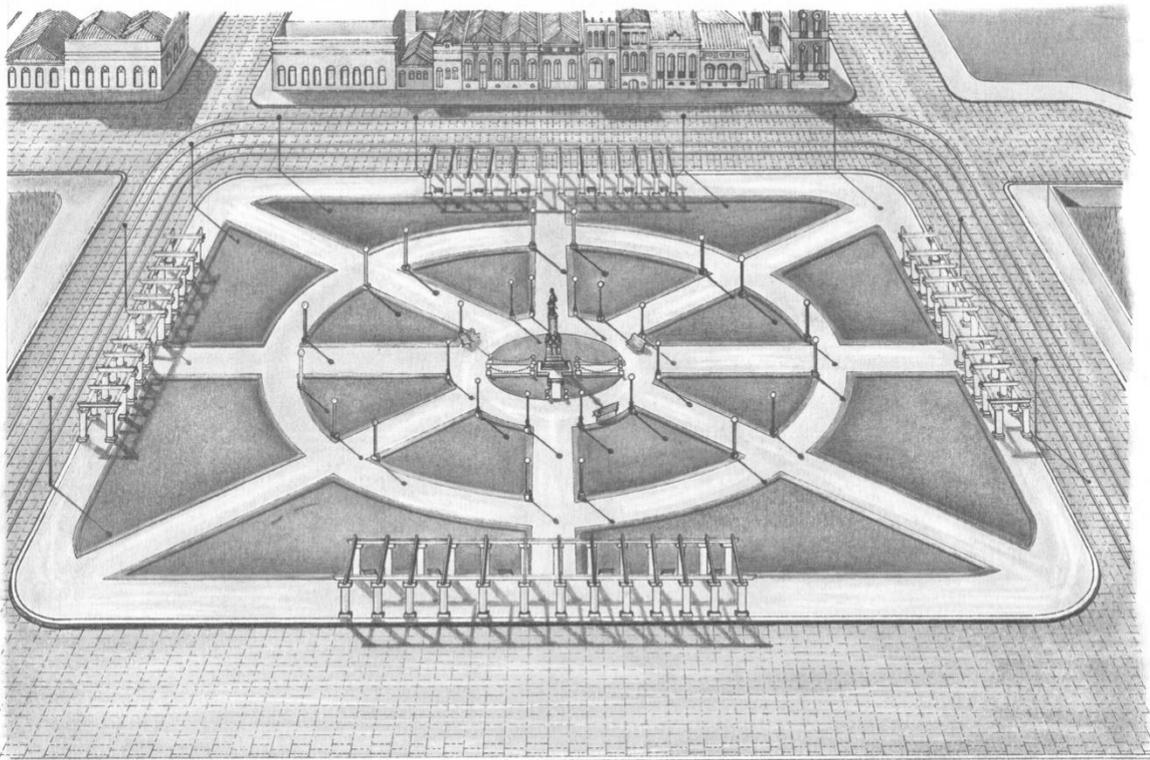
mistérios e segredos adormecidos nas profundezas do solo. Porém, o objeto da pesquisa é a Praça da Saudade em Manaus, logo, um estudo sobre Praças da Saudade no Brasil abre uma gama de perspectivas para futuras pesquisas e estudos que busquem, de maneira geral, compreender a função e o sentido atribuído às Praças da Saudade no Brasil.

Neste estudo, a história da Praça da Saudade em Manaus foi metodologicamente dividida em camadas de acordo com o tempo em que as reformas foram instauradas. No total, foram cinco reformas e seis subcamadas, pois levamos em consideração os 67 anos em que a Praça era somente um terreno descampado, ou seja, tratava-se, nesta época, de uma praça espontânea, que surge da necessidade e do desejo dos habitantes de Manaus. Somam-se 155 (cento e cinquenta e cinco) anos do marco zero do sentimento da saudade na cidade.

A seguir apresentamos como resultado desta pesquisa, ilustrações da Praça desenhadas à mão pelo artista Elvis Esteban, correspondentes às cinco reformas realizadas na Praça. As cidades invisíveis construídas a partir da memória do cotidiano e da ficção que o acompanha serão expressas em desenho, pintura e respectivas notícias a cada camada da Praça soterrada. Caminhamos dialogando com essas duas formas de linguagem: verbal e não-verbal.

O projeto original da Praça da Saudade, como visto na Foto 1, é representada abaixo. Em 1932 Manaus recebeu seu primeiro projeto urbanístico, alterando o contexto urbano com a passagem da praça espontânea para a praça formal. Os elementos urbanos que caracterizam a formalidade da Praça, tais como os passeios, canteiros de jardins, caramanchões e o ápice do caráter formal: a instalação do monumento em homenagem a Tenreiro Aranha, o primeiro presidente da Província.

Figura 53: Ilustração da Praça da Saudade após a reforma de 1932



Fonte: Elvis Esteban (2020).

A presença dos trilhos do bonde, das ruas de paralelepípedos e bangalôs configura essa dimensão da temporalidade que Manaus atravessou. As notícias sobre a Praça como visto no ANEXO I, fazem menção à Praça como espaço, não só do lazer, mas também do momento cívico, patriota e extremamente formal que valoriza as autoridades governamentais e demarca, na cidade o lugar para a obediência e rigidez das leis e normas que regem a então recém-formada República.

A notícia veiculada no Jornal do Commercio sobre as solenidades comemorativas da Semana da Pátria ganha destaque no noticiário e menciona a Praça da Saudade, uma vez que ela mesma serve de espaço para esta prática. No painel de notícias dos anos 30 (ANEXO I), é possível perceber: a imagem de um indígena do lado esquerdo, olhando como quem admira a justiça, bem como se percebe a estátua de uma mulher branca em altura acima do indígena, estando este posicionado ao lado direito da ilustração com a silhueta de Dom Pedro II, certamente fazendo referência ao mito da Independência do Brasil.

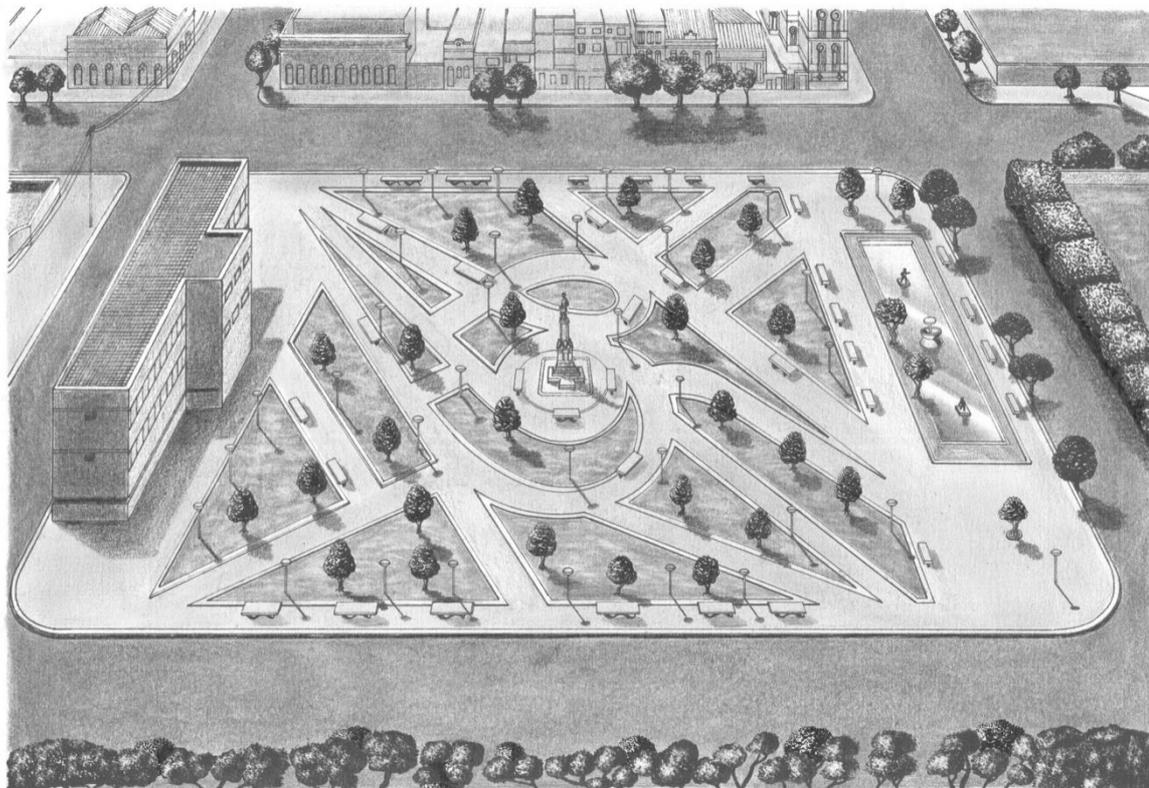
O Dia da Bandeira, comemorado em 19 de novembro de 1937, foi mais uma data comemorativa celebrada na Praça. Notamos aqui a incompatibilidade entre a

escolha do nome da Praça como preferência do povo sob a designação de “Saudade” e a maneira como os criadores da regra, aliados aos impositores destas regras impregnam, no imaginário dos habitantes ao vincular o nome da Praça de “Cinco de Setembro” em alusão à elevação do Amazonas à Categoria de Província. Esta supervalorização a respeito da qual a cidade deve seguir, obrigatoriamente, à ordem e ao progresso, revela o caráter autoritário com que os governantes impõem seus símbolos à nossa história, elegendo-os a seu bel prazer rotulações a esses heróis. Assim, ficam patenteadas quais as imagens que devemos venerar e identificar como parte de nós mesmos.

Manaus, estagnada economicamente em decorrência do declínio daquele período áureo da borracha, a cidade volta-se à procura de referências próprias rumo ao que se convencionou chamar de *modernidade*. A função da Praça volta a atender às necessidades modernas do homem privado. Por isso o então governador, Gilberto Mestrinho, decide instalar, no perímetro da Praça, o prédio do Palácio da Cultura, popularmente conhecido como “o Prédio da SHAM”.

A partir dos anos 60, conforme registrado nos jornais (ANEXO I) nota-se a expressão de descontentamento popular como reação às normas até então estabelecidas pelas autoridades locais. Com a manchete “Subúrbio e Centro danificados em seus canteiros dos jardins”, a matéria revela o caráter destrutivo da população, que começa nos primórdios a demonstrar desinteresse em preservar o que supostamente é do povo: a Praça. Impiedosamente as pessoas passam a pisar sobre as gramas e flores de nossos logradouros públicos “enfeitando-os”. A imagem abaixo (Figura 54) retrata a Praça da Saudade como antes nunca registrada. Trata-se do trabalho artístico de Elvis Esteban, que expressa grande sensibilidade ao reconstruir essa Praça a partir de algumas fotografias que não propiciavam esta visão de topo.

Figura 54: Ilustração da Praça da Saudade após a reforma de 1962, demarcando o início da segunda camada histórica.

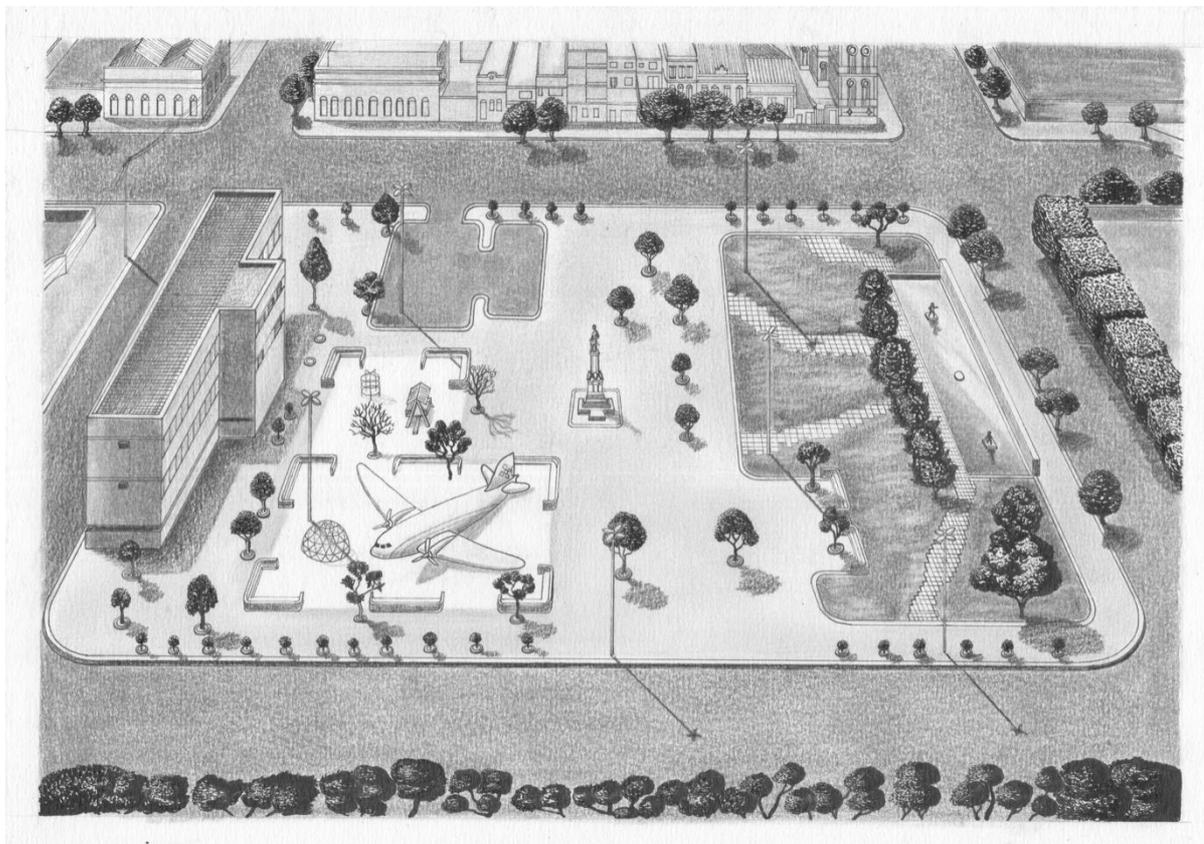


Fonte: Elvis Esteban (2020)

Dividida em três setores: prédio, passeios e espelho d'água, a Praça teve, pela primeira vez, seu desenho urbano totalmente renovado. Uma espécie de visual idealizado como “futuro para a cidade”, rompendo com a memória do que ficou no passado. Com a construção do dito Palácio da Cultura, o Atlético Rio Negro Clube foi atingido com esta reforma ao perder a visualização da bela paisagem que outrora servira de cartão postal da cidade: a Praça da Saudade.

Pouco tempo depois, a Praça, em 1975, durante o governo municipal de Jorge Teixeira, como consta no ANEXO II, passa a ser popularmente conhecida como “Praça do Avião”. Isto devido ao fato de que a cidade, influenciada pela expansão da Zona Franca de Manaus, volta-se a vislumbrar a paisagem urbana moderna, perdendo parte de sua área para construção de um estacionamento, visando atender aos motoristas trabalhadores do prédio da SEDUC (antigo prédio do Palácio da Cultura).

Figura 55: Ilustração da Praça da Saudade após a reforma de 1975, muito conhecida popularmente como “Praça do Avião”.



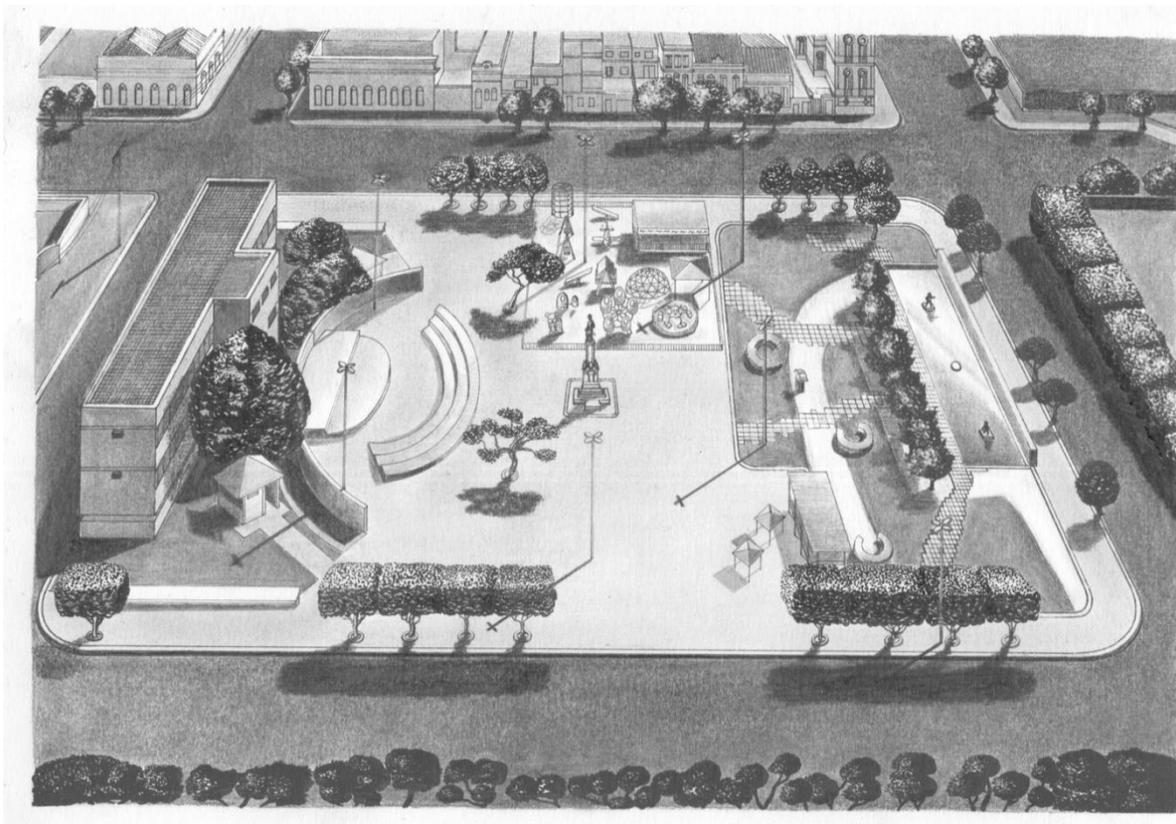
Fonte: Elvis Esteban (2020).

A partir deste projeto urbanístico, as crianças daquela Manaus ganham na Praça um lugar para entretenimento e diversão, com alguns brinquedos. Todavia, ainda carrega em seu uso o sentido formal, cívico e patriótico como descrito nos jornais dos anos 70, no ANEXO I, sendo referenciada como “Centro das Bandeiras” pela mídia, conforme visto na Foto 34. A expansão do comércio automobilístico crava sobre o cimento a contemplação da paisagem urbana já modificada, distante dos trilhos dos bondes e já mais próxima do senso de sociedade e modernidade, onde predomina a indiferença a terceiros e rapidez das relações no contexto da cidade.

A penúltima reforma da Praça inaugura um novo uso, um novo desejo de cidade contemporânea que busca por aparatos culturais para satisfazer o ser cultural ao mesmo tempo em que dá continuidade aos espaços de lazer dedicados à infância. Em 1986, ganha, durante a gestão municipal do então prefeito Manoel

Ribeiro, o anfiteatro, tornando possível o uso do local para fins artísticos, teatrais além de feiras indígenas, encontros de capoeiristas, entre outros.

Figura 56: Ilustração da Praça da Saudade após a reforma de 1986.



Fonte: Elvis Esteban (2020).

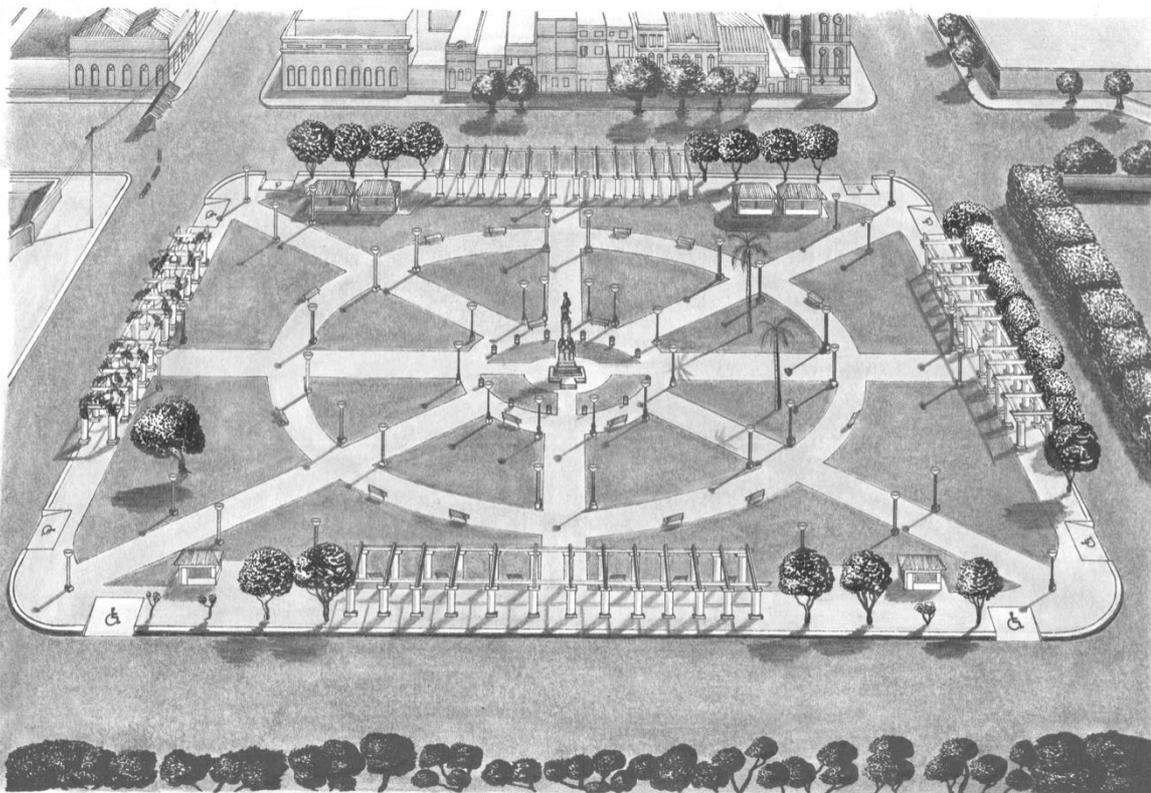
A sub-camada acima pertencente à segunda camada histórica da Praça da Saudade é o período em que mais foi citada no Jornal do Commercio, como visto no ANEXO I. Além da predominância do direito ao lazer e cultura, passa a revelar para a cidade o começo dos crimes na Praça, praticados por desviantes infratores, em sua maioria, menores de idade, como exemplo, o “Festival da Maconha”. A mídia clama nas matérias por intervenção urgente dos impositores da regra. Entra em cena a força policial e os jornais estampam em suas manchetes clamores ao referir às carreiras desviantes: “São urgentes medidas repressivas e impõe-se um policiamento ostensivo e permanente. De outra forma, a Praça da Saudade poderá vir a tornar-se mais um covil ou QG para bandidos e viciados” (notícia veiculada em 4 de setembro de 1980, no Jornal do Commercio, conforme ANEXO I).

Daí em diante, os jornais passam a pedir para que Manaus “volte a ser a ‘Cidade Sorriso’” e solicitam que os governantes tornem Manaus mais humana, por se tratar de um compromisso com o futuro. Esta subcamada da segunda camada apresenta várias notícias com destaque aos eventos que a Praça abarcava, como a primeira Festa da Solidariedade no Dia Mundial da AIDS, em 26 de novembro de 1989; a festa do Dia das Crianças em 12 de outubro de 1989; a Feira Livre de Arte em 1 de junho de 1984; celebração do Dia da Mulher na data de 8 de março de 1989 e o Festival da Canção Popular, em 24 de agosto de 1989 (ANEXO I).

Adentramos aqui uma nova temporalidade, que já se mantém distante dos valores e tradições antigas e abre margem à desobediência, quanto ao questionamento sobre o porquê se deve seguir tais ordens, além de alteração nos valores, uma vez que as mulheres passam a “assumir posições que antes eram somente prerrogativa dos homens” (ANEXO I).

Entre os anos 1990 e 2000 há uma gama de notícias a respeito de eventos culturais celebrados no espaço da Praça, embora Manaus estivesse passando pelo fenômeno “galeras”. Na fala dos entrevistados testemunha-se que a violência não toma tanta ênfase quanto na terceira camada.

Figura 57: Ilustração da Praça a Saudade após a revitalização de 2010, com a retomada do projeto original de 1932.



Fonte: Elvis Esteban (2020)

Por entre esses passeios na Praça da Saudade, foi possível verificar que foi se alterando seu uso e sentido: de uma praça espontânea, resultado do acaso e do desejo da população, à praça moderna; da praça moderna à praça cultural que, por fim chega à terceira camada, adquirindo características de revitalização da Praça ao projeto original.

Ao escavarmos todas estas camadas e retornarmos à superfície, nos valem das entrevistas, acionadas pela pesquisa, para gerar conteúdo que chegou à memória das pessoas que vivem a praça: artistas, vendedores ambulantes e pessoas em situação de rua. O estudo do desvio entra em cena ao possibilitar outra maneira de compreender suas vidas sem necessariamente se ater a explicar a razão do fenômeno *desvio*.

No que se refere aos estudos do *desvio*, fica aqui uma pequena contribuição, se levarmos em consideração o universo em que cada personagem está inserido, afinal, são infinitas as possibilidades de pesquisar e aproximar estas vivências tão

únicas e extremamente profundas e, portanto, promissora para investigação acadêmica; conteúdo suficiente para novas pesquisas que se dediquem a estudar estas *carreiras desviantes* no espaço da Praça da Saudade.

A visão epistemológica que a pesquisa acionou, organiza uma maneira de compor o ecossistema comunicacional da Praça da Saudade, ao englobar vários símbolos, sentidos e significados que pertencem ao cotidiano na cidade. Por isso surge a premente necessidade de questionar sobre o espaço tanto da Praça quanto da cidade em si. Trata-se do compromisso político quanto a aproximarmos culturalmente os povos indígenas dos locais públicos. Ao estabelecermos uma relação dialógica entre anseios populares, a ciência e a academia, certamente cairá por terra o fadado ciclo da branquitude ao reafirmamos a valorização dos saberes ancestrais como indispensáveis para o aprendizado, tendo em vista o acúmulo de conhecimento historicamente construídos por esses povos.

Como visto anteriormente, na origem das praças, os povos originários foram responsáveis por arquitetar nos núcleos centrais de suas aldeias, espaços de convivência coletiva para celebração de rituais. Carregamos essa herança cultural em moldar cidades que abriguem a coletividade para manutenção da cultura de acordo com o espírito do tempo vigente.

Os povos indígenas em destaque nesta pesquisa são compreendidos como autores de fontes urbanísticas, responsáveis por planejarem extraordinária arquitetura, enquanto exemplo implacável de convivência social e posteriormente, urbana. É valorizar e dar importância aos verdadeiros donos desta terra, desta cidade, por exemplo, que na atualidade recebe daquela raiz o nome de Manaus. Nada mais do que justo que se preserve ou instaure na cidade monumentos relacionados àquela memória ancestral.

No lugar desta memória ancestral foi imposta a idolatria à imagem de homens brancos, europeus que invadiram nossa terra, praticando formas de genocídio cultural de nações indígenas. Saberes que foram soterrados e ignorados na construção da cidade ao notarmos esse gesto incômodo perante o vazio escavado, como pondera a artista plástica Bernadete Andrade (2002), para quem a cidade tem sido injusta com seus habitantes ao apagar as luzes do caminho do conhecimento de suas origens.

O caminhar pela cidade nos basta para compreendermos a respeito dessa ponderação, pois, as ruas, praças e monumentos, por exemplo, fazem alusão direta a aspectos que excluem do contexto urbano a ascendência indígena. A exemplo, as denominações de prédios ou logradouros públicos, via de regra, distanciam-se dessa identidade ao incorporarem nomes, como: Palácio Rio Negro; Rua Frei José dos Inocentes; Palácio da Justiça; Rua Monsenhor Coutinho; Praça do Congresso; Matriz de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, Roadway, o porto de Manaus; Teatro Amazonas, e assim por diante. Manaus carrega somente o nome em menção aos povos que aqui habitavam muito antes do processo de colonização. São por isso, originários.

Pode-se afirmar que Manaus foi construída sob o esquecimento da memória, incorporando, por excelência, valores outros pós-contato com o europeu. A arquitetura do processo metodológico deste ensaio científico busca evocar a memória por entre fragmentos e indícios, deste tempo imorredouro que, segundo Andrade (2002): “prescreve e funda esta cidade” (ANDRADE, 2002, p.25). Ao analisar a cidade e o tempo percorrido ao longo dessa trilha que demarca o caminho da pesquisa, podemos inferir que a cidade dos mortos precede e inviolavelmente sustenta o espaço sobre o qual habitamos: a cidade dos vivos.

Por via do método analítico a que nos dedicamos, concorda-se com Calvino (1990), visto que, a exemplo das cidades, estas praças invisíveis soterradas se moldam com o aparato da arte, cuja histórica real e tangível permanece viva em nossas almas. É uma chama de esperança que se ascende ao demonstrar que, por mais forte seja o processo de apagamento da memória, o que se propagaria supostamente invisível à nossa identidade, segundo Andrade (2002) “[...] estava vivamente inscrito no rosto, no ritmo da fala, nos costumes e nos traços marcadamente indígenas de seus habitantes” (ANDRADE, 2002, p. 48).

Daí o interesse e importância quanto à aplicabilidade do método científico, a exemplo do norteamento teórico proposto por Andrade (2002), ao exprimir em linguagem visual o processo dessas perdas, retomando à cidade o que nunca deveria ser perdido ou esquecido. Visando suplantar o *esquecido*, fez-se premente o conhecimento acerca de fontes históricas sobre a cidade de Manaus (ANEXO III). Os dados compilados pelo acesso à pesquisa digital permitiram obter informações contidas nos Relatórios da Província. Os registros informam e reafirmam violências

praticadas contra a população indígena, tendo como mandatário desses atos aquele que, endeusado, está atualmente referenciado através do monumento em destaque na Praça, sob a denominação: João Tenreiro de Baptista Aranha, o primeiro presidente da Província.

Como destacado nas páginas do Relatório a respeito da catequese indígena, Tenreiro Aranha os trata como animais selvagens e por isso, submetidos a serem civilizados pelos brancos que impuseram a religião cristã como única possibilidade de salvação da alma. É curioso que tais fatos, uma vez registrados em documentos oficiais, mesmo assim homenageia-se a imagem ali erguida que, por si, imprime na memória da cidade a simbologia de atrocidades cometida num sombrio momento de nossa história.

Rever certas posturas de cunho político no sentido de subverter o que nos é imposto, compete aos segmentos populares a missão de questionar, debater e propor mudanças significativas a lugares que por serem públicos pertencem ao povo.

A propósito, o Projeto de lei PL 404 de autoria da deputada estadual de São Paulo, Erica Malunguinho (PSOL) adiantou-se em comparação a Manaus por colocar em prática este desejo que emerge de manifestações e anseios populares (ANEXO IV). Como enfaticamente demonstrado na mídia, para além da cidade de Manaus, este grito ecoou ao redor do globo em protesto à violência estrutural. Assim, mesmo neste quadro epidêmico em que a COVID-19 se alastrou em escala mundial, o povo encontrou espaço improrrogável para derrubada e remoção de estátuas em homenagem a escravocratas, como é o caso de Bristol, Londres, Bruxelas, Virgínia, Boston e entre outras cidades em que o levante popular buscou com as próprias mãos, ir às ruas e acabar, de uma vez por todas, com esses tipos de atrocidade instaurada transversalmente por meio da representação sádica, racista e injusta que fere brutalmente os direitos humanos.

A propósito, a imagem imposta em homenagem a Tenreiro Aranha não faz jus ao que queremos ver na cidade, ao que queremos rememorar. Esta pesquisa quis, também, chegar mais perto das origens da cidade e da Praça da Saudade. Portanto, cumpre-nos suplantar o trabalho, a exemplo do arqueólogo que desenterra a mais profunda camada, aqui compreendida de sentimentos soterrados. O ANEXO IV confirma a necessidade de demandas urgentes para Manaus, prevê, portanto, seguir

esta linha de pensamento acerca de qual símbolo queremos ter para construção do nosso imaginário levando em consideração nossas origens.

Para ilustrar os argumentos aqui expostos, recorreremos à linguagem verbal, associada à visual. Assim sendo, a artista indígena trans Mendes Auá, produziu a ilustração abaixo, seguindo os preceitos aqui estudados e discutidos.

Figura 58: Ilustração artística e simbólica a respeito da terceira camada e a contextualização com o movimento “Black Lives Matter” de remoção de monumentos históricos em homenagem a escravocratas em várias cidades espalhadas pelo Globo.



Fonte: Mendes Auá (2020)

A ilustração acima, produzida em parceria com a artista multimídia Mendes Auá, teve a direção conceitual elaborada pela presente pesquisa. Ao lado direito da figura, podemos ver o brasão do Estado do Amazonas sendo carregado pela águia como um espelho quebrado. A figura na posição sentada, expressa o nivelamento no mesmo patamar da população à direita na escadaria, inversa, portanto, à posição autoritária do monumento de Tenreiro Aranha.

A figura do anjo situado à extrema direita do monumento representa o anjo mau da modernidade, que, com a espada de Tenreiro Aranha e as asas cortadas, cutuca a estrela da República que enverga e inverte a ordem. Afinal, trata-se da admiração e veneração à personagem responsável pelas atrocidades e com a qual a cidade tem que lidar. Enquanto isso, o anjo da esquerda dorme, em sono profundo, no local em que antes se encontrava Tenreiro Aranha; simboliza também a cena dramática que, segundo Debord (1997): “O espetáculo é o sonho mau da sociedade moderna aprisionada, que só expressa afinal o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guarda desse sono” (DEBORD, 1997, p. 20).

As páginas do livro que antes estavam ao lado de Tenreiro Aranha agora voam no céu, expondo o esquecimento a respeito do qual estamos fadados a enfrentar. As pichações no monumento expressam o momento atual da Praça, a reivindicar estas imagens desprovidas de sentido para a população que toma este lugar para nele se ver. Investigar e cruzar estes caminhos da pesquisa aliados à criação visual de conteúdo permite melhor absorção das ideias que estamos transmitindo a partir do ecossistema comunicacional da Praça da Saudade.

O último modelo da Praça trata de um projeto urbanístico que não leva em consideração os usos que a própria cidade faz dos seus espaços. A praça que antes detinha grande importância cultural virou um grande vazio. Colocou-se a retomada ao projeto original no presente; um esvaziamento e abandono da praça mediante a uma situação propícia à violência. Assim, dada a indiferença do poder público, a população nos diversos estratos e grupos ficou desfavorecida desse espaço privilegiado da Praça. Ao mesmo tempo, a Praça não parece ter sido assimilada pelos projetistas e pela própria cidade, a propósito de uma praça que nasce de frente ao cemitério. A meu ver, parece que a cidade não soube o que fazer, a população que faz uso parece não ter sido ouvida.

Compete a nós, pesquisadores, o exercício do ouvir. Procurar por entre sentimentos e aspirações qual o uso adequado para o usufruto da praça. Contrário ao que costumam fazer os agentes do poder público numa clara demonstração do que se fez nas reformas anteriores. Numa atitude autoritária, suprimiu-se o uso cultural a partir do que se convencionou chamar de revitalização. Ora, se revitalizar sugere dar *nova vida* a alguém ou a *algo*, pergunta-se: Que projeto de cidade se pretende conceder a alguém, cujo efeito deve necessariamente ir ao encontro no novo; do que se propõe como alternativa, neste caso, de embelezamento associado aos anseios de quem do espaço se favorece como vivência cultural? Contrário a isso, pela *nova* proposta, abriu-se um hiato mergulhado num fosso, num vazio. Mais uma vez a nossa experiência de cidade foi arrancada como se isso não fosse importante para a vida da cidade. É um soterramento de *gentes*, de memória, do espaço de vivência da cidade; um soterramento do ouvir sobre o que as pessoas se encantariam ao usufruir, culturalmente, enquanto usuárias do espaço público.

Daí ressalta-se a importância do método científico como um caminho que o pensamento percorre para, ancorado em procedimentos metodológicos aos moldes do que aqui se propôs como crítica, estabelecer uma contra narrativa ao espelho mídia criado pelos meios de comunicação. Por essa via, emergiu uma rede de complexidades, aqui interpretada através da dinâmica do ecossistema comunicacional.

Assim, o método de abordagem e os de procedimentos operacionais foram consubstanciados através do exercício proposto em contra narrativa e, assim, romper com o ofuscado espelho mídia. Tal percurso enriqueceu-se através do livre diálogo com autores aqui consultados. Foi esse exercício que deu sustentação aos argumentos expressos nas narrativas dos participantes da presente pesquisa, permitindo como isso consolidar discussões até então ausentes ou esvaziadas de críticas formuladas sobre a Praça da Saudade.

Exercitar essa costura, esse diálogo entre contribuições da ciência e saberes tradicionais/comunitários deu luz à análise e interpretação das narrativas. A partir daí, nivelaram-se formas de conhecimentos e saberes assimilados, conseqüentemente, conquistados ao longo deste processo que se propôs desvelar no espaço Praça da Saudade, tendo como marco analítico as trajetórias percorridas,

quais sejam: escavar memórias, histórias e sentimentos subjacentes ao que aqui denominamos de *camadas sobrepostas*.

A poesia ora registrada, certamente expressa essas memórias ao sabor da criação artística que, no seu conjunto, define histórias e sentimento: uma poética da cidade que em nós insiste habitar.

Sim: existe uma cidade em nós.  
Uma cidade tão singular  
Que se realiza apenas  
No plural: Manaos-Manaus.

Daí que a cidade – em si e em nós -  
Se dá e se torna de volta. Um dia sim,  
Outro dia, não. Feito um músculo  
Que se contrai ao sol  
e grita e grita e grita.

Como uma guitarra  
E não se ouve.

---

A cidade que existe em nós  
Tem saudades do futuro.

Não tem água que se acabe.

Mas isto é para quem viverá  
Não existem águas passadas.

---

A cidade que existe em nós  
Não se erigiu sobre  
Cemitérios e índios

---

Por falar nisso: já notou?  
Que o mundo se acaba ao seu redor?

Ninguém é de pedra.  
Só a cidade  
Que engana até a eternidade.

A cidade fabrica Bairros  
Quando não se suporta  
E não cabe em si mesma:

Aí, Manaus é Manoa.  
Aí, Manaus é Cidade Nova  
Aí, Manaus é Zumbi dos Palmares  
Aí, Manaus é Santa Etelvina  
-- a que morreu sem deixar herança  
Aí, Manaos é Manaus  
Uma questão de sentido  
Jamais a cidade que existe em nós

Existe uma cidade em nós  
que aprende a ter voz  
...palavra e sentimento.

Manaus as muitas cidades  
Aldísio Filgueiras (1987, p. 47-69)

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, José Vicente de Souza. Manaus: praça, café, relógio e cinema nos anos 50 e 60, / José Vicente de Souza Aguiar. – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002.

ANDRADE, Maria Bernadete Mafra de. **CIDADE MÍTICA: uma poética das ruínas ou a cidade vista pelo imaginário do artista**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.

BARBOSA, Walmir de Albuquerque; Lições sobre o cotidiano. Manaus: Valer/Fapeam, 2015.

BECKER, Howard S. [1963]. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENJAMIN, WALTER. **Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. 2.

BRANDÃO, Pedro. Ética e profissões no Design Urbano: convicção, responsabilidade e interdisciplinaridade. Traços da identidade profissional no desenho da cidade. Tese de doutorado defendida em Barcelona, em 2005. Disponível em: [http://www.tdr.cesca.es/TESIS\\_UB/AVAILABLE/TDX-0906105-121103//LIBRO\\_1.pdf](http://www.tdr.cesca.es/TESIS_UB/AVAILABLE/TDX-0906105-121103//LIBRO_1.pdf)

CALDEIRA, Junia Marques. **A Praça Brasileira: trajetória de espaço urbano – origem e modernidade**. Campinas, : [s. n.], 2007.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. tradução Diogo Mainardi. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANEVACCI, Massimo, 1942. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. 2 edição – São Paulo : Studio Nobel, 1997.

CAPRA, Fritjof e LUISI, Pier Luigi. A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sócias e econômicas. São Paulo: Cultrix, 2014.

CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo / Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CARVALHO, Fausto José de Oliveira; TAG - Assinatura estilizada. Risco. Rabisco. Pichação e grafite. Iconografia de uma estética incompreensível. Introdução ao estudo das representações figuradas do pictograma-signo Rio de Janeiro: Clube de Autores. 2013.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**; tradução de Arlene Caetano. – Rio de Janeiro: Paz e Terra 1983.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer / Michel de Certeau; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

CHAUÍ, Marilena. Política cultural, cultura política e patrimônio histórico. In DPH. O direito à memória. Patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: PMSP, 1992.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Patrimônio Histórico e Cidadania: uma discussão necessária**. In: O Direito à Memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo, DPH/SMC, 1992, p. 9-11.

DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas : As origens biológicas dos sentimentos e da cultura**. 1 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018

DEBORD, Guy, 1931-1994. **A sociedade do espetáculo**. tradução Estela dos Santos Abreu. – Rio de Janeiro : Contraponto, 1997.

DOMINGUES, Ivan. Conhecimento e transdisciplinariedade. Belo Horizonte : Editora UFMG; IEAT, 2001

DUARTE, D.M. **Manaus entre o passado e o presente**. Manaus: Ed. Mídia Ponto Comm, 2009.

DUARTE, Eduardo. Desejo de cidade - múltiplos tempos, das múltiplas cidades, de uma mesma cidade. In: PRYSTHON, Angela (org). Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporâneas. Porto Alegre: Sulina, 2006. p.100- 114.

EISNER, Will. Nova York: a vida na cidade grande / Will Eisner ; tradução de Augusto Pacheco Calil. – São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio . **Modelar a cidade**. In: Ferrara, Lucrecia D'Alessio, Org.; Duarte, Fábio, Org.; Caetano, Kati Eliana, Org. Curitiba: do modelo à modelagem. / Organização de Lucrecia D'Alessio Ferrara, Fábio Duarte e Kati Eliana Caetano. – São Paulo: Annablume; Curitiba: Champagnat, 2007.

FERRARA, Lucrécia D'Allessio. **As Máscaras da Cidade**. Dossiê Cidades, n. 5, pp. 3-10, mar.-mai./1990.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: SESC: Annablume, 1997.

GREINER, Christine. **Corpo (o): pistas para estudos interdisciplinares**. São Paulo, Annablume, 2005.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

MENEZES, Alík. Pixações causam prejuízos a donos de imóveis na av. Getúlio Vargas, em Manaus. Portal Acrítica, 29/12/2017 às 10:47. Link:

<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/pixacoes-causam-prejuizos-a-donos-de-imoveis-na-av-getulio-vargas-em-manaus>

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX: neurose**. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha – 9.ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1997.

\_\_\_\_\_. O método 4: habitat, vida, costumes, organização. Trad. de Juremir Machado da Silva, 3º Ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MOURTHÉ, Cláudia. **Mobiliário Urbano** – Rio de Janeiro: 2AB, 1998

NASCIMENTO, Maria Evany do. Do discurso à cidade: políticas de patrimônio e a construção do espaço público no centro histórico de Manaus. 2014. Tese (Doutorado em Design). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Nascimento, Maria Evany. **Patrimônio e Memória da Cidade: monumentos do centro histórico de Manaus** / Maria Evany Nascimento. – Manaus, 2003.

PRADO, Rafael Romo. O encantamento anárquico dos Pixadores: Transfigurando o espaço urbano desprovido de cultura. Cultura Livre SP, Página dos alunos de jornalismo da PUC-SP

RILKE, Rainer, 1875 – 1926. Cartas a um jovem poeta e a canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke / Rainer Maria Rilke: tradução Paulo Rónair e Cecília Meireles – São Paulo: Globo, 2003

SILVEIRA, Leonardo Lucena Pereira da. **EM BUSCA DO TEMPO QUERIDO**: Um estudo antropológico da Saudade. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SIMMEL, Georg. 1973 [1903]. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

SODOMA, Uýra. **Contos de Vida e Norte**. Webserie. <https://www.facebook.com/contosdevidaenorte/>

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis : afeto, mídia e político**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2006.

**ANEXOS**

Anexo I – Pannel de Notícias Jornal do Commercio.

# Jornal do Commercio

## Anos 30

**Encerram-se hoje as solemnidades commemorativas da Semana da Patria**

Foi inaugurado oficialmente, domingo, a Retransmissora Ajuricaba. A cerimonia do sorteo militar - O boletim regimental de hoje. Uma grande parada militar - A festa civica da Liga Naval no Theatro Amazonas - Outras demonstrações patrioticas.

7 de Setembro de 1937

**A PEDRA FUNDAMENTAL DO EDIFICIO DO RIO NEGRO**

A cerimonia do lançamento da pedra fundamental do edificio que o Athletico Rio Negro Club vai construir na grande area Sao Jose, a praça da Saudade, teve a presença de altas autoridades estadoaes, federaes e municipaes, representantes de todas as classes sociais e da imprensa.

Precisamente às dezeseite horas o presidente, dr. Flavio de Castro assignalou a significação daquelle acto e, em seguida, D. Basilio Pereira, bispo diocesano, benzeu a pedra. Fallou então o dr. Huastar de Figueiredo, agradecendo a presença de extraordinario numero de pessoas que alli estavam a demonstrar a sympathia de que goza essa sociedade.

Tocou a banda da força policial.

29 de Março de 1938

**ASSOCIAÇÕES**

**Athletico Rio Negro Club**

ASSEMBLEIA GERAL CONVOCACAO EXTRAORDINARIA

Pelo presente edital, ficam todos os socios do Athletico Rio Negro Club, convocados para a reuniao de assembleia geral, a ser realisada na sede social, no dia 1º de maio, ás 9 horas da manhã, afim de ser finalmente ventilado o assumpto concernente á construçao da nova sede social, na praça da Saudade, assim como outros assumptos de interesse do Club, inclusive a reforma dos estatutos.

Balleu Mestrinho, Secretario

1 de Maio de 1938

**QUEIXAS DO POVO**

Os moradores da avenida Epaminondas, no trecho compreendido entre a praça da Saudade e a rua Leonardo Melcher, reclamam por meio intermedio contra a falta de agua nos casos servidas pela rede velha, acrescentando esse facto grande prejuizo e incommodo as pessoas que alli residem e se vem privadas do precioso liquido.

26 de Julho de 1940

**O Dia da Bandeira**

19 de Novembro de 1937

Em seguida sera formado um cortejo civico que percorrerá a avenida Epaminondas, rua da installação, avenida Sete de Setembro, avenida Eduardo Ribeiro e Praça da Saudade onde estará armado o altar da patria. Ahí o governador do estado produzirá uma oração civica, desfilando depois a massa popular para a praça Benjamin Constant onde se dissolverá.

A bandeira que estará hasteadas...

19 de Novembro de 1937

**QUEIXAS DO POVO**

Escrevem-nos pedindo a attenção de quem competir para a matilha de cães vagabundos que infestam a Praça da Saudade, onde, principalmente, durante a noite, essa enxalha, com os seus uivos, perturba o somno dos moradores.

31 de Maio de 1939

# Journal do Commercio

## Anos 60

### MANAUS

Eu amo a terra,  
 muito embora eu  
 lhe seja desconhecida  
 — eu tenho-a também  
 aos olhos estranha  
 Amo-a, apenas,  
 porque se aprende  
 a estagnar aquilo  
 que tem lugar  
 destacado  
 no coração dos entes queridos  
 Eu não conheço  
 a tua Praça da Saudade,  
 mas ela embeleza  
 a minha Vila Solitária  
 Quando eu te for apresentada  
 não digas, vulgarmente,  
 — prazer...  
 tu já me conheces,  
 ou será que te alhetas  
 aos meus sonhos  
 onde eu vivo em ti?  
 És irmã das minhas manguei-  
 fras,  
 das alamedas esperançosas  
 que caracterizam  
 os berços da Amazônia ...  
 O meu ser fulgurar-se  
 ao pensar na possível  
 concretização  
 de uma apresentação breve...  
 Izaura LOPES  
 (Do "Clube de Arte e Cul-  
 tra do Pará")

8 de Abril de 1962

### Prédio da Secretaria de Educação sofrerá reparos

Bem orientados os trabalhos de preparação externa por  
 ra colocação dos andaimos

Observamos, manhã de on-  
 tem, estarem bem adiantados  
 os trabalhos de preparação  
 externa para colocação de an-  
 daimos no lado do prédio, onde  
 está instalada a Secretaria de  
 Educação e Cultura, na Praça  
 da Saudade, o qual irá passar  
 por reforma total, mediante  
 de pinturas, revisto ao sistema

Alférico de Bastião, en-  
 quando fomos informados.  
 Desta maneira, há de ser  
 preste da cidade, aproveita-  
 ras, nesta oportunidade, a fim  
 de melhorar a situação, que é  
 insalubre e dar maior conforto  
 aos seus funcionários, além  
 como vantagem para o pro-  
 gresso da nossa cidade.

2 de Abril de 1960



### DEBUTANTES RIONEGRINAS GRACIOSAS

No seu baile do próximo dia 19, o Rio Negro vai apresentar a sociedade de Manaus, 20 graciosas senhorinhas, que vemos na foto de Oscar Ramos, no cenário do Parque Aquático do clube da Praça da Saudade. — LEIA REPORTAGEM ESPECIAL NA PAGINA 5.



Vai casar  
 S. PAULO 5 (UPD) — Está Jacinto a cerimônia de casamento de Lucilo Carvalho Pinto, filha mais jovem do Governador Carvalho Pinto, com o industrial Miguel Carlos Tuziani. O cerimonial do Campo Eliseo está iniciando as preparativos.

6 de Novembro de 1960

### Subúrbio e Centro danificados em seus canteiros dos jardins

Pessoas estucadas pisam impiedosamente sobre as gramas e flores de nossos logradouros públicos, enfeitando-os

Todos os dias assiste-se, com tristeza, pessoas sem princípios e muitas outras com aparência educada, pisarem nos canteiros de nossas praças, ora embelezando nossa cidade e, estamos certos, o fazem com a menor indiferença, pois sabem que não serão admoestadas por nenhuma autoridade, porque esses logradouros públicos não estão sendo policiados pelos guardas municipais.

Para que tal dano não continue prejudicando os nossos jardins, fruto de trabalho e dedicação da Prefeitura, lembramos o Poder competente que tome providências no sentido de evitar que esses mal educados e impávidos pisem nas gramas e retirem flores dos canteiros, como assistimos ontem, na praça do cruzamento da av. João Coelho com o Boulevard e na Praça da Saudade. O pior aconteceu num jardim que ainda está sendo construído no cruzamento do Boulevard com o «Serungal Miri», onde um peixeiro entendeu de pisar na grama e nas flores, para ir lavar uma enorme enfiada de jarraquis no camburão de água para regar as plantas daquele logradouro.

É de perguntar-se, na gira... tá bom?

20 de Janeiro de 1960

# Jornal do Commercio

## Anos 70

### Desfile da juventude em homenagem cívica à data magna do Estado

#### Belonaves colombianas em Manaus

As canhoneiras "Arc Arrouca" e "Arc Rio Archo", da Armada Colombiana, são esperadas hoje em Manaus para participarem das comemorações da Semana da Pátria. As belonaves são comandadas pelo Capitão-de-Mar-e

Aproximadamente oito mil estudantes de 23 estabelecimentos da rede estadual de ensino farão hoje a partir das 7:30 horas, na espaçosa avenida João Alfredo, o desfile cívico em homenagem à elevação do Amazonas à categoria de Província, intuído também nos festejos pela Semana da Pátria, aberta sábado passado na praça do Congresso, pelo Governador José Lindolfo. Dos festejos e solenidades que serão realizados durante o dia de hoje pela data magna do Amazonas, destaca-se a da praça da Saudade, às 11 horas, quando o governador

depositará uma coroa de flores no monumento do ex-governador Tenreiro Aranha — o primeiro administrador do nosso Estado —, sob o toque da banda de música da Polícia Militar do Estado, estando previsto o lançamento do jornal "5 de Setembro" na mesma oportunidade, através da Comissão da Semana da Pátria. O desfile cívico dos estudantes amazonenses, transferidos da Eduardo Ribeiro para a avenida João Alfredo, deverá contar com uma presença maciça de público. Detalhes na PÁGINA 3.

5 de Setembro de 1979

Amanhã, dia do aniversário do Lions Clube de Manaus Centro; será cumprido o seguinte programa as 7 horas — Missa na Igreja de São Sebastião; às 11 horas, solene hasteamento das Bandeiras do Brasil, do Amazonas e do Lions Internacional, no Centro das Bandeiras (Praça da Saudade); às 12 horas — palestra do Leão João Fernando Sobral, na Rádio Difusora; às 17 horas — Inauguração do Pavilhão "CL Governador Gama de Miranda", no Asilo "Dr. Thomas" e entrega de 1 aparelho de TV (oferta das Donadoras do Clube aniversariante), e às 20,30 horas — no Hotel Amazonas, jantar-assembleia festivo no Hotel Amazonas; com a presença de autoridades constituídas.

19 de Fevereiro de 1970

# Jornal do Commercio

## Anos 80/ Muro da Vergonha

### ○ "Muro da Vergonha" fica ao lado da SESEG

O "Muro da Vergonha", é a denominação dada a uma parede de concreto situada na Praça da Saudade, ao lado da Secretaria de Segurança, onde inúmeros casais vêm transformando àquele logradouro público, em local de prática de atos sexuais, sem que hoje qual quer providência por parte das autoridades policiais de Manaus.

E o fato está tomando proporções maiores, em virtude de ser praticado bem próximo do prédio da SESEG, órgão que dirige a segurança do Estado, num total desrespeito aos homens que zelam pela tranquilidade do nosso povo.

Todos os dias, a partir das 18:30 horas, os casais começam a sentar no banco, praticando atos libidinosos ao bel prazer, isto sob olhares das famílias que transitam pela rua Ferreira Pena.

#### FESTIVAL DE MACONHA

Em conversa com a reportagem "Associação da", moradores da referida artéria denunciaram o "festival de maconha" realizado diariamente, desde às 12:00 horas, na Praça da Saudade, caso merecedor de especial atenção da Polícia Federal.

Também à noite, os maconeiros vivem tranquilamente, sem serem perturbados pelos homens da lei, razão pela qual tal fato vem ocorrendo naquele logradouro público.

A Polícia tem que acabar com a falta de vergonha na Praça da Saudade, principalmente porque é ao lado do prédio da Secretaria de Segurança do Estado.

9 de Julho de 1980

A Praça da Saudade, que mesmo aleijada com o "muro da vergonha" e saqueada nas origens, ainda é dos recantos mais belos e aprazíveis da nossa Manaus, transforma-se em terra sem dono. Ou melhor: em terra com muitos donos, destacando-se marginais, drogados, todo o tipo de meliantes e desocupados. A mistura, alguns "filhos de papai" piores que os colegas de convívio na baderna. Sucodem-se as desordens, os festivais do vício, as cenas de libertinagem, as agressões e ofensas a senhoras desacompanhadas. E tudo isto se passa logo às primeiras horas da noite ou até em pleno dia. As raras batidas policiais são tardias e pouco têm resolvido nos últimos tempos. As famílias da área vêm-se obrigadas praticamente a adotar um sistema de autodefesa e a intranquilidade é constante. São urgentes medidas repressivas e impõe-se um policiamento ostensivo e permanente. De outra forma a Praça da Saudade poderá vir a tornar-se mais um covil ou QG para bandidos e viciados.

4 de Setembro de 1980

# Jornal do Commercio

## Anos 80

**SEXTA-FEIRA, DIA 3, AS 12 H.**  
**MANAUS VAI PARAR.**  
 COMÍCIO GIGANTE DE  
**Collor**  
 LOCAL: PRAÇA DA SAUDADE  
 PARTICIPAÇÃO: CHOCLETE COM BANANA

1 de Novembro de 1989

**Show da Vitória**  
**LULALÁ**  
 HOJE de 16 às 19 horas  
 na Praça da Saudade

Presenças de:  
 • Benedita da Silva  
 (Dep. Fed. PT)  
 • Taluana - cantor  
 • Diversas  
 lideranças locais

14 de Dezembro de 1989

**POVO RECLAMA**

A população amazense continua reclamando (e com razão) do total abandono em que se encontra as praças de nossa cidade. Além disso, as mesmas estão se transformando em campo de futebol.

Segundo alguns observadores, o primeiro problema pode ser equacionado de imediato pela Prefeitura de Manaus, porém, o segundo é mais complexo, uma vez que, embora o nosso Estado tenha muita área, não dispomos de um Parque de Lazer para a população, como existe em outros Estados.

Outro problema discutido pelo é povo, e a conservação de nossos monumentos que não está sendo feito pela Prefeitura. O Charfariz da Praça da Matriz está totalmente destruído há muito tempo, e o monumento da praça da saudade está seguindo o mesmo caminho.

8 de Novembro de 1981

**Os encantos e desencantos de uma cidade**  
**Ao Prefeito Manoel Ribeiro:**

Uma cidade não é apenas viadutos, pontes, elevados, asfalto e imponentes arranha-céus. Estas obras são necessárias, para tornar a vida mais fácil. Facilitar a locomoção das pessoas. Desengarrar o trânsito. Esta é a parte exterior de uma cidade. A sua face que impressiona. Porém, há um outro lado muito importante. O interior das cidades.

Uma cidade não vive sem pessoas. Simplesmente deixaria de existir, sem o alegre sorriso das crianças, sem a paz e o romantismo dos bosques e jardins; sem a vibração da juventude e o encanto da velhice.

A cidade não vive apenas do seu presente. O culto ao passado, a preservação de sua memória, o respeito às suas tradições, o carinho e o zelo aos seus valores culturais, longe de ser encarado como preguiçoso, é sobretudo manifestação de civilidade e evidência de povo bem formado, educado.

Povos de elevado nível tecnológico, altamente desenvolvidos souberam harmonizar o seu passado, com o progresso material, não se envergonhando de seus mais simples hábitos, orgulhosos do seu folclore, da sua maneira de vestir, de falar e de comer.

Uma cidade sem Manaus, está condenada a morrer para a história. A ficar sem estórias. Sem lembranças. Sem identidade. Sem a sua marca.

Conciliar o inevitável desenvolvimento da frieza do ferro e do concreto com a poesia do verde, é tarefa que engrandece qualquer administrador. Tornar as cidades mais humanas, é missão impostergável, é um compromisso com o futuro e reverência à

dignidade do ser humano, que necessita viver em uma cidade que seja realmente um ambiente acolhedor, apoiado no calor humano, na convivência cordial nascida do "papão" descontraído dos bancos das praças.

E é nas praças e jardins, que a cidade marca encontro com seus habitantes. Aquela conversinha amena à sombra das árvores, o reencontro de antigas amizades e o flerte romântico que embala os corações. É nas praças e jardins, que se rompe o enclausuramento das cidades. E preciso arrancar os habitantes das quatro paredes.

E para isto, a cidade precisa de animação. De atrair o povo às praças, com entretenimentos, retornando as bandinhas aos coretos, promover "shows", tornar a cidade divertida, alegre.

A promoção domingueira na Praça da Saudade, precisa ser ampliada, levada para outras praças. Para os bairros. Enfim, fazer da cidade uma ampla e permanente festa de congraçamento.

Que o Prefeito Manoel Ribeiro faça de Manaus, uma cidade humana, que volte a ser a "Cidade-Sorriso" e que leve em consideração a importância do turismo para a nossa Capital, engajando-se nesta tão relevante atividade econômica.

As administrações municipais de nossa Capital têm excluído dos seus planos de trabalho, o setor do turismo, que não tem sido contemplado com ações permanentes, tornando-se necessário que o governo municipal estudasse a viabilidade de criar uma Secretaria ou Coordenadoria, para o turismo e o lazer.

5 de Janeiro de 1986

O posto da Praça do Congresso, cobrirá, também, segundo informou ontem o Coronel PM Pedro Lustosa, chefe do Policiamento da Cidade, a Praça da Saudade, local onde residem famílias gradadas e que vem sendo assaltado por uma horda de mal-elementos e prostitutas. Um carro estará sempre em movimento entre as duas praças públicas, e muita gente vai ser detida por falta de decoro, ou por vício em tóxicos.

1980

**Roubou relógio e foi preso com "tarugos"**

Nada menos que um pacote de macocha foi encontrado, ontem à noite, em poder do menor ... O.T.M.B., de 13 anos (rua Paraíba nº 42 - Com. penha D), que foi preso na avenida Joaquim Nabuco, por volta de 20 horas depois de furtar o relógio da professora Zilma Dória Pinho, de 27 anos, residente na casa nº 464 da referida artéria.

A professora caminhava em direção à rua redidiana, depois de deixar de um ônibus, quando o "pivete" investiu contra ela e arrancou-lhe o relógio (um Seiko), do braço. O ladrão foi perseguido por patrulheiros da PM e apreendido nas proximidades da Beneficência Portuguesa. Para surpresa dos policiais, quando fizeram a revista no "pivete", eles encontraram um pacote com mais de 200 gramas de macocha. A "erva" era para ser passada aos viciados na Praça da Saudade e agora o "pivete" está sendo interrogado para revelar a identidade do verdadeiro proprietário do "produto".

10 de Maio de 1980

**Mestrinho sorteou ontem mais 2.342 casas da Sham**



18 de Março de 1984

# Jornal do Commercio

## Anos 80

### HOJE É O DIA DA MULHER

**HOJE**  
esta edição

.....Pág. 2  
.....3, 4 e 5  
.....6  
.....7, 8, 9 e 10  
.....11  
.....12  
.....13  
TAL e Nogar.....14  
.....15  
.....16

**TA D'AGUA**

Águas do rio Ne-  
Porto de Manaus  
am uma enchente  
ntímetros nas últi-  
horas, passando  
em relação ao ni-  
nar para 25,56m.

A primeira dama do Kremlin, Raisa Gorbachev, elogiou as mulheres do Mundo por melhorar as chances de paz e apoiar as reformas de seu marido. No Brasil, assim como na União Soviética, hoje comemoramos o Dia Internacional da Mulher, momento propício à reflexão sobre a condição da mulher no mundo moderno e, sobretudo, nos países do Terceiro Mundo. As conquistas da mulher, nos últimos tempos, ocorrem sem maiores resistências da sociedade, inclusive do chamado "sexo forte". Em Manaus, na Praça da Saudade, às 17 horas, haverá um show-mício, que reforçará o X Encontro das Mulheres amazonenses, que conta com uma extensa programação (páginas 6 e 14).



A mulher está assumindo posições que antes eram somente dos homens

### Inflação fevereiro

13%: F

O diretor do Departamentos e Pesquisas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Julian C. Mouton, afirmou que a inflação vai ficar em torno de 13% contra os 30 dias normais divulgados os números oficiais de Preços (IGP), e fundação acredita que a queda fora dos 13% será mínima. Este índice, segundo Julian, não demonstra que o "CPI" não tenha sido um sucesso, mas que o congelamento é uma medida eficaz e razoável. Lembrou que se o congelamento se fosse rígido, a inflação igual ao índice referencial de antes do congelamento (página 12).

8 de Março de 1989

### FESTA DA CRIANÇA

A Praça da Saudade vai ser o palco de festa das crianças de Manaus a partir das 16 horas, com a chegada de pequenas passeatas dos menores acompanhados de seus pais para participarem do rápido ato público. O prefeito Artur Neto participará da luta pelo direito à creche que vem sendo discutido por entidades e pela Fundação Municipal do Menor.

Logo após, o carro de som acionará músicas que envolvem temas infantis para divertir os menores que terão ainda tintas e papéis para desenvolverem suas atividades em painéis instalados na Praça da Saudade.

12 de Outubro de 1989

Quinze músicas semifinalistas foram definidas para disputa do XII Festival da Canção Popular do Sesc, domingo na Praça da Saudade. Dentre as quinze, serão escolhidas as três primeiras colocadas e o melhor intérprete. O Sesc, promotor do evento cultural, estará providenciando os trabalhos finais de palco nos próximos dias, assim como toda organização para uma grande festa que visa incentivar o artista local a mostrar sua arte e seu canto. A exemplo dos anos anteriores, o Festival da Canção Popular promete levar para a praça milhares de pessoas.

O Sesc ao realizar este evento objetiva o incentivo e criatividade musical, promovendo a descoberta de novos talentos no Amazonas, como vem ocorrendo nos últimos onze anos. Além destes objetivos, a instituição busca, ainda, a difusão dessa arte, bem



tinho estranho, de João Aguiar. Lua cheia, de Carlos Castro, Ecô-lua, de José Carlos de Oliveira

24 de Agosto de 1989

### Praça da Saudade volta hoje com festa e comida

A praça da Saudade, transformou-se realmente em praça da Alegria. Hoje, a partir das 16 horas, o público vai comparecer em massa para prestigiar a programação de aniversário do 1º ano de Governo Gilberto Mestrinho. A Feira Livre de Artes, além dos trabalhos artesanais, vai mostrar também as apetitosas comidas da região e grupos musicais da terra. Nos trabalhos de arte, o público conhecerá o talento dos ar-

18 de Março de 1984

### Festa da solidariedade no dia mundial da Aids

A Secretaria Municipal de Ação Comunitária - Semac, através de sua secretária, Magela Andrade, no sentido de ampliar e fortalecer o esforço de contenção da Aids participa com a Organização Mundial de Saúde do Dia Mundial da Aids, fixado em 1º de dezembro.

A 'Festa da Solidariedade' está sob a coordenação do Programa DST/AIDS da Universidade do Amazonas. O evento será realizado na Praça da Saudade, das 16 às 19 horas, com a participação espontânea e gratuita de artistas locais, conjuntos, a Banda da Escola Técnica Federal, o Coral da Universidade do Amazonas e o Núcleo Universitário de Dança

Contemporânea. No Dia Mundial da Aids está incluído também um 'Círculo de Conscientização', que levará a mensagem a pontos estratégicos da Universidade, considerando-se os de maior concentração de jovens, cujo envolvimento é indispensável para se conseguir deter a Aids.

Para a secretária Magela, uma promoção desta natureza exige conjugação de esforços, união e cooperação da população. A participação da Semac, diz Magela, neste evento foi com o fornecimento de cinco mil camisetas, cinco mil balões e gás e mil peças de fita-papel.

26 de Novembro de 1989

Desde o dia 28, a Feira Livre de Arte, na Praça da Saudade, está funcionando diariamente, a partir das 18h 30min, com apresentações de grupos folclóricos. Hoje será a vez dos "Cangaceiros do Thanguá" e amanhã a Tribo Tarianos - Cacatinhos".

1 de Junho de 1984



# Jornal do Commercio

## Anos 2000

**EMPREendedorISMO**

### Feira artesanal vende R\$ 80 mil

Exposição indígena organizada pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico Local faz balanço semestral

**Anderson Vasconcelos**

A quinta edição da exposição indígena 'Mãos da Mata - Pú Kaa', realizada na última sexta-feira (26) na Prefeitura de Manaus, por iniciativa da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico Local, vendeu cerca de R\$ 80 mil em artesanato indígena. O resultado da primeira edição foi considerado um sucesso, com vendas de cerca de R\$ 80 mil, uma média de R\$ 17,5 mil por edição da feira.

De acordo com o diretor de Desenvolvimento Econômico Local, a feira é uma oportunidade para que os artesãos indígenas possam mostrar seus produtos e serem conhecidos no mercado local. Além disso, a feira também é uma oportunidade para que os visitantes possam conhecer a cultura indígena e apoiar os produtos locais.

De acordo com o secretário de Desenvolvimento Econômico Local, a feira é uma oportunidade para que os artesãos indígenas possam mostrar seus produtos e serem conhecidos no mercado local. Além disso, a feira também é uma oportunidade para que os visitantes possam conhecer a cultura indígena e apoiar os produtos locais.

De acordo com o secretário de Desenvolvimento Econômico Local, a feira é uma oportunidade para que os artesãos indígenas possam mostrar seus produtos e serem conhecidos no mercado local. Além disso, a feira também é uma oportunidade para que os visitantes possam conhecer a cultura indígena e apoiar os produtos locais.



Próxima edição do evento acontece na praça da Saudade e público poderá adquirir produtos que representam a cultura

### Etnia espera aumento de 50% na receita

Para a secretaria de Desenvolvimento Econômico Local, a feira é uma oportunidade para que os artesãos indígenas possam mostrar seus produtos e serem conhecidos no mercado local. Além disso, a feira também é uma oportunidade para que os visitantes possam conhecer a cultura indígena e apoiar os produtos locais.

7 de Julho de 2006

## EXPOSIÇÃO MOSTRA TALENTO INDÍGENA

A Prefeitura de Manaus, por meio da Semdel (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico Local), volta a levar a cultura dos povos da floresta ao centro da cidade. É a exposição indígena 'Pú Kaa - Mãos da Mata' que retornou à Praça da Saudade desde quinta-feira, 26, com encerramento previsto para este domingo, 29. A Pú Kaa é um evento pioneiro na Amazônia Legal dando espaço para o empreendedorismo indígena. Povos de 17 etnias estão representados na feira através do artesanato, da música, da dança e da gastronomia típica. A exposição pode ser visitada das 9h às 22h. Durante o evento acontece a apresentação de várias atrações culturais.

**5 DE SETEMBRO**

**Mário Rodrigues**

**População pode ir a praça**

### Dia rende honras a Tenreiro

Na data em que se celebra a elevação do Amazonas à categoria de província (5-09), o governo do Amazonas presta homenagem à João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha, primeiro presidente da província. A homenagem terá início às 9h, na Praça 5 de Setembro (conhecida como Praça da Saudade, no Centro) e vai contar com a participação de estudantes, comunitários, militares e representantes dos poderes públicos municipal e estadual.

O Coral 'Vozes' da Semdel, vai realizar a apresentação de duas peças musicais: 'Boada Amazônica', de Pedro Amorim, e 'Urupuru', de Jacobina. Criado em agosto de 2004 o coral é formado por trinta e cinco servidores da própria secretaria com o objetivo de melhorar as relações interpessoais dos funcionários no ambiente de trabalho e incentivar as atividades artísticas-culturais em eventos comemorativos.

5 de Setembro de 2005

### Cultura Nativa

#### Federação promove II Mostra de Teatro no Amazonas

Vem aí a II Mostra de Teatro do Amazonas. Com o objetivo de melhorar a qualidade das artes cênicas no Estado, além de comemorar o Dia Internacional do Teatro, a Federação de Teatro prepara uma ampla programação.

Serão, no total, 16 espetáculos, de vários gêneros e voltados a diferentes públicos.

As apresentações serão realizadas no teatro de arena da praça da Saudade, no Teatro da Instalação e no Teatro do Sesc. Informações: 631-12-53.

29 de Março de 2004

## Anexo II – Lista de Prefeitos Municipais.

### Prefeitos Municipais

Nome	Partido	Início	Fim
Leovigildo Coelho	Partido Republicano PR	24 de janeiro de 1890	22 de outubro de 1890
José Carlos da Silva Telles	Partido Liberal PL	22 de outubro de 1890	12 de janeiro de 1891
Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt	Partido Conservador PCN	12 de janeiro de 1891	15 de março de 1891
Leonardo Antônio Malcher	Partido Republicano Democrático PRD	15 de março de 1891	7 de abril de 1891
Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt	Partido Conservador PCN	7 de abril de 1891	8 de agosto de 1891
Raimundo Pinto Brandão	Partido Republicano PR	8 de agosto de 1891	21 de março de 1892
Manoel Antônio Grangeiro	Partido Liberal PL	21 de março de 1892	19 de agosto de 1893
Manoel Uchôa Rodrigues	Partido Liberal PL	19 de agosto de 1893	13 de outubro de 1895
Raimundo Affonso de Carvalho	Partido Liberal PL	13 de outubro de 1895	1º de janeiro de 1897
Justiniano Serpa	Partido Conservador PCN	1º de janeiro de 1897	15 de setembro de 1898
Hildebrando Luiz Antony	Partido Republicano Federal PRF	15 de setembro de 1898	5 de julho de 1899
Joaquim de Souza Ramos	Partido Liberal PL	5 de julho de 1899	24 de outubro de 1899
Arthur Cesar Moreira de Araújo	Partido Republicano Democrático PRD	24 de outubro de 1899	1º de janeiro de 1902
Adolpho Guilherme de Miranda Lisboa	Partido Republicano Democrático PRD	1º de janeiro de 1902	16 de junho de 1902
João Coelho de Miranda Leão	Partido Republicano PR	16 de junho de 1902	5 de dezembro de 1902
Martinho de Luna Alencar	Partido Republicano Democrático PRD	5 de dezembro de 1902	13 de novembro de 1903
Adolpho Guilherme de Miranda Lisboa	Partido Republicano Democrático PRD	13 de novembro de 1903	8 de maio de 1904

Nome	Partido	Início	Fim
<b>João Coelho de Miranda Leão</b>	Partido Republicano Democrático PRD	8 de maio de 1904	15 de dezembro de 1904
<b>Adolpho Guilherme de Miranda Lisboa</b>	Partido Republicano Democrático PRD	15 de dezembro de 1904	11 de janeiro de 1907
<b>José da Costa Monteiro Tapajós</b>	Partido Republicano Democrático PRD	11 de janeiro de 1907	28 de novembro de 1907
<b>Adolpho Delcídio do Amaral</b>	Partido Republicano Democrático PRD	28 de novembro de 1907	11 de abril de 1908
<b>Domingos José de Andrade</b>	Partido Republicano Democrático PRD	11 de abril de 1908	18 de maio de 1909
<b>Agnello Bittencourt</b>	Partido Republicano Federal PRF	18 de maio de 1909	19 de maio de 1910
<b>Adrião Ribeiro Nepomuceno</b>	Partido Republicano Federal PRF	19 de maio de 1910	8 de outubro de 1910
<b>Carlos Guilherme Gordon Studart</b>	Partido Democrático Nacional PDN	8 de outubro de 1910	28 de outubro de 1910
<b>Adrião Ribeiro Nepomuceno</b>	Partido Republicano Federal PRF	28 de outubro de 1910	31 de março de 1911
<b>Jorge de Moraes</b>	Partido Republicano Federal PRF	31 de março de 1911	1º de janeiro de 1914
<b>Henrique Ferreira Penna de Azevedo</b>	Partido Liberal Amazonense PL	1º de janeiro de 1914	10 de outubro de 1914
<b>Dorval Pires Porto</b>	Partido Liberal Amazonense PL	10 de outubro de 1914	1º de janeiro de 1917
<b>Antônio Ayres de Almeida Freitas</b>	Partido Liberal Amazonense PL	1º de janeiro de 1917	1º de janeiro de 1920
<b>Basílio Torreão Franco de Sá</b>	Partido Republicano Conservador PRC	1º de janeiro de 1920	1º de janeiro de 1923

<b>Nome</b>	<b>Partido</b>	<b>Início</b>	<b>Fim</b>
<b>Vivaldo Lima</b>	Partido Liberal Amazonense PL	1º de janeiro de 1923	10 de outubro de 1923
<b>Edgard de Rezende do Rego Monteiro</b>	Partido Republicano Conservador PRC	10 de outubro de 1923	16 de fevereiro de 1924
<b>Francisco das Chagas Aguiar</b>	Partido Republicano Conservador PRC	16 de fevereiro de 1924	1º de abril de 1924
<b>José Francisco de Araújo Lima</b>	Partido Republicano Conservador PRC	1º de abril de 1924	17 de dezembro de 1924
<b>Gentil Augusto Bittencourt</b>	Partido Republicano Progressista PRP	17 de dezembro de 1924	23 de dezembro de 1925
<b>Hugo Carneiro</b>	Partido Republicano Progressista PRP	23 de dezembro de 1925	31 de dezembro de 1926
<b>José Francisco de Araújo Lima</b>	Partido Republicano Conservador PRC	31 de dezembro de 1926	13 de agosto de 1929
<b>Sérgio Rodrigues Pessoa</b>	Partido Republicano Progressista PRP	13 de agosto de 1929	24 de fevereiro de 1930
<b>Joaquim Tanajura</b>	Aliança Liberal AL	24 de fevereiro de 1930	22 de setembro de 1930
<b>Marciano Armond</b>	Aliança Liberal AL	22 de setembro de 1930	16 de maio de 1931
<b>Emanuel de Moraes</b>	Aliança Liberal AL	16 de maio de 1931	3 de junho de 1932
<b>Luiz Caetano de Oliveira Cabral</b>	Aliança Liberal AL	3 de junho de 1932	18 de junho de 1933
<b>Alexandre de Carvalho Leal</b>	Aliança Liberal AL	18 de junho de 1933	25 de dezembro de 1933
<b>Sócrates Bomfim</b>	Aliança Liberal AL	25 de dezembro de 1933	27 de outubro de 1934
<b>Pedro Severiano Nunes</b>	Aliança Liberal AL	27 de outubro de 1934	15 de dezembro de 1935
<b>Alfredo de Lima Castro</b>	Aliança Liberal AL	15 de dezembro de 1935	24 de abril de 1936
<b>Jessé de Moura Pinto</b>	Aliança Liberal AL	24 de abril de 1936	28 de julho de 1936

Nome	Partido	Início	Fim
<b>Antônio Botelho Maia</b>	Partido Progressista PP	28 de julho de 1936	18 de abril de 1941
<b>Adhmar de Andrade Thury</b>	Aliança Liberal AL	18 de abril de 1941	10 de agosto de 1942
<b>Paulo de la Cruce de Grana Marinho</b>	Aliança Liberal AL	10 de agosto de 1942	1º de janeiro de 1943
<b>Antovila Rodrigues Mourão Vieira</b>	Partido Progressista PP	1º de janeiro de 1943	1º de janeiro de 1945
<b>Francisco do Couto Vale</b>	Partido Social Democrático PSD	1º de janeiro de 1945	5 de maio de 1945
<b>Jaime Bittencourt de Araújo</b>	Partido Social Democrático PSD	5 de maio de 1945	10 de janeiro de 1946
<b>Arnoldo Carpinteiro Peres</b>	Partido Social Democrático PSD	10 de janeiro de 1946	23 de fevereiro de 1946
<b>José Frazão Ribeiro</b>	Partido Social Democrático PSD	23 de fevereiro de 1946	1º de janeiro de 1947
<b>Raymundo Chaves Ribeiro</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	1º de janeiro de 1947	1º de janeiro de 1951
<b>Walter Scott da Silva Rayol</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	1º de janeiro de 1951	13 de março de 1951
<b>Edson Epaminondas de Mello</b>	Partido Social Democrático PSD	13 de março de 1951	21 de fevereiro de 1952
<b>Álvaro Symphronio Bandeira de Mello</b>	Partido Socialista Brasileiro PSB	21 de fevereiro de 1952	28 de julho de 1952
<b>Jessé de Moura Pinto</b>	Partido Socialista Brasileiro PSB	28 de julho de 1952	6 de agosto de 1952
<b>Oscar da Costa Rayol</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	6 de agosto de 1952	21 de março de 1953
<b>Aluizio Marques Brasil</b>	Partido Democrata Cristão PDC	21 de março de 1953	16 de janeiro de 1955
<b>Raymundo Coqueiro Mendes</b>	Partido Democrata Cristão PDC	16 de janeiro de 1955	2 de abril de 1955

Nome	Partido	Início	Fim
<b>Walter Scott da Silva Rayol</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	2 de abril de 1955	20 de maio de 1955
<b>Stenio Neves</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	20 de maio de 1955	8 de abril de 1956
<b>Gilberto Mestrinho</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	8 de abril de 1956	30 de março de 1958
<b>Eurythis Pinto de Souza</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	30 de março de 1958	22 de dezembro de 1958
<b>Ismael Benigno</b>	Partido Social Trabalhista PST	22 de dezembro de 1958	16 de março de 1959
<b>Eurythis Pinto de Souza</b>	Partido Social Trabalhista PST	16 de março de 1959	13 de junho de 1959
<b>Lóris Valdetaro Cordovil</b>	União Democrática Nacional UDN	13 de junho de 1959	8 de setembro de 1959
<b>Walter Scott da Silva Rayol</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	8 de setembro de 1959	11 de dezembro de 1959
<b>Olavo das Neves de Oliveira Melo</b>	Partido Social Democrático PSD	11 de dezembro de 1959	1º de janeiro de 1960
<b>Plínio Ramos Coelho</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	1º de janeiro de 1960	30 de agosto de 1960
<b>Walter Scott da Silva Rayol</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	30 de agosto de 1960	17 de fevereiro de 1961
<b>Lóris Valdetaro Cordovil</b>	União Democrática Nacional UDN	17 de fevereiro de 1961	23 de fevereiro de 1962
<b>Josué Cláudio de Souza</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	23 de fevereiro de 1962	19 de outubro de 1964
<b>João Zany dos Reis</b>	Partido Rural Trabalhista PRT	19 de outubro de 1964	23 de março de 1965
<b>Vinicius Monte Conrado Gomes</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	23 de março de 1965	24 de novembro de 1965

<b>Nome</b>	<b>Partido</b>	<b>Início</b>	<b>Fim</b>
<b>Paulo Nery</b>	Aliança Renovadora Nacional ARENA	24 de novembro de 1965	16 de novembro de 1972
<b>Frank Abraham Lima</b>	Aliança Renovadora Nacional ARENA	22 de novembro de 1972	15 de março de 1975
<b>Jorge Teixeira de Oliveira</b>	Aliança Renovadora Nacional ARENA	7 de abril de 1975	21 de março de 1979
<b>José Fernandes</b>	Partido Democrático Social PDS	27 de março de 1979	12 de março de 1982
<b>João de Mendonça Furtado</b>	Partido Democrático Social PDS	12 de março de 1982	15 de março de 1983
<b>Amazonino Mendes</b>	Partido do Movimento Democrático Brasileiro PMDB	28 de março de 1983	1º de janeiro de 1986
<b>Manoel Henriques Ribeiro</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	1º de janeiro de 1986	6 de julho de 1988
<b>Alfredo Nascimento</b>	Partido da Frente Liberal PFL	6 de julho de 1988	5 de dezembro de 1988
<b>Manoel Henriques Ribeiro</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	5 de dezembro de 1988	1º de janeiro de 1989
<b>Arthur Virgílio Neto</b>	Partido Socialista Brasileiro PSB	1º de janeiro de 1989	1º de janeiro de 1993
<b>Amazonino Mendes</b>	Partido Progressista Reformador PPR	1º de janeiro de 1993	2 de abril de 1994
<b>Eduardo Braga</b>	Partido Progressista Brasileiro PPB	2 de abril de 1994	1º de janeiro de 1997
<b>Alfredo Nascimento</b>	Partido Progressista Brasileiro PPB	1º de janeiro de 1997	1º de janeiro de 2001
		1º de janeiro de 2001	11 de março de 2004
<b>Luís Alberto Carijó</b>	Partido Democrático Trabalhista PDT	11 de março de 2004	1º de janeiro de 2005

<b>Nome</b>	<b>Partido</b>	<b>Início</b>	<b>Fim</b>
<b>Serafim Corrêa</b>	Partido Socialista Brasileiro PSB	1º de janeiro de 2005	1º de janeiro de 2009
<b>Amazonino Mendes</b>	Partido Trabalhista Brasileiro PTB	1º de janeiro de 2009	1º de janeiro de 2013
<b>Arthur Virgílio Neto</b>	Partido da Social Democracia Brasileira PSDB	1º de janeiro de 2013	1º de janeiro de 2017
		1º de janeiro de 2017	Atual

# Relatório da Província Catequese Indígena

— 6.º —

„ Para a catequese dos Indigenas ha 3 Missões estabelecidas — em Porto-Alegre — no Japurá, Içá, e Tonantins—e no Andirá. — Ao que disse destas Missões no meu relatorio ultimo á Assembléa Provincial, nada tenho a accrescentar. Este importante objecto hade por certo merecer a particular solicitude de V. Ex.\* que perfeitamente conhece todas as vantagens, que ganharia

( 17 )

a Província—taõ pobre de braços, como rica de recursos naturaes—com a civilisação dessas hordas numerosas, que por seus extensos ermos vagueam, arredadas da nossa sociedade, mais faceis, em geral, pela docilidade de sua indole, de serem para ella conquistadas.

Os acanhados resultados, que se tem colhido neste ramo do serviço publico, a despeito dos esforços que se haõ empregado, e as cauzas a que attribuo este facto, as expôz no meu citado relatorio; são, em resumo, a carencia de Missionarios esclarecidos, e animados de fervor religioso, e de patriotismo; a insufficiencia dos meios pecuniarios de que se tem disposto; e a falta de um systema de educação mais apropriada. „

\*Relatorio que em seguida ao do exm.o snr. prezidente da provincia do Pará, e em virtude da circular de 11 de março de 1848, fez, sobre o estado da provincia do Amazonas, depois da installação della, e de haver tomado posse o seu 1.o presidente, o exm.o snr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Amazonas, Typ. de M. da S. Ramos, 1852.

# Relatório da Província Catequese Indígena

## *Observações.*

Poucos tem sido na verdade os resultados que se tem conseguido da Catequese nestes ultimos annos, em comparação ao numero tão consideravel das Tribus e dos Indigenas nesta Provincia; e com quanto fossem bem ponderadas, pelo digno Presidente do Pará, as causas dos diminutos pro-veitos que apresentou; á ellas, uma outra, e talvez a mais notavel aos olhos de todos, se pôde acrescentar mui digna de reparo, e he a inducção á desobediencia pelas acres censuras, que tem feito ao Decreto e Regulamento n.º 426 de 24 de Julho de 1845, os que querem ter por exclusivo á si o commercio illicito e de fraude, o trabalho e o pre-dominio dos desvalidos Indios, arrastando até com seus sinistros preconceitos á Funcionarios, que

( 22 )

braços para os serviços, e com productos para as rendas do Estado chegarem ao triplo ou mais daquillo que se lhes consignar; e sobre tudo se conseguirá a civilisação de tantos milhares de incolos desvalidos que podem vir a formar uma população correspondente á vastidão desta Provincia, e a mais propria para a cultura de suas terras productivas, e para a extracção de tudo quanto e tão precioso tem em seu seio o maior dos rios do Universo.

\*Relatorio que em seguida ao do exm.o snr. prezidente da provincia do Pará, e em virtude da circular de 11 de março de 1848, fez, sobre o estado da provincia do Amazonas, depois da installação della, e de haver tomado posse o seu 1.o presidente, o exm.o snr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Amazonas, Typ. de M. da S. Ramos, 1852.

# Relatório da Província Catequese Indígena

De muitas e diferentes Tribus tem vindo apresentar-se com saudações, ante a Effigie de Sua Magestade O Imperador, os Principaes Chefes dellas, constantes da lista n.º 43, e eu lhes hei dado Titulos ou Patentes com expressas clausulas de fundarem novas Povoações, de chamarem das matas para ellas os Indios, e de os fazerem applicar á cultura das terras, á pesca, e a outros trabalhos uteis á elles proprios, aos outros homens e ao Estado (copia n.º 44) e tambem lhes hei mandado dar fardamentos e algumas fazendas para vestuarios, e instrumentos proprios para agricultura e pesca, isto com a maior parcimonia, por que elles com pouco se contentaõ, e a quantia consignada para esse ramo de serviço, incluso o pagamento a Missionarios, nestes seis mezes, he sómente a de 1:350\$000 réis (copia n.º 45).

Com todos esses Titulos e brindes tambem tenho dado Ordens e Instrucções aos ditos Principaes para que, em respeito e obediencia aos Directores, e de acordo com elles vaõ fazer cumprir com promptidaõ as minhas determinações, mandando de cada Tribu quatro homens para aqui

\*Relatorio que em seguida ao do exm.o snr. prezidente da provincia do Pará, e em virtude da circular de 11 de março de 1848, fez, sobre o estado da provincia do Amazonas, depois da installação della, e de haver tomado posse o seu 1.o presidente, o exm.o snr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Amazonas, Typ. de M. da S. Ramos, 1852.

# Relatório da Província Catequese Indígena

( 23 )

serem empregados em serviços publicos por um mez, e sustentados e bem pagos de salarios, serem despedidos logo que no mez seguinte cheguem outros em seu lugar, e tambem quatro aprendizes de um e outro sexo, para terem o ensino das artes e manufacturas proprias de seus sexos, sob as direcções de Mestres e Mestras, a quem os vou entregando a fim de que assim instruidos cheguem a ser uteis, e possam voltar ao seio de suas familias com habilitações que lhes sejaõ de proveito. E aos Mondurucús, que são os mais civilizados de todos, e que já vão formando estabelecimentos de agricultura, tenho concedido despensas, e dado provas de estima e distincção, que espero sirvaõ de incentivo aos outros (copia n.º 46 e 47).

Assim certos de meus bons desejos tem vindo e voltado aos seus lares, todos bem esperançados e satisfeitos, até alguns, que ha muitos annos não tinhaõ querido vir a esta Capital á chamado das Autoridades; e por este movimento e serviço continuado, que hei posto em acção, e com a pontualidade em pagamentos e promessas, espero trazer ao gremio da civilisação milhares e milhares desses filhos da natureza, que, errantes pelos bosques, tem achado nelles mais garantias do que na sociedade, em que muitos membros, sem respeito ás Leis do Creador, e infringido até as que elles mesmos tem feito, iaõ afugentando aquelles que desejão viver ao abrigo dellas.

\*Relatorio que em seguida ao do exm.o snr. prezidente da provincia do Pará, e em virtude da circular de 11 de março de 1848, fez, sobre o estado da provincia do Amazonas, depois da installação della, e de haver tomado posse o seu 1.o presidente, o exm.o snr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Amazonas, Typ. de M. da S. Ramos, 1852.

# Relatório da Província População

( 45 )

feccionados no anno corrente, a população da nova Província é de — 29:798 individuos — sendo 7:815 homens livres, e 225 escravos; 8:772 mulheres livres, e 117 escravos; 6:776 menores do sexo masculino livres, e 117 escravos; e do sexo femenino 5:685 livres, e 136 escravos. „

## Observações.

Dois quadros estatísticos da população desta Província tem sido apresentados nestes ultimos annos:

O 1.º, no anno de 1849, contém

		Homens.	Mulhe- res.	Totali- dade.
Livres.	{ Maiores . . .	6073	6167	12240
	{ Menores . . .	4956	4786	9742
Escravos.	{ Maiores . . .	198	231	429
	{ Menores . . .	140	131	271
	Estrangeiros.	80		80
	Indigenas . .	„	„	„
	Somma. . .	<u>11447</u>	<u>11315</u>	<u>22762</u>

\*Relatorio que em seguida ao do exm.o snr. presidente da provincia do Pará, e em virtude da circular de 11 de março de 1848, fez, sobre o estado da provincia do Amazonas, depois da installação della, e de haver tomado posse o seu 1.o presidente, o exm.o snr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Amazonas, Typ. de M. da S. Ramos, 1852.

# Relatório da Província População

O 2.º no anno de 1851.

Livres.	{ Maiores . . .	7815	8772	16587
	{ Menores. . .	6776	5685	12461
Escravos.	{ Maiores . . .	225	272	497
	{ Menores. . .	117	136	253
	Estrangeiros	106	"	106
	Indigenas . .	"	"	"
Somma . . .		15039	14865	29904
Differ. para mais no ultimo		3592	3550	7142

Todavia ainda no quadro do anno de 1851, assim como no de 1849, nota-se que, tendo-se inscripto em ambos o numero dos escravos e estrangeiros, houvesse a tão sensivel falta dos Indigenas, devendo-se ter lançado pelo menos o consideravel numero dos que se achão domesticados das Tribus Maués, dos rios Mamurú e Anderá—Mondurucús, dos rios Abacaxis—Canomá e Muruanurutuba—Uaruaquis e Paraquis, do rio Uatumá, e Muras dos rios Madeira e Purús, e das Povoações do Amatary, Uatús, e dos lagos Manacapurú, e Manaquiri, que se achão em torno e proximos desta Capital, e outros que se achão pelos rios e lagos ainda mais distantes já em Povoações e com estabelecimentos de lavoura, ou dados á pesca &.

\*Relatorio que em seguida ao do exm.o snr. prezidente da provincia do Pará, e em virtude da circular de 11 de março de 1848, fez, sobre o estado da provincia do Amazonas, depois da installação della, e de haver tomado posse o seu 1.o presidente, o exm.o snr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Amazonas, Typ. de M. da S. Ramos, 1852.

# Relatório da Província População

A serem incluídos, como penso que devem ser, todos esses habitantes naturaes desta Província, pelo menos aquelles que se achão baptisados e já

( 47 )

de alguma sorte uteis á sociedade, estou que o quadro da sua população poderá ser elevado á mais de 100 mil pessoas, sem se incluírem as hordas barbaras, errantes e ainda desconhecidas.

Já está em execução nesta Província o Regulamento n.º 797 de 18 de Junho de 1851 para os assentos dos nascimentos e obitos, e estou tratando das nomeações para o de n.º 798, da mesma data, ser também posto em execução. Espero ter no mez de Julho o mappa pelo que pertence ao primeiro, e até ao dia 15 de Dezembro na conformidade do segundo, o que toca ao Censo, para ser remettido competentemente.

\*Relatorio que em seguida ao do exm.o snr. prezidente da provincia do Pará, e em virtude da circular de 11 de março de 1848, fez, sobre o estado da provincia do Amazonas, depois da installação della, e de haver tomado posse o seu 1.o presidente, o exm.o snr. João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha. Amazonas, Typ. de M. da S. Ramos, 1852.

**PROJETO DE LEI Nº 404, DE 2020**

*Dispõe sobre a proibição de homenagens a escravocratas e eventos históricos ligados ao exercício da prática escravista, no âmbito da Administração Estadual direta e indireta.*

**A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO DECRETA:**

Artigo 1º - Ficam proibidas as homenagens a escravocratas e a eventos históricos ligados ao exercício da prática escravista, no âmbito da Administração Estadual Direta e Indireta.

§ 1º- Para efeito desta Lei, considera-se escravocratas os agentes sociais individuais ou coletivos comprometidos com a ordem escravista no Brasil. Os escravocratas não seriam apenas os detentores de escravos, mas os defensores da ordem escravista.

§ 2º- Incluem-se na vedação do caput deste artigo a denominação de logradouros públicos, de prédios estaduais, rodovias estaduais, locais públicos estaduais, a edificação e instalação de bustos, estátuas e monumentos por qualquer dos Poderes no âmbito do Estado de São Paulo.

Artigo 2º - A vedação que dispõe esta lei se estende também a pessoas que tenham sido condenadas com sentenças transitadas em julgado pela prática de crimes contra os direitos humanos, exploração do trabalho escravo, racismo e injúria racial.

Artigo 3º - As homenagens concedidas por qualquer dos Poderes no âmbito do Estado de São Paulo atenderá a critérios de proporcionalidade em relação à diversidade de cor, sexo e orientação sexual.

Artigo 4º - Os prédios estaduais, locais públicos estaduais, rodovias estaduais cujos nomes sejam homenagens a escravocratas ou eventos históricos ligados ao exercício da prática escravista deverão ser renomeados no prazo máximo de 12 meses a contar da data de publicação desta lei.

Artigo 5º - Os monumentos públicos, estátuas e bustos que já prestam homenagem a escravocratas ou a eventos históricos ligados a prática escravagista devem ser retirados de vias públicas e armazenados nos Museus Estaduais, para fins de preservação do patrimônio histórico do Estado.

Parágrafo Único: Os monumentos públicos, estátuas e bustos retirados e armazenados nos museus estaduais deverão ser identificados com informações referentes ao período escravagista.

Artigo 6º – O Estado de São Paulo criará comissão permanente, composta pelos poderes legislativo e executivo bem como pela sociedade civil organizada, para realizar a análise consubstanciada das nomeações dos prédios públicos, áreas públicas e rodovias estaduais, monumentos, estátuas e bustos pertencentes ao Estado.

§ 1º - Prioritariamente, a comissão deve ser composta por órgãos, grupos de trabalhos e representantes que atuam com a temática das relações raciais, história da escravidão, promoção da igualdade racial, enfrentamento ao racismo e patrimônio público.

§ 2º - A comissão produzirá parecer consubstanciado sobre todos os bens públicos analisados, com recomendação de alteração de nome, ou retirada do bem.

§ 3º - Os relatórios serão publicizados em meio eletrônico.

Artigo 7º A não observação do disposto nesta lei ensejará ato de improbidade administrativa.

Parágrafo único - Os responsáveis pelos atos de improbidade ficarão sujeitos às cominações previstas no art. 12, inciso III da Lei nº 8.429 de 02 de Junho de 1992.

Artigo 8º - As despesas decorrentes da execução desta lei correrão à conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Artigo 9º - O Executivo regulamentará esta lei, no que couber, em caráter de urgência, no prazo máximo de 15 (quinze) dias a contar da data de sua publicação.

Artigo 10º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

### **JUSTIFICATIVA**

Os monumentos são materiais da memória coletiva. De forma que, eles são utilizados para documentar o passado das sociedades e povos. A História oficial do Estado Brasileiro ainda reproduz narrativas que excluem as experiências das populações negras e indígenas. Empecilho que cria barreiras para efetivação plena da democracia.

Há tempos, o movimento negro brasileiro sinaliza a necessidade de mudanças nas formas de narrar a História do Brasil. O acúmulo desse debate, levou à criação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Esses dispositivos jurídicos determinam a obrigatoriedade do ensino da História e da cultura afrobrasileira e indígena. Ações que têm impactado o debate público sobre raça, racialização e racismo. A busca pela descolonização da produção do conhecimento histórico visa explicitar as relações de poder que envolvem os critérios de seleção do conjunto das memórias coletivas. No período da escravidão, o Brasil recebeu 46% de todo o contingente de africanos escravizados e, hoje, é o país com a maior concentração de negrxs no continente americano. População que, ainda, não se vê representada na História oficial.

O Brasil é signatário de diversos tratados e acordos que visam o combate ao racismo, como o *Plano de Ação da Conferência Mundial de Durban Contra o Racismo, a Xenofobia e Intolerância* e a *Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial* que, em seu artigo 2º orienta:

*Os Estados-partes condenam a discriminação racial e comprometem-se a adotar, por todos os meios apropriados e sem dilações, uma política destinada a eliminar a discriminação racial em todas as suas formas e a encorajar a promoção de entendimento entre todas as raças, [...].*

O documento enfatiza, ainda, que: *Cada Estado-parte deverá tomar todas as medidas apropriadas, inclusive, se as circunstâncias o exigirem, medidas de natureza legislativa, para proibir e pôr fim à discriminação racial praticada por quaisquer pessoas, grupo ou organização.*

Nesse sentido, em 2014, a OAB criou a Comissão Nacional da Verdade da Escravidão Negra no Brasil. O grupo de trabalho tinha como funções o resgate histórico desse período, a aferição de responsabilidades e a demonstração da importância das ações de afirmação como meio de reparação à população negra. Dentre as propostas apresentadas, foi ressaltada a necessidade de rever ações promovidas pelo poder público que exaltava o período escravocrata e o reconhecimento da escravidão no Brasil como um crime contra a humanidade.

Além disso, vale destacar a vigência da *Década Internacional de Afrodescendentes* (2015-2024) que visa garantir justiça, reconhecimento e

desenvolvimento para a comunidade negra. Compromisso assumido pelo Estado Brasileiro perante a comunidade internacional.

Em descompasso com essas legislações nacionais, tratados internacionais e as reivindicações do movimento negro brasileiro, as medidas empreendidas para a reparação histórica e a promoção da igualdade racial foram insuficientes.

Principalmente, no que diz respeito à ampliação do direito à História e à memória. Na região central da cidade de São Paulo, por exemplo, encontramos, apenas, três edificações que fazem referência à presença negra: a Herma de Luiz Gama, no Largo do Arouche; a estátua de Zumbi, na Praça Antonio Prado; e a estátua da Mãe Preta, no Largo do Paissandu. As placas, nomes de praças, ruas, escolas, entre outros, são raros. Não pela ausência de negros e negras no espaço urbano, mas sim pelo apagamento dessas existências. Frente ao silenciamento da presença negra nesses espaços, um grupo de ativistas, historiadores (as), antropólogos (as), arqueólogos (as) tem protagonizado um movimento em torno da recuperação da História Negra na região da Liberdade desde 2018. Tendo em vista que essa área ficou conhecida como território de ocupação japonesa, assim como o bairro do Bexiga, historicamente ocupados por homens e mulheres negras, mas que é lembrado pela presença italiana.

Em relação às representações da história de escravocratas, o cenário é diferente. Existem, pelo menos, oito monumentos na cidade destinados à homenagear defensores e pessoas comprometidas com o sistema escravista. São eles: Monumento aos heróis da travessia do Atlântico; Monumento ao Anhanguera (filho); Monumento ao imperador Augusto; Monumento às bandeiras; Monumento a Duque de Caxias; Monumento Pedro Álvares Cabral; Monumento à Borba Gato; Monumento - Glória aos fundadores da cidade. Além das centenas de ruas, escolas e prédios públicos que recebem nomes de escravocratas. Algo, que do ponto de vista ético, não condiz com práticas de uma sociedade democrática e que visa à eliminação do racismo.

Recentemente, manifestações antirracistas espalham-se pelo mundo, reivindicando a realização plena da cidadania negra em diversos aspectos, após o assassinato do trabalhador negro estadunidense George Floyd. Esse movimento retomou debates importantes e trouxe para a pauta de governos e instituições públicas a necessidade de reavaliação das maneiras de se narrar a História dos

Estados Nacionais. Em diversos lugares, esses ativistas negros reivindicam a retirada de estátuas e a mudança do nome de ruas que fazem homenagens aos agentes responsáveis pelo tráfico de escravos, pela elaboração das teorias raciais, entre outros protagonistas centrais da História da escravidão e do racismo no mundo atlântico. Exigências antigas, mas que ainda não tiveram a visibilidade e o tratamento necessário pelas autoridades públicas.

Sendo assim, a exemplo de outras localidades, as instituições brasileiras devem rever os seus princípios éticos no que diz respeito às políticas de combate ao racismo e à reparação histórica da população negra brasileira. O direito à História e o direito à memória são questões urgentes a serem efetivadas. E, a exemplo do que foi feito em Barcelona no ano de 2018, nas cidades de Bristol, Londres (Inglaterra) e Guarujá no ano de 2020, o governo do Estado de São Paulo deve reconhecer a violência representada por esses símbolos e reavaliar a necessidade da permanência desses monumentos e edificações nos espaços públicos.

Nesse sentido apresentamos o projeto de lei, que visa proibir homenagens a escravocratas e eventos históricos ligados ao exercício da prática escravista, no âmbito da Administração Pública Estadual direta e indireta. Coibir homenagens a esses agentes sociais no âmbito da Administração Estadual direta e indireta visa também garantir o que está previsto no Estatuto da Igualdade Racial, lei federal nº 12288/2010. Marco jurídico destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos, o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica que, em seu artigo terceiro, diz:

Art. 3º - Além das normas constitucionais relativas aos princípios fundamentais, aos direitos e garantias fundamentais e aos direitos sociais, econômicos e culturais, o Estatuto da Igualdade Racial adota como diretriz político-jurídica a inclusão das vítimas de desigualdade étnico-racial, a valorização da igualdade étnica e o fortalecimento da identidade nacional brasileira.

Compreendemos que atenta a ordem jurídica vigente, quando a administração pública não se propõe a rever seus atos e permanece promovendo ações que afrontam o princípio da moralidade, ao utilizar recursos públicos para promover a apologia de práticas que ferem a dignidade humana. No Estado Democrático de Direito, a república federativa do Brasil, tem como fundamento a

dignidade da pessoa humana tendo como objetivo fundamental a construção de uma sociedade livre, justa e solidária e sem racismo.

Sendo assim, esse projeto de lei tem como objetivo a garantia de um direito difuso e coletivo, que afeta toda a sociedade.

Cabe mencionar o Decreto Federal nº 7.037/2009 que estabelece o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 no eixo Orientador VI que trata sobre o Direito à Memória e à Verdade, apresenta as seguintes diretrizes: a) Diretriz 23: Reconhecimento da memória e da verdade como Direito Humano da cidadania e dever do Estado; c) Diretriz 25: Modernização da legislação relacionada com promoção do direito à memória e à verdade, fortalecendo a democracia. Neste sentido, a presente propositura visa contribuir para a modernização da legislação estadual com foco na promoção da igualdade racial e no enfrentamento ao racismo, orientando a poder público o enfrentamento ao racismo institucional.

No que tange a competência em legislar sobre a matéria, está previsto no artigo 23 da Constituição Federal bem como no artigo 19, VII da Constituição Estadual do Estado de São Paulo. Pela relevância do tema contamos, portanto, com o apoio dos nobres pares para a aprovação desta proposição.

#### **Referências :**

##### **Legislação**

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm)

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm)

<http://www.legislacao.sp.gov.br/legislacao/dg280202.nsf/a2dc3f553380ee0f83256cfb00501463/46e2576658b1c52903256d63004f305a?OpenDocument>

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm)

##### **Bibliografia especializada:**

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe; GRINBERG, Keila. *História pública, ensino de história e educação antirracista*. Revista História Hoje, vol 8, nº 15, p. 17-38, 2019.

MATTOS, Hebe. “Escravocratas”. In: VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 240-42.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O tráfico dos viventes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

##### **Notícias:**

<https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/2018/03/internacional/614556-barcelona-retira-estatua-de-trafficante-de-escravos.html>

<https://noticiapreta.com.br/mais-uma-estatua-de-senhor-de-escravos-e-removida-em-londres-apos-pessao-popular/>

<https://br.historyplay.tv/noticias/manifestantes-jogam-no-rio-estatua-de-trafficante-de-escravos-durante-protesto-na-inglaterra>

[https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2020/06/09/guaruja-quer-mudar-nome-de-rua-que-homenageia-escravocrata-em-sp.ghtml?fbclid=IwAR2Yq0aCp0y8\\_FsyCIUuCVhMIvR8WomYXYOQApQjFaIVoIXb3oudNrn2vRQ](https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2020/06/09/guaruja-quer-mudar-nome-de-rua-que-homenageia-escravocrata-em-sp.ghtml?fbclid=IwAR2Yq0aCp0y8_FsyCIUuCVhMIvR8WomYXYOQApQjFaIVoIXb3oudNrn2vRQ)

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/12/12/arqueologos-encontram-mais-duas-ossadas-do-tempo-da-escravidao-em-terreno-na-liberdade-centro-de-sp.ghtml>

Sala das Sessões, em 19/6/2020.

a) Erica Malunguinho - PSOL